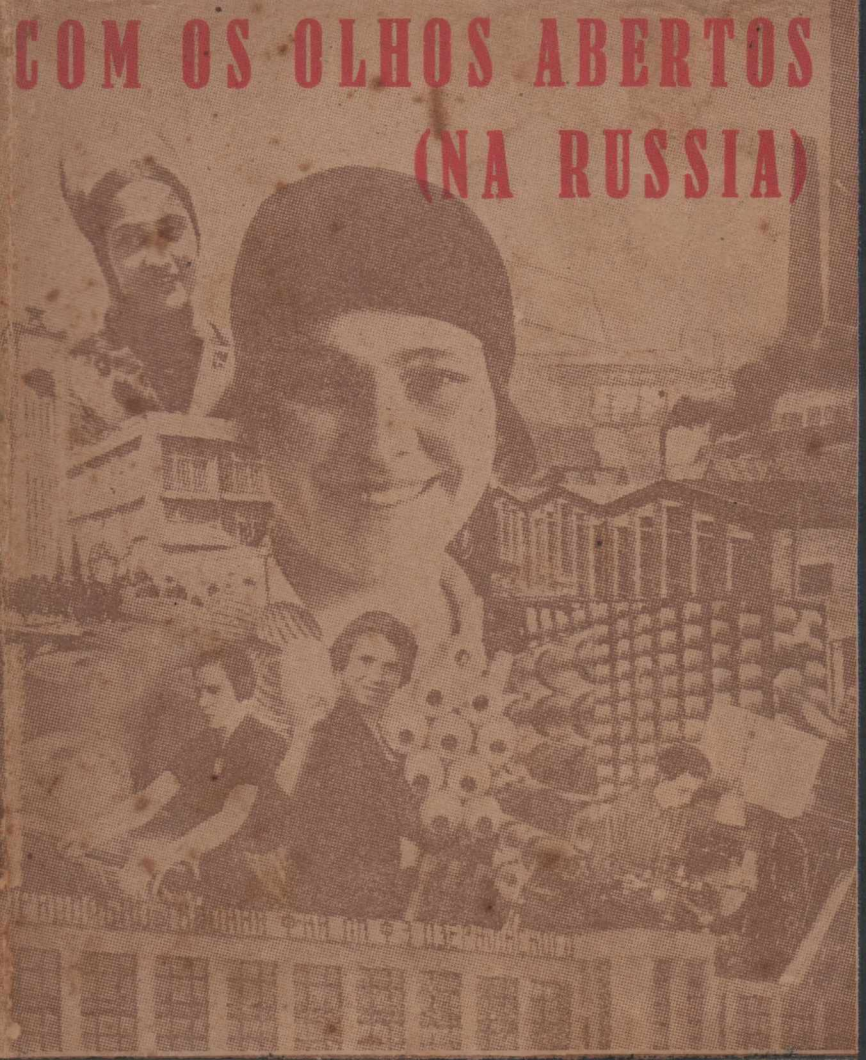
COM OS OLHOS ABERTOS (NA RUSSIA)



PIERRE DOMINIQUE

(MEDICO)

REPORTAGEM IMPARCIAL DE 1930

COM OS OLHOS ABERTOS

PIERRE DOMINIQUE

Com os olhos abertos

(Reportagem sobre a Russia em 1930)

Onde se corta madeira, vôam cavacos ...
(Proverbio russo)

4ª Classe Volume 2
DA BIBLIOTÉCA DO
Centro Cultural Trabalhista

"EDITORIAL PAX"
RUA LIBERO BADARÓ, 50 (2.º andar) — SÃO PAULO

Já publicados:

DIEGO HIDALGO — Tabellião

"Impressões de Moscou" ..... 3$000

JULIO ALVAREZ DEL MAYO — Embaixador da Hespanha no Mexico

"A Nova Russia" ..... 5$000

A seguir:

V. VERESSAIEF

"Becco sem sahida" — Uma obra que vale pela filmagem impressionante de um trecho movimentado do advento das novas idéas sociaes na Russia. Não se recommenda apenas pelo seu grande valor literario, mas tambem pela forte documentação humana que encerra. "Becco sem sahida" é considerada a melhor novela publicada depois da Revolução, pois fixa as idéas, os sentimentos, os aspectos politicos da vida russa, durante o periodo de tranção entre a queda do regime capitalista e o advento do communismo na Russia ..... 6$000

Approximando-se da Russia

I

Uma fronteira como qualquer outra — Os russos e as estradas de ferro — A Alfandega — Vida cara — Carregadores e gorgetas — A multidão sobre as plataformas — O clarão de Moscou — O respeito pelas cruzes — Estação suja — No tempo das equipagens.

Desde Biélostok, a ultima grande cidade polaca, a região se apresenta verdadeiramente miseravel. Por toda parte, florestas de pinheiros, e Deus sabe como o pinheiro é triste. Charnecas apenas orladas alegremente pela folhagem ligeira das betulas. Pantanos. Pequenas casas de madeira cobertas de palha, especies de cabana gauleza, côr de lavoura ou esverdeada de humidade. Raros habitantes e estes de ar terrivelmente fruste, com as suas botas e seus bonés sujos. Nenhuma rodovia moderna e, sobre os caminhos aplainados, em vez de autos, unicamente, aos solavancos, viaturas longas e baixas tiradas por um pequeno cavallo cuja cabeça era aureolada por essa especie de arco de madeira em torno do qual os slavos enrolam as rédeas. Nós atravessamos, em linha recta, a Russia branca onde Napoleão sossobrou em 1812, hoje repartida entre a Polonia e aquelle paiz, cujo solo ensopado lembra uma esponja, onde reinam as paludes, a tal ponto que, pelo inverno, quando a floresta mergulha na neve ou na agua, por menos afastados que estejam das cidades, e não tanto pelo frio que tudo congela, torna-se impossivel aos camponezes sahir de casa.

De repente, sem que ninguem o pudesse prever, surge á direita um posto, tendo ao lado um mastro sarapintado de vermelho e de branco, o posto polaco a que não faltavam os homens d'armas com a classica "chapska" enterrada na cabeça.

E como nós esperassemos, o coração um pouco accelerado, o momento de franquear emfim a fronteira traçada a cordel do Mar Negro ao Baltico, bruscamente se extende sobre a estrada uma bandeirola vermelha que ostentava em letras brancas: PROLETARIOS DE TODOS OS PAIZES, UNI-VOS! Depois, protegida por uma dupla cerca de arame farpado, surge sob a bandeira ver-

melha o posto dos Soviets. Tive a impressão de haver descoberto um Mundo novo, a um simples golpe de vista. Elles estavam lá, vinte talvez, alguns de cabeça núa, outros cobertos pelo curioso boné de panno que ao alto do craneo se eleva em ponta, o boné mongol que tem na frente uma estrella vermelha. Todos jovens, robustos, bem vestidos. Não esquecerei jamais o olhar daquelles homens sem duvida seleccionados, primeiros embaixadores, olhar duro, grave, olhar que devem ter, penso eu, todos os guardiães armados de uma idéa, aquelle mesmo olhar, imagino, que illuminava a physionomia dos primeiros soldados de Mahomet, dos nossos Cruzados, dos couraceiros de Cromwell, ou mais simplesmente dos nossos soldados do anno II.

* * *

Dois povos ha aos quaes os caminhos de ferro infundem temor, dois povos que tinham sido invadidos pouco antes de sua invenção, os russos e os hespanhóes. Quando se cuidou de construir ferrovias em seus paizes, elles estabeleceram bitolas mais largas do que a dos vizinhos, de maneira que é preciso, como na fronteira hespanhola, fazer baldeação na fronteira russa.

Fóra disso, nada de particular. Disseram-me que os Soviets discutiam o numero de ternos de roupa e a quantidade de sabão, de roupa branca e de agua da Colonia e que, portanto, era de todo interesse não entrar na Russia com muita bagagem. Burguez credulo, deixei uma grande mala em Varsovia, no que fui um perfeito idiota. Alguem me havia, mesmo, assoprado:

— Meu caro, quando eu estive na Russia, todas as noites dormia sem tirar as calças e depois de haver mettido o dinheiro no meu bolso trazeiro. E apezar disso, pela manhã, sem saber como, um dia todos os meus papeis tinham desapparecido.

No momento, acreditei no informante. Sei agora que todos esses exploradores exaggeram e que se póde carregar dinheiro na Russia, tão livremente como na França. E tambem que lá não se é fuzilado por causa de um punhado de ameixas, que lá se come, que lá se bebe e se dorme como em toda parte, e que os cossacos não se alimentam mais de velas de sebo, por mais que elles tivessem devorado os francezes, como nossos paes pensavam em 1815.

Quando entrei na sala da Aduana, com a cabeça cheia de taes tolices, esperava o peor, confesso.

E, no emtanto, era uma Aduana como as outras. Nada de papeis complicados. Nenhum olhar mais inquisitorial do que o que

receberiamos de sob a pala do kepi francez. Ordem e silencio, mas ninguem póde queixar-se por isso.

Apenas me foi pedido que tirasse do bolso todo o dinheiro, francos e dollares, que o contasse deante de todos. Recebi-o, depois, cambiado, com o aviso de que não poderia retirar-me da Russia levando dinheiro estrangeiro em maior quantidade do que o que ahi havia introduzido. Deram-me a importancia que solicitei, mas á razão de 12 francos e 50 o rublo, esse mesmo rublo que me haviam offerecido a cincoenta e mesmo quarenta centimos em Varsovia e em Paris! Eu não tinha nada a reclamar, sabendo de antemão qual seria a resposta.

— O rublo não é uma moeda de curso internacional. Nós não queremos mesmo que o seja. Quando compramos machinas, pagamos em dollares, em marcos .O rublo é uma especie de ficha para os cidadãos da União Sovietica e cujo valor está em relação com o dos nossos productos. Eis por que interdictamos a entrada e a sahida do rublo. Por isso mesmo fixamos arbitrariamente o valor da nossa moeda em relação ao franco em 12 francos e 50, porque assim nos convem. E' compral-a ou não por esta base, á vontade.

Está entendido que nada mais fiz senão acceitar essa condição. Não aconselho, todavia, a quem queira evitar a vida cara na Russia, comprar o rublo em Varsovia, onde é grande a sua abundancia. Quasi com segurança, aquelle que vos vender essa moeda, irá denunciar-vos ao Consulado sovietico. Na estação da fronteira, sereis revistado e impedido de entrar na Russia, guardando os Soviets vosso dinheiro. A menos que vos queiraes servir dos documentos diplomaticos, mas nem todo mundo é Embaixador.

E' ocioso informar aqui que ao longo das fronteiras da Asia o contrabando dessa moeda é formidavel e que as fabricas de rublos falsos abundam nos paizes vizinhos da U. R. S. S. Os falsificadores, que têm em vista um fim politico, aviltar o rublo e demolir a economia sovietica, multiplicam systematicamente as notas da mesma série com o mesmo numero, offerecendo, por vezes, um maço aos correspondentes occidentaes (vêr o "Matin" de 25 de Dezembro de 1930), descarregando sobre os Soviets essa canalhissima burla. Pretenderam fazer-me identico presente, mas era demasiado viva em mim a lembrança dos famosos pacotes de falso papel-moeda com que a Inglaterra nos responsabilizava durante a Revolução, para que eu deixasse de rir a bom rir nas bochechas dos novos agentes de cambio. A Historia se repete, bem o sabemos.

Como quer que seja, a lição foi bôa. Para mim, ella significou apenas isto: a vida me vae ser terrivelmente cára na Russia. Mas, é preciso attender, cára para mim, cára para o estrangeiro. Para o russo, será o mesmo? Quando deixei a estação fronteiriça de Niegoroloi, nada sabia. Sei agora alguma cousa. Mas, si eu sublinho **vida cara para o estrangeiro** (de que darei provas pessoaes), é que é grande a quantidade de viajantes vindos até aqui, os quaes, os bolsos immediatamente esvasiados, têm feito a peor propaganda sobre a carestia da vida na Russia. Como não puderam aguentar o repucho, concluiram logo que os russos estão sendo dizimados pela fome. Ora, que o estrangeiro soffra, mesmo os mais favorecidos: o inglez e o americano, isso não importa. Para o cidadão do paiz, trabalhador e portador de cadernetas de consumo, o caso é differente, como mais adeante procuraremos demonstrar.

* * *

A mala devidamente sellada, um carregador a toma, bella cabeça de russo, avental branco. Acompanhei-o sobre a calçada deserta e molhada. Elle teve a bondade de depositar minha mala junto do vagão, sobre a plataforma, afim de deixar alguma cousa que fazer ao seu camarada, que se conservava no alto da escada e cuja funcção era acompanhar o trem até Moscou. Depois, sem a menor cerimonia, elle extendeu a mão larga, ao mesmo tempo que levava ao alto da cabeça dois dedos da outra mão, indicando-me um desejo que satisfiz immediatamente. O carregador metteu no bolso seus dois rublos (vinte e cinco francos) e foi em busca de outras victimas. O homem do vagão desceu, tomou da mala, conduziu-a ao meu logar, recebeu o que lhe coube e partiu satisfeito. Tudo isso se passou o mais discretamente possivel, porque na Russia é prohibido dar isto a que chamamos gorgeta, com a qual dez vezes por dia, no Occidente, procuramos humilhar o trabalhador.

* * *

A partir deste momento, e emquanto a noite não desce sobre os campos, eis-me de olho arregalado para todos os aspectos do novo mundo. As paredes dos vagões são muito limpas, não se podendo dizer o mesmo das cortinas. Os empregados são silenciosos, jovens e, apezar disso, graves como os soldados. A proporção de allemães que viajam é terrivelmente esmagadora. Quanto aos russos, mostram-se bruscos e sonhadores, o ar indifferente durante a maior parte do tempo, mas de subito descançam os olhos em nós.

Na maior parte, grandes e fortes como em todos os paizes onde os debeis são eliminados na infancia.

Fóra, como a Russia branca continúa, as mesmas casas que se vêem na Polonia, bastante miseraveis, cobertas de colmo, mas o que se póde contemplar, a respeito da cultura dos campos, parece em bom estado, os animaes são bellos, grande numero de construcções que parecem recentes e sobre as plataformas, a multidão que se movimenta (os russos amam as viagens como ninguem) é aldeã, seguramente, suja, bulhenta, aos encontrões, mas parece bem alimentada, não ha andrajosos. As creanças têm as faces gordas e vermelhas como maçãs maduras.

Em meio dessa multidão, apparece a mancha negra de um pope. Typo classico, de compridos cabellos e longa barba. Este é bastante limpo, tomal-o-ia por um ricaço (terei de vêr outros, mais tarde, lamentavelmente sujos) e não lhe descubro um ar de perseguido. Ninguem imita o grasnar do corvo, á sua passagem. Fala, respondem-lhe. Carrega seu pequeno fardo como os irmãos mujiks e, tudo sommado, não vejo nisso senão uma questão de trajo num paiz onde ha milhares e dos mais curiosos, e tambem uma questão de philosophia que ninguem deseja tratar a fio de espada e que não está mais em discussão. Em todo caso, não acreditarei na tão propalada perseguição, até prova em contrario, lembrando-me que o habito ecclesiastico já foi interdictado entre nós e que ainda o era até bem pouco na Inglaterra, pelo menos sob a forma romana.

E com esta observação um pouco prematura, mas cuja justeza verificarei mais tarde, adormeço face a face com um allemão que engrola conselhos de paciencia na lingua de Kant, come em cada quarto de hora e vem, como seus ancestraes do tempo de Catharina, tentar alguma cousa na velha Russia.

* * *

Manhã. Moscou não deve estar muito longe, mas o miseravel do trem avança como uma lesma. A natureza não mudou. Pinheiros, betulas, charcos, tudo dominam, si bem que o homem trabalhe para os disciplinar, para os eliminar por vezes. Duro trabalho que os viajantes contemplam fumando seus cigarros de ponta de papelão. Entre elles, metade usam botas. A lingua allemã resôa victoriosa, travando combate com o idioma russo. Um moço trinca preguiçosamente grãos de gyrasol.

Sou um ignorante perdido em meio dessa gente e seu diabo-

lico alphabeto, mas como um cego que exercita ao extremo o poder do seu ouvido e do seu tacto, defendo-me com a vista. Nada me distráe de uma observação constante. Acho-me no mesmo caso de um naturalista deante de um animal, ainda que longe de ser o grande Fabre deante de seus insectos, não tomando partido pelo manto religioso ou pelo escaravelho de ouro: sim sem amor e sem odio, medico que entra num laboratorio ou que se debruça sobre um organismo. Diabos levem os preconceitos!

Na solitude construida pela minha ignorancia, neste silencio intellectual feito de discursos que são para meus ouvidos apenas confusos rumores, permaneço attento a tudo que se passa em torno. A população parece mais densa, o fumo sobe das usinas para o céo humido e, pelas estações, sempre a mesma gente carregando trouxas. Depois que uma multidão de construcções modernas nos despertou, de subito irrompem ao nivel de uma collina zimborios azues, sinos côr de rosa, bulbos de ouro e, tambem de ouro, cruzes, cruzes, cruzes... Eis que colho, ao que me parece, a mesma impressão que deviam ter tido meus irmãos de 1812, que traziam o Codigo Civil em suas patronas e semearam aqui um trigo que devia nascer bem mais tarde, quando do alto do Monte dos Pardaes elles descobriram a velha capital da santa Russia.

— Moscou! Emfim, Moscou!

Para elles era o fim do mundo. E não será o mesmo para nós? Para além dessa experiencia, por toda a terra, nada existe. Eis aqui o ponto extremo, a arrancada mais audaciosa do homem nos campos de um futuro que não é, talvez, — reservemos o nosso julgamento — mais do que uma barbarie organizada.

* * *

— Vêde, diz-me alguem apontando as cruzes douradas, retidas por pesadas correntes, que pendem sobre os zimborios, vêde, elles respeitaram a cruz. Ao menos aquellas que vale a pena serem respeitadas. E vereis, em Moscou e noutros logares, que elles respeitaram os iconos tambem, e mesmo as aguias que em França tiveram a cabeça decepada, não faz muito tempo.

Nada mais verdadeiro. Bravo povo francez que quebrastes o nariz das estatuas de Notre-Dame, arrancastes de Saint-Denis o cadaver dos reis, saqueastes Saint-Germain-l'Auxerrois e passeastes até 1931, envergando as vestes sacerdotaes, pelas ruas; que invadistes duas ou tres vezes as Tulherias antes de as incendiar,

que derrubastes a columna Vendôme e que és sem rival em materia de guerra civil — vaes conhecer um povo que tambem se considera revolucionario. Não vos esperam muitas ruinas, o povo russo é menos ardoroso do que vós. Quanto aos excessos, é melhor calarmos, acreditae-me, porque talvez tenhaes feito peor.

* * *

Moscou. Saltamos sobre a plataforma. Eu era esperado, mas os trens russos têm um defeito: chegam sempre atrazados. O russo não tem a noção do tempo; acha-se sempre no estado de espirito de um camponio que parte quando póde e não fatiga por cousa alguma o seu cavallo. Sendo assim chegará, tambem, quando puder. No decurso desta viagem tomei vinte vezes o caminho de ferro e só uma vez cheguei dentro do horario. E' bem certo que isso não agrada aos Soviets, que fazem todo o possivel para aperfeiçoar seu systema de transportes. Mas, têm que lutar, muito embora o material hoje seja de primeira ordem, com a lentidão, com os máos habitos, o temperamento mesmo do russo, a desordem legada pelos Czares. A este respeito, sempre me interroguei como é que os Soviets tinham tido a coragem de fazer a Revolução. Porque ter-se-ia comprehendido o seu esforço num paiz organizado; mas receber a herança material e moral do antigo regimen e fazel-o em boa fé, é o que entre nós se chama encontrar-se com o Diabo. Entretanto, elles fizeram a Revolução e aguentam o golpe, mas quando os encaramos de perto, vêm-nos sempre á lembrança que depois da morte de Catharina, entre essa gente reinaram, e com que extraordinario poder, a mediocridade e o deboche, a concussão, a desordem, a brutalidade, até o momento em que uma rajada mystica tudo misturou e confundiu na lama e no sangue.

* * *

Desçamos. Eis-me abandonado sobre a plataforma. A estação é suja. Gente revolvendo-se por toda parte. Soube mais tarde que o russo, eterno viajante, é por vezes accommettido de uma especie de frenesi de vêr mundo. A tal ponto que, de qualquer recanto da Russia, essa gente se põe em marcha, sem rumo certo, simplesmente porque se acha fatigada de permanecer no mesmo logar. Tomam o trem e rolam por esse mundo além, até que o seu desejo seja satisfeito.

Esses viajantes enchiam a sala, comiam, fumavam, interdictando a passagem nas portas. Com elles me acotovelei. Na praça

lamacenta, vagamente calçada, onde toda a Asia se mirava nas poças d'agua salobra, um bando de cocheiros se offerecia, aos berros. Apertados nos seus sobretudos casposos, o boné enterrado até as orelhas, barbudos como os Reis Magos, sujos como porcos, elles saccudiam e refreiavam furiosamente seus cavallos. Os carros são pequenos, estreitos, sobre rodas altas, incommodos, com a sujeira de duas ou tres gerações. Tres taboas vagamente cobertas por almofadas que perdem a crina, eis a carruagem. E' melhor do que nada. E, para ceder essa equipagem, elles atiram no ar tres, quatro, cinco, seis dedos. Valentes amadores de rublos. A' maneira oriental, tambem discuto, corto a pera em duas e reduzo de metade a pretensão dos automedontes. Eis-me, afinal, com a mala entre os joelhos, num desses castellos desconjuntados.

O homem do boné fala ao cavallo, a roda faz dez voltas e nos achamos num suburbio. De repente, a pequena povoação desapparece e eis-nos dentro de uma cidade immensa, metade madeira, metade tijolo, suja, mediocre, mas entremeada de jardins, multicolorida, povoada de egrejas verdes, azues e amarellas, bizarra, estranha, atordoante, tal como deveria ter feito rir aos granadeiros do Imperador, porque é ella, com pequena differença, que existia ha cem annos e que foi reconstruida á maneira russa depois do grande incendio. Que posso eu dizer? Uma cidade? Ponhamo-nos a caminho e não falemos mais. Os seculos do nosso classicismo tomam ahi uns ares mongoes. E' a rusticidade barbara com apparencias de cidade, que o estrepito de um caminhão apenas desperta e onde o "tramway" vermelho parece tombado de um outro mundo. E tudo isso se extende, se ostenta, pavoneando-se em meio dos jardins, sem a menor preoccupação de limite num terreno que é barato (oh! como a Russia é enorme!) lembrando um rapaz travesso, flor atraz da orelha, a brincar na lama.

M O S C O U

II

Uma grande capital asiatica — Uma cidade abandonada — A inercia dos Czares — Do alto da cathedral do Salvador — A rua e seu quotidiano espectaculo — Deformidades e miserias — Creanças abandonadas — Ebrios e mendigos — Os que fazem cauda deante das lojas.

Impressão que não se apagará tão cedo. E que se accentúa, ainda, quando, a pé, como um bom indigena, percorro as ruas, guiado por um francez que conhece a cidade e a adora. Ao fundo, Moscou assemelha-se, ou melhor, assemelhava-se, recordando 1917, quando os bolchevistas a receberam dos Czares, a uma dessas cidades dos Balkans, Salonica, Véles, Pritchina, Uskub, Monastir e tantas outras tão familiares aos francezes na Macedonia. E' o Oriente, mas um Oriente dominado pelo zimborio byzantino e não pelo minarete turco, um Oriente sem sol, um Oriente lamacento. As muralhas vermelhas do Krenlim, com as suas ameias em cauda de andorinha, revelam o Oriente, apezar do seu aspecto italiano, e a parede branca de Kitaï Gorod, parede chineza, o proclama de maneira mais positiva.

Não se trata aqui de provocar sentimentos regionaes, mas confessemos que o nosso Occidente transmitte a impressão do acabado, do definitivo. O Oriente se constróe, quasi sempre, de materiaes leves, aos quaes não se dispensa o cuidado da conservação, a tal ponto que a maior parte de suas edificações se esboroam rapidamente e fazem o effeito de ruinas lamentaveis. Em todos os tempos, os russos muito carpintejaram, de sorte que em 1812, era de madeira a Moscou devorada pelo incendio. A cidade foi em parte reconstruida de madeira, em parte de tijolos. Todavia, os velhos edificios, o Krenlim, por exemplo, eram construidos em tijolo. Raras vezes assim acontece na Russia, donde a resplandecente coloração de Moscou, Moscou a vermelha. Por vezes, usa-se o estuque.

Egrejas e palacios do seculo XVIII apparecem quasi todas em estuque, o que lhes garante um aspecto mais ou menos nobre e bello quando novos, mas si por essas edificações passam um, dois ou dez invernos, fende-se o revestimento, o tijolo apparece, tomando tonalidades rosa e branco, todo enrugado, todo gretado como a cara de uma velha maquilhada.

Tal é a immensa cidade da Asia, erguendo-se em meio da planicie e conservando o mesmo ar que devia ter outróra o campo principal da Horda de Ouro. Procura-se adivinhar ahi, neste ou naquelle ponto, a casa do nobre, em torno da qual os clientes, os vassallos, os servidores e os servos edificavam suas cabanas, seus miseraveis abrigos, em meio dos jardins, sem grandes cuidados de arruamentos e praças que, só mais tarde, começam a abrir-se ou traçar-se através desse confuso acampamento.

* * *

Quando Pedro abandonou Moscou, deixando ahi tão más recordações, e foi construir Petersburgo, levou comsigo uma parte da nobreza, mas todos aquelles, entre os nobres, que não podiam supportar pancadas na côrte, ficaram, e essa pequena aristocracia poz-se a viver uma vida feliz em meio dos negociantes, vida metade oriental, metade feudal, quasi provinciana. Ao mesmo tempo, os commerciantes enriqueciam, embellezavam suas habitações, ahi accumulavam obras de arte, mas incapazes de fazer alguma cousa em materia de grandes trabalhos municipaes, progrediam, sem que egualmente fizessem progredir a cidade. A tal ponto que Moscou permaneceu sem rêde de exgottos, mais tarde sem agua, gaz e electricidade, com um movimento rudimentar quasi semelhante ao das cidades chinezas apenas contagiadas pelo espirito do Occidente, isto é, limitado aos pedestres, carregadores de fardos, animaes de montaria e de cangalha, miseraveis viaturas. As equipagens emprestavam ás ruas uma nota pittoresca, mais nada, e a pavimentação ficou sendo o que é ainda hoje: qualquer cousa de inferior ao nosso antigo calçamento do Rei. Pouco antes da guerra, procurou-se introduzir em Moscou o "tramway", o omnibus, o taxi, o automovel, mas a quem queira percorrel-a, a não ser as ruas asphaltadas pelos bolchevistas, aconselha-se que tenha um solido coração. Por toda parte, buracos, provocando solavancos, com grande damno para os pneus. Eis o que explica a sobrevivencia das numerosas viaturas tiradas por animaes. Contrariamente ao que se passa em Paris, não ha um "chauffeur" para dez cocheiros, e isso

se deve unicamente ao pessimo estado de conservação das vias publicas.

Os Czares nada tinham feito em beneficio dessa cidade. Quando muito, depois do grande incendio, dotaram-n'a com algumas construcções á occidental, tijolos cobertos de estuque, das quaes muitas em estylo apreciavel. Quanto ao resto, elles e os monges empreenderam, por estupidez e falta de gosto, a adulteração architectonica do Krenlim e suas egrejas, que os bolchevistas — isto parecerá pilheria, mas é a pura verdade — tentam restaurar. Eu vi com os meus olhos os admiraveis a frescos do seculo XVI, que os monges idiotas tinham caiado e sobre os quaes fizeram pintar esses pavorosos Bons Deuses que torturavam Huysmans, em puro estylo Saint-Sulpice. Os Czares approvavam tudo isso, naturalmente. Os bolchevistas limparam todos esses horrores sagrados e descobriram os velhos frescos, para nosso grande prazer.

E é a isso que se chama despreso pelas artes, por parte dos Soviets...

* * *

Para se ter de Moscou uma idéa de conjunto, é bom subir, logo que aqui se chegue, ao alto da cathedral do Salvador que, entre parentheses, se acha aberta e onde eu mesmo assisti uma missa, em meio de uma multidão bastante numerosa e contricta. Lá de cima, o que se descortina é uma immensa urbe sarapintada, dominando a purpura sobre a planicie verde, cidade vermelha e de um aspecto muito alegre, ainda que sem caracter proprio, estendida, achatada em torno do preguiçoso e glauco Moscowa. Aqui e alli, algumas usinas. Em seu conjunto, a impressão que se colhe é menos a de uma capital definitiva do que a de uma immensa cidade em construcção. A perder de vista, descobrem-se andaimes, massas brancas e negras, blocos de cimento, surgindo e impondo-se, aqui e alli, plantados pelo genio furioso da Revolução em meio das casas de madeira, de tijolos, e dos velhos palacios. Em baixo, quando se vae pelas ruas lamacentas, experimenta-se bem a sensação que assignalei, mas o pittoresco dos logares e da turba nos attráe a tal ponto, que não se póde dispensar a necessaria attenção para evitar os montões de madeira que dominam por toda parte. Assim é que, lá de cima, no silencio, sem riscos, abrange-se melhor o panorama. Moscou não é uma cidade do Oriente, é um immenso estaleiro e si aguço o ouvido, o transito rumoroso não me impede de ouvir o barulho essencial que, enchendo o espaço, devia espantar

as proprias gralhas, o barulho continuo, penetrante, dominador, dos martellos.

Em Moscou, como disse, tudo está por fazer. Sim, mas tudo se faz. Deitemos um golpe de vista sobre o Krenlim que, massa triangular cercada de muralhas vermelhas, apparece como um brinquedo sobre uma bandeja, com suas torres italianas, portas, ameias e as cupolas douradas da Annunciação. Saudemos a planicie longinqua e as ligeiras ondulações cobertas de florestas e semeadas de uma ou outra casa, pela qual a cidade se prolanga sobre a Russia gigantesca. Quando descermos e nos projectarmos de novo em meio das habitações, levaremos destas alturas a imagem de um formidavel estaleiro. E um estaleiro póde espantar pela sua amplitude e seu movimento, mas o esboço, si nos faz sonhar, nunca satisfaz plenamente o homem ancioso pela obra acabada, facilmente escravizado ao definitivo.

Devem estar satisfeitos os inimigos dos Soviets. A cidade é feia. Palavra d'honra! Em primeiro logar, por causa do clima e da lama; depois, por causa dos materiaes accumulados: madeiras, tijolos, estuque e cimento. E finalmente, em razão dos buracos, dos montões de areia, das trincheiras e mil outros trabalhos. O calçamento miseravel dos Romanoff está sendo substituido. Fazem-se passeios onde outróra não havia senão um rebordo de pedregulhos aglomerados, torturando os pés dos passantes. Asphalto e alcatrão. Os Soviets constróem casas proletarias ás centenas (dellas nos occuparemos) bibliothecas, institutos, créches, jardins de infancia, usinas-cozinhas, dispensarios, faculdades, e tudo isso brota, cresce, eleva-se na lama, em negro, branco, vermelho segundo a idéa do dia e o gosto dos architectos, sendo de notar que alguns não têm nem idéas nem gosto. Que importa! E' preciso concluir de pressa. De vez em quando surge uma obra-prima de urbanismo: os Correios, por exemplo, seguindo-se-lhe todo um lote de edificios discutiveis a compensar daquella maravilha. Mas que! E' preciso não esquecer que falei, ainda ha pouco, de uma grande cidade do Oriente, quasi um acampamento mongol vagamente sombreado de cruzes. Pois é esta antiqualha que se trata de destruir e ao mesmo rythmo pelo qual Pedro o Grande construiu Petersburgo. A geração que fez a Revolução pretende mudar de ponta a ponta a physionomia da Russia. Essa gente — os Soviets e não os russos — é extremamente apressada.

Os russos o são menos e si os abandonassem, a preguiça os

empolgaria de tal sorte, que é preciso sempre fazer a distincção entre elles e os Soviets, entre a turba slava e seus conductores, que retomaram o bastão de Pedro o Grande. Multidão brutal, sempre disposta a divertir-se, a formar caudas formidaveis para comprar qualquer cousa, nem ella mesmo sabe o quê, a chalrar, a fazer ajuntamentos; em uma palavra, multidão paciente, soffrivelmente suja, achamboada, mas em conjunto bem agasalhada, isto é, vestida para resistir este outomno um tanto rispido. As cooperativas estão apinhadas, os restaurantes abarrotados. Nos armazens, seguramente menos bellos do que os de Paris, vêem-se as mesmas vagas humanas que invadem os nossos, mas de aspecto mais aspero. Na Russia, nunca se pede perdão e a vida dos sêres frageis é uma successão de máos quartos de hora. Homens, mulheres, tudo se mistura, se acotovela, se entrechoca desesperadamente. Nada de cumprimentos, nada de maneiras amaveis, o que equivale a dizer tanto peor para os pés delicados, porque em meio dessa turba triumpham o sapatão e a bota.

Nos "tramways", tudo isso representa um poema, tragico, bem entendido. No desvão da rua que tentei pintar, a multidão, apezar de tudo, se mostra disciplinada, o que não lhe é difficil, visto o pouco transito. Mas onde a disciplina é difficil de estabelecer-se, sendo ahi tão necessaria, é nos "tramways". Em Moscou ha poucos "tramways", numero ainda mais reduzido de omnibus e rarissimos taxis. As viaturas tiradas por cavallos custam um preço exorbitante, pelo menos em dias de chuva, pois que a tabella é regulada ao arbirio do cocheiro. Donde todo mundo precipitar-se sobre os "tramways". Tomemos um. Não é preciso bilhete para penetrar nesses carros. Entrada prohibida pela frente. Entra-se por traz e sáe-se pela deanteira, evitando-se uma terrivel columna que nos bate nas costas, a atirar-nos contra as paredes. O assalto á porta de entrada é furioso, sendo que só os fortes ahi levam vantagem. E' preciso convir que a vida assim o exige.

Podem entrar pela frente sómente as mulheres gravidas, as mães que carregam creanças e alguns funccionarios cujo atrazo o Estado não tolera.

E se a gente vae contra a lei? direis. Nada mais simples. O lugar custa 10 kopeks, paga-se a multa de um rublo. Um rublo porque a gente entrou pela frente; um rublo porque a gente subiu em movimento; um rublo porque a gente rasgou o bilhete. E ninguem reclama. Isso é disciplina ou e não sei o que é disciplina.

O que não impede que nesse immenso estaleiro de construcções haja muitos rebotalhos, cal e mesmo lixo, isto é, a cada passo encontramos pobreza, miseria, e vemos, não direi espalhar-se, porém perdurar chagas bem feias.

Uma impressão de pobreza nos é dada por uma quantidade de vendinhas junto de um grande negocio; é o commercio miseravel de varejo, chamado commercio livre: gente de cócoras á beira da calçada, com um cesto de batatas entre as pernas, a vendedora de pepinos, atraz da sua tina, regando perpetuamente de vinagre os legumes preferidos dos russos; os vendedores de livros, de cartões, de todo o alcaide de livraria e que alongam as suas filas em um dos lados da Praça Vermelha; ou melhor ainda, do lado dessa Trukarevka desmoronada, desse bairro que não é senão um terreno semeado de buracos, essa especie de mercado coberto onde se vende tudo numa atmosphera Kulak, e a preços astronomicos.

Os Soviets tentam penetrar esse ultimo recanto de liberdade, como diria o Occidente, e nas cazinhas arranjadas de maneira futurista apparecem, cada vez mais, as cooperativas. Em breve, além das batatas e pepinos, dos postaes e dos lapis, dos carreteis de linha, do commercio dos vintens, emfim, não haverá na Russia como commercio livre senão o que se chama o commercio mascateado. Um manto de mil rublos, um par de botinas, um tapete, eis o capital dum negociante que passeia e que o traz ás costas. Isso é pinturesco, sobretudo quando se fecha o mercado, ao pôr do sol, e a multidão continúa ainda alguns minutos de compra e venda na calçada. Não é, porém, uma ameaça economica para o commercio do Estado.

Ao lado disso, as chagas. Eis quatro: os pobres, os bebados, as creanças abandonadas, os mendigos. Os pobres, pois lá tambem os ha, são geralmente velhos, fracos, sem coragem, que a gente deseja ajudar, para os quaes ha dispensarios, hospitaes, asylos, seguros sociaes e o resto, mas apenas sahidos do hospital estão de novo entregues á vida anterior. Quasi tudo quanto era já velho em 1917, descambou para uma miseria triste e se abandona a essa meia-morte. Incapazes de se adaptar, essas pessoas do antigo regimen, que nunca tinham trabalhado na vida, nada sabem fazer e certamente passaram dias amargurados. E' essa gente que enche de queixas nossos jornaes. Os filhos dessa gente emigraram ou passaram ás fileiras operarias dos Soviets com as armas da sua mocidade e sem bagagens. Os velhos — ainda existem alguns —

acabam silenciosamente de morrer. Restos de um mundo antigo, permanecerão ainda alguns annos como testemunhas cada dia mais raras e menos comprehendidas pelo mundo novo.

Nas ruas de Yalta, na Criméa, segui um dia uma velha burgueza que certamente conheceu os esplendores de Yalta ha vinte e tantos annos. Teria bem os seus sessenta. Trazia meias brancas, botinas pretas e brancas, como era moda em 1900, chapéo, corpinho, o todo de "ante-guerra" e como symbolo, se se póde assim dizer, uma sombrinha branca de rendas, amarellecida. O rosto fino, o ar digno, lá ia fazer as suas compras.

Não a abandonei e assim chegamos ao fim da praça onde alguns negociantes estabeleceram um vasto belchior, cheio de velhos objectos fóra de uso, esburacados, enferrujados, sujos. A senhora edosa parou diante do belchior, meditou alguns minutos, suspirou, abanou a cabeça, partiu.

Espectaculo bastante raro. Não ha mais burguezia na Russia, nem mesmo a sua apparencia, e sómente o interior poderia ter conservado treze annos a senhora edosa de Yalta. Ha, entretanto, outros espectaculos susceptiveis de commover o Occidente e mesmo de o commover sem razão, ou pelo menos de um modo excessivo. As creanças abandonadas, por exemplo... Voltarei ao assumpto por que elle não merece o excesso de compaixão que manifestam os escriptores reaccionarios. Hoje, quasi não ha mais "besprizorny" ou creanças abandonadas. Por ellas os Soviets fizeram o impossivel e quasi todas se tornaram uteis. As creanças que ainda restam, são como lobos aos quaes se dá diariamente de comer, mas que preferem a liberdade da rua. São garotos temiveis como a peste. De resto, espirituosos e alegres tanto quanto o póde ser uma féra. Andrajosos, immundos, mas de passo esperto e de olhos claros, sem excessiva magreza — os larapios acham sempre o que comer — perambulam pelas ruas, fazem longas viagens no estribo dos vagões, vivem de rapina e satisfeitos. A primeira vez que se vêem esses garotos de dez a quinze annos, sujos, maltrapilhos, em grupos, como cães sem dono, tem-se compaixão; depois a gente reflecte que virá o serviço militar, se não vier a escola ou a officina. Além disso o recrutamento dos "besprizorny", productos da guerra civil, da fome e das grandes migrações camponezas, está acabado.

* * *

A gente ainda os encontra nas estações, junto aos trens e sobretudo na Transcaucasia, onde se refugiam na estação invernal. Quando passamos, nos aconselharam que fechassemos as janellas, porque as creanças sobem aos tectos, e de lá, com bastões recurvos, subtraem as roupas penduradas no compartimento. Lembro-me de ter visto um (foi na região do Don) fumando tranquillamente um cigarro, tão sujo de carvão que o supuzemos mascarado. Um pandego lhe disse: — Eis o presidente do Comité Executivo! — E elle respondeu: — Bem! Pois tu ficas sendo o meu vice-presidente. E deu uma gargalhada.

Lembro-me de outros dois, na estação de Tiflis, que revistavam a via, passando entre as rodas dos trens parados, como cães, mostrando um ao outro, ou roubando-se, o que encontravam. Ou então em Rostow, uma tarde esta scena: um rapaz, collegial de doze annos, talvez, atravessa uma ponte em plena cidade, á noitinha. De repente surge deante delle um pequeno abandonado, espadaúdo, com o ar de uma panthera nova, que bruscamente lhe mette o punho no queixo. O collegial tem medo, o bandido salta ao seu gorro, atira-o sobre a balaustrada a um camarada invisivel e foge. Presenceei a scena a dez metros de distancia, sem poder intervir nessa luta entre cão e gato.

Quanto a bebados e mendigos, confessemos que não faltam em Moscou e Leninegrado. Em primeiro logar, á porta de todas as egrejas acham-se os "habitués". Ha-os nos jardins publicos, nas ruas, nas estações — não muito mais numerosos que na França onde se encontram tantos no Metro —. Revejo um delles, homem de sessenta annos, pobremente vestido mas bem calçado, que depois da Opera de Moscou, parou e quedou-se immovel junto á fila dos transeuntes. Não tirou o chapéo e arrancou alguns sons do seu violino. Depois, sem mais insistir, ahi ficou, curvo, o rosto engelhado, um nariz comprido que me pareceu entumescido pelo alcool, e um ar de idiota. As mulheres paravam e lhe davam esmola repetidamente. A policia presta tão pouca attenção, que no dia seguinte revi o homem no mesmo logar e sempre de mão estendida.

E aquelle cego, no caes de Mineralnevod, um homem de quarenta a quarenta e cinco annos, de botas, quasi bem vestido, sentado, pernas cruzadas, o hombro contra a barreira. Tinha posto o seu gorro de pelle entre as pernas e comia com avidez um cacho de uvas e pão que lhe tinham dado. Methodicamente, um bago para cada bocado de pão. A gente passava e repassava sem lhe prestar

attenção, jogando de vez em quando uma moedinha no seu boné. Quadro banal no Occidente como tambem aqui.

Acabei por não prestar mais attenção aos mendigos, salvo quando as suas pilherias eram divertidas. Um dia quasi fiquei surdo por causa dum pandego que procurava representar uma das scenas mais engraçadas do "Bourgeois Gentilhomme" e, não tendo nem Monsenhor nem Alteza á sua disposição, me bombardeava simplesmente com estas palavras que repetia sem cessar: — Dá-me dez kopeks, camarada engenheiro.

A's vezes o caso era singular. Uma pedinte de Leninegrado, antes de me ter ouvido falar, dirigiu-me a palavra em francez. Poz no seu pedido uma insistencia tumultuosa e acabei acreditando que fosse, não uma burgueza decahida, mas uma mendiga professional.

Um dia, entretanto, fiquei commovido como raramente na minha vida, pela qual têm passado, devido á minha profissão de medico, tantos miseraveis. Foi em Gagri, cidadezinha do Caucaso, outr'ora logar de delicias para a aristocracia, e hoje nucleo de sanatorios. Esperava o barco e tinha ao pé de mim uma mulher alta, loura, bem nutrida, elegante, com o aspecto commum de um animal affectuoso. Trazia nos braços um cãozinho branco da Siberia, tão cuidado e limpo, com sua fitinha azul ao pescoço, como os cães das nossas parisienses. De repente surgiu um miseravel, de pernas amputadas e que caminhava sobre dois cotos revestidos de madeira. A roupa que o cobria era um amontoado de trapos cheios de pó, retidos por barbantes e sem contorno nitido; tinha, porém, na cabeça um boné militar sem viseira e aos hombros um sacco de soldado.

O calor estava suffocante. Elle parou á beira dum fosso, com a cabeça erguida, o punho crispado sobre o bastão curto do qual se servia para avançar. Parecia surgir, não tanto do fundo do espaço como do fundo dos tempos, desse Agosto de 1914, eternamente amaldiçoado pelas mães. Não ousei interrogal-o, mas quiz imaginal-o um soldado russo, mutilado pela guerra, e que sobre os seus cotos tinha atravessado a revolução, a guerra civil, a fome, e agora errava na immensa União como testemunha da loucura dos homens. Sem rancor elle contemplou a mulher loura, o cão, a cidade, e não me agradeceu quando lhe depuz na mão algum dinheiro.

Seu rosto era o de um camponez, magro, fechado, tragico, com olhos de um cão perdido.

* * *

Depois dos mendigos, os bebados. Sabe-se que é esse um vicio russo. E' preciso vel-os deante de uma garrafa de vodka. Os Soviets fazem tudo quanto podem para combater o alcoolismo. Cursos, conferencias, acção na escola e na caserna, nada se negligencia. Levantam pouco a pouco o preço do alcool, sem o supprimir, e nisso são mais espertos que os americanos. Apezar de tudo, não é raro encontrar nos jardins publicos, como entre nós, um bebado cahido e que é preciso levantar. O commercio illegal de vodka é florescente. O Estado vende-o em dias determinados nas suas cooperativas. Nesses dias a fila dos que esperam é longa. Na Russia é commum a fila deante dos negocios; entretanto os francezes se enganam se pensam que a fila é aborrecida. A's vezes não se trata apenas de vodka mas tambem de bombons que os russos muito apreciam. Um dia, observando uma fila consagrada ao alcool, surprehendeu-me a attitude de alguns clientes. Sahiam do negocio com o artigo no bolso, paravam tranquillamente para beber tudo e retomavam logar ao fim da fila. E' assim a simplicidade dessa bôa gente. O russo não póde vêr uma fila sem parar para tomar logar. Elle começa por avisar logo ao que está na frente: — "Eu sou o ultimo" — e depois pergunta o que estão vendendo alli. "Meias", respondem. Pois bem, o nosso russo comprará meias, embora não o necessite. E emquanto espera, dá prosa, fuma, mastiga grãozinhos de girasol e discute por dá cá aquella palha.

Não quero que essas considerações sobre as infelizes creanças abandonadas, os bebados, os mendigos, as filas que se alongam pelas calçadas, o calçamento ruim, os cocheiros gatunos e a brutalidade dos assaltos aos bondes, impeçam o francez de considerar a multidão que vae e vem, que rola, enorme, trabalhadora, rumorosa, não direi bella, mas forte, bom rebanho de labor e de batalha, que rola sob as bandeirolas vermelhas estendidas sobre as ruas, exaltando os Soviets, a Revolução, os operarios locaes e os proletarios de todos os paizes, condemnando o alcoolismo, a preguiça, a especulação e vinte outras miserias e erros. Todos parecem bem comidos e bem vestidos. Abri bem os olhos, e sendo medico posso distinguir uma creança sadia de uma rachitica.

Lembro-me de ter visto em Moscou uma mãe e tres creanças, uma nos braços, a outra agarrada ás suas vestes e a ultima, de qua-

tro annos, talvez, seguindo-a com os bracinhos pendentes e o passinho fatigado. As tres creanças tinham aos pés apenas amostras de couro vagamente reunidos por barbantes. Vi, tambem, no cáes de Nijni-Novgorod, um typo louro e alto, pés descalços na lama preta. Vi tambem, cahido na lama de Samara, um adolescente em farrapos e pés descalços que catava gravemente seus piolhos. Entretanto, estou certo que em 1910 lá havia outro na mesma posição e no mesmo logar e vinte annos antes havia um outro. Foi o mesmo que outr'ora Murillo viu na Hespanha. Barrès encontrou-o devorado pelas moscas e todos nós o vimos no Oriente, em Stambul, na Africa do Norte.

Não esqueçamos que a materia sobre a qual trabalham os Soviets não é sómente slava, mas finlandeza, tartara, mongolica, asiatica quanto possivel, nomada em certos logares, e que sobre essa grande Russia ou essa Ukrania, passam perpetuamente os sopros glaciaes ou torridos das grandes planicies asiaticas de onde sahiram todas as invasões.

Ainda Moscou

III

Potemkine e a grande Catharina — Os russos têm fome? — Dá-se pão aos cães — Patrulhas nas ruas — Não ha prostitutas — Os grandes hoteis: bons quartos e repastos engraçados — Divertimentos e tranquillidade — Hoje e outr'ora — Abaixo a vergonha! — A galantaria morreu — Os Soviets nacionalistas e conservadores — As botas de Pedro o Grande.

Sei que estas considerações não têm a honra de agradar a toda a gente, sobretudo aos que estiveram na Russia outr'ora, no tempo das equipagens, como se diria "chez Grasset", e que naturalmente não viram senão o Czar, seus favoritos, suas cortezãs, seus palacios, Tsarkoie-Selo, a revista da guarda e as ruas bem varridas, emfim, para honrar os visitantes.

Tenho a impressão que sou eu e não elles que vejo a realidade; elles viam uma decoração de theatro como a que Potemkine offerecia aos olhos de Catharina. Como ella atravessava uma Ukrania deserta, o favorito, que era seu amante e conhecia as mulheres, juntava nos celleiros, hangars e silos, saccos de areia que passavam por saccos de grão e todas as tardes fazia desfilar no horizonte um immenso rebanho de vaccas, sempre as mesmas.

Os nossos bons reaccionarios divulgam que Moscou é sujo, que lá não se come, que não ha um bom hotel. Dizem-na uma cidade barbara, horrivel, onde não se póde sahir á noite por causa dos bandidos.

Ora, em Moscou, como n'outras cidades, ha o que comer. Houve uma grande miseria em 1921, analoga ás que illustraram os reinados de todos os Czares. Fomes causadas pela difficuldade de transportes. Pensemos que em 1789 isso acontecia na Europa e que nossos primeiros movimentos revolucionarios foram feitos ao grito de "Pão, pão!" Uma boa rêde de estradas e de caminhos de

ferro resolveu a questão. Na Russia o Czarismo tinha desprezado as estradas e emquanto o trigo em certos logares apodrecia, a alguns kilometros de distancia muita gente morria de fome.

Houve, por conseguinte, fome em 1921, mas, após 9 annos, passou e seria ridiculo pensar que os russos, porque 10 milhões delles o fizeram durante um inverno, continuam a comer a herva do campo. Vejamos, de preferencia, dois traços que mostram, melhor que qualquer raciocinio, o que se deve pensar do russo que morre de inanição.

Numa rua de Kislocosk parei um dia para admirar uma mulher que cortava pão e dava-o ao seu cachorro, um desses cães do Caucaso, de pellos fortes, os animaes mais amaveis e meigos do mundo. O cão toma mansamente as codeas, installa-se no meio da rua e come, emquanto as creanças se divertem, olhando-o.

Segundo caso. Na estação de Vladicaucase demos pão a tres cães, dos quaes dois lindos "pointers" que tinham collares feitos de pedaços de cobre. Creanças descalças, mas robustas, vieram sentar-se ao pé de nós, sorrindo e acariciando tambem os animaes. Poderiam ter fome? Não era possivel.

Desci o Volga durante tres ou quatro dias. Revejo a attitude dos camponezes que voltam de Nijni-Novgorod, onde acabam de vender seus productos. Reunidos na pôpa, comem pão preto, mas o pão preto de centeio que os russos tanto apreciam, que é servido nos melhores hoteis das Capitaes, que se come em mesas finas, com manteiga e caviar. Os mujiks o comem com a mão, acompanhado de queijo, toucinho e conservas. Com elle tomam chá varias vezes ao dia. E por mais que observasse os jovens, os velhos, as mulheres solidas como armarios, os camponezes de pés largos com sandalias de betula, com as pernas enroladas em saccos fixados por cordas cruzadas á moda dos velhos gaulezes, nunca percebi que soffressem.

Se elles soffressem, direis, não confessariam. Veremos isso mais tarde. Por emquanto, destruamos outra lenda, a das patrulhas que correm as ruas, armadas, para impor-se á população. Encontram-se certamente soldados pelas ruas, de boné mongolico, com um manto cinza que desce até os tacões. Estão a passeio, vindos do quartel, ou de regresso. Em todo caso nunca vi patrulhas, e sómente no Sul vi, pela primeira vez, um grupo de homens armados. Não era, entretanto, uma patrulha, mas sim uma companhia que desfilava sem musica e que voltava, talvez, do exercicio. Homens

bonitos, altos e quasi todos da mesma estatura. Jaqueta kaki, calça azul, botas, capacete azul e vermelho.

Eis tudo. Nunca vi aquillo que desde a guerra conheço bem, a patrulha nas ruas. O que se encontra a cada passo são os milicianos, especie de gendarmes, com escudo vermelho e capote preto. Geralmente, têm apenas um revolver. A's vezes uma carabina. Têm a pontaria facil. Em Rostov-sobre-o-Don, quando lá estavamos, e porque ás 11 horas da noite quebraram uma vidraça, um miliciano pensou que era ladrão, friamente atirou tres vezes para o ar, provocando, á chegada da patrulha, o ajuntamento de 500 pessoas e uma desordem de todos os demonios. A scena terminou por uma esplosão de riso nesse povo meridional, moreno, curioso, facil e meigo que ama a luz e adora vagar indefinidamente nas noites calidas, entre sorrisos e olhadelas, ao passo cadenciado, commum em Marselha, Genova ou Barcelona.

Agora, se os criticos tomam por patrulha o official russo com o capacete kaki estrellado de vermelho, a blusa kaki apertada á cintura por um cinturão e formando calça, as botas luzidias como espelhos, o parabellum sustentado por uma corrêa leve, enganam-se, pois elle tem lindo aspecto, as mulheres olham-no e o povo de lá se ufana delle.

Uma minucia que vae surpreender os francezes: não ha prostitutas na Russia, bem entendido, prostitutas officiaes. O amor é livre, mas o amor venal não é reconhecido pelo Estado, e seu exercicio é considerado como a manifestação de uma doença mental. Por isso, não ha casas de tolerancia ou de "rendez-vous". Podereis passear, a qualquer hora do dia ou da noite em Moscou, e outras cidades, sem serdes interpellados como em todos os cantos de Paris, que é como o quartel general da galantaria. E' preciso contar com o contrabando, não sendo lá o homem e a mulher diversos do que nós somos. Uma vez que esse mistér não é reconhecido, e que todo o mundo tem que trabalhar, faltam tambem esses hoteis que vivem da mulher e dos seus amantes de occasião, o que torna o exercicio da prostituição muito difficil. Ella não é mais senão um accidente ou um resto do passado.

Salvo rarissimas excepções, algumas velhas immundas em dois ou tres logares certos, não ha na Russia esse commercio publico que constante, declarado, sinistro, ornamenta as nossas calçadas: — Queres vir? Entra sympathico! — Quanto custa? — Tanto. Pois vamos.

Se a gente se afasta da Russia, entretanto, os velhos habitos reapparecem. Em Batum encontrei prostitutas que não se escondiam, provocando abertamente os clientes, assim como o rapazinho classico que depois de pedir 10 kopeks, se propõe a apresentar mulheres. Isso, porém, se passava em Batum, muito ao Sul.

Tal é a rua, tal o povo, para quem corre ruas e mercados, farejando sem outro cuidado, senão o de encontrar sua colheita quotidiana de novidades. A rua é ainda o melhor campo para o observador. O hotel, ao contrario, o grande hotel habitado pelo extrangeiro, que vem comer systematicamente em horas russas, 3 e 9 da tarde, a cozinha internacional, o hotel repleto de jornalistas americanos ou de viajantes allemães e que ecôa os "yes" e o "ya" mais numerosos que o "da" russo, não serve de escola. Seria estudar Paris pela vida do hotel Crillone e de seus frequentadores. Esses hoteis de primeira classe não parecem brilhantes e a gente duvida que o tenham sido. Penso que essa cozinha foi sempre russa, e que esses lençóes são curtos demais como em todo o Oriente onde não se sabe aconchegar um leito. Não é de hoje que as refeições começam pelo vodka, o que é uma asneira, continuam pelo queijo, o que é outra, e depois por pedaços de carne picada e arrumada em fórma de seixo e que elles chamam costelleta. Poucos legumes. Não digo nada da sôpa que segue os antepastos e que se come com bolinhos quentes.

Sobre todos os pontos de cozinha e alojamento, Leninegrado é superior a Moscou. Os creados em Moscou são lentos, fleugmaticos, rabugentos; em Leninegrado muito mais amaveis, regimen antigo. Em uma hora é possivel jantar em Leninegrado, em Moscou nunca menos de duas. Se Napoleão voltasse, elle que não podia dispôr de mais de 20 minutos para comer! Nessas duas cidades a gorgeta é rainha, commissaria do povo e do Czar. Todos estendem a mão (falo dos grandes hoteis), a gente pensa estar num desses dois paizes que muito aprecio, mas onde a instituição tem o valor duma peste ou do cholera: a Polonia e a Tchecoslovaquia.

E' inuil accrescentar que os preços são prohibitivos, mas a causa nós a conhecemos, é o franco fixo por taxa arbitraria em relação ao rublo. Dáe ao rublo sua taxa normal, e o francez poderá morar e comer na Russia, mesmo numa casa de primeira ordem.

Esses hoteis são do Estado, que os administra por intermedio de antigos "mâitres-d'hotel" ou porteiros, cuja maior parte conhece toda a Europa e que faz o que póde. Sómente terá sempre

contra elle o pessoal, que é ainda atrazado e não quer progredir. Seria preciso mudar as almas, o que é difficil.

Todas as criticas são inuteis, e um pelo outro, em todos os hoteis, nos quaes vivi e dormi, as camas estavam feitas á oriental, os quartos varridos por tres creados a um tempo e todos com o cigarro á bocca. Eu abria as duplas janellas que os russos têm sempre fechadas, e não falo de certas minucias, que não seriam proprias aqui e para as quaes conviria sómente, com seu fluxo poderoso de ouro e de immundicie, a lingua do divino Rabelais.

* * *

Muitos extrangeiros, depois de alguns passeios pela rua, entre a multidão, voltam desesperadamente aos seus compatriotas, comem, passeiam e dançam entre elles. Depois se aborrecem a mais não poder e nos falam da tristeza das ruas. Indiquemos a esses melancolicos biliosos, que em Moscou e em outros logares os cinemas estão sempre repletos, e que grandes vagas humanas os enchem em alguns minutos, cada vez que se esvasiam, e os espectadores devem achar sozinhos os respectivos logares. Os theatros e as duas operas estavam á cunha, e quando eu voltava, sozinho, nessa cidade enlameada e mal illuminada, á meia noite ou mais tarde, parecendo bem extrangeiro pelo meu aspecto, cruzava pares sem pressa, uma mocidade risonha, outras pessoas apressadas de regressar aos penates, mas nunca tive um encontro perigoso ou desagradavel.

Agora, se quizerdes estremecer, dir-vos-ei que em 1918-19 encontravam-se nas ruas de Moscou bandos desses "Besprizorny", creanças abandonadas que se alojavam nas adegas ou porões das casas destruidas, em meio de outros infelizes. Eram mestres em surrupiar tudo, deixando a gente núa como ao nascer, depois de ter violado o sexo fraco. Havia tambem bandos de assaltantes que se chamavam "Prigundy". Eram uns pandegos de pernas de páo envolvidos em mortalhas e que fingiam de phantasmas, roubando e violando tudo quanto podiam. Naturalmente a policia, como nas operetas, chegava sempre tarde demais. Mas isso passou. Hoje os gendarmes só têm que occupar-se dos bebados e dos briguentos. A batalha russa é bella e quem não a viu não a póde imaginar...

Muita cousa vereis desde a chegada, e tendo dado algumas voltas, creio, porém, que não mais tereis a sorte de encontrar entre os cocheiros um emulo daquelle de 1920, que matava os seus clientes

e apromptava-os como se prepara um frango, quero dizer, esvasiava-os, passava-lhes os quatro membros nos orificios toraxico e abdominal. Depois, collocava esses cadaveres em saccos no fundo dos porões que serviam de abrigo aos vagabundos, no logar em que hoje se ergue o Correio Geral.

O sr. Duranty, jornalista inglez e decano da imprensa de Moscou, collega instruido como poucos, delicado, occidental até á raiz dos cabellos, contou-me que o assassino foi descoberto justamente pelo exame desses saccos, que continham sempre um pouco de aveia. De pesquiza em pesquiza, a policia prendeu dez cocheiros entre os quaes o assassino. Interrogaram-no, mas elle tinha um aspecto tão franco, que os policiaes iam perder a caça, quando uma vizinha lhes disse: — Então os senhores vieram buscar X...? Elle tentou de novo matar o filho? Um dia já o enforcou, mas a mulher chegou a tempo de cortar a corda.

Immediatomente os policiaes agarraram o homem e obrigaram-no a confessar. Quando lhes falaram de tres ou quatro victimas elle se zangou e disse: — São cincoenta e cinco e todos burguezes. Essa circumstancia não o salvou. Os Soviets notaram que era de indole religiosa e que antes de matar os "burguezes", elle e a mulher benziam-se devotamente e faziam uma oração. Por conseguinte, não sómente o fuzilaram, mas depois organizaram sobre o caso, um thema anti-religioso: O crente assassino que invoca Deus antes do crime, o que é uma bôa farça.

A proposito disso, o sr. Durandy lastimava que os jornaes dos Soviets não desembuchassem, não esclarecessem o publico, pela narração dos crimes, pelas informações politicas sociaes e economicas, em appellos e conselhos, emfim, como verdadeiros jornaes sérios. Os Soviets acreditam firmemente que assignalar e descrever os crimes com minucias occidentaes, perturba as idéas das creanças e adultos e predispõe ao crime as cabeças fracas. Por isso, nunca falam dessas cousas e reprovam as photographias de apaches, as historias policiaes, os folhetins sanguinolentos, e as fitas sobre as noites de Chicago ou os costumes dos rufiões. Nada de crime, nada de obscenidade, eis a regra que seguem.

Em Moscou, a rua, as paredes, os jornaes, os cinemas, são honestos, a creança póde ir e vir, lêr em paz sem ser excitada. As mulheres trajam saias curtas, mesmo acima do joelho, e ás vezes branqueia uma coxa, mas esse povo não presta attenção, acostumou-se a achar isso natural. Nos clubes de "basket-ball" onde as mu-

lheres jogam de "maillot", não ha brincadeiras canalhas da parte do publico masculino. Não é extraordinario vêr, á pouca distancia de Moscou, como na Allemanha, homens e mulheres juntos, nús, banhando-se no Moscowa.

Contaram-me que em 1917 formaram uma liga contra o pudor que se chamava "Abaixo a vergonha". Os da liga passeavam nús. Tiveram a principio liberdade, porque esse naturismo entrava na logica da Revolução; mas quando o povo começou a se agrupar em redor delles, foram mettidos discretamente na cadeia. Ao cabo de algumas semanas, postos em liberdade, depois de lhes terem explicado que o pudor era condemnavel, mas que a ordem devia reinar na rua. Alguns comprehenderam, outros recomeçaram. Os recalcitrantes foram enviados á Siberia onde é mais facil mostrar os quadris e o peito, sem prejudicar o transito. Tudo sem o menor processo.

* * *

Tudo isso deriva da nova relação dos sexos e da completa egualdade do homem e da mulher. O reverso da medalha é a brutalidade da qual a mulher é, a miudo, a victima (salvo quando está gravida ou traz uma creança nos braços). E tambem a perda completa da cortesia: nunca vi um homem ceder o passo a uma mulher, nem parar ou voltar-se para admiral-a. Uma moça asseverou-me que outr'ora, em Petrogrado, quando estava no collegio, nunca appareceu sem ser obsidiada pelas homenagens, toda a cidade a seguia, as mulheres eram o alvo dos olhares, sorrisos, galanteios. Hoje, ninguem mais tem tempo para isso, a brutalidade plebêa está em moda, reina o espirito espartano. Em todo caso se affecta a indifferença. Hoje, disse-me a moça, que tem apenas trinta annos e está no apogeu da sua belleza, ninguem perturba a minha tranquillidade. Não lhe cedem o passo e se achariam ridiculos olhando-a como ella merece.

Certamente, não acho isso um progresso. Na luta pela emancipação da mulher contra os velhos preconceitos, os Soviets foram um pouco além, ha um equilibrio a estabelecer, que no fundo nós estabelecemos, e que seria perfeito se lhe dessemos o direito de votar sem que ella deixasse de ser a doçura da nossa vida. Sempre é verdade que cada communidade humana póde apprender na escola vizinha.

Já que estamos na rua, digamos logo que Lenine está em toda

a parte, erguido sobre columnas, de pé, cabeça núa, ou de capacete, que fala, manda, exhorta, dá regras. Ha Marat, Karl Marx e outros, mas elle é sempre o numero um.

Os Czares foram destruidos, mas não todos. Não vi a effigie de Nicoláo II, de Alexandre III. Só vi uma, a que está em Petrogrado deante da estação, trabalho do esculptor chamado Paulo Troubetzkoi, que era sobretudo um homem de espirito. Elle representou Alexandre III com um gorro de pelles sobre o craneo, grosseiro, triste, cavalgando um cavallo que parece o animal mais bôbo e pesadão que existe, tão estupidamente inclinado, que da Estação não se lhe vê a cabeça. Quando a "maquette" foi feita, toda a côrte protestou, mas Nicoláo II a achou bôa, e collocou o "papae" de bronze sobre um pedestal pesado, aos olhos dos moscovitas estupefactos, que assim começaram a definir o monumento: um pote sobre um elephante, um elephante sobre um hippopotamo, ou este sobre um tinteiro. Depois da Revolução, os bolchevistas não derrubaram a estatua, guardaram-na como a representação mais justa da autocracia, e se limitaram a escrever nella uma quadra do poeta Demian Bedny, que diz (é o autocrata que fala): — "Meu pae e meu filho foram executados pelo povo, e eu cá fico como a caricatura duma autocracia que nunca mais ressuscitará." Ahi está pois esse horror na praça da estação.

Vêem-se outros monumentos do antigo regimen, em Leninegrado, Nicoláo I a cavallo e de capacete pontudo, Catharina cercada de ministros e generaes emquanto meia duzia de soldados affirmam a vontade de morrer pela patria, Koutousof, Barclay de Tolly, Skolobeleff, Souvaroff. Sem falar de Pedro o Grande. Esse está em toda a parte, a pé, a cavallo, e a sua lembrança é perpetuamente exaltada.

Pedro á parte, os Soviets fizeram o seu Pantheon com Pouckine, Tolstoi, Lermentov, Tchekov, de centenas de pintores, musicos e poetas aos quaes levantam estatuas quando ainda não as têm. Alguns exemplos do que affirmo: a veneração pela casa de Tolstoi em Moscou, pela de Tchecov em Yalta, ou então essa feição curiosa nos appartamentos de Nicoláo I: vê-se sobre a escrevaninha, uma estatueta de Puchkine, ahi collocada pelos bolcheviques. E' sabido hoje, que o duello, no qual sucumbiu Puchkine, morto por um emigrado francez, foi em realidade um assassinio arranjado por Nicoláo I. D'ahi o gesto dos Soviets. Estes são apresentados, ás vezes, como destruidores. E' exactamente o contrario.

Velhos edificios, velhos jardins, estatuas, egrejas, tudo que tem um caracter artistico ou historico, é conservado, arranjado, e elles gastam sem dó com o Ermitagem ou o Krenlim, com o palacio Cheremetieff, com a casa de Boyard, com Nossa Senhora de Kazan, com a cathedral de São Basilio, o Bemaventurado, ou com a Lavra de Kiew, e têm grande ufania de todo esse passado.

Trinta e seis Republicas

IV

Duzentas nações, trinta e seis republicas — Uma federação complicada — Ousadia e empirismo — Um exemplo: a Republica tartara — Colloquio sobre o Volga — A resurreição duma Nação — Nacionalidade sem nacionalismo — Um obstaculo á volta dos Czares.

Não digo que eu tenha feito uma grande volta pela Russia. Dez mil kilometros é pouco para um paiz que occupa vinte e um milhões e 200 mil, isto é, 40 vezes maior que a França, territorio apenas sobrepujado em tamanho pelo imperio inglez, mas com a vantagem de ser um só bloco.

Vi de passagem a Russia Branca, Moscou é o coração da Russia. Ao sul de Kazan acharei a Republica tartara, descendo o Volga a Republica dos allemães, mais ao sul a da Georgia, voltarei pela Republica da Criméa, que em parte, tambem é tartara, tentarei estudar emfim a Republica da Ukrania. Tudo isso basta para dar uma idéa do systema federalista organizado aqui. Soube depois cousa admiravel, que existem quasi 200 nacionalidades sobre o territorio da União e 36 Republicas ou Territorios Autonomos.

Um bom methodo para comprehender essa extrema differença — hoje traduzida em plano politico — é depois de fazer uma longa viagem pela Russia ir ao Museu Ethnographico de Leninegrado, muito bem organizado pelos Soviets. Ahi se encontra um resumo admiravel de todos os costumes, de todos os typos. O amarello casa-se ao branco, o mongolico ao caucasiano, é uma caravana de raças, um desenrolar de typos, que vão da Persia á Laponia, da Coréa á Moldavia, adivinhando-se as correrias através da esteppe, a fuga pelas florestas, os choques e contra-choques num paiz que foi sempre muito pouco povoado para ter o que tão magnificamente aconteceu na França, uma variedade de homens marcados por caracteres novos e singulares. Cada um desses povos, pelo contrario, ficou sempre mais ou menos identico a si mesmo, fixaram-se nos seus trajos, na lingua, nos habitos, e viveram justapostos, ás vezes hostis, ás vezes amigos, até formar essa torre

de Babel que era a Russia dos Czares e que voluntariamente permanece a Russia dos Soviets.

Catharina divertia-se. No Palacio de Inverno vê-se um serviço de mesa que lhe foi dado por não sei quem, e cujas peças representam todos os seus subditos em trajes nacionaes. O que não a impedia de russifical-os á força, como fizeram todos os Czares.

Sabe-se bem que elles nunca attingiram o seu objectivo, e que a reacção dos povos livres muito influiu no desmoronamento do throno dos Czares. De 1917 a 1918 seis desses povos, limitrophes das antigas fronteiras, libertaram-se: a Polonia, a Lituania, a Letonia, a Estonia, a Finlandia e os Rumaicos da Bessarabia. Restavam, porém, muitas nações mais ou menos evoluidas engastadas na massa russa, incapazes dum movimento proprio e constrangidas a viver em commum. Foi então que os Soviets resolveram ousadamente federalizal-as. Não se conhece ainda bem isso no Occidente. Lá, quando se fala da União dos Soviets, imagina-se um vago federalismo, talvez mesmo uma combinação machiavelica para melhor dominar os que não são russos, ou ainda uma construcção de ordem puramente administrativa tal qual o modelo que nos dão os Estados Unidos da America.

* * *

Não se trata de nada semelhante, mas antes pelo contrario, de uma federação internacional no verdadeiro sentido da palavra e da qual procuraremos analysar brevemente os principaes caracteres.

A União dos Soviets compõe-se de 6 republicas:
Federação Sovietica da Russia: 116 milhões de habitantes;
Republica Sovietica da Ukrania: 29 milhões;
Republica Sovietica da Russia branca: quasi 5 milhões;
Federação Sovietica da Transcaucasia: perto de 6 milhões;
Republica Sovietica de Ouzbekistan: 5 milhões;
Republica Sovietica de Turkmenistan: 1 milhão.
Como se vê, é um corpo de respeitavel volume.

* * *

A Federação Sovietica da Russia comprehende trinta e duas antigas provincias, quatro territorios novamente organizados como muita gente quizera vêr organizadas nossas provincias francezas, isto é, pensando sómente nos interesses economicos e nas vias de communicação: são esses os territorios do Ural, do Caucaso se-

ptentrional, da Siberia, do Extremo Oriente. E' preciso accrescentar os quatro territorios autonomos, os Kalmiks, os Komis, os Maris, os Votiaks e onze Republicas autonomas: Bachkirs, os Buriatos-Mongoes do Daghastão, os Yakoutes da Korelia, Kirghiz, Criméa, Tartaros, Tchuvachos, os Cosacos e os Allemães do Volga. Algumas dessas Republicas são muito importantes. A dos Tartaros conta dois milhões e meio de habitantes, a dos Bachkirs quasi tres milhões, a dos Cossacos seis milhões e meio.

Eis aqui o primeiro dos membros da União.

Agora quanto ao segundo, a Ukrania, achamo-nos em presença duma Republica unitaria da qual, entretanto, faz parte, com titulo autonomo, a pequena republica da Moldavia.

O terceiro membro da União, a Republica da Russia branca, é unitaria. Ao contrario, a Federação dos Soviets da Transcaucasia, quarto membro da União, conta tres Republicas: Azerbeidjan, Armenia, Georgia, contendo a primeira ainda no seu seio uma Republica e um territorio autonomo, e a terceira duas Republicas e um territorio autonomo.

O quinto membro da União, a Republica de Ouzbekistan, é unitaria, mas uma Republicazinha autonoma lhe é adjunta. Emfim, o sexto membro, Republica de Turkmenistan, é tambem unitaria.

Dessa enumeração árida, duas conclusões derivam: a primeira é que a União dos Soviets, apezar do predominio notavel dos elementos slavos (2 % mais ou menos do total) e sobretudo do elemento gran-russo (50 % mais ou menos do total), forma, como diziamos, uma verdadeira Federação Internacional. Houve ahi uma experiencia ousada da qual é necessario assignalar o alto interesse, tanto mais que cada uma dessas nações tem o livre emprego da respectiva lingua completamente assegurado, e possue escolas, collegios e até universidades.

A segunda conclusão é que não sómente existe uma federação honestamente construida, mas estabelecida de modo muito empirico. Entre os Soviets não se preoccuparam de cortar (como a Revolução franceza o quiz fazer) o territorio em divisões administrativas do mesmo tamanho, pois o respeito pelas vontades nacionaes e o cuidado dos interesses economicos prevaleceram sobre as facilidades de administração. Em logar de raciocinar no abstracto e de certo modo no geometrico, raciocina-se no concreto, biologicamente, por assim dizer, e o resultado, longe de ser esse systema

rigido que a nossa Revolução creou e que Napoleão aperfeiçoou, é um systema hegeliano, susceptivel de mudar, de melhorar sem descanço, num perpetuo vir a ser.

* * *

Tive uma primeira idéa dessa complexidade e dessa immensa liberdade atravessando a Republica tartara, que está situada no confluente do Kama e do Volga, ao sul de Moscou. Um chefe local, o professor Wecksline (o nome vae mais ou menos) da Universidade de Kazan, vice-presidente da commissão do Plano, falava-nos da sua Republica. Vinha da Europa, onde tinha dado uma volta. Era um puro tartaro, rosto mongolico, testa chata, nariz forte, sobrancelhas arqueadas, olhos estreitos, labios grossos e cabello preto. Mettido na sua camisa de operario, assumia ares de doutrinador. Enchia-nos de detalhes e sentia-se que os acontecimentos que se desenrolavam ha treze annos eram para elle maravilhosa resurrcição inesperada.

— Sessenta e sete mil kilometros quadrados, dizia, e accrescentava: — Mais do que a Belgica e a Hollanda reunidas. Dois milhões e oitocentos mil habitantes. Dão para acachapar a Dinamarca, a Suissa, a Noruega, a Letonia, a Estonia, pondo de parte o pequeno Luxemburgo. E sempre garganteando estas palavras: — "A Republica tartara!" Tinha comsigo pacotes de mappas e graphicos. Fixou-os na parede e de pé sobre um fundo colorido, accumulava os algarismos, estatisticas, porcentagens. Depois, voltando-se bruscamente, mostrava-nos a propriedade do marquez de Paulucci, que se tornou collectivamente dos tartaros, especie de granja modelo. O marquez é hoje secretario particular de Mussolini; podem lhe dizer que sua granja vae bem.

O tartaro prosegue na sua exposição. A agricultura se desenvolvia, começava-se a explorar as florestas, procurava-se petroleo, achavam-se phosphatos. Uma central electrica foi construida, e alegremente o professor jogava com as dezenas de milhares de kilowatts, e nol-os arremessava como balas.

Participando, elle tambem, como todos os concidadãos da União dos Soviets, da loucura commum que é a industrial, electrica, machinistica, inclinado deante do Deus-machina, como seus antepassados deante de Allah, elle punha uma paixão ciumenta no cuidado da pedra tartara para o edificio sovietico. Queria que ella fosse bem limpa e bem vista. Fazia a comparação da Tartaria e da

Italia. Ambas dependem, dizia, dos vizinhos. E eu pensava no ar que Mussolini tomaria se tivesse ouvido isso.

O professor se queixava dos Czares e dos monges. Dos Czares que "russificavam" á força e transportavam os recalcitrantes para as terras maninhas; os monges aboletados nos seus monasterios-fortalezas e que baptizavam á força os Tchuvaches que se tornaram pagãos depois da Revolução. A Universidade de Kazan, dizia, em cem annos deu instrucção a doze tartaros e a cinco tchuvaches. E decantava o reconhecimento aos Soviets, que a tinham largamente dispensado aos seus compatriotas.

Nós olhavamos, como elle, os edificios, as egrejas, onde estupidamente os Czares tinham collocado sob a cruz, para mais humilhar os vencidos, um crescente invertido. Hoje as crúzes subexistem em toda parte e o povo musulmano não se incommoda mais de as encontrar.

Quando elle cessava de falar, musicos tocavam para nós ouvirmos, em instrumentos extranhos, antigas árias, a um tempo, asperas e suaves, cantos da esteppe ou de pastores, nos quaes soprava o vento da planicie, antigas canções inventadas pelos conductores de caravanas de camellos. Depois a canção de um mineiro, acompanhada pela sanfona, como protesto contra os russos, que só se podia cantar com as portas fechadas ou no fundo das florestas. Essa musica era prohibida sob os Czares; hoje, sob os gorros vermelhos, a insignia sovietica na botoeira, a bordo do "Kárl Liebknecht", deante dos funccionarios dos Soviets, os musicos tartaros cantam-na a plenos pulmões.

— Duas mil escolas tartaras, grita-nos o professor, quatro mil estudantes em doze escolas superiores, institutos de chimica, de electricidade, de physica, agrarios, musical, veterinario, florestal, e brevemente o alphabeto latino. Elles fazem questão do alphabeto latino. Os tartaros da Criméa já o têm. Enthusiasta, o homemzinho se agita, prosêa, volta a uma idéa, salta sobre outra, remexe os mappas.

As finanças, o exercito, os negocios extrangeiros, os transportes, estão em Moscou; o resto está aqui.

Isso é verdade. Elles têm seu Comité Executivo, Ministerios locaes. Administram-se livremente. Têm a sua lingua, as suas escolas, a sua cultura, e praticamente, dentro do quadro da grande economia socialista, sua liberdade. Sómente para o prazer dos ex-

trangeiros cantam ainda aquella canção em que invejam a livre passarada.

* * *

São esses os movimentos da alma nacional entre os tartaros do Volga.

Considerando a renascença desse povo e a sua livre administração, póde-se dizer que os Soviets aqui tomaram uma politica differente da dos Czares. Elles reduziram a Russia ao que ella é na ethnographia e na linguistica, agiram como internacionalistas e não como nacionalistas, eis lançada a grande palavra. Não juro que essa attitude seja sempre perfeitamente mantida, mas em theoria, é dada como legal, e praticamente é mantida.

Não é facil saber exactamente tudo que pensam essas populações, algumas das quaes são muito atrazadas, e além disso não vi o Turkestan nem outras regiões de caracter particularissimo. O facto é que, por exemplo (e tornarei a falar disso a proposito da Criméa, da Ukrania e da Georgia) notei as mesmas alegres reacções nacionaes entre os tartaros da Criméa e os do Volga. As mesmas entre os da Georgia e da Ukrania.

Isso constitue um obstaculo á volta dos Czares, á resurreição da Igreja orthodoxa, ou mesmo ao estabelecimento de um governo republicano ou democratico (genero Miliukoff ou Kerensky), isto é, centralizador. Digo-o aos socialistas, os russos são apenas 50 % da União. E os povos que não são russos, mesmo se elles regeitassem os bolcheviques, gostariam de conservar exactamente suas Camaras, comités, governos locaes, preferindo-os ás Dumas e Constituintes.

A hierarchia no paiz da egualdade

V

Uma theocracia absoluta temperada por Estados Geraes — Os que não são cidadãos: padres, negociantes, kulaks e suspeitos — Conselhos preeminentes — O congresso dos Soviets — O Comité Central — Os Commissarios do povo — Dictadura ou democracia? — O partido — As tendencias — O trotskismo — O apparelho estalineano.

Muito se tem falado sobre os Soviets, muito se tem discutido para saber se lá havia liberdades publicas ou não, sobre a natureza do Partido e de seus poderes, sobre a dictadura do proletariado, objecto de horror para uns, de admiração para outros. Deixemos as etiquetas e toda a logomachia democratica e revolucionaria. Vejamos de perto o systema: examinemol-o. E' uma theocracia absoluta, temperada pelos Estados Geraes.

Observemos primeiro o que corresponde aos Estados Geraes, isto é, a pyramide dos conselhos, pois Soviet quer dizer "conselho". Nós tambem os temos e muitos, na França, o nosso Senado é o grande conselho de todas as nossas Communas. A palavra Soviet em si mesma nada tem de tragica, e só é um espantalho para os imbecis. A União dos Soviets não é, pois, senão uma União ou Republica dos Conselhos. São cidadãos activos dessa Republica, não sómente os communistas, que não formam senão um nucleo, mas todos os provenientes da União, homens e mulheres, salvo:

1.º) Os padres, desde que não se despojem do caracter sacerdotal; 2.º) os negociantes que aqui se chamam especuladores, ou intermediarios que tiram lucros do que compram e vendem. Não foi possivel acabar de vez com o commercio privado, mas quem o exerce se acha politicamente diminuido; 3.º) os proprietarios que não se contentam de explorar suas propriedades e que o fazem por intermedio de mercenarios. Esses proprietarios formam nos campos o grupo dos kulaks; 4.º) um certo numero de antigos officiaes e antigos funccionarios que são suspeitos.

Nos meios brancos, ou mesmo socialistas de Paris, acham que por isso cinco milhões de homens são privados de seus direitos politicos. O numero parece consideravel, mas mesmo que o fosse

é preciso lembrar que em 1905, sob a autocracia, o russo não tinha direitos politicos e que mesmo depois de 1905 esses direitos eram illusorios, sobretudo para os judeus, e que no momento actual se sahirmos da Russia, esses direitos são ainda illusorios para muitos negros na "grande" democracia da America.

* * *

Por que esses quatro grupos são rejeitados da communidade civica? Porque os seus membros estão em opposição ás leis fundamentaes do Estado. Nós imaginamos na França que a propriedade é legitima e todas as nossas leis são orientadas para a protecção da propriedade. Por isso pomos na cadeia e privamos dos direitos civis quem contestal-o. Na Russia, não se procede de outro modo. Sómente é privado dos direitos civis o padre porque o Estado é laico e baseado sobre a philosophia materialista; o que vive de rendas, o que emprega mercenarios e o commerciante, porque elles minam, pelo seu modo de vida, os fundamentos materiaes do Estado; o padre, além disso, mina os fundamentos espirituaes; emfim o antigo funccionario ou official porque é uma constante ameaça (é no fundo o caso dos nossos monarchistas) para as instituições.

Esses desclassificados são collocados mais ou menos na mesma situação em que se achavam os judeus da antiga Russia; não fazem nem podem fazer parte das instituições cidadãs, que os regeitam como corpos estranhos.

Especifiquemos bem, todavia, que os filhos desses desclassificados não são repudiados nas escolas, ahi encontram a mesma educação que os outros, posteriormente podem qualificar-se, tornando-se operarios. Se aos quinze annos requerem, são postos fóra de tutela. Essa regra póde ser a fonte de excessos faceis de prever, mas lembremo-nos dos pequenos protestantes do seculo XVII arrancados aos paes e convertidos á força.

Supponhamos que aos vinte e um annos a creança esteja ainda desclassificada, não podendo fazer o serviço militar, pagando além disso, um imposto especial, não tendo ingresso na Universidade. E' exactamente a situação em que estiveram os protestantes nos paizes latinos, os catholicos na Inglaterra e em outros paizes anglo-saxonios, e os judeus em toda parte.

Se os que estão privados do direito de voto mudam de occupação, tornando-se por exemplo operarios, dirigem-se ao Comité Central que os integra nos direitos de cidadania, proletarizando-os

de qualquer modo. Disseram-me que em Kharkov 30 % dos pedidos têm sido acceitos. Um sobre tres. Parece pouco. E' que se tem medo, em Moscou, do suspeito de hontem, ao qual geralmente atiram este proverbio: "Lobo de hontem, lobo de amanhã."

* * *

Esses eleitores, homens ou mulheres, nomeiam os Soviets ruraes e urbanos que correspondem aos nossos conselhos municipaes. Os Soviets ruraes e urbanos escolhem os representantes ao Comité Executivo dos suburbios e os Comités Executivos dos suburbios elegem o Comité Executivo da provincia.

Ainda ahi (adivinha-se quanto é difficil para um extrangeiro obter informes perfeitos) parece que os collegios camponezes são cinco vezes mais frequentados que os collegios operarios, o que permitte aos operarios e habitantes da cidade ter uma representação quatro vezes mais forte do que devia ser. Um meio como outro qualquer de reforçar o poder dos bolcheviques, mais numerosos nas cidades e nos centros fabris.

Como alguem do Partido opposto me assignalasse essa injustiça, respondi citando o caso de nossas circumscripções parisienses que vão de 4.000 a 16.000 eleitores, segundo são burguezas ou operarias. Nossos collegios eleitoraes, disse-lhe, pelo menos os de Paris, são feitos de maneira a dar vantagens a elementos commerciantes ou proprietarios conhecidos pela sua moderação.

Ficaram admirados. Como desejavam a vinda da democracia, queriam que ella correspondesse á Justiça e á Virtude. Fui obrigado a insistir e a dar minha palavra que em Paris não era assim.

* * *

Quando em logar de provincias se trata de Republicas ou Territorios Autonomos, a formula é a mesma. Por exemplo: ha um Comité Executivo na provincia de Vonorege, mas ha um para o Territorio Autonomo dos Votiaks, um outro para a Republica da Ukrania.

(Aqui abro um parenthesis para marcar a liberdade e o poder dos governos locaes, das provincias e das Republicas). Vi em Rostov-sobre-o-Don, bella cidade de caracter internacional, reunido sob as minhas vistas, o Comité Executivo do Caucaso do Norte, reunião de puro formalismo, onde não se tratava senão de apresentar a Provincia e de responder ás nossas perguntas.

Essa gente não se apresentava como um Conselho Geral francez, uma assembléa vaga de oradores cheios de eloquencia e de intrigas, incommodados pela presença de um administrador poderoso, o prefeito. Continuavam o verdadeiro Conselho de Administração do Caucaso do Norte. Nelles não havia "pose". Apresentaevos aos ministros belgas ou hollandezes e vereis. Em Rostov tinhamos deante de nós os chefes de um paiz de 20 mil kilometros quadrados, quasi tão grande como a Italia, com 8.324.800 habitantes (tantos quanto na Belgica e mais que na Hollanda), pois esses chefes não se imaginavam sêres de excepção e discutiam modestamente. Quasi todos moços, vivazes, audaciosos, de resposta prompta, tinham a simplicidade dos engenheiros discutindo sobre suas obras.

Desenrolaram-nos um plano e marcaram os seus ganhos, as suas perdas, presentes e futuras, sem constrangimentos, com um certo orgulho. Elles se sentiam controlados. Primeiro, pelo povo, em seguida pela autoridade central, e finalmente pelo Partido.

O controle do povo, porém, se é severo (pois nada mais terrivel do que um camponio para julgar um administrador) não é permanente. Os dois outros controles o são, mas a acção de Moscou e a do Partido só se manifestam em caso extremo. O Comité Executivo local é um tanto senhor, dirige de facto 10, 20 ou 30 milhões de almas. Bom methodo, melhor que o dos nossos miseraveis prefeitos, sempre tremendo de medo de uma revogação.

* * *

Os Soviets de toda a Russia nomeiam cada dois annos seus delegados ao Congresso da União. Essa eleição precede immediatamente o Congresso geral dos Soviets. Em principio reune-se cada dois annos e mantêm-se em sessão dez ou quinze dias. Nada disso no nosso Parlamento. Primeiro, o numero dos membros é bem maior, 1.500 mais ou menos; depois, a duração da sessão é curta, por isso não se conhece entre os Soviets a "profissão" de "deputado". Emfim, os deputados são eleitos immediatamente antes da sessão e perdem seus poderes desde que ella se fecha. Inutil accrescentar que o systema do voto em varios gráos acaba com as brigas que nós conhecemos, as tentativas de pressão e de compra de consciencias, a mentira organizada, as palhaçadas que são o caracteristico de uma eleição á ingleza, chamada ainda parlamentar.

O Congresso dos Soviets dura apenas dez a doze dias, mas é a autoridade suprema e tem o direito de ditar leis e todos os decretos de ordem administrativa. Póde tambem modificar a constituição sovietica. E' um methodo razoavel. Não dita leis porque não tem tempo de as estudar todas: limita-se a traçar as linhas principaes da politica nos diversos dominios do Estado. E' justamente o que faz pela politica do Partido cada um dos Congressos de um dos nossos grandes Partidos da esquerda, pois é preciso notar que na França sómente os partidos da esquerda utilisam a fundo esse methodo. E' preciso assignalar-se que num Congresso radical ou socialista, como no Congresso dos Soviets, a sessão apenas dura alguns dias, o mandato se limita á duração do Congresso e a eleição se faz nas vesperas de sua reunião.

* * *

A applicação, nos casos particulares, de directrizes fundamentaes lançadas pelo Congresso dos Soviets, o estabelecimento e a publicação de decretos, entram no circulo das attribuições do Comité Central Executivo da União (TSIK) e do seu "bureau" politico.

O Comité Central Executivo é o detentor do poder, tanto legislativo como executivo, entre dois Congressos da União. Elle é responsavel perante o Congresso. Assim tambem os poderes locaes pertencem a comités executivos de provincia, de suburbio, ou então eleito pelo Congresso correspondente e responsaveis perante elles. Os comités executivos dos territorios e das republicas autonomas gozam dos direitos dos comités executivos de provincia. Além de deliberarem na sua lingua nacional (empregada aliás em todos os dominios da vida publica), têm o direito de adaptar as medidas tomadas pelas autoridades centraes aos particularismos nacionaes.

O Comité Central Executivo é composto de dois conselhos: o da União e o das Nacionalidades. O conselho da União comprehende mais de 400 membros eleitos pelo Congresso dos Soviets, proporcionalmente á população de cada Republica. O Conselho das Nacionalidades não conta senão 131 membros e cada Republica unida ou autonoma para ahi envia 5 representantes. Os russos têm 200 membros sobre os 400 do Conselho da União (a Federação sovietica tem mais ou menos uns 300) e não têm mais que 5 membros sobre os 131 do Conselho das Nacionalidades. Senhores no primeiro, quasi não existem no segundo, cujos representantes são

designados pelos orgãos supremos das Republicas e territorios unidos ou autonomos, podendo a escolha ser approvada pelo Congresso da União.

Ora, esses dois conselhos gozam direitos eguaes. Cada projecto de lei ou decreto para ter a força de lei, deve ser adoptado pela maioria n'um dos dois, e vale então como a expressão da vontade do Comité Central.

O Comité Executivo não tem séde permanente, reune-se ao menos tres vezes por anno em sessões de pouca duração. O presidium é seu orgão permanente entre as sessões, compõe-s de 21 mmbros e é responsavel perante o Comité Central. Os presidentes dos comités centraes executivos das seis Republicas unidas são, um após outro, presidentes do "Bureau" do Comité Central Executivo da U. R. S. S.

O Comité Central Executivo, pois, faz leis e dita decretos, precisando assim os actos politicos cujas directrizes tinham sido indicadas pelo Congresso dos Soviets. Agora vae elle eleger 12 commissarios do povo que terão o cargo de governar segundo essas directrizes e que applicarão as leis e os decretos. Esses commissarios, deliberando juntos, formam o Conselho dos Commissarios do Povo da U. R. S. S. que se compõe, assim, de um presidente, um vice-presidente, e dez commissarios e que corresponde ao nosso Conselho de Ministros. Todos são responsaveis perante o Comité Central Executivo, elle mesmo emanação do Congresso dos Soviets. Todos são assistidos por um collegio consultivo de muitos membros. Cinco, dentre elles, preenchem funcções taes que dirigem os negocios de toda a União. São elles: Commissario das Relações Exteriores, da Guerra e da Marinha, do Commercio, da Viação, dos Correios e Telegraphos. Os outros se contentam de gerir, nos seus respectivos departamentos, os negocios da Federação Sovietica da Russia e vigiam e controlam os negocios das outras 5 Republicas unidas que são geridas pelos commissarios do povo locaes. São os commissarios das Finanças, do Trabalho, da Inspecção operaria e camponeza, e os que formam o Conselho da Economia Nacional.

Emfim, para alguns outros departamentos (Agricultura, Interior, Justiça, Instrucção Publica, Hygiene, Seguros Sociaes) as Republicas Reunidas gozam de uma autonomia absoluta.

A esse Conselho dos Commissarios do Povo póde-se reunir a O. G. P. U. que nós chamamos Guepeú, orgão encarregado de com-

bater a contra-revolução, a espionagem, o banditismo, certas formas de especulação, e que se póde comparar com a nossa Segurança Geral accrescida d'um Comité de Vigilancia, que tem os poderes de um verdadeiro Ministerio.

Assim, se bem me explico theoricamente, o poder vem de baixo, pois que o cidadão elege o Soviet da aldeia, que elege o do suburbio, que elege o da provincia, que elege o Congrsso dos Soviets, que elege o Comité Executivo, que elege o Prsidium, que por sua vez, finalmente, elege o Conselho dos Commissarios do Povo. Tudo partindo do povo, deveria chegar ao Presidente dos Commissarios do Povo (Rykow, quando eu estava na Russia) como na França o Presidente do Conselho. Póde-se dizer que a identidade, apparentemente é absoluta. A comparação póde-se mesmo fazer entre Kalenine, que é presidente do Conselho dos Soviets, e M. Doumergue, que é o eleito das duas Camaras Reunidas. Tudo isso constitue uma democracia e é o que eu chamo os Estados Geraes.

Olhemos melhor. Essa democracia inclina-se deante de um poder que lhe é superior, esses Estados Geraes não têm mais poder que os de 1614 deante do joven Luiz XIII. Até aqui, o verdadeiro Senhor ainda não appareceu. Essa estructura politica não é senão um esqueleto, ou anatomia humana, que é necessario agora animar. O sopro vital, o tonus vital, é o Partido que vae transmittir, é por elle que esse grande organismo se vae mover e esta simples observação basta para denunciar quem é o senhor que faz agir todos esses figurantes, ou melhor, que, na sombra, orienta todos os rythmos desse jogo.

* * *

O soberano é o Partido. Para ser eleitor, não é necessario ser do Partido. Nem para ser membro do Soviet local, ou dos comités executivos de districto, de região ou do Congresso geral dos Soviets. Mais ainda, entre os membros do Comité Executivo Central ha um terço que não pertence ao Partido. Isso parece muito e não é nada, se a gente reflecte que o Partido conta um milhão de membros, isto é, a quinquagessima parte da União. Praticamente se vê a importancia que toma o Partido em todas as eleições. Pouco importa que não haja unanimidade de dirigentes, se ha sempre a maioria.

Desde que se chega aos gráos superiores: Presidium. Conselho

dos Commissarios do Povo, isso muda. Todos os Membros do Presidium, todos os Commissarios pertencem ao Partido.

Assim, eis a observação essencial, todos os commissarios, todos os membros do Presidium são submettidos á autoridade do Secretario Geral do Partido, que é Staline, e que tem todos os poderes para os eliminar, se fôr necessario. Ora, um homem eliminado é um homem morto. A constituição sovietica não comporta verdadeiramente senão os membros do Presidium, onde os commissarios do povo devem ser tambem do Partido. E' o costume, e o facto de ser eliminado do Partido priva, ainda, praticamente, o homem de qualquer participação no poder.

* * *

E' por isso que Staline chegou a ser o verdadeiro chefe da União dos Soviets. Esse titulo não deve illudir. Nada de parlamentar nessa situação. No tempo em que Lenine accumulava as duas funcções, aconteceu frequentemente ter sido elle posto em minoria, tanto no seio do Partido como no Conselho dos Commissarios do Povo. Essa situação se accentuou em 1918, durante as preliminares de Brest-Litowski, depois da ruptura e no momento em que a questão era saber se poderiam ou não resistir. Aconteceu, mesmo, em dado momento, ter sido o unico a sustentar certa opinião num voto importante. Neste caso, acabou por ceder.

Nunca os bolcheviques, ou os socialistas revolucionarios, que collaboravam então com elle, concluiram que por ter sido Lenine posto em minoria tivesse que abandonar um dos dois logares onde era evidentemente necessario, insubstituivel.

* * *

O Partido possue um apparelho administrativo analogo ao que existe em todos os grandes partidos occidentaes e se divide em tendencias que regularmente se entrechocam no Congresso dos Soviets, no seio do Comité Central Executivo e no Congresso do Partido, mesmo no Politbureau. Desde 1917, essas tendencias nascem, morrem, se entrelaçam (Bukharine, por exemplo, hoje chefe da tendencia direita, era em 1917 representante da esquerda). E assim, depois que os membros dos outros partidos são eliminados da vida politica, o Partido comporta ainda uma opposição.

E' preciso saber que sobre o territorio submettido ao poder dos Soviets não sómente não ha mais Cadetes, socialistas revolucionarios da direita, ou mencheviques, isto é, nenhum daquelles

contra os quaes foi feita a revolução de Outubro, mas mesmo não existe mais, ao menos em acção, socialistas revolucionarios da esquerda, isto é, aquelles que contribuiram com os bolcheviques para a revolução de Outubro, collaborando com elles até a paz de Brest-Litowski.

Ao contrario do que se passa no Occidente, essa opposição é interior, pois em presença do adversario, o Partido deve apresentar uma frente commum, assim como depois da discussão fechada deve reconhecer um só chefe encarregado de assegurar a execução das vontades da maioria.

* * *

D'um modo geral, actualmente as tendencias podem assim classificar-se: 1.ª) Uma tendencia Staline; 2.ª) uma tendencia Buckarine (direita); 3.ª) uma tendencia Trotsky (esquerda).

Staline não teme muito essas duas opposições, dispõe de uma organização executiva, de vigilancia e combate, que o torna praticamente invulneravel. Isso ficou bem provado quando Trotsky, vendo o valor das armas das quaes dispunha seu adversario, pretendeu constituir contra o apparelho staliniano um apparelho tambem poderoso. Depois de alguns encontros, o apparelho de Trotsky foi quebrado. No campo de Trotsky gritou-se contra a dictadura, mas é difficil, confessemos, governar de outro modo a Russia e Trotsky mesmo não faria cerimonia para estrangular seus inimigos entre duas portas se o tivesse podido. Apezar disso Staline, mesmo por politica ou vaidade, não aborrece Trotsky. Exilou-o, vigia-o, mas não tirou o seu nome das ruas, avenidas e casernas. Póde-se falar do leader da esquerda na rua e discutir ao menos em casa sobre esse homem de fogo, sem, como se tem feito acreditar no Occidente, ser obrigado a escutar os passos de um espião.

Penso nos nossos avós, que tiraram Mirabeau do Pantheon para enterral-o, sem mesmo uma pedra sobre o seu tumulo no cemiterio de Clamart; em Marat, jogado á sargeta; em todos os jovens chefes arrebatados pela morte. Millioukoff lá está. Goutchkoff tambem. Kerensky tambem. Lenine morreu no seu leito. Trotsky, Rakowsky, Tomsky, Bouckarine, vivem, assim como a maior parte dos chefes mencheviques e socialistas revolucionarios. Mais um ponto sobre o qual a Revolução Russa differe da nossa: ella não devora seus proprios filhos.

Dictadura do Proletariado

VI

Uma aristocracia — Os communistas são o fermento da massa — O espirito de sacrificio — Nova especie de monges — Desenvolvimento da autocritica — Póde-se encontral-a no cinema — No quadro de honra ou no pelourinho — Espirito critico — Quando fareis a revolução? — Methodos de governo — Dictadura sobre o proletariado — Idolos burguezes.

O Partido constitue uma aristocracia dirigente. Seu papel é de tapar a "goteira" da qual já falava Sembat e que nunca pudemos reparar, obrigando-nos a receber perpetuamente a agua da chuva. Essa aristocracia não é baseada sobre a hereditariedade como a do nosso antigo regimen, nem sobre a riqueza como entre nós actualmente. Ella exige serviços prestados, razão forte, espirito de sacrificio, numa palavra, virtude.

O Partido representa serviços prestados, soffrimentos supportados com alma forte, o exilio, a prisão. Elle está cheio de lembranças tristes vividas, para não ir além, nos tres ultimos seculos do Czarismo. Ide ao Museu da Revolução, mergulhae em todas essas photographias, cartas, documentos, jornaes clandestinos em redor dos quaes fluctua uma nevoa de sangue. Cadeias pendem da parede entre as bandeiras vermelhas. Retratos de enforcados vos acompanham de sala em sala. A mesma impressão no clube dos antigos presos politicos. Sente-se que a longa miseria supportada sob os Czares, constituiu para esses homens o trampolim do qual saltaram ao poder.

Que a esse respeito os bolcheviques se tenham atrevido a tudo; que os socialistas revolucionarios, durante os trinta ou quarenta annos que precederam a revolução tenham feito mais pelo novo regimen; que muitos dos que soffreram em sua companhia, sob os Czares, continuam a soffrer hoje, sob o novo estado de cousas, com tudo isso estou de accordo; mas isso não impede que o seu Partido, por uma injustiça da sorte se quizerem, não seja nutrido

pelos soffrimentos passados e não os possa apresentar aos olhos ingenuos dos povos da União.

* * *

O Partido Communista representa, melhor que os soffrimentos passados, a audacia dos que fizeram a revolução. E' formado pelo poder da razão. Digamos melhor: é a fé, o enthusiasmo, o furor revolucionario, a intelligencia, a actividade. E' possivel crer que o Plano Quinquenal possa ser continuado com facilidade por esse povo russo tão preguiçoso? Esses operarios não são os de Saint-Denis ou de Billancourt. E os camponezes russos não são os camponezes francezes. Entre nós a "élite" é um verdadeiro patriciado operario e rural. Lá é a plébe. Pois bem, o Partido é o fermento dessa massa; elle faz, ás vezes, o rebanho marchar sob chicotadas, mas é preciso convir que não se trata senão de um rebanho. (E não se acredite em phraseologias romanticas. O russo é um sêr gregario, e a materia humana lá é grosseira como o diabo, e de baixa qualidade.)

O Partido representa tambem o espirito de sacrificio e sobre esse ponto a unica comparação a fazer é com os monges dos primeiros seculos, que enleiraram a Gallia e que dirigiam e dominavam a população. (1) Tendo em conta o elemento religioso, ha nos dois casos verdadeiro espirito monastico e theologico, estabelecendo uma hierarchia soberana acima de uma massa quasi bruta, victoria da ordem doutrinaria, do methodo, da disciplina. E' preciso vêr sob o prisma da dedicação esses novos constructores de pontes, fundadores de cidades, que são tantas vezes sacrificados.

* * *

Um exemplo nos fará comprehender isso. Alguns especialistas ganham 500, 800 ou 1.000 rublos por mez. Um operario qualificado ganha de 150 a 200 rublos. Um membro do Partido, qualquer que seja, não póde receber mais de 300 rublos. Ganha de outro lado (artigos e leituras nas Universidades), dá 25 a 40 por cento desse lucro á caixa do Partido e naturalmente, como os outros, paga

(1) N. do T. — Comparação identica sobre o espirito de sacrificio dos communistas é feita por Diego Hidalgo, tabellião hespanhol que esteve na Russia, em seu livro "Impressões de Moscou", e pelo actual embaixador da Hespanha no Mexico, Julio Alvarez del Vayo, em seu notavel trabalho "A Nova Russia".

Essas duas obras foram já editadas pela Editorial "Pax".

seus impostos em proporção aos seus lucros. E' verdade que em certos casos, para certos funccionarios, garentem-lhes as despezas de representação, mas na França ellas são recebidas e nunca se sabe se foram gastas ou não. Lá, as transacções se fazem por meio de "bonus". Um funccionario tem direito a um automovel: serve-se delle e é o Estado quem paga. Noutro logar, elle teria uma ajuda de custas e faria della o que lhe conviesse. Eis a differença. Isto quer dizer que para o membro do Partido não ha escapatoria. E' pobre por devoção e pobre tem que ficar. Não é tudo. Emquanto que o operario trabalha sete ou oito horas, os membros do Partido e altos funccionarios têm que trabalhar sem limitação de tempo. Formam assim um grupo á parte, que dispõe evidentemente de certas prerogativas e que realmente dispõe de grand poder, mas devem dar o exemplo de desprezo pelo dinheiro.

Falavamos, ha pouco, de monges. Os monges de outr'ora faziam tres votos: pobreza, castidade e obediencia. Os communistas, hoje, praticamente, adoptam o primeiro; quanto ao terceiro sabemos que são jesuitas, vermelhos se quizerem, e submettidos voluntariamente "perinde ac cadaver". Quanto ao segundo, é bem entendido que os communistas não têm esse estranho horror da carne que corre no fundo das almas christãs, mas a questão para elles não é escolher entre o amor e Karl Marx. Noutras palavras, a mulher não exerce sobre elles um imperio espiritual. Para um monge christão, ella é o diabo; para elles, fóra do colchão, que não é de pennas, um bom companheiro.

Ouço d'aqui o riso de escarneo a proposito do appartamento deste e das despesas sumptuosas daquelle. E seria facil cortar o escarneo contando os milagres e os santos.

Pondo de lado a jaqueta coçada de Lenine, e a simplicidade extrema da sua existencia, quer no Instituto Smolny, quer no Krenlim, vamos vêr Staline nesse mesmo Krenlim, entrevistar o gordo Litvinov, que sendo um dos homens mais mal vestidos da terra, é, entretanto, um finissimo diplomata. Conta-se que Djerjinsky, antes da revolução, quando estava exilado na Siberia, recusava tudo quanto era superfluo para endurecer seu corpo e forjar uma alma de fogo. Lembro-me de ter visto um director dum grande "trust", que negociava com dezenas de milhares de rublos e pertencia, apezar de revolucionario desde sua mocidade, a uma grande familia, enrolar seus cigarros, n'um dia que não tinha mais um vintem, no papel com o qual dactylographava. Esse recebia tambem

300 rublos por mez e seus collaboradores tinham quasi tanto como elle. Sua autoridade, entretanto, não era diminuida. Póde-se vêr nessa grande simplicidade, ás vezes tocando o desleixo, uma falta de medida, e lembrar que se o nosso Robespierre vivia simplesmente num quarto, esse quarto era em casa de um mestre-carpinteiro, que o tratava com toda consideração; que a mobilia era cuidada, que elle cuidava da sua roupa e empoava os seus cabellos.

Mas não esqueçamos que nós estamos na Russia, paiz da especulação, do desperdicio, do desleixo e do vinho. Uma reacção constante e energica é necessaria para prevenir ou para equilibrar esse abandono da alma asiatica. Um exercito de devotados e de pobres depurando sem cessar sua tropa, mas sempre de machadinha na mão, eis o unico contra-peso que poderá impedir a velha Russia de voltar ao fosso lodoso onde a vimos antes de 1917.

Confessemos, nessa pobreza voluntaria, para não falar senão della, ha uma rude força. E' admiravel que essas regras vigorem 13 annos depois da revolução. Todos os membros jovens do Partido que ainda eram creanças em 1917, vivem segundo essas regras, monacalmente.

São elles ou ellas que formam essa juventude communista, esses "Konsomols" cuja acção se sente nas usinas, nos campos, na rua, que ajudam a administrar, a instruir a creança ou o adulto, a levantar o ferido ou o bebado, que procuram a creança abandonada, que se mostram aptos para os peores serviços e contentes de o ser, e que acham ainda tempo de empregar uma hora a fazer exercicio, o fuzil sobre o hombro, preparando-se para ajudar o exercito. Mocidade apaixonada que reforça a geração adulta, injectando um sangue novo nas velhas arterias do Partido.

Numerosos observadores viram bem isso, o que não é difficil de constatar, pois basta abrir os olhos. Que ha a admirar? Na França procede-se de outro modo? Em quasi todos os Partidos, grupos, circulos, egrejas, acham-se puros, devotados que tudo fazem, devorados de enthusiasmo e de desejo de sacrificio, prestes a tudo vencer. E quando o opportunista prevalece, a egreja ou o partido agonisa e morre logo.

Voltando aos nossos homens, exige-se delles o exemplo em tudo. Durante a recente guerra sino-russa, os communistas marchavam á frente, fóra da linha para mostrar aos outros como se deve morrer. Cousa commum que não surprehende mais a ninguem.

Como os communistas não são bastante numerosos para en-

quadrar 150 milhões de homens, formaram atraz um corpo de officiaes, outro de sub-officiaes, e na rectaguarda do Partido, as brigadas de choque compostas dos membros do mesmo Partido e de sympathizantes.

Elles são tambem chamados "a activa", em certas escolas ou fabricas. Os membros das brigadas de choque trabalham com afinco, não perdendo um minuto, não fumando um cigarro, não se embriagando nunca.

São (sempre o mesmo systema) modelos, exemplos vivos. A unica recompensa é ser membro de uma brigada de choque. O espirito de sacrificio, tão forte no coração do homem, espirito de superioridade, orgulho se quizerem, é tenazmente cultivado por esses adeptos, que fizeram estudos de psychologia em condições particulares e são, por isso mesmo, excellentes psychologos.

* * *

A conclusão é que no Partido a autoridade está extremamente desenvolvida. Todos se vêem, todos se vigiam, dizem-se as verdades. Exactamente como numa egreja ou numa ordem monastica, onde a falta de um reflecte sobre a egreja ou sobre a ordem. Nas reuniões, a vida de cada um deve ser um livro aberto onde o vizinho possa lêr e lêr em voz alta. O vodka deste, os dois alojamentos daquelle, a brutalidade daquelle outro, a preguiça de um outro, tudo passa aos nossos olhos. O accusado ouve, levanta-se, defende-se, confessa, bate no peito, ás vezes responde com um contra-ataque. E não se imagine que é uma Republica de camaradas. No Partido elles se tratam por tu, como nós na Camara, mas não é a familiaridade vulgar. Camarada, sem duvida, mas o interrogatorio é um dever de camarada, não o esqueçamos.

* * *

A autocritica ultrapassa quasi sempre o ambito do Partido. Ha, por vezes, nos cinemas, uma sessão consagrada justamente á critica. Muito intelligentemente composto, o programma aponta sem piedade os erros commettidos muitas vezes pelos chefes, outras pelo pessoal, e mesmo pela massa proletaria. O programma mostra os operarios que fumam na fabrica, os que passeiam e fazem ajuntamento, em vez de trabalhar, o membro de uma brigada de choque que se entrega ao contrabando do vodka. Aos olhos do publico perpassam todas as vergonhas de cada fabrica. E os textos entre duas imagens: "Vergonha para este", "Vergonha para aquelle",

"Pela incapacidade de tal outro nós perdemos milhões! Milhares!" E, no fim, as palavras crescem de segundo em segundo, como cavallos galopando: "A culpa é dos burocratas e dos opportunistas."

Se na França a gente experimentasse, no cinema, pôr a nú o erro de certas producções, estigmatizar a acção de certas sociedades ou companhias, do Gaz, da Electricidade, das estradas de ferro, atacar tal ou tal serviço do Estado... que não aconteceria!

* * *

Eis outro exemplo de auto-critica que nós retomamos ao capitulo das fabricas, mas que accentúa a influencia do Partido. Em todas as fabricas vê-se, á porta, um grande quadro, especie de boletim do trabalho e dos seus resultados, com o nome do chefe em baixo. Em cima, segundo os resultados que as cifras representam, apparecem um avião, uma locomotiva, um asno, um caracol. Comprehende-se facilmente. Tal serviço anda com a velocidade de um avião, tal outro com a de um caracol. Vê-se a physionomia jubilosa ou lugubre do chefe de serviço. Notae que os trabalhos defeituosos ou estragados são friamente expostos no interior das officinas, em certas fabricas, com o nome dos responsaveis.

Em Moscou, barrando a fachada luminosa, uma grande tela mostra os progressos da União nos dominios do petroleo, do carvão, do trigo, dos transportes, etc.... Ahi, o avião, a locomotiva, o asno, o coracol, servem de imagem. Os transportes, se bem me lembro, tambem ahi são figurados pelo caracol. Na França taes processos de critica podem ser empregados? Isso não faria rebentar o Ministerio de Trabalhos Publicos? Na Russia, o Commissario dos Trabalhos Publicos cala-se. Nada tem a dizer; o que deve é trabalhar melhor. Systema bem mais valioso do que as criticas amigas ou injustas dos nossos jornaes.

* * *

Dahi o desenvolvimento de um espirito civico que as escolas fazem nascer, que as faculdades, casernas, cinemas, theatros, etc., entretêm e que surge a cada instante de maneira imprevista. Vejamos os excessos: a vã curiosidade, o orgulho mal entendido, a inveja. O orgulho é muitas vezes pueril: o menor cidadão dos Soviets está hoje persuadido de que a communidade na qual vive é a mais bem organizada do mundo; que o Occidente, mesmo do ponto de vista technico, deve tomar o seu exemplo, o que é, até certo ponto, infantil.

Não é raro que o estrangeiro seja recebido nas fabricas com um ar de tranquillo desprezo. Mais de uma vez, nos campos, a pergunta me foi feita:

— Quando fareis a revolução?

Ou, mais simplesmente, falando a um interprete deante de um de nós, que conhecia bem a terra russa, um camponez aponta-nos:

— Diga-lhes que se apressem. Vão ficar atrazados.

Desprezo profundo que um dia vi traduzido de um modo vivaz por um jovem communista que, depois de ter declarado que queria vêr Paris, saltou como se tivesse pisado uma serpente:

— Ficar lá, porém, nunca. Aquillo é uma Babylonia moderna.

O desprezo, que nesse caso era curiosamente misturado com a repugnancia, é devido em parte á grande ignorancia do Occidente. Sob esse ponto, o russo ficou o que sempre foi. Mas, para voltar ao espirito critico que muitas vezes se reduz a um duplo amor do regimen e do solo, estreitamente misturados, os Soviets são prudentes, levando isso ao excesso. E' a columna vertebral desse grande imperio, desse corpo muito grande e flaccido. As almas de negociantes de tapetes são numerosas no Oriente e as concussões, especulações e outras desordens, não acabaram com o regimen dos Czares. Sem falar da preguiça, ou se quereis, da lentidão que não é, talvez, senão uma forma da alegria de viver, mas que como bôa planta indigena, medra no paiz das betulas e da "balalaika".

* * *

Como procede esse Partido para governar?

Por uma parte forma um bloco no qual as palavras de ordem se transmittem com rapidez, agindo sempre em conjunto e sob o impulso de uma forte autoridade. De outra parte, age em todos os gráos da hierarchia. A acção de Staline sobre os Commissarios do Povo, ou sobre o Presidium, seria depressa diminuida se não fosse apoiada por um milhão de homens agindo não sómente sobre os diversos Comités Executivos, mas tambem sobre o menor Soviet de fabrica ou de aldeia.

Esse milhão de homens está semeado em toda a Russia; mas os membros do Partido são sobretudo abundantes nas cidades, nos centros industriaes e nos Comités, verdadeiros centros desse systema nervoso.

A gente não os distingue, não sabe quem sejam e por isso dizem que na Russia se está perpetuamente vigiado.

Theoricamente vive-se sempre sob o olhar da Lei. Nossas cartas podem ser lidas e ás vezes o são; mesmo as conversas pelo telephone estão á mercê do ouvido alheio. Não sabemos se é bom o communista viver assim perpetuamente vigiado. O christão, que se crê sob o olhar de Deus, observa-se sempre. Assim se forjam as almas.

Naturalmente a população é submettida á mesma vigilancia, embora menos activa; por isso é raro que se ouça falar contra o governo. Lembro-me que um dia em Moscou, ouvi uma mulher que fazia a fiscalização do bonde, falar contra os estrangeiros, que lhe pareciam demasiadamente bem vestidos; depois, levada pela colera, accrescentou as palavras naturaes de revolta dos pobres, sobre o pão difficil de ganhar e a miseria do povo. Um funccionario sovietico estava comnosco e interveiu:

— Seu numero, camarada?

A camarada empallideceu, quiz discutir e mesmo humilhar-se, mas teve que dar o seu numero. Talvez a esta hora esteja ella no rol dos desoccupados.

* * *

Na ordem politica, essa acção quasi invisivel faz a eleição de um Congresso dos Soviets favoravel ao apparelho do Partido e ao triumpho da tendencia representada pelo Secretario Geral. Combinação da eleição e de uma dictadura exercida por uma aristocracia politica á qual se recusam systematicamente os pequenos nucleos do poder para lhe dar apenas o poder.

Accentuemos que se o Partido conta com cerca de um milhão de membros, hoje, na Conferencia pan-russa de Abril de 1917 eram 80.000. No VI Congresso, Julho de 1917, 177.000. No VIII Congresso, Abril de 1919, 314.000. No IX Congresso, Abril de 1920, 612.000.

A admissão foi sempre extremamente severa. Em 1919 fizeram uma grande fornada, mas foi quando Denikine tomára o Orel a 350 kilometros de Moscou, e Youdenitch attingiu os suburbios de Petrogrado e os Soviets estavam em perigo de morte. Então, os que se queriam tornar communistas não podiam ser senão fieis, pois que escolhiam deliberadamente a morte. Todos foram acceitos.

— Tudo isso é muito bonito, dizem os adversarios dos Soviets; mas nesse negocio, onde está a dictadura do proletariado? E retomam a palavra famosa: "Dictadura exercida sobre o proletariado."

Devagar... devagar... vamos por partes.

E' claro que para melhor assegurar a sua autoridade, os Soviets fizeram entrar numerosos membros do Partido nos Ministerios e em outras funcções publicas, nos Secretariados dos syndicatos, etc. de modo que se podia falar da tyrannia, ou da autoridade, de um punhado de funccionarios. A gente não teria razão se pensasse que se trata de mr. Leboreau, em mangas de lustrina e assentado no seu "rond-de-cuir", tal como Courteline o immortalizou. Não; os chefes locaes, taes quaes os vi, o director das fabricas de Stalinegrado, ou da granja de Verblud, ou da communa do trabalho, perto de Moscou, tres ou quatro funccionarios cujas imagens resuscitam na minha memoria, secretarios, interpretes, engenheiros, agentes technicos, officiaes, jornalistas, homens de laboratorio, directores de museu, todos esses organizadores que a gente encontra nos escriptorios com um cigarro nos labios, ou nos estaleiros, com os pés na lama, não são mr. Leboreau. Chefes ou não, todos são apostolos, eis o primeiro ponto. E qualquer que seja a sua tendencia.

* * *

Sem querer falar da barbarie camponeza actual, é preciso comprehender que ella era peor em 1917. Então, setenta por cento da população masculina era illetrada e sem duvida a gente póde ser ignorante e ter bom senso, mas na ignorancia ha varios gráos. Em rigor, um mujik não podia responder a esta pergunta:

— E' preciso ou não um Czar?

Pensar que elle estava em condições de escolher entre programmas tão complexos e confusos como os dos Partidos politicos modernos; que elle podia optar pró ou contra o marxismo, pró ou contra a democracia burgueza, a não ser por um movimento instinctivo e arriscado, isso vae além do que se póde imaginar.

Em todo caso, é preciso notar o singular desprezo que os homens daqui votam á democracia. Essa palavra lhes traz aos labios, ou um sorriso divertido, ou um rictus que não presagia bôa cousa. Chamam á democracia, "o idolo da pequena burguezia". Um outro idolo é o pacifismo. Elles nos vêem de joelhos deante desses deuses. Tambem não gostam da maçonaria, que para elles é de origem burgueza, e rejeitam os maçons como rejeitam os "poppes".

Constituição, parlamento, parlamentarismo, são palavras que elles dizem vasias de sentido e das quaes zombam. Temem que viajantes vindos da França, levados pelo habito, comecem a falar

disso. Devo dizer, com toda sinceridade, que nunca vi rir como entre os Soviets quando se pronuncia esses vocabulos, que para os francezes têm um sentido nitido e carregam uma multidão de lembranças. Quando se pronunciam as duas primeiras syllabas da palavra "democracia", elles riem a bandeiras despregadas. Mesmo os mais ingenuos, como as creanças quando ouvem falar de Polichinello ou de Pedro Malazarte. Dahi se deve concluir que isso é questão de educação e que esse riso e esse desprezo lhes foram ensinados.

A provincia e o Camponez

VII

O camponez na cidade — Sobre o Volga — Uma assembléa de almas simples — Um conhecedor da terra russa — As superstições — Os demonios — As aldeias surdas — A emigração interior — As provincias: Nijni-Novgorod, Kazan, Samara, Saratoff — O rebanho russo — O Volga e seus heróes.

Em Moscou ha camponezes, pois, embora grande cidade, seus suburbios são verdadeiro campo. Nada que se pareça com a zona suburbana, mas immediatamente quasi ás portas da cidade, os sitios, os animaes, e o esterco. Sente-se uma urbe que, apezar das suas casas de cimento armado, approxima-se mais do Paris de ha cem annos do que do Paris de hoje. Por isso, nas ruas os camponios estão como em casa propria. Imaginae em França os camponios nas ruas da sub-Prefeitura. Installam-se á beira da calçada e vendem batatas, vestidos com essa especie de gabão que tem exteriormente o aspecto d'um manto almofadado de pelles, calçados de sandalias feitas de casca de betula, com perneiras de aniagem enroladas nas pernas e mantidas por cordas.

Em certos cantos de Moscou, são elles que predominam. Pinturescos, barbados, bonés de pelles, com botas ou sandalias, cabellos longos, sujeira e piolhos, eis os homens (muitos delles ainda dormem inteiramente vestidos. Progrediram desde Pedro o Grande, que outr'ora decretou ser prohibido dormir de botas, mas ainda têm um longo caminho a percorrer). Quanto ás mulheres, são grandes como armarios, bem desempenadas nas suas botas, com ancas enormes, não só por causa do solido esqueleto, como pela quantidade de saias. Por cima dessa roupagem, muitas côres vivas. Eil-as contentes. Todos esses camponios se agrupam sobre os carros, em pequeno espaço, e vendem melancias em grande algazarra. A's vezes formam enormes bandos. Em Kiew, todos os domingos (pois elles guardam o domingo) se reunem sobre as calçadas das praças, dez, vinte ou trinta mil. E' a enxurrada de toda a Ukrania, com uma cavallaria inteira e milhares de longas carroças carre-

gadas de legumes e frutas. Porque vêm assim das suas aldeias lamacentas? Para vender? Vendem bem pouco. Para fazer compras nos negocios? Talvez, mas penso que, sobretudo, para se reverem, para se apalparem, para sentirem uns aos outros e constituirem, durante algumas horas, um exercito de camponezes. Quem sabe o que póde representar para essa massa ignorante, esse mercado que não é mercado?

* * *

Travei conhecimento em Moscou com Alberto Rhyss Williams, antigo pastor americano, autor de um livro — "A Terra Russa" —, que acaba de ser traduzido por Vaillant-Couturier e que a todos recommendo. Ahi não se acham estatisticas, mas excellentes quadros e magnificas observações. Em 1917, Williams já lá estava. Fiz 7.000 kilometros em sua companhia. Dando do seu livro uma edição franceza em 1930, escreveu a proposito das praticas mágicas e dos sortilegios utilizados pelos camponios:

"Grandes segredos cercam esses sortilegios, que ainda não são do dominio publico.

— São Pantaleão! Santo Martyr Ur! Estingui o fogo e a dôr! Afastae as flechas do inferno! Do Vosso servidor... (segue o nome).

Gnomos da floresta! Enviae esse passaro do inferno ás féras para devoral-as com o seu bico!

— Sementes do mal! Plantae vossas raizes na terra e não no rosto dos homens!

— Agua clara! Derramae vossos fluxos purificadores sobre o rosto marcado, lavae-o, tornando-o liso e limpo!

— Todos os Santos! Rogae pelo vosso servidor que soffre!

Essa encantação murmurada tres vezes depois de escripta sobre um papel, deve ser trazida ao pescoço do paciente até que elle sáre. Se elle não sára, ou morre, não quer isso dizer que a formula seja errada; significa, apenas, que o paciente não recitou bem."

E William accrescenta:

"Segundo a theoria camponeza, os espiritos do mal são a origem da maior parte das doenças. Medicos enviados para combater uma epidemia, foram tambem tomados como espiritos do mal, e os camponezes experimentaram desembaraçar-se da doença matando os medicos. Quando os facultativos chegaram no districto de Kem, atacado pelo cholera, acharam todas as portas defendidas e mulheres que das janellas gritavam:

— Vão embora, demonios! Para que vindes aqui matar nossos filhos?

— Escutae, gritaram os medicos, viemos salvar vossos filhos, vaccinal-os. Não comprehendeis que...

— Sim, comprehendemos muito bem — responderam as mulheres —. Quereis marcal-os com o sinete do Anti-Christo.

* * *

Williams conclue:

"As velhas crenças, transmittidas através dos seculos, embora enterradas profundamente, põem-se de novo a incendiar os espiritos no decurso dos periodos de crise. Estão, porém, a morrer. A fé nas encantações de outr'ora passa com as gerações que se succedem. Sómente os velhos crentes continuaram a sustentar uma luta teimosa contra a vaccina.

Doze milhões de camponezes que a Russia mandou para quarenta frentes durante a guerra, trouxeram á aldeia o fermento das idéas novas, novo modo de encarar a vida.

Entretanto, resta sempre alguma cousa das antigas superstições. Nós que dispomos de camponezes mais evoluidos, mais instruidos, vemos ainda certas feitiçarias subsistir e ás vezes ganhar terreno em meios, senão cultos, pelo menos instruidos."

* * *

Williams nota ainda, falando das aldeias surdas do norte:

"Aqui, por exemplo, quando um animal se perde no bosque, os camponezes consultam um feiticeiro, para saber onde o poderão encontrar. Quando se quer vender uma vacca, ouve-se ainda uma velha que diz:

— Não, a côr é má. Não agradará ao meu Senhor.

O Senhor, cuja côr preferida é respeitada, não é, como se póde pensar, o marido, mas o espirito da casa, o "domovoi". Elle póde preferir o gado branco, preto ou malhado. A todo preço, é preciso contental-o, pois se elle não gosta de uma vacca, secca-lhe o ubere, torna-a doente, perde-a na floresta.

Ha pouco tempo, ainda, nada se emprehendia sem consultar o "domovoi". Quando o camponez mudava de casa, entrava na casa nova com brazas tomadas á lareira da casa que deixára, e exclamava:

— Sêde bemvindo, avô, na casa nova.

E conduzindo ao curral o animal que acabava de comprar, o proprietario fazia uma reverencia aos quatro cantos e dizia:

— Eis um animal de pello para Vós, Senhor. Amae-o, dae-lhe de comer e de beber."

Williams conta estas cousas sob o ponto de vista pinturesco e escreve muito justamente:

"— Póde-se ainda encontrar na Russia aldeias chafurdadas no esterco e na miseria, supurando doença e ignorancia, mas não é mais possivel encontrar aldeias que sejam verdadeiramente "surdas". Do somno das edades, acordam ás vozes novas que as chamam."

Acordam, pois, mas emquanto uma ou duas gerações não passarem, cremos que para um Estado que quer ser moderno, a aldeia russa continuará no seu conjunto, com seus cento e trinta milhões de camponios, a ser um peso bem difficil de puxar.

* * *

Além disso, essa massa não se deixa levar facilmente. Parecida realmente a um rebanho, ella se move, tem vontade, tem receios. Sem falar de uma certa immigração interior razoavel, como a dos nossos limousinos, que vêm durante seis mezes a Paris construir casas e depois voltam; como a dos que colhem as beterrabas na Belgica, é preciso contar com o gosto dos russos pelas viagens. Elles, sómente por prazer, se atiram á estrada.

De vez em quando esses eternos insatisfeitos sentem desejo brusco de deixar os horizontes familiares e de partir para o vasto mundo. Partem, tomam o primeiro trem, enchem as estações. Sabem que em toda a parte acharão o trabalho das terras. Nos compartimentos proseiam com os empregados das estradas de ferro, que gravemente respondem. Rolam em grandes massas de norte a sul, de sul a norte, guiados pela phantazia. Outr'ora, eram a chaga do Czarismo; hoje são a chaga dos Soviets. A Russia conta, disse eu, quarenta por cento de operarios agricolas "sem terras", especie de elemento fluctuante que, como um carregamento mal arrumado, rola sempre e ás vezes compromette a estabilidade do navio. Quando os Soviets tinham grande falta de trabalho (pretendem hoje não ter mais; os seus oppositores, porém, lhes dão ainda um milhão), essa crise se observava sobretudo numa certa massa de camponezes que, tangidos pela esperança do ganho, convergiam para as cidades, Moscou sobretudo, promptos a se aboletarem em qualquer logar e sem saber nenhum officio, precisando ser alimentados

até que pudessem collocar-se. Em todas as grandes estações, achareis uma companhia ou um batalhão delles, em todos os trens têm representantes e, nas salas de espera, dareis encontrões nelles, nas suas mulheres, nos seus filhos, vereis montanhas de suas bagagens, vel-o-eis estendidos como cadaveres, sob a lua, na calçada das cidades. São os russos nos quaes sobrevive a velha alma nomade que, sem outra razão senão uma secreta volupia, marcham sempre em busca do fugitivo horizonte... O velho sangue tartaro.

* * *

Eil-os em Nijni-Novgorod, acocorados sob a ponte, na beira de um rio. E' um tal pulular de homens, de mulheres e de creanças, que não ha quem não se admire de vêr um sêr humano destacar-se desse enorme amontoado de carnes e de trapos, e vir até o pé da gente. Um pouco mais longe, carregadores, dorso e rins cobertos de uma armação de madeira e de couro que nunca arreiam, esperam, braços cruzados, o instante de por-se em movimento. Maganões embalados pelas vagas, dormem no fundo da barca. D'aqui a pouco, depois de ter percorrido a cidade, contemplareis o alto do seu velho Krenlim, mais velho do que o de Moscou. E' uma aldeia immensa, edificada em parte sobre uma collina, em parte espraiada sobre o declive e que acabou escorregando entre dous rios, o Oka e o Volga. Isto constitue uma cidade se quizerem, cidade lamacenta, esburacada, suja, do fundo da qual surge uma mesquita tartara, emquanto que entre milhares de barracas e de construcções encardidas, algumas cazinhas de madeira parecem graciosas e uma grande egreja branca e azul se ergue acima das fabricas, como um pavão num gallinheiro.

Junto della e á sua sombra, Ford se installa e vae fabricar automoveis. Em redor de nós está a massa enorme do Krenlim, as suas torres quadradas, seus muros de tijolos vermelhos, que seguem um caminho circular. Um immenso campo entrincheirado, hoje quasi deserto e do alto do qual se póde admirar uma formidavel torre de vigia. Aos nossos pés, os dous rios onde deslizam as grandes barcas carregadas de petroleo rebocadas pela manhã, e depois a planicie verde, sem fim, que parece deserta. Aqui, silencio; tumulto ao longe.

A cidade tornou-se suburbio. Nas ruas empedradas vão e vêm os carrinhos camponezes, tendo ás vezes lama até os eixos. A multidão se acotovela, grita, vende, compra, briga. Tudo toma ares de um bazar oriental.

Não falta nem mesmo o classico philosopho, um bruto gorduroso, coberto de farrapos, que fuma extendido sobre uma pelle de carneiro...

Embarcamos. Agora é a vez do grande rebanho camponez que enchia o pontão e que, accudindo aos chamados, é já um batalhão de assalto. Um milheiro de camponios, homens, mulheres, creanças, trazendo as mais inverosimeis vestimentas, nas quaes domina a pelle, gorros extraordinarios, botas e sandalias, raramente pés descalços, espera junto ao cáes a hora do embarque. Vieram para o mercado, e esmagados sob o peso das caixas, embrulhos, almofadas, samovares, um bazar completo, arrastam a creançada que balbucia nessa desordem, como cachorrinhos ainda mal firmes sobre as patas.

De repente, o homem dá o signal de embarcar, a entrada é um furioso combate na qual trabalham mãos, pés, joelhos, espaduas, ninguem se importa com o vizinho, com o mais fraco, mirando o alvo. Recebem golpes com um ar de somnambulos, como um rebanho de bois estupidos que se amontoam numa passagem estreita, galopando desordenadamente na confusão dos focinhos e dos chifres; vêem-se os mais debeis levantados pela furia dos outros e como que sobrenadando em meio da onda.

Entre Nijni e Kazan. Achamo-nos isolados sobre o rio immenso. A' esquerda, planicies e praias e de vez em quando, ao longe, as azas melancolicas de um moinho de vento. A' direita, penhas escarpadas que o rio corróe, em parte recobertas de uma vegetação poderosa onde domina o verde, mas que o outomno toca com tons de purpura ou de ouro. De repente, as escarpas se abaixam e surge uma praia rasa onde se alinham varias fileiras de alamos. 300 ou 400 vaccas de um só rebanho estão reunidas na beira do rio. Uma grande aldeia de pescadores se aninha junto a uma enseada. Tudo isso dominado por uma egreja branca coroada de pequenas cupolas verdes. Uma frota de barquinhos, um monte de lenha rachada bem arrumadinho sobre cada embarcação. Casas quadradas de um só andar, cobertas de telhas ou de zinco, rodeadas por alguns campos de côr castanha. Caminhos terrosos serpenteiam até a aldeia.

* * *

Ao longe, uma fortaleza quadrangular surge. á esquerda E' um antigo monasterio fortificado, do qual outr'ora todos os campo-

nios da região eram servos e que, até a revolução, ainda possuia quasi todo o territorio que o cerca. Os muros e as torres estão intactos e protejem ainda uma egreja verde e branca com cupolas douradas. Deante della, accumula-se a lenha; atraz fumegam chaminés e ronca uma serraria. De vez em quando encontramos tambem uma aldeia, um monasterio, cruzamos uma barca que sobe, mas o rio faz um cotovelo e o deserto reapparece. Collinas e florestas á direita, praia e planicie á esquerda com illimitado horizonte. Deserto, porém deserto verde, pacifico, sob um céo suave, azulado ao alto, esverdeado ao occidente onde correm nuvens ligeiras que brincam com o sol. Essa grande massa acquosa varia do glauco ao cinza azul, ao cinza prateado, ás vezes. Nenhum ruido: é o silencio da creação do mundo.

* * *

Volto aos meus camponios, agrupados á pôpa, sob a bandeira vermelha; bebem agua quente e comem em silencio pão feito de trigo e de batatas. Uma camponeza, depois outras mais, fazem o signal da cruz. Quando acabam de comer, chega á ponte um homem que toca um realejo; em redor dessa musica barulhenta e monotona, os camponezes fazem circulo. Sobre o instrumento ha uma caixa; na caixa dividida em dois compartimentos, uma cobaia branca. Um dos compartimentos está cheio de palha e é a cama da cobaia; o outro é um bazar de imagens. Uma mulher se approxima, dá dez kopeks, o homem empurra a cobaia, que com o focinho levanta uma das folhas que contêm a resposta do destino. A mulher pega alegremente a folha e afasta-se para lêl-a ou pedir que a leiam. E' a "buena-dicha", equivalente á que alguns ceguinhos trazem na lapela; fichas vermelhas ou verdes que ainda divertem as creanças dos nossos campos. Aqui, até os adultos gostam disso.

A musica toca, o circulo augmenta em redor do homem. Soldados, officiaes e "kulaks" circulam entre os camponezes que bocejam nesse minuto em que conseguem esquecer a vida.

A' noite descerão á ponte inferior e toda essa massa depois de ter de novo comido, dormirá entre as bagagens. E amanhã, essa ponte parecerá um estabulo do qual sahirá, aos sons do sino, o melhor rebanho do mundo. Nucas largas e lombos enormes na mesma algazarra brutal de hontem á tarde.

* * *

Kazan

Dois ou tres kilometros de praia, onde duzentas chatas estão amarradas, quasi todas carregadas de madeira. O porto é bem longe da cidade. Entre esta e aquelle estende-se vasta planicie, humida e verde. O céo é baixo, cheio de nuvens. A multidão sempre primitiva. Camponezes com suas botas, camponezes com mantos de velludo verde e saias multicoloridas, fazem grande algazarra em redor de uma especie de mercado onde ha sómente cebolas, frutas e tomates. Cães de pello duro e focinho pontudo se misturam a essa desordem. Ao fundo da planicie, descobre-se o Krenlim dominado por uma alta torre vermelha. Atravessando-se um rio cujas aguas grossas mais parecem mingáo, vê-se uma egreja azul da base ao tecto. Dos dois lados de uma rua, que se parece com as nossas do seculo XVII, eis uma quantidade de barracas de madeira: é a cidade. Foi outr'ora tartara, capital do Estado tartaro de Kazan, e hoje ainda quasi todos os negocios têm taboletas nas duas linguas. Os Czares lá fundaram uma Universidade celebre, accumularam egrejas, crearam um convento fortificado, sentinella avançada da fé orthodoxa no meio dos infieis. Elles não demoliram, felizmente, o magnifico minarete de tijolos vermelhos donde se precipitou a rainha Soubeya, quando se viu vencida por Ivan o Terrivel. Acima dessa planicie, ao pé do minarete, póde-se meditar sobre esse choque brutal nos jardins que foram da princeza. Ivan o Terrivel, ahi sonhou, sem duvida. Depois se intitulou Czar de Kazan. Ao meio, ergue-se agora um busto em bronze de Lenine. E esse bronze rindo, nos fornece a conclusão.

Continuamos a descer. O Volga se alarga cada vez mais. Hontem, ao pôr do sol, era um lago violeta ao pé da tira verde-escura das collinas. Lá em cima o céo passa de um verde veronez ao vermelho e ao azul. Entre a costa e nós, uma barca negra lentamente subia, por esforço de remos invisiveis.

A' tarde, novo espectaculo, ainda mais bello. Primeiro a agua parece azul, de um azul de aço com palhetas de prata. Muito longe, uma collina de pinheiros se alonga e escurece pouco a pouco, sobrepujada pelo céo esverdeado. Deante de nós, do ponto onde o sol desappareceu atraz da floresta, tiras côr de rosa se escapam, atravessando um céo infinito. E' como um grande leque azul e rosa, que fica aberto durante alguns instantes, flammejante de côres, e de repente empallidece e se fecha. Atraz, algumas casas quadradas de um só andar, de madeira, com rez do chão pintado de vermelho,

pareciam olhar por todas as suas janellas vibrantes de luz. Bruscamente, extinguem-se as janellas. E eis o cinza que reapparece com o frio da noite.

* * *

Samara

Imaginae sobre a costa baixa contra a qual se apoiam innumeras chatas, uma multidão de casinhas pousadas sobre a praia, a vinte ou trinta metros do rio, receiosas das innundações. Acima, algumas chaminés de fabricas e torres de egreja. As mais esguias parecem minaretes. No porto, um accumulo de madeira e de toda sorte de rebotalhos, mixordia oriental. Parece que ha sessenta annos, a cidade era uma aldeia. Hoje conta 200.000 habitantes. Quando se passa o caminho de ferro, que tem apenas quatro linhas sobre o cáes, as ruas sobem direitas ao planalto, cortadas em angulo recto por outras vias parallelas ao rio. Largas, sem calçamentos, construidas por algum governador de alma militar, não dão certa harmonia á cidade que tem partes em ruinas. A multidão pulula, multidão de typo mongolico ou "kalmouk", de maçans salientes e nariz chato. Lá no planalto espalham-se as casas de um ou dois andares, raramente de tres, de madeira ou de tijolos, quasi todas pobres, velhas, prestes a cahir. Venezianas arrancadas, vidros quebrados, pedras mal fixas. Em cada escada falta algum degráo. A calçada é de seixos, nos quaes a gente torce o pé. Lama e poças de agua. Mas o turco, o russo, o balkanico, mesmo, em uma palavra, o oriental, com isso se acommoda.

Ha electricidade, telegrapho, telephone, correio movimentado. Toda essa gente crê no progresso. Nenhum auto; uma ou duas motocycletas, algumas bicycletas. Meios de transportes de 50 annos atraz; mas as creanças bem nutridas.

Uma das egrejas foi desguarnecida e depois de bem pintado o exterior e supprimidos os assumptos religiosos, nella se offerecem á multidão assumptos proletarios. Hoje é um clube sobre o qual, em vez da Cruz, fluctua a bandeira vermelha.

* * *

Sinto exprimir-me por imagens tão rapidas, mas é preciso dar a impressão do poderio, da immensidade, da extranheza da Russia. Essas aldeias perdidas nas florestas, essas especies de campos tartaros que são as cidades, nada temos que se lhes assemelhe, ou então seria preciso ir até as nossas colonias. Sobre o Volga, é possivel sentir-se ainda na Europa. Quando se atravessa a grande

floresta moscovita a gente é inteiramente devorada por um immenso paiz chato, com alguns campos cultivados, alguns charcos, e sobretudo, florestas. Betulas e pinheiros, pinheiros e betulas. Milhões de arvores, sempre as mesmas. Quando se atravessa a grande planicie da Ukrania, que é cem vezes a nossa Beauce, sente-se uma impressão terrivel, como em alto mar. Aqui, em vez de barcas desgarradas, encontra-se um cavalleiro isolado. Em vez de uma taboa perdida, um carro abandonado e, sobretudo, a impressão da immensidade. Quando o Volga rola de Kazan a Stalinegrado sua onda larga e poderosa, silenciosa e irresistivel, uma grande impressão de terror se apodera de nós.

Já pintei essa solidão, esses grandes espectaculos, onde no silencio implacavel, vê-se o globo em chammas, rolando no céo baixo, cahir no meio de immensas florestas que barram o horizonte. Nesse quadro illimitado o que mais surprehende é a presença do homem. Dir-se-ia que esse rio enorme, as florestas, o céo, os bancos de areia, representam um papel que o homem não deveria vêr, e que elle surprehende ahi um dos segredos da natureza.

O homem, entretanto, arranca-se a esta impressão esmagadora se na noite que cáe sobre elle medita em tudo quanto representa o poder dessas terras, dessas florestas, desse rio. Supponde o russo ao vosso lado, sentado sobre a ponte e meditando. Que vale o Occidente dentro do seu sonho? Elle sabe bem que tudo é possivel ao mechanico moderno, pois que tudo já é facil ao camponez de hontem. Amanhã, quando se levantar o dia, vêr-se-ão os penedos que se reflectem, em azul-cinza ou verde-cinza, na agua calma. A' esquerda, uma série de aldeias extranhas, occidentaes. Casas de tectos vermelhos. Ruas limpas. Uma apparencia da Bavaria ou de Hannover do seculo XVIII. São burgos agrupados em redor de egrejas eguaes ás nossas, fundadas no tempo de Catharina e dos colonos allemães. A capital é Marxstadt, outr'ora Katherinegrad. Esse conjunto constitue a Republica dos allemães do Volga e o sonhador pensa que o delineado hontem, será acabado amanhã; que o occidente, installando aqui a sua technica, acordará as velhas forças slavas e tartaras, e esse casamento dará, talvez, um dominador ao mundo.

* * *

Saratoff

Quanto mais se avança para o sul, mais a civilização se approxima. Uma duzia de egrejas, das quaes duas ou tres não servem

mais ao culto, quasi o mesmo numero de chaminés de fabricas, cinco ou seis navios no porto. E' Saratoff. Como todas as cidades do Volga, não tem cáes, mas pontões, mas uma grande praia que forma esplanada. A' primeira vista, parece mais russa que Samara. Encontram-se alguns kirghizes nas ruas e mesmo um camello, que aliás circulava sem attrahir a attenção dos indigenas. Os russos possuem o imperio num só bloco e, ao contrario de nós, elles têm, si assim se póde dizer, as suas colonias em casa.

Ao longo das ruas que sobem, calçadas de seixos e orladas de arvores, levantam-se cazinhas dentro de jardins. Que vida se passará ahi? Sem duvida a das nossas aldeias e provincias. Sómente, o habitante de Saratoff deve viver muito fechado na cidade. Em todo o caso, o clima é mais suave que o de Samara e o ar do sul já nos bafeja.

O immenso imperio vae do polo a regiões quasi tropicaes, onde vive a palmeira, onde amadurece a laranja, onde se colhe o chá e o algodão. Elle encerra no seu seio, ao mesmo tempo, polonezes, rumaicos, mongolicos e chinezes. E' possivel ir em cinco ou seis dias de Arkangel a Tiflis, isto é, do circulo polar ao scenario das "Mil e uma noites". E' o que nos faz sonhar.

* * *

Isso não impede que, em conjunto, o povo desse formidavel paiz tenha quasi em toda a parte a mesma alma. Exceptúo, talvez, os povos da Transcaucasia, que me pareceram muito singulares, e os do Turkestão, que não conheço. Mas, o que pude observar ao acaso, nos trens, nas estradas, nos navios, pareceu-me sempre um dos elementos dessa immensa massa pesada e bruta, comparavel a um enorme animal pelludo, fetido e prompto a vos esmagar, sem vos vêr.

Lembro-me, (deixando um instante o Volga) que algum tempo depois estive na Criméa visitando o castello de Livadia, edificado pelos Czares, para ahi passar o inverno.

Tinhamos descido do carro no pateo do castello e estavamos sentados num banco. Nos jardins, nos degráos da escada, tomando sol, homens que pareciam mujiks. Emquanto admiravamos essa construcção baixa, branca, pompeiana, de pedra ou estuque, com algumas columnas de marmore, um dos hospedes se approximou e depois outro. Traziam camisas russas, apertadas na cintura. Cabeças massiças recobertas de gorro de pelle, rostos furados pela

bexiga, barbudos, lembravam um rebanho. Craneos piriformes, orelhas acabanadas, olhos de verruma, labios apertados, ficavam immoveis e mudos, sem rir nem sorrir, como cães.

Um delles, em certo momento, falou ao interprete, que assim traduziu:

— Elle pergunta se os senhores viram bem todos esses camponezes no palacio.

Respondemos com um signal. Houve longo silencio. De novo elle nos disse, por meio do interprete:

— Quando fareis a mesma cousa em vosso paiz?

Referia-se, sem duvida, a um Czar que não possuimos (1) e que precisavamos derrubar.

Levantamo-nos para quebrar esse circulo tragico. Os camponezes se retiraram bruscamente, resumo brutal da attitude de 120 ou 130 milhões de homens que acordaram um dia com a Russia na mão e não se movem, o pulso agarrado á presa, ainda duvidando do seu triumpho.

* * *

Voltemos ao Volga, a esse maravilhoso rio, potente, largo, amplo, em cujas vagas sente-se toda a Russia de Moscou e de Kazan, slava e tartara, rolar silenciosamente ao mar. Eu poderia descrever durante dias e dias suas margens, cidades e aldeias ribeirinhas, sem exgottar o assumpto. Prefiro repetir o que disse um russo que descia commigo o rio:

— Não somos burguezes. Não tentamos melhorar isto ou substituir aquillo. Nossa vista é larga. Estudamos essa bacia do Volga e chegamos á conclusão de que só havia dois pontos interessantes: Nijni, ao norte, Stalinegrado ao sul, talvez Djegolinsky-Gore ao centro. Negligenciaremos o resto. Collocaremos nas duas cidades todos os nossos esforços, accumularemos nellas todos os nossos capitaes. Dentro de dez annos serão duas grandes cidades. Para isso é preciso uma especie de autoridade central que já temos.

Contemplou o rio:

— Ainda não podemos tudo. A guerra, a revolução, a guerra civil, a fome. Koltchak, para não falar senão delle, queimou sessenta navios de petroleo, além de sessenta de outra especie. Em 1913 o

(1) N. do T. — O autor não interpretou ao pé da letra a pergunta dos camponezes, que queriam saber quando a França fará a Revolução Social.

movimento sobre o rio era de 25 milhões de toneladas; é, por emquanto, sómente de 15 milhões. Mas iremos longe.

* * *

Na vespera, ou ante-vespera, tinhamos passado as portas de Djegoli, especie de desfiladeiro no qual o rio se aperta, tornando-se rapido e profundo, espumando entre penhas cortadas a pique, cobertas de pinhos, de betulas, e de faias agarradas ao basalto.

Meu companheiro tinha contado a historia de Stenka Razine, famoso pirata cossaco, que foi no seculo XVII o chefe de uma das mais poderosas revoltas camponezas que a Russia conheceu. Muito tempo limitou-se a assaltar as caravanas que iam de Nijni-Novgorod a Astrakan e á Persia, ou que, ao inverso, subiam o rio. Seguido por ardentes companheiros, chegava aos negociantes, fazia-se pagar e em caso de resistencia pilhava e matava. Depois, faziam longas orgias sobre as margens. No fim, de bandido tornou-se um revolucionario, levantou os camponezes e marchou sobre Moscou. Mais tarde Pougatcheff fez a mesma cousa e abalou o throno de Catharina. Ambos foram subjugados e Stenka executado em Moscou.

Meu companheiro tinha mostrado ao longe uma montanha pellada no meio de outras verdejantes, montanha redonda, calva e núa como uma caveira. Os camponezes, continuou, pensavam que alli Stenka escondia os seus thesouros. E ha duzentos e cincoenta annos fazem excavações. Riu-se e deixou-me. A barca singra o Volga, cuja onda larga, ampla, limosa, dourada, rola lenta e pesadamente numa longa vaga que parece as pregas de um brocado e vae até ás margens onde se quebra em espumas. Ouço, junto a mim, ferver o grupo dos camponezes que desde a nossa partida se renovou cinco ou seis vezes, e parece sempre o mesmo. Talvez Stenka ou Pougatcheff tenham voltado, talvez vivam ainda sob jaquetas gordurosas forradas de pelle de carneiro. Quem sabe se alguem, excavando a montanha do insurrecto, em logar de tirar o seu thesouro, tirou de lá o seu espirito?

Nascimento e triumpho da industria

VIII

O conde Witte e a industria — Mystica industrial — Typo da fabrica russa: a officina de Proudhon — O apoio extrangeiro: machinas, engenheiros, creditos — Rythmo do trabalho — Criar especialistas — O operario vindo da aldeia — Instituto de Trabalho — Racionalização — A Sciencia a serviço do Estado — Uma Republica fabril — Uma cidade e cinco fabricas — O antigo general Kvessine — O campo sobre o Volga.

E' o conde de Witte. um dos maiores homens de Estado do antigo regimen, talvez o unico com Stolypine (deste se vê o tumulo na Lavra de Kiew, perfeitamente respeitado pelos bolcheviques), é o conde de Witte que deu antes da guerra vivo impulso á industria russa. E se assim forneceu exercitos a Lenine, é uma outra historia.

Em 1917, o progresso era insignificante. Nessa época não se encontrava, sobre quatro inglezes, um que fosse camponez. Havia um francez sobre dois. Na Russia, quando a revolução rebentou, sobre dez russos, nove eram camponezes, e mesmo habitando a cidade não eram operarios. A Russia era, ainda é, apezar de tudo, apezar da amplidão do Plano Quinquenal, uma nação onde a agricultura é muito maior que a industria.

* * *

A revolução foi feita pelo proletariado urbano, e sobretudo pelo das fabricas. O poder dos bolcheviques repousa quasi unicamente sobre os operarios. Ajuntae a isso a influencia dos revolucionarios que voltaram do occidente e a do marxismo. Os russos acham que a revolução foi feita, não contra as leis de Marx, mas apezar dessas leis; que ella tinha alguma cousa de artificial, que não seria natural e indestructivel senão no dia em que a Russia se tornasse um grande poder industrial.

Assim nasceu a "mystica da industria", que não se traduz sómente pelo furor com que se quer executar o Plano Quinquenal, mas tambem, sobretudo, pela verdadeira loucura com que o russo jovem se afasta das carreiras que chamamos liberaes, para entregar-se á chimica industrial, á mechanica, á electricidade. Peor ainda, afasta-se da pesquiza pura, para levar toda sua alma á sciencia applicada. Vontade de creação sem duvida e de poder; mas de poder brutal, de creação palpavel e visivel, traduzida pela engrenagem complexa das machinas. Edificação, seja do que fôr.

Quando eu noto esta paixão curiosa de entregar-se ao campo material, da parte de todos os jovens russos, e me vêm dizer que Staline foi um papalvo imaginando e applicando o Plano Quinquenal, levanto os hombros e penso que em primeiro logar esse plano foi discutido durante tres annos, em todas as cellulas, antes de ser admittido em principio, e, depois, que Staline era empurrado por uma onda poderosa e, se tivesse resistido teria sido esmagado pela esquerda de Trotsky, o qual, roubando-lhe a idéa e reunindo a mocidade operaria, se teria servido della como de uma catapulta, para arrazar tudo.

* * *

A fabrica russa não é, como na França, um simples organismo de producção. E' um organismo de estudos, com laboratorios numerosos, e acima de tudo, um organismo de aperfeiçoamento. Acceitam-se aprendizes estudantes, formam-se operarios especialistas, engenheiros. A fabrica se torna assim uma pequena republica que trabalha, produz, mas tambem ensina, educa e aperfeiçôa. O homem ahi encontra ao mesmo tempo a officina e a escola, o instrumento e o livro, sem falar do restaurante e do clube. Proudhon louvaria isso.

Nas maiores usinas os annexos: restaurantes, clubes e escolas, cursos, bibliotheca, sala de cultura physica, acham-se sempre nas proximidades. E' o caso da "Borracha Vermelha" em Moscou. O clube, porém, está geralmente junto da officina, da qual faz parte integrante. A fabrica não apparece mais ao operario como a condemnação aos trabalhos forçados, mas sim como seu quadro natural, quasi como seu lar.

Juntae a isso que elle se sente o proprietario e até certo ponto, o seu estado de espirito é o mesmo do francez, que tem possessões

no Suez, e nunca as venderá, se bem que, como é aliás comprehensivel, não se póde comparar nosso operarió com o dos Soviets.

* * *

Imaginae-vos um pouco na pelle de um desses operarios, que allia ao seu trabalho manual, graças ás Faculdades Operarias, um serio trabalho intellectual. Elle se considera como membro de uma "élite", e, sem desprezar o camponez, sabe o que delle o separa, sabe que é preciso que seja elle, o operario, a mandar. Isso para evitar os excessos, pois o camponez, chegando á usina, faz sempre communismo puro. O operario sabe que, quanto mais fabricas, mais operarios haverá e menos riscos correrão de serem esmagados pelo fluxo camponez. Assim se procura o equilibrio, senão entre o operario e o camponez, ao menos entre a producção industrial e a agricola. Isso se traduz necessariamente pela manutenção da dictadura das cidades, dos operarios, do Partido (tres termos que não são identicos, mas que se podem sobrepor). Os adversarios do Plano Quinquenal sabem o que fazem. Baseiam-se sobre o camponez e a constituinte sobre o numero e sobre a eleição.

* * *

Percorramos agora uma usina. Poutillof é conhecido e os textis das cercanias de Moscou tambem. Mais tarde veremos em Stalinegrado, sobre o Volga, o que se póde chamar uma republica fabril. Vejamos hoje cousa mais simples, uma usina de machinas agricolas em Rostov-sobre-o-Don. E' ao mesmo tempo estaleiro e fabrica. Alli se constróe ainda, e já se fabrica. Na officina de montagem, a observação é clara. Entro, olho. Trezentos operarios estão occupados na parte direita, trabalhando silenciosamente na carpintaria. No outro lado, os ferreiros e serralheiros estão acabando a construcção.

Em 1922, nada existia sobre esse terreno: era uma planicie raza. Actualmente, 15.000 operarios ahi labutam. Sobre 120 hectares, os edificios se levantam e já todas as secções trabalham, embora apenas 55 % do conjunto esteja montada. Fabricam-se nessa curiosa usina, com toda perfeição, carros de camponezes e arados. Materias primas: 600 toneladas de madeira e outras tantas de ferro por dia. Producção: 300 carros por dia, mais de 100.000 por anno. Junte-se tambem 100.000 arados.

Fabrica formidavel num scenario extremamente moderno, cujas obras estão retardadas. Por que? Explicam-nos:

— Os fornecimentos do extrangeiro chegam sempre atrazados.

Examino as machinas. Ha 662 machinas americanas para collocar aros na roda dos carros. Adeante, na secção de ajustagem, o pessoal quer fazer, elle mesmo, as peças avulsas. Encommendaram 945 machinas para as fabricar e só receberam 50. Na hora actual a metade dos utensilios da usina vem do extrangeiro. O resto é produzido pela Russia. O facto é que, á parte algumas russas, quasi todas as machinas são americanas ou allemãs. Por todos os lados se lê este nome Magdeburg.

E essas machinas se estragam facilmente, porque os operarios ainda não as conhecem bem. Elles têm necessidade da America e da Allemanha, para pôr tudo em movimento. Um engenheiro americano dirige technicamente o negocio; isso não lhes basta. Pedem ainda, encarecidamente, 40 engenheiros extrangeiros, além de operarios especialistas. Na America, pediram especialistas ás firmas que lhes fornecem as machinas. Recusaram. Aqui, tocamos com o dedo uma das falhas da industria russa. Mas é preciso dizer que, por uma que recusa, ha dez que acceitam e nas numerosas fabricas encontraremos engenheiros e contra-mestres allemães. Poderia haver francezes. Só os ha no alluminio, disseram-me, porque a França é especialista nessa industria.

Em Rostov o director e o sub-director economico são russos. O sub-director technico é americano. O director é que nos conduz. Antigo operario, tem o aspecto commum, a palavra rude e parece gozar de real autoridade.

* * *

Sete horas de trabalho interrompidas por uma de repouso. Come-se na usina: não se perde tempo. O trabalho se faz por turmas, tres por dia. A hora de repouso é tomada pela refeição e um pequeno passeio. Vêem-se os operarios irem em turmas disciplinadas do refeitorio á sala de leitura e d'ahi á fabrica. Os chefes, directores e vice-directores, têm poder absoluto.

O trabalho em serie, e por tarefa.

E, como eu me admiro, perguntam-me se conheço outro meio de accelerar a producção. Observemos de passagem a idéa da semana ininterrupta. O homem repousa, dizem elles, mas a machina trabalha. Como se a machina não tivesse tambem necessidade de repouso. Mas, como actualmente elles têm pressa, só param as machinas o tempo necessario para as reparar.

Salario minimo, e mais um tanto por peça. O trabalho se faz por grupo de dois ou tres; é o grupo que aproveita o sobre-salario e não cada homem.

Procuro seguir o rythmo desse labor. D'um modo geral, não é o trabalho facil e rapido dos nossos homens. O operario russo não vale o francez. Occupa-se do visitante, fuma e brinca. Sobre esse ponto de vista, dizem-me que as mulheres são superiores, mais doceis para a machina.

Sente-se em toda essa gente a persistencia do espirito camponez, do qual é symbolo o lenço vermelho sobre a cabeça das mulheres. (1) E' um povo rude, é um povo de obreiros primitivos.

* * *

Os Soviets sabem-n'o tão bem quanto nós. Estão informados de que as machinas se estragam facilmente e que a qualidade de muitos productos é ruim. Meditaram, como nós, deante de todos esses ferros inutilizados que se accumulam nas portas das usinas.

Por isso, ao mesmo tempo que acceitam o braço de todo camponez á procura de salarios elevados, erguem centenas e milhares de fabricas sobre todos os pontos do territorio, industrializam com empenho o paiz, importam engenheiros e contra-mestres americanos e allemães, esforçam-se por formar engenheiros, contra-mestres, operarios especializados.

Tarefa ardua. Tarefa difficil, que parece "a priori" exigir tempo. Tarefa que, entretanto, outr'ora, Pedro o Grande levou a cabo entre 1700 (Narva) e 1709 (Poltava) no exercito. Será necessario mais tempo para formar um bom operario que um bom soldado, um bom engenheiro que um bom official?

* * *

O operario russo infelizmente se oppõe á racionalização, aos methodos de trabalhos modernos, pelo seu proprio idealismo. Assim, como todo o camponez, não tem nem idéa do tempo nem idéa do preço. Um exemplo: na usina dos tractores de Stalinegrado elles exigiam, no principio, que puzessem fóra toda a producção imperfeita. "Somos os proprietarios, diziam, e só queremos produzir artigos perfeitos."

---

(1) N. do T. — O autor labora num erro. As mulheres de lenço vermelho na cabeça estão filiadas ao Partido Communista. E' um distinctivo.

Mentalidade de artifice. Comparae-a com a pouca attenção que o operario americano presta ao que faz. Falae-lhe, sim, de quantidade, porque ganha por peça, mas nunca de qualidade. Nunca será capaz de fazer lentamente uma obra-prima.

Foi possivel primeiro retel-o na usina, dando-lhe varias vantagens, o que não era facil, tendo em vista o genio errante da gente russa. Salario minimo de 70 rublos. Trabalho limitado, 7 ou 8 horas. Repouso de um dia sobre cinco. Possibilidades de augmento no trabalho por peças. A miragem dos salarios altos, e a facilidade para os jovens que se formarem em institutos de trabalho. Féria regular de duas semanas, pagas, que a terça parte dos operarios passa em casas de repouso. Muitas vezes alojamento em casa operaria, melhor e mais hygienica que a commum. Espectaculos, clubes, festas, esportes. Coisas todas que exercem uma poderosa acção, ao menos sobre os jovens. Dispondo, por outra parte, da massa, e massa disciplinada, o governo sovietico tentou obter uma massa altamente qualificada.

* * *

Visitei longamente um dos institutos que em Moscou se esforçam para resolver o problema. De 1924 a 1928, dizia-me o director, passaram por aqui 28.000 operarios. No começo de 1930 propoz-se aos institutos preparar 60.000. Elles acceitaram, attingindo 80.000 e depois 100.000. Actualmente temos 4.000 operarios divididos em quatro grupos, que se substituem de 6 em 6 horas. Passam aqui 4 mezes; preparamos, pois, 12.000 por anno. Os outros Institutos, de Moscou, Leninegrado, Karkoff, Sverdlosk, vão pelo mesmo rythmo e isso nos dá 48.000 por anno. Tambem já começamos a enviar instructores á provincia. Estabelecem-se barracas na vizinhança das usinas e se faz para a carpintaria, forja, olaria, para todos os officios que não exigem instrumentos especiaes, uma especie de curso de aperfeiçoamento que dura 4 mezes, durante os quaes o operario recebe o seu salario habitual, submettendo-se a um trabalho que melhora sensivelmente o seu valor e augmenta a sua capacidade de producção. Para serraria, montagem, trabalhos de precisão, preferimos enviar os homens a Moscou, destinando-os a outro instituto de trabalho.

Objectei que isso não bastava para formar operarios conhecendo inteiramente o seu officio. Concordaram commigo, dizendo mais que era necessario marchar o mais de pressa possivel, o que é a preoccupação russa.

— Procuramos, com effeito, a massa. Formamos, mesmo, incompletamente, 100.000 operarios por anno. Vamos desenvolver a nossa obra de tal modo que poderemos rapidamente formar, decuplicando, o numero dos nossos instructores na provincia, 500.000 e mesmo um milhão de operarios por anno. Assim, em dez annos poderemos contar 10 a 20 milhões de operarios qualificados, ou, pelo menos, muito bons, e nos collocaremos, assim, como uma das potencias industriaes do mundo.

Eis ahi algarismos que sem duvida fazem meditar.

E' claro que se racionaliza. Tomemos como exemplo as tecelagens de Moscou. Antes de 1917 um operario attendia dois bastidores e os attendia mal. Hoje, cada operario se occupa de 10 a 30 bastidores, mas exerce uma funcção precisa. Em média, empregam-se 4 operarios para vinte bastidores, ou seja um por cinco, em vez de um por dois outr'ora, e o trabalho é melhor.

Creou-se um instituto de protecção ao trabalho. E' curioso vêr que não sómente esse instituto estuda os perigos que ameaçam os operarios na fabrica, assim como os meios de os evitar, servindo de base scientifica ao Commissariado do Trabalho; contribue para a elaboração do Codigo do Trabalho. Os seus conselhos são sempre ouvidos. Todos os planos que elabora são acceitos pelo Commissariado. Visitei laboratorios, como o do Instituto Central para Estudo de Doenças Profissionaes (orgão que tem filiaes em todas as grandes cidades russas-. O primeiro possue cerca de 300 collaboradores, medicos, engenheiros, chimicos, physicos e psychologos. Tem um orçamento de um milhão e trezentos mil rublos, ou sejam quinze milhões de francos. Foram votados pelo governo mais 42 milhões de francos para construcção de um novo Instituto.

* * *

Renuncio a dar uma multidão de outros detalhes que talvez interessassem o leitor, para lhes mostrar o que chamo uma Republica fabril. E' a antiga cidade de Czarisine, que se chama hoje Stalinegrado. Czarisine, antes da revolução tinha 40.000 habitantes e duas fabricas. Em 1929, 192.000 habitantes. Hoje a população é superior a 300.000 e progride sempre. Stalinegrado está situado sobre o Volga, á pequena distancia do ferro do Ural, do petroleo de Batum, do carvão de Donetz. Quando fizerem o canal Volga-Dniepper, que faz parte dos projectos bolcheviques, a cidade será uma das metropoles do sul.

Logo após a guerra civil, um homem tomou conta desse emprehendimento. Um certo Kvessine, que terá hoje 35 annos. Em 1917, elle era barbeiro; durante a guerra tornou-se general. Passou 3 annos em Berlim, na direcção commercial, e veio a Stalinegrado como dictador. Lá está em camisa russa e botas. Jovem, alegre, vivo, transpirando audacia e força de vontade. Elle explica, sobre o mappa, antes de nos levar ao terreno: — O que está em pé hoje representa 100 milhões de rublos, mas durante os dois primeiros annos do Plano, foram investidos nos trabalhos da cidade, 250 milhões. Em 5 annos será investido um total de 900 milhões.

Quizeram edificar, desenvolver (pois já existiam duas, das quaes uma franceza) cinco formidaveis usinas: metallurgia, superphosphatos, autos, tractores, tudo isso cercado de casas operarias, em summa 5 cidades reunidas por um caminho de ferro electrico. Em 6 de Novembro acabaram a grande Central. Ella dá 40.000 kilowatts. No fim do quarto anno do Plano, Outubro de 1932, ella dará 200.000 kilowatts e fornecerá electricidade a todas as usinas de Stalinegrado. A usina de autos tem o numero 5. Duas funccionam inteiramente e as outras duas estão construidas pela metade (já se trabalha nellas). Não se começou a edificar a quinta, senão neste inverno. Deve fornecer 300.000 autos por anno.

Ouço francezes objectarem:

— Que exaggero! Tresentos mil autos? Que um auto dure sómente 5 annos e isso daria á Russia, lá por 1938, um milhão e quinhentos mil.

Dizei isso ao General Industrial Kvessine e elle vos dirá que tambem não era facil derrotar Denikine, Koltchak ou Wrangel e que elles foram derrotados. Os 300.000 autos serão fabricados.

Elle calcula:

— Actualmente, 16.000 operarios constróem; 7.000 fabricam. Quando tudo estiver acabado, serão 10.000 na fabricação. E, passeando através das forjas, elle nos confia que Stalinegrado produz, na hora actual, 400.000.000 rublos por anno. No anno proximo, diz elle, serão 550 a 600 milhões. E penso que nessa marcha, os 900 milhões investidos voltarão logo.

Esta organização de todos os diabos exige seu exercito especial, isto é, sua cidade independente, e casas para seus operarios, com sala de jantar, cozinha commum, créche, jardim da infancia, hospitaes dispensarios, escolas. Querem tambem construir fabricas de conservas, em ligação com os restaurantes das casas operarias.

E' preciso que a cidade produza tudo quanto por ella fôr consumido. A direcção já inverteu dez milhões de rublos por anno para construir em redor de Stalinegrado as chacaras que fornecerão frutas, legumes, manteiga e leite. Não é essa uma perfeita republica fabril? Das cinco usinas, ha uma que fabrica tractores funccionando admiravelmente.

— Qual é a producção?

Resposta: — 4.000 por mez.

E Kvessine accrescenta: 3 usinas fabricam tractores na Russia: Stalinegrado, Novo-Sibirsk, Poutiloff. Temos 30 milhões de cavallos trabalhando, sem contar os bois, e é preciso substituil-os. Um tractor dura 5 annos, menos que um cavallo.

Percorro a usina dos tractores acompanhado por um americano. Trabalham ahi 340 engenheiros e contra-mestres com machinas americanas. 960 machinas de precisão, todas em movimento, eu as contemplei na voragem estonteante da immensa officina de ajustagem.

* * *

Que direi ainda? Tinha observado primeiro a cidade das margens do Volga. Essa multidão de cazinhas agarradas ás collinas fulvas ou verdes parecera pobre, mediocre e suja. E como as fabricas têm designações romanticas: "As barricadas", "Outubro vermelho"! Ellas levantam sua estructura orgulhosa no meio de tudo isso e lembrei-me, sem querer, das casas dos servos hoje rodeando a fabrica, como outr'ora rodeavam o castello. Muitos elementos me solicitavam para que eu pudesse reduzir a cidade a uma formula tão simples. 19 navios, 13 chatas balançavam-se contra a margem. 80 reservatorios de petroleo alinhavam-se mais além. Todos esses hangars, a via-ferrea que segue o rio, esses petroleiros, especies de enormes barris rectangulares, que deslizam mais longe, e na sombra das usinas, tres, quatro, cinco egrejas vermelhas, brancas e verdes com cruzes de ouro, emfim, o grupo de casas; todo esse grande corpo em acção, força o sceptico ao silencio.

Certamente, Kvessine me deslumbra quando diz que amanhã haverá cinco cidades de 120.000 almas cada uma. E elle nos mostra os mappas, mas emfim as cinco cidades lá estão, menos gigantescas do que nos seus sonhos, e a população ferve no porto e nas ruas como a madeira fluctúa sobre o Volga.

Que me importam, depois disso, os piolhentos, os pés descalços, a sujeira das ruas, as nuvens de pó e a lamaceira? O bonde

não acaba de atravessar esse monstro de cinco cabeças, essas cinco cidades differentes e ligadas. Depois, é o caminho de ferro que ronca, através de um solo pellado e poeirento, onde se aninham cazinhas de madeira, uma aldeia grande como uma capital, um immenso campo. Alguma cousa de analogo á nossa antiga barreira, mas extendendo-se por kilometros.

No centro, tudo estava construido; depois vieram os estaleiros, os andaimes, os aterros, os operarios, a creançada, os cães. A technica occidental levanta braços de guindastes, arredonda reservatorios, empurra para o céo chaminés de tijolos, fazendo mover os martellos enormes que os indigenas contemplam. Através da obra prima do ex-general Kvessine, passam carros de feno puxados por buffalos enlameados. Imagem da vida nomade que Kvessine e outros recalcam a soccos, a ponta-pés, no coração medroso das gentes, um camello philosopho acocorado na sua defecação, nos olha passar.

A regra de ouro do trabalho

IX

Os syndicatos e o poder — O dia de trabalho — Não ha greves entre os Soviets — Protecção do trabalho — Seguros sociaes — Paralysação do trabalho — Trabalho forçado — Trens de mortos e degredados para a Siberia — Clubes — "A Borracha Vermelha" — Jogos e trabalhos — Circulos e cantos vermelhos — Sempre as republicas operarias — O estadio Dynamo.

Deixemos o camarada Kvessine na sua dictadura e voltemos ao operario russo em geral. O fim visado pelos soviets é a collectivização da economia nacional. Poder-se-ia crer no occidente que não ha syndicatos na U. R. S. S., ou que pelo menos o syndicato lá não é tão necessario e poderoso como na França. Ora, é preciso comprehender que se, de 1917 a 1921, tentou-se desenvolver o plano collectivista, em 1921 fez-se marcha ré e com a nova Politica Economica e a apparição do capital privado e das concessões, desenhou-se de novo a luta economica entre o trabalho e o capital. Os syndicatos que até então tinham por tarefa principal organizar a producção e restabelecer as forças industriaes do paiz, recomeçaram a se occupar da defesa dos operarios, mesmo nos emprehendimentos do Estado onde certamente não póde haver luta de classes, pois sómente a classe operaria ahi está representada, mas onde entretanto um controle póde ser organizado para evitar excessos.

Presentemente, entra-se nos syndicatos por inscripção individual, como entre nós, com pagamento pessoal de cotizações. Os syndicatos da U. R. S. S. são centralizados, são agrupados por industria; todos os trabalhadores em um ramo industrial, entram no mesmo syndicato. Exemplo: todos os trabalhadores da industria metallurgica entram no syndicato do ferro, tanto o engenheiro como o contabilista, o fundidor, o manobrista. Em 1.º de Janeiro de 1930, contavam-se na U. R. S. S. 23 federações com mais de 11 milhões de membros, dos quaes 90 por cento operarios.

O orgão supremo é o Conselho Central dos Syndicatos, eleito pelo Congresso dos Syndicatos da União.

* * *

De accordo com os Soviets, os syndicatos estabeleceram uma regra nova e uma legislação do trabalho. Sob os Czares, trabalhava-se frequentemente 11 e 12 horas por dia. Primeira reforma: decretou-se o dia de 8 horas sem admittir excepção. Assim, as horas supplementares, em regra geral, não são admittidas senão em casos excepcionaes. O trabalhador não deve fazer mais de 120 horas supplementares por anno, nem mais de 2 por dia.

Essas horas são pagas, uma vez e meia a tarifa ordinaria pelos 90 primeiros minutos e, depois, duas vezes a tarifa. As horas supplementares occupam logar muito reduzido durante o tempo de trabalho effectivo de todos os mistéres, e o syndicato póde sempre oppor-se. A unica excepção é concernente á agricultura, na qual, segundo a estação e a urgencia dos trabalhos, admitte-se o prolongamento da jornada até 10 horas. Nos mistéres particularmente penosos, ou insalubres, a jornada é reduzida a 6 ou 7 horas, ou mesmo 4 (nos escaphandros e nos trabalhos em que se empregam corantes mineraes).

O trabalho da noite tem uma hora menos que o do dia. A jornada é de 6 horas para todos os adolescentes de 16 a 18 annos e de 4 horas para as creanças de 14 a 16.

Nos escriptorios, administrações e escolas, jornada de 6 horas consecutivas como em toda a Europa Central e Oriental. Os directores, chefes, altos funccionarios de Estado, do Partido e dos Syndicatos, devem trabalhar sem limite de tempo.

Os Soviets melhoraram o systema da semana ingleza; entre elles, o operario trabalha quatro dias e tem repouso no quinto.

* * *

O operario dispõe, theoricamente, de um salario minimo de 70 rublos e o trabalho por peça é admittido, como já disse, pela razão de que no systema dos Soviets, o operario trabalha para elle e não para um patrão.

De modo geral, as condições do trabalho são reguladas pelos syndicatos, por meio de contractos collectivos assignados com a direcção das empresas.

Recentemente os Soviets declaravam que o nivel dos salarios na industria era o de antes da guerra, sendo em certos ramos su-

perior (industria leve) e noutros inferior (industria pesada). Não se póde saber, por causa do valor actual do rublo e pela variação do seu poder acquisitivo, o que ha de real. Setenta rublos (salario minimo) devem ter o poder acquisitivo de quatrocentos ou quinhentos francos francezes. E' pouco, mas é preciso ter em conta certas condições vantajosas, e a facilidade que tem o operario de receber muito barato o que lhe é necessario, nas cooperativas ou nas fabricas-cozinhas que lhe dão o repasto do meio-dia.

Exemplifiquemos. O operario de Moscou e a operaria, vão tomar uma refeição numa fabrica-cozinha. Ahi comi ao lado de operarios, pagando os preços que elles pagam. A sopa com um pedaço de carne, dois pedaços de pão, um pouco de carne e legumes, chá. Preço: 25 kopeks, isto é, 3 francos, 12 centimos. Procuro em Paris um restaurante que me possa dar almoço por esse preço e não o acho. O operario póde assim comer ao meio-dia, durante 30 dias, por 94 francos. E' baratissimo. A usina-cozinha em questão, dá 40.000 refeições por dia e ha tres que funccionam em Moscou. (Uma quarta se acha em construcção.)

Compare-se tudo isso com o antigo regimen. O erro é sempre de querer comparar o operario russo com o nosso, o camponio russo com o nosso camponio. Por que não comparar Kamchatka á rua de Belleville?

Por outra parte, o operario não é forçado, como muitas vezes os nossos, a fazer greve. Os antagonismos entre empresas e syndicatos são resolvidos pelas Commissões de Conflictos nas sessões locaes do trabalho, e se ha contracto geral, pela Commissão Central de Conflictos no Commissariado do Trabalho. Os Soviets apresentam a respeito algarismos que impressionam: uma media de 3.500 conflictos por anno, que teriam, se não fossem resolvidos, privado de trabalho 1.500.000 operarios. Os julgamentos arbitraes resolvem cerca de tres quartas partes dos conflictos, mas não ha greve, mesmo quando os dois partidos ficam nas suas posições respectivas.

Facto notavel: pois é possivel que o Occidente não se admire desse phenomeno, que sómente a Russia e a Italia fascista apresentam ao mundo!?

* * *

Ha seguros sociaes na Russia. Os principios sobre os quaes repousam começam apenas a funccionar entre nós.

Na União dos Soviets, o seguro social se extende a todos os trabalhadores sem excepção. (Sabe-se que na França os burguezes não são segurados. D'ahi se deduz que ha classes e por conseguinte lutas de classes na França.) Não ha classes nem lutas de classes entre os Soviets.

Todas as despesas recáem sobre o concessionario ou sobre o Estado e em caso algum sobre os salariados. (Na França uma parte das despezas recáe sobre o salariado, mesmo quando o patrão é o Estado.) O que fará prazer ás mutualidades e a certas organizações independentes da França, é que os orgãos de seguros entre os Soviets são eleitos independentemente, agrupados, segundo as provincias ou Republicas federadas, sob a autoridade de uma direcção central.

O orçamento é fornecido pelo Estado e pelas empresas que pagam taxas, variando entre 16 e 22 por cento dos salarios, á caixa dos seguros. Esta é controlada pelos syndicatos e dividida em fundos particulares.

Naturalmente, é difficil ao observador perceber de maneira precisa se essas companhias de seguros funccionam perfeitamente. Inquerito longo e difficil. O fundo da falta de trabalho parece insufficiente. Sob esse ponto a questão está um tanto obscura. Os inimigos dos Soviets apresentam a falta de trabalho como endemica na Russia e gostariam de nos fazer tomar os grupos de russos que vadiam pelos caminhos de ferro, ou dormem pelas estações, ou que arrastam os pés nas portas das cooperativas, por operarios sem trabalho. A honestidade nos obriga a dizer que não se vêem na Russia os cortejos dos sem-trabalho encontrados em Londres ou Nova York. E' verdade que na Italia tambem não são elles vistos. Nada menos visivel que a falta de trabalho, quando o Governo é senhor da imprensa e faz questão de esconder a sua chaga.

Entretanto, os adversarios dos Soviets parecem não ter razão sobre esse ponto: os Soviets não têm da falta de trabalho, a mesma concepção dos inglezes. Sabe-se que o mineiro inglez que não tem serviço na mina, recebe uma subvenção e póde recusar-se a fazer outro trabalho no qual não seja especializado. Outros, recusam-se a emigrar, e alguns ha dez annos não trabalham. Não é assim na Russia. O que não tem trabalho, ao fim de 6 ou 9 mezes deve procurar qualquer outra occupação, caso contrario é enviado á Siberia, onde deve cortar lenha, tarefa bem rude. Mesmo vagabun-

dos e todos quantos perambulam sem occupação, têm esse destino. Comprehendi, em summa, que os Soviets não querem preguiçosos.

* * *

Vê-se sempre a applicação dos methodos de Pedro o Grande, e é a isso que a imprensa do Occidente chama de trabalho forçado. E' o que faz encolerizar a imprensa britannica, porque á tradição ingleza repugna limitar os direitos do indivduo.

Isso é effectivamente trabalho forçado, segundo a imprensa do Occidente; mas o exemplo foi dado pela Inglaterra quando ella empregava a mesma imprensa para recrutar marinheiros. O mesmo systema empregou em relação aos soldados. Isso não sómente no seculo XVII e XVIII, mas tambem no seculo XIX. Accrescentemos, ainda, que o trabalho forçado existe nas colonias francezas, inglezas e hollandezas.

Lembro-me de ter visto na plataforma de uma estação, Kharkow, creio, o seguinte espectaculo: queriamos atravessar a via; um gendarme, de revolver ao lado, nos prohibiu avançar. Vimos, então, na plataforma fronteira, uns quarenta homens acompanhados de oito gendarmes. Esses homens iam de 4 em 4, todos mal vestidos, com ar de vagabundos ou miseraveis. Não havia entre elles velhos nem creanças; a maior parte levava um embrulho ou uma pequena mala. Alguns nada levavam. Atraz da ultima fila, uma mulher, que certamente acompanhava um delles. Notei que um estava descalço. Todos deviam ter recebido instrucções, pois nenhum falava, resava ou chorava. Eram conduzidos como soldados e, sem brutalidade, obedeciam o commando. Mais uma vez evoquei a sombra de Pedro o Grande.

Segundo informes de fonte branca, ou socialista, actualmente ha na Siberia muitas centenas de homens fazendo parte da companhia de lenhadores da qual falamos. Disciplina estreita, vida dura, mortalidade elevada. Disseram-me, mesmo, que os trens especiaes que levam para lá os "kulaks", antigos funccionarios, antigos officiaes, poppes, banqueiros, tinham sido baptizados por "trens da morte", pois ahi se morre tão facilmente como nos navios que outr'ora transportavam á America o ébano, ou nos trens que, em 1871, o sr. Thiers mandava aos pontões. O primeiro facto é certamente verdadeiro e o segundo provavelmente falso. Os Soviets utilizam os desempregados, dos quaes muitos devem, com effeito, ser suspeitos ou desclassificados, para cortar madeira na Siberia,

mas não os matam, do mesmo modo que o carroceiro não mata o seu cavallo e procura alimental-o bem.

Voltemos ás fabricas. Em cada empresa, usina, sitio, hospital, escola, ha um clube. Eu os vi até nas prisões, onde a capella fôra transformada para esse fim. Um clube é uma sala onde se póde fazer musica, cinema, theatro, conferencias, tendo ao canto um piano, um estrado e, ás vezes, uma tela de projecção. Adeante, cadeiras ou bancos para 50 ou 100 pessoas.

A' parede, no logar de honra, grande quadro representando Lenine, geralmente na tribuna, cabeça núa, gorro apertado no punho esquerdo, emquanto extende o direito. Muitas vezes Lenine e Staline, o rei e o delphim. Lenine quasi paralysado e Staline negro, concentrado, como se vigiasse. A's vezes, Staline sozinho, ou Vorochilloff, ou Rickoff, ou Kalenine, presidente dos Soviets. Eis tudo. Nunca vi outros retratos, excepto em clubes militares, onde apparecem Boudienny, general Kamenev, ou Frounzé, o antigo ministro da guerra que conquistou a Criméa e derrotou Wrangel. A's vezes, nas Republicas autonomas, acham-se tambem retratos de chefes locaes, bustos de Marx e Engels. Lenine, porém, sempre e acima de tudo.

* * *

Vejamos um exemplo. Em Moscou existe, em face da fabrica "A Borracha Vermelha", o clube do mesmo nome. E' um grande edificio de muitos andares; ha logar para 3.000 operarios e operarias na fabrica. E' preciso que elles se sintam á vontade e não como sardinhas em lata. Entremos.

Corredores e escadas enchem-se da mocidade alegre que brinca, ri, fuma. Vejo que a jornada acabou e que hoje é um grande dia. Trata-se da nova preparação dos quadros nas tres grandes fabricas de borracha que vão ser construidas. Isso permitte comprehender a affluencia a essa grande sala, mas não a vida que anima a casa do começo ao fim. Todas as noites é assim; o clube é um logar onde se sente um calor cordeal, onde se tem prazer, onde se acham os camaradas, onde se marcam os encontros. A maior parte dos operarios frequenta-o todos os dias. São raros os que vêm apenas algumas vezes por semana. Esta noite ha conferencia, a sala está cheia, mas, afinal, é o dever e não o prazer que os chama, emquanto que nos outros dias... o theatro, o cinema, o saráo, ou a musica. Antes disso, póde-se comer, pois ha

um pequeno restaurante, póde-se beber, pois ha frios e "buffet". Quem procura paz tem sala de repouso e jornaes. Quem é membro da mocidade communista tem uma sala especial. Além, salas de leitura, mesas de madeira, modestas, paredes cobertas de mappas. Sobre as mesas, rostos inclinados. Vinte, trinta, que lêm socegadamente. Ao lado, uma bibliotheca. Ahi se encontram todos os livros que se queira. E' o proprio leitor que toma o livro, depois de ter dado a ficha ao bibliothecario. E o systema parece dar bons resultados.

* * *

Mais longe, um grupo de operarios deante de um quadro negro: esforço para comprehender os theoremas do velho Euclydes. Os operarios ensinam-se, reciprocamente. O ruido da multidão dos corredores não chega até ahi.

Volto para a rua. Cartazes de côres violentas attráem a vista. Bandeirolas alongam suas extraordinarias affirmações. Tudo vermelho. Vozes retumbam, corações palpitam. Numa extremidade do corredor encontro uma especie de plataforma, donde, em companhia de vinte rapazes, assisto a uma partida de "basket-ball". O jogo é conduzido por dois grupos de raparigas em "maillot", sob a direcção de um arbitro masculino. Os rapazes olham divertidos, mas os dois sexos não parecem ficar admirados um do outro e os espectadores não fazem allusões grosseiras. Acabada a partida, as moças, rindo, vão tomar a ducha. Vejo-as passar, vivazes, com bellos musculos, muito melhores que as nossas raparigas de fabrica.

Corramos á conferencia. Grande sala decorada. Ao centro, Lenine de bronze, cercado por seis bandeiras vermelhas, onde a estrella, a foice e o martello se misturam, emoldurados por uma folhagem dourada. Sala cheia. Na tribuna, alguem fala. E' preciso quadruplicar o que se chama o nucleo ou o "activo" dessa fabrica. Eram apenas duzentos, fazendo parte das brigadas de choque. E' preciso que sejam oitocentos, oitocentos voluntarios bem entendido, pois uma nova usina de borracha se vae abrir (Iaroslaw, usina n.º 4) e é Moscou que deve fornecer os elementos de acção.

O homem fala, energico, apoiado pelos applausos. Seu grande "leit-motiv" é "nossa borracha", "entre nossos patrões", "não ficarmos tributarios do extrangeiro".

Reflicto que elles continuam a considerar-se, mesmo no plano industrial, como em estado de guerra e que toda essa attitude concentrada, ardente, raivosa por vezes, vem d'ahi.

Clubes como esse, havia 5.500 na União, no começo de 1925, reunindo 1.600.000 membros, isto é, 20 % da população operaria. Esse numero dobrou.

Cada clube conta 5, 8 ou 10 circulos de musica, de canto, de esporte, politica, literatura, sciencia, propaganda anti-religiosa, radio, etc. Praticamente, o clube é o centro das obras de educação do syndicato. A gente não se contenta, ahi, de divertir-se, esforça-se para desenvolver a instrucção geral de todos os membros do syndicato, seja por uma acção individual, seja por espectaculos que possam tocar ás massas. Toda usina tem seu clube, e todo clube sua bibliotheca, sem mencionar as bibliothecas ambulantes. Deram-me algarismos de 10.000 bibliothecas e de 200.000 volumes. Dou-os sem os poder verificar, mas a paixão do livro é feroz nos Soviets. Mettem no cerebro tudo quanto podem, isso se vê em mil occasiões que frizaremos mais tarde.

O mais importante é misturar-se intimamente o clube com a fabrica, ou melhor, a vida intellectual e o prazer á vida fabril. Em todas as fabricas se acham os recantos vermelhos. E' o equivalente do altar que existe entre os obreiros religiosos. Um retrato de Lenine, uma mesa, alguns bancos. Ahi se reunem para lêr os jornaes, conversar, viver a vida commum que os russos adoram. Cigarros, chavenas de chá, discussões. Acima delles o sorriso de Lenine e algumas formulas faceis de reter: por que não falar de espirito religioso entre esses materialistas?

* * *

Do que póde viver um clube como "A Borracha Vermelha"? Não vive inteiramente a cargo da usina, isto é, do Estado. A usina lhe dá 1.000 rublos por mez, 12.500 francos. O clube assegura á usina operarios tranquillos, trabalhadores, de espirito bem disposto, physicamente exercitados e abstemios. Os membros do clube pagam para ter bons concertos e bons espectaculos. O cinema e o theatro fornecem, assim, os capitaes que faltam.

Aqui se vê um novo exemplo do que eu chamo "as mil Republicas operarias da Russia". Assim como a fabrica, o clube tem sua administração propria. Tudo isso é, ao mesmo tempo, contro-

lado e independente, apoia-se sobre as finanças do Estado, mas possue suas finanças proprias. Em logar de apparecer como uma communidade de individuos, a União dos Soviets apparece como uma communidade de familias agricolas, operarias, intellectuaes, etc. Assim como o individuo na França, lá cada um dos grupos tem sua autonomia; as articulações são innumeraveis. Entre os Soviets a estatica não é senão uma palavra.

Cultura em commum e fazendas do Estado

X

Um Soviet de descontentes — A terra e o camponez — A politica de Staline — Camponios pobres, camponios remediados e "kulaks" — A perseguição aos "kulaks" — O que é um "collectivo" — Em casa do conde Cheremetieff — Fazenda "Gigante" e fabrica de trigo — O camponez pouco enthusiasta dos Soviets.

No Caucaso do Norte, em Zielena. O trem pára, e como a estação é nova, não dispondo de caixa, as mulheres são obrigadas a ir buscar agua para a locomotiva com baldes collocados dois a dois num páo e levados ao hombro.

Em redor de nós, trabalho e mais trabalho. Logo tentarei contar os montes de forragem que se erguem a dez metros um do outro. Não é possivel, ha cincoenta aqui, vinte alli, e muitos no horizonte.

Multidão numerosa sobre a plataforma. A liberdade de discussão é completa. Um verdadeiro Soviet, com muitos descontentes, sobretudo entre as mulheres e os velhos. Os moços levantam os hombros, satisfeitos. Uma velha mostra o seu pão.

— Dou trigo, diz, e me restituem pão negro.

Um dos nossos, um russo, desce do carro-leito e os admoesta.

— Nunca estive num vagão como o teu, responde-lhe um homem.

E toda a gente, alegre, se põe a rir.

Um velho cossaco, apertado numa jaqueta e de calça azul, de botas e gorro de pelle, com um cesto no braço, resmunga.

— Sim, os moços estão contentes. Vestem-se no Sovkoz e bem, por isso acham que a colheita é bôa.

— Má, interrompem os velhos, foi má.

Em realidade foi bôa nas grandes explorações socializadas e má entre os camponios livres, pois todos os adubos são dados ao Sovkoz.

A discussão continúa com certa cordura. De vez em quando um silencio no qual se ouvem mastigar os grãos de girasol cujos restos, gentilmente, cospem sobre os vizinhos.

Uma mulher diz:

— Fiz cauda doze horas para obter um pedacinho de carne.

Um homem faz uma peroração. Ouve-se "rabot! rabot!", o trabalho! o trabalho! os trabalhadores! camaradas trabalhadores! E esse rumor não cessa. Um outro conta uma historia:

— Houve um que roubou 70.000 rublos e azulou. Trata-se de um director de collectivo que fracassou na direcção. Os camponios não sabem aonde foi parar o dinheiro.

Uma camponeza:

— E' a ordem que falta. Eu iria para qualquer logar, desde que lá encontrasse a ordem.

Particularmente, elles pretendem que não ha justiça. Mas em todas essas discussões, é preciso dar o desconto do espirito naturalmente desconfiado do camponio. No fundo essa gente tem um grande medo de ser enganada.

Na revolução, quando veio a paz, queriam a terra. Lenine deulh'as. E' o famoso decreto de 7 de Novembro que diz:

"As terras da corôa, dos monasterios e dos grandes proprietarios, são declaradas, pelo presente decreto, propriedade do povo."

Sobre isso, nosso amigo Williams, grande conhecedor dos camponezes russos, escreve:

"Quarenta milhões de "deziatines", a extensão da Inglaterra, passaram para suas mãos. Quasi todo o camponez da Ukrania dobrou os seus lucros. Cincoenta e cinco por cento das terras pertenciam aos camponezes. Veio a revolução e noventa e seis por cento lhes pertence hoje.

Deveriamos encontrar na Russia uma vasta communidade de pequenos proletarios camponezes, mas as observações de Williams datam de alguns annos. Depois houve a experiencia Staline. Em 1923, quando succedeu a Lenine, Staline achou-se em presença de uma situação perigosissima. A aldeia russa subsistia como a descrevemos. Não havia mais senhor, nem monasterio. Se o poppe vivia ainda, não sahia do seu canto.

O camponez jovem, outr'ora muito atrazado, limpava-se e desenferrujava-se um pouco, dia a dia. Mas, todos os adultos de 1917 permaneciam terrivelmente primitivos. Antes daquelle anno, semelhante ao homem da edade média, não sabia lêr nem escrever.

Conseguia poucos resultados da sua terra mal cultivada e vivia de economia rudimentar, cada um fazendo o seu trigo e seu pão, utilizando o dinheiro o mênos possivel. Nada conhecia, além do seu cantão ou do districto, fóra das grandes feiras annuaes. Libertado da escravidão, permaneceu tradicionalmente submisso, temendo a lei, ameaça obscura á qual era preciso fazer sacrificios sob a forma de subserviencias, impostos e concessões. Ligava um apreço extremo á terra. Era e ficou collectivista. Toda gente conhece o systema do "mir" e ouviu falar dessas terras de aldeia, partilhadas e sorteadas cada anno. Os russos, onde quer que estejam, fazem blóco. Preferem dormir no mesmo quarto, comer, fumar, beber, discutir, trabalhar em conjunto.

* * *

Nada se póde fazer sem o auxilio dessa immensa população do campo. Não é possivel deixal-a de rédea solta, multiplicando ao mesmo tempo estradas e caminhos de ferro, bancos de credito e escolas. Essa politica só podia fazer nascer uma burguezia camponeza, de opiniões moderadas, liberaes ou radicaes, peor ainda, socializantes, mas certamente não communistas. Até 1928, Staline não se mexeu, consciente do perigo que ameaça um mundo urbano e operario, fraco demais. Tentou, de um lado industrializar vigorosamente a Russia, para dar corpo ao mundo e ao espirito operario. De outro lado, collectivizar o campo. Muito fino será quem puder dizer se elle conseguiu isso. Não é possivel fiar-se nas estatisticas. E' imprudente qualquer observação, ao menos emquanto a gente não passar dez annos na Russia. O "mujik" russo é um ser primitivo, uma creança. Supersticioso, curioso, voluvel, facil de ser enganado porque extremamente ignorante, capaz de servir nas fileiras dos peores agitadores, como mostra a historia em todos os levantes camponezes. Isto não impede que seja maligno, paciente, prudente, e que nunca se possa contar absolutamente com elle.

Em 1917, calculava-se que 40 % dos camponios não tinha terra. Na revolução, cada um recebeu o seu quinhão, mas era preciso cultival-o, poder viver delle. Hoje restam 40 % que têm terra ou que têm pouca, e não ha vaccas nem cavallos para auxiliar o seu cultivo. Os Soviets chamam-n'os camponezes pobres, operarios agricolas. São empregados nas grandes empresas do Estado, mas essas grandes empresas, fortemente industrializadas, comportam, para dezenas de milhares de hectares, muito poucos operarios.

Querem reunil-os em grupos chamados collectivos, mas nada têm conseguido. Grande numero delles vão para as cidades onde reforçam o proletariado urbano. Esse affluxo força o governo a manter e mesmo alargar o plano idustrial, a não deixar o esforço gigantesco emprehendido, para lhes fornecer trabalho.

Acima desse proletariado camponez, acham-se os camponezes remediados e os camponezes ricos ou "kulaks". Os primeiros têm uma quantidade de terra sufficiente e exploram seus proprios bens; os segundos utilizam os mercenarios. Os "kulaks", que desde 1921 a 28 conheceram periodos de prosperidade, e crearam quasi uma burguezia camponeza, são, desde a reacção de Staline, perseguidos pelo Estado. Não são cidadãos e muitas vezes se vêm expropriados, em beneficio de empresa do Estado (Sovkoz) e de "collectivos" camponezes (Kholkoz). Essa expropriação assume o caracter de troca, pois que lhes fornecem terras em outro logar; mas os "kulaks" têm tudo a perder, pois são terras magras e em provincias longinquas.

Muitas vezes a expropriação é brutal e ha "kulaks" que acabam sendo lenhadores na Siberia; quando não é possivel exproprial-os, tentam reduzir-lhes as explorações e o Estado não lhes compra a colheita.

Os "kulaks" não são numerosos, e a maior massa dos camponezes russos é constituida por camponezes remediados, pequenos proprietarios, que não utilizam mão de obra alheia. Ha dois annos o Estado procura collectivizar os "kulaks", assim como aos que não têm terras. A impossibilidade de utilizar mercenarios (só tornando-se "kulak" e sendo riscado da communidade politica), limita forçosamente o desenvolvimento da sua fortuna e nessas condições elles têm interesse em formar "collectivos", tanto mais quanto o Estado não ajuda com credito, adubos, machinas, tractores, senão os "collectivos", em detrimento dos camponezes livres. Esses collectivos se formam, pois, com o apoio do Estado, que nada tem a temer delles porque elles mesmos, com toda cooperativa de producção, são limitados no seu desenvolvimento pelos "collectivos" vizinhos e depois pela inveja de aldeia a aldeia e pelas difficuldades de organização.

Esses "collectivos", que fracassam quando enveredam para o communismo puro, são organizadas nas seguintes bases:

O Estado exige que sejam ao menos dez para formarem um "collectivo". As dez, vinte, cincoenta ou cem familias, guardam a

propriedade das suas casas, moveis, estabulos, aves, carneiros, cabras, as vaccas, o jardim familiar, em geral tudo que é produzido e consumido pela familia. O bem commum é constituido pela terra, os animaes destinados á cultura, as machinas, adubos, sementes. E' nomeado um chefe que dirige a empresa; esta repousa sobre creditos fornecidos pelo Estado, pois o camponez liga grande importancia ao tractor e quando não ha tractor no "collectivo", recusa-se a entrar nelle. Ao cabo de um anno, vendem seus productos ao Estado, pelos preços fixados por este, mas se o Estado não absorve tudo, o resto póde ser vendido livremente. Com o dinheiro, pagam-se primeiro os impostos, reembolsa-se uma parte dos creditos, cria-se uma reserva que servirá tanto para facilitar a marcha ulterior da empresa, quanto para assegurar um salario minimo aos velhos, creanças, doentes. Quanto ao resto, os membros do "collectivo" partilharão sobre bases bem pouco communistas: os camponezes são, com o tempo, divididos em categorias, segundo as suas capacidades, e para pagal-os, levar-se-á em conta a categoria á qual pertencem e o trabalho feito.

Em certos logares os camponezes collectivizados construiram uma casa communista. Mas o caso é raro e, como disse, os "collectivos" communistas geralmente fracassam.

Se se quizer fazer entrar na organização um elemento a mais, é necessario o consentimento de todos os membros, mulheres comprehendidas. Bem entendido, um "kulak" não póde fazer parte della, mesmo se todos os membros o desejam. O "collectivo" póde alliviar-se ou reforçar-se com elementos de terras novas, por venda ou compra regular, e cada qual póde, ao fim do anno, deixal-o, se lhe agrada .Frequentemente os "collectivos" se deslocam para depois se reformarem, ou os seus membros reconstituem novos com elementos vizinhos. Estamos em pleno periodo de ensaios e apalpadelas e contamos sempre com a extrema mobilidade e o humor erradio do camponez russo.

* * *

Actualmente, um quarto ou um terço dos camponezes parecem estar collectivizados. Disseram-me que na Ukrania, vinte e oito por cento. Nessa mesma Ukrania, falaram-me de dezoito mil tractores que, á parte os do "Sovkoz", pertencem aos "collectivos". Póde-se visitar, perto de Moscou, o palacio de Ostamkino, outr'ora pertencente ao Conde Cheremettieff. O Palacio é do seculo XVIII. A egreja vermelha de janellas brancas e cupolas verdes, é do seculo

XVII. Esta paisagem não deve ter mudado ha 150 annos. Quando veio a revolução, o conjunto da propriedade contava 830 mil hectares. Quasi o Montenegro antigo, mais de 3 vezes o Luxemburgo, com 200 mil camponezes, antigos servos de Cheremettieff, e 1.500 aldeias. Tudo isso collectivizado.

Quando vamos visitar o castello illustrado pelas visitas e pela estadia dos imperadores, vemos um theatrinho encantador e appartamentos deliciosos, cujos moveis são feitos pelas mãos dos servos (como aliás todo o castello). Aprendemos a historia commovedora de Paracha, serva que um dos condes desposou encantado pela sua belleza. Admiramos no "hall" uma exposição de magnificos legumes. Os camponezes, que depois excavaram poços hartezianos, fizeram plantações de cogumellos e um laranjal de 53 hectares em estufas, affirmam por essa exposição o direito de propriedade sobre um castello que os paes edificaram e que está magnificamente conservado. Ha obras primas de carpintaria, tornearia, cinzeladura, ao lado de artes mais leves, porém não menos notaveis: a agricultura e a jardinagem.

Esses camponezes são extremamente serios e prosperam em toda linha, exemplo raro, pois essa prosperidade é devida, em parte, a estarem elles muito perto do centro, tendo certeza de vender os seus productos, providos de bôas terras e sustentados por uma vigorosa tradição.

* * *

Ao lado dos "collectivos", dissemos, o governo criou estabelecimentos de Estado que se poderiam tratar de simples modelos, si não fossem já muito numerosos, se não apresentassem nas suas gigantescas proporções, um caracter francamente industrial.

Vamos apresentar ao leitor um dos "Sovkoz" da Ukrania, ou melhor do Caucaso do Norte, o de Verblud. Desse lado o paiz é formado de esteppes, ás vezes arenosas, ás vezes constituidas por terras pretas extremamente ricas. Tudo isso raso como uma praia. De longe em longe, aldeias com casas isoladas e todas parecidas pelo ar de acampamento. Ausencia de arvores. A's vezes rolam

Bem no meio de uma dessas planicies, se vae construir uma fazenda gigante. Nesse logar os raros "kulaks" são eliminados e vão procurar terras na Siberia. Constitue-se a propriedade com uma unica gleba. Verblud, 125 mil hectares; "Gigante", 150 mil hectares; area de um "arrondissement" francez, nos quaes é possivel rolar duas ou tres horas sem chegar ao fim.

No centro, a fazenda agrupa os edificios de cultura, casas de habitação para 700 operarios agricolas com suas familias. Não muito longe, a estação do caminho de ferro. Da fazenda irradiam-se os caminhos. Aqui e alli, á beira da estrada, um acampamento provisorio por emquanto, com tendas-dormitorios, um tanto primitivas. E os 700 homens commandados por uma especie de dictador, dirigem 200 ou 300 machinas, tirando disso trigo e mais trigo.

Aliás, elles chamam a fazenda "uma fabrica de trigo", mas essa fabrica de trigo é egualmente uma fabrica de agronomos e engenheiros. Ahi trabalham, para se aperfeiçoar, 500 engenheiros e 100 agronomos. Em 1929-30, vinte e dois mil hectares foram cultivados. No outomno de 1930, sessenta mil. No outomno de 1931, esperam que tudo esteja lavrado.

* * *

Aquelle que nos fala esteve na America onde fez estadias em grandes sitios do Far-West. Vestido com uma combinação kaki, assemelha-se mais a um operario do que a um cultivador francez. Mostram-nos os galpões. Mostram-nos a industrialização facilitada pela extensão da empresa e pela natureza do solo: (a colheita foi este anno, aqui, de 20 quintaes por hectare, e nos camponezes vizinhos de 10). E' facil acreditar. Assim como se acredita facilmente no interesse que apresentam essas grandes experiencias que os Soviets emprehendem: — o estudo da qualidade do trigo a ser produzido no paiz sobre cada dois mil e quinhentos hectares.

Quanto á fazenda em si, é na realidade uma aldeia com casas operarias dotadas de aquecimento central e pouco a pouco substituem as barracas provisorias (alojamento, aquecimento, electricidade, gratuitos); o grande restaurante central que brevemente será concluido, a estação de electricidade, garage, a officina para reparação dos motores, laboratorios, escola, forjas, typographia onde se edita o jornal da fazenda, poços artezianos, emfim, que darão aos trabalhadores o que até agora lhes falta: a agua.

Tudo funcciona e, entretanto, a fazenda é ainda um immenso estaleiro onde trabalham 2.000 operarios. A' porta conversam mulheres; creanças alegres e gordas correm de um para outro lado. Proximo uma fabrica de cimento. Mais além os reservatorios de petroleo, tudo para as necessidades do estabelecimento.

Passo deante dos "catterpilars" das "combines", dos arados de 5 relhas, das colhedoras, das ligadoras, das batedoras, dos syllos

gigantes. Mais feliz que a grande Catharina, não tenho deante de mim saccos de areia. Mergulho as mãos no trigo, no bom trigo duro que se avoluma em montanhas louras.

* * *

Resumamos.

Em conjunto, o esforço de Staline apressa a formação dos russos em dois campos: pró e contra. Entre os camponezes, os "kulaks" são naturalmente contra. São pró os que não têm terras, hoje, em parte, collectivizados. Os outros camponezes livres, ou membros collectivos, interrompidos na sua ascenção para a pequena burguezia, constituem o elemento inquietante cuja passagem brusca ás fileiras dos adversarios do bolchevismo, poderia deslocar o regimen.

Não teriamos razão se acreditassemos que esses indecisos, esses hesitantes, esses neutros, são reaccionarios. São os antigos eleitores dos socialistas revolucionarios (hoje exilados ou deportados) quando das eleições para a Constituinte, no fim de 1917. Elles soletram os jornaes, discutem, observam. Para elles o tempo não existe. Elles estão sós, pequenos proprietarios de facto ou pelo menos de instincto, constituindo uma bôa metade do paiz.

A educação do povo

XI

A ignorancia da velha Russia — A escola unica — Uma escola de suburbio — Lindas classes, alumnos demais — Luta contra o analphabetismo — Meios novos e curiosos — Escolas profissionaes, normaes, universidades — Muito dinheiro para a escola — A imprensa — Um movimento polemistico — Jornalismo entre os Soviets — Jornaes ruraes — Edições do Estado — O problema do papel — Instituto Marx e Engels.

Quando os Soviets tomaram o poder, viram-se em presença duma massa camponeza terrivelmente atrazada. E' possivel dizer hoje que a ignorancia na qual a Russia de 1917 apodrecia, não provinha apenas de uma impotencia financeira ou da indifferença dos poderes publicos, mas, sim, era o resultado de um systema politico. Não se queriam governar homens, mas sim bois.

O recenseamento de 1920 mostra que sómente 33 % dos homens e 12 % das mulheres sabiam lêr e escrever. Quer dizer, sobre cinco russos, quatro eram inteiramente ignorantes.

De 1917 a 1921 a revolução, a guerra civil, a fome, impediram qualquer trabalho serio. Desde 1921, os Commissarios da Instrucção Publica das diversas Republicas puzeram mãos á obra. O plano seguido foi muitas vezes alterado. Não se conservou o systema Czarista. Tomou-se um que foi melhorado pouco a pouco e que hoje se apresenta mais ou menos assim:

As creanças, de tres a oito annos, são recebidas em créches e nas escolas maternaes onde são alimentadas e passam todo o dia.

Antes da revolução, não se contavam senão poucas créches e escolas maternaes, 300 mais ou menos, e sómente nas cidades onde eram sustentadas por meio de recursos privados, ou ás expensas dos Zemstvos. Hoje ha mais de duas mil com varios milhares de enfermeiras ou de professoras e mais de 100.000 creanças, quantidade ainda pequena, mas que augmenta todos os dias, pois as casas operarias e os jardins de infancia crescem como cogumelos.

Acima da escola maternal vem a escola unica de trabalho. Os dois sexos ahi recebem, ao lado um do outro, uma educação onde o trabalho organizado e collectivo é a base do ensino. (Alludiremos a isso visitando a escola.) Naturalmente, não se trata sómente de entupir os cerebros, mas de orientar os espiritos, fornecendo-lhes uma concepção da vida. Essa escola é profunda e systematicamente communista.

A escola unica comporta dois gráos: o primeiro, para creanças de 8 a 12 annos, corresponde á nossa escola primaria. O segundo recebe creanças de 12 a 17 annos. O escopo é desenvolver noções adquiridas antes, mas sobretudo desenvolver nos adolescentes suas disposições particulares. Multiplicam-se as tentativas de especialização, procurando sempre ligar os estudos ao trabalho, de tal modo que a creança possa passar naturalmente da escola ao escriptorio, como tambem da escola á fabrica ou ao campo.

Eis os algarismos que me deram:

Primeiro gráo:

1914-1915:	Escolas	104.610	Alumnos	7.235.988
1920-1921:	Escolas	114.235	Alumnos	9.211.915
1928-1929:	Escolas	122.527	Alumnos	11.095.650
1929-1930:	Escolas	129.660	Alumnos	12.320.928

Segundo gráo:

1914-1915:	Escolas	1.790	Alumnos	564.613
1920-1921:	Escolas	1.163	Alumnos	569.348
1928-1929:	Escolas	1.854	Alumnos	976.382
1929-1930:	Escolas	1.883	Alumnos	1.088.813

Como se vê, o numero das escolas não augmentou senão na proporção de 25 %, mas o numero dos alumnos quasi dobrou. No começo da revolução houve um surto na instrucção, abriram-se escolas nas menores aldeias e a maior parte, por falta de professores ou de dinheiro ou de locaes apropriados, não pôde continuar. O que hoje resta, porém, está edificado sobre solidos fundamentos.

* * *

Num desses suburbios em que, em 1905, houve luta encarniçada. Ha annos que nesse recanto foram emprehendidos innumeros trabalhos. As casas operarias brotaram em terrenos baldios. Todas as velharias ainda não desappareceram, de modo que a impressão

aqui, como em quasi todas as cidades novas da Russia, é de combate sem treguas contra um passado que não quer desapparecer.

Lá dentro, uma escola immensa, creanças aos borbotões, fervendo nas horas da entrada, da sahida, da comida. Escola mixta. Dois mil e quinhentos discipulos, noventa e oito professores. Em toda a Russia, como se sabe, falta logar nas classes. Por isso a escola ainda não póde ser obrigatoria. Sel-o-á depois de 1.º de Outubro. No campo ainda é uma obrigação theorica, mas nesse suburbio de Moscou é bem real. Todavia, é preciso constituir dois grupos: um que trabalha de manhã, almoça ás 11 horas (pois ás vezes têm mesmo duas refeições); o outro que chega ao meio dia, trabalha, almoça ás 3 horas, retomando o trabalho em seguida. A lição é de 45 minutos, os lavabos numerosos, a disciplina perfeita e o refeitorio com mesas azues, extremamente limpo. Ha pouco disse que as creanças são alimentadas. Ellas pagam para isso, mas 11 kopeks apenas, 1 franco e 35 centimos. Servem-se sozinhos. Macarrão, sôpa, mingáo, compota, pão de centeio, raramente carne. Cardapio abundante e que vale pelo menos 4 vezes o seu preço.

* * *

O mestre não se assemelha ao nosso: é menos pedagogo. O russo tem ares de operario, mas não esquece nunca que é cidadão. E' o irmão mais velho que guia todo esse pequeno mundo, toma seu grupo á parte e se encarrega delle, condul-o ao vestiario, ao refeitorio, á classe, disciplinando-o pelo caminho. Depois, trabalha ao lado de seus alumnos, na officina de carpintaria que aqui está com seus 17 tornos, ou na de marcenaria com bancos de carpinteiro. Dispõem, além disso, de pequenas machinas electricas. Isso permitte uma selecção ulterior. E de vez em quando, para melhor educal-os, as meninas vão á officina de marcenaria e os meninos á aula de costura.

Agora, as classes. Não é minha intenção dizer sempre bem dos Soviets e não esqueço que se trata aqui de uma das mais bellas escolas de Moscou, apezar de ser uma escola de suburbio. Sei que no campo a gente se installa como póde. Mesmo na Republica Tartara, são requisitadas as casas dos camponezes ricos. E' um modo como outro qualquer, de eliminar os "kulaks".

Quanto á escola de Moscou, colloco-me num ponto de vista radical, que é o da escola unica. Embora tenham feito muito pela escola primaria na França, por causa da palavra "primaria" acha-

riam ridiculo conceder a essas escolas um material scientifico que se concede aos collegios. Pois bem, em Moscou, o gabinete de physica, para creanças de sete a quinze annos, é justamente o dos nossos collegios. Na classe de chimica, as creanças têm um bico Bunsen para cada carteira. A classe de historia natural, provida de mappas admiraveis, possue tambem uma galeria com plantas, peixes e animaes vivos.

Em toda parte, janellas immensas, vestiarios, mesas largas, um banquinho para cada alumno. Limpeza perfeita. Noto nas classes oito lampadas de tecto para 56 alumnos (e recordo a minha infancia, do triste gaz que ardia em tres bicos para cem estudantes).

* * *

Vou vêr, antes de sahir, a sala de cultura physica, de vinte metros de comprimento, sobre dez de altura e dez de largura, illuminada por oito grandes janellas, onde um bando de moças se exercita, dirigido por um monitor. Depois dos exercicios, duchas. Dez apparelhos para os rapazes, dez para as raparigas. De tres em tres dias, ducha obrigatoria.

A escola se esvasia rapidamente, entre gritos. Choveu. O suburbio brilha por todas as janellas. Quando sáio, entram novos alumnos. São homens, membros do syndicato dos empregados de fabrica. Quando acabam a jornada, vêm seguir cursos de aperfeiçoamento. Gosto exaggerado pelo livro.

Felicito-os. São seguramente felizes. O olhar do director se illumina em seu rosto moço. Entretanto, como bom revolucionario, ainda não está satisfeito: — Faltam-nos ainda especialistas para sciencias physicas e mathematicas. E' uma alluvião. Cada anno tres milhões de creanças se apresentam á porta das escolas, na União dos Soviets.

Ha coisa ainda peor: é que esses milhões de homens, privados de tudo durante seculos, não se contentam em sentar-se a um canto da mesa, no banquete dos conhecimentos, comendo delicadamente. Têm um furioso appetite.

Quando se lhes fala da luta contra o analphabetismo, os bravos russos tomam um ar de caçadores de ursos. Sente-se que têm os dedos apertados sobre o cano de um fusil invisivel, resolvidos a bater-se encarniçadamente contra um bando de monstros que os assaltam por todos os lados. Elles explicam que o anno de 1926 foi o verdadeiro começo da luta e que nesse periodo havia 86 milhões de analphabetos na União.

Em 1926, liquidamos 1.500.000; depois, em 1927-1928, mais 1.500.000; em 1928-1929, tres milhões, e em 1929-1930, 10 milhões. Isso na Federação russa. No anno proximo liquidaremos 16 milhões na Russia, e 6 milhões nas cinco outras Republicas. Ao todo, 22 milhões. O analphabetismo será completamente extinguido no proximo anno, pelo menos nos seus principaes focos, isto é, nas cidades, nos grupos fabris, e mesmo nas provincias abertas á vida occidental. (Faltarão os campos.)

Meu informante concluiu:

— O terceiro anno do Plano Quinquenal nos permittirá attingir quasi todos os ignorantes. (Outubro 1930, Outubro 1931.) O pouco que faltar será quasi nada.

Os Soviets querem, á toda a força, que os seus 150 milhões de almas saibam lêr e escrever.

* * *

Accrescentemos que, para melhor liquidar o analphabetismo, organizaram dezenas de milhares de postos especiaes cuja missão é desemburrar populações inteiras, nas quaes a maior parte dos adultos nunca tinha conhecido a escola.

A Direcção Central de Educação Politica (dependente do Commissariado da Instrucção Publica) que os creou, dispõe de um dos maiores apparelhos da União Sovietica: os clubes e os "izbas" de leitura. Trata-se, na realidade, de fazer penetrar as idéas socialistas no povo, por meio de cursos analogos aos nossos cursos nocturnos.

Já falamos dos clubes. "Izbas" de leitura contam-se, ao que parece, 30.000. E' preciso ainda accrescentar as casas do povo, as bibliothecas permanentes e moveis (20.000 com 10 milhões de leitores assignantes).

Pouco importa que esses algarismos sejam exactos ou não. O viajante fica admirado da paixão com que esse povo estuda. A cada momento, topa-se um camponez a soletrar um jornal, um grupo de adultos, ás vezes de barba branca, em redor dum professor voluntario. E' incrivel o numero, não sómente de livrarias bem afreguezadas, como de pequenos negociantes de livros e brochuras, que enchem certos cantos de ruas, sobretudo a Praça Vermelha, e deante dos quaes se accumula o povo curioso e ingenuo.

Cinco, dez, vinte kopeks, eis o preço dessas paginas. Moços e velhos avidamente olham, e com um gesto serio no qual se adivinha um coração que pulsa, fazem suas compras.

* * *

Já disse, creio, que praticamente os Soviets tenham organizado uma escola unica. E' notavel entre elles a abundancia de escolas profissionaes, ás quaes é preciso accrescentar os "Technicum", isto é, especie de collegios ou escolas primarias superiores, que visam concluir a educação, determinando e facilitando especializações.

Alguns numeros:

	1914-15	1920-21	1928-29	1929-30
Estabelecimentos	2.877	3.727	6.390	6.800
Alumnos	266.982	293.811	712.849	861.502

Naturalmente, as cifras de 1914-1915 comprehendem os lyceus e os collegios, emquanto que os outros algarismos representam o equivalente moderno desses lyceus e collegios (Technicum), além das escolas profissionaes que não existiam sob o antigo regimen.

* * *

Um dos grandes problemas era, adivinha-se, assegurar o recrutamento dos professores. Os Soviets crearam uma escola normal por districto, ou sejam 300 mais ou menos, sómente para a Republica russa. Sahidos do Technicum, os alumnos se formam durante quatro annos no seu officio de pedagogo, como se diz por lá. São, em seguida, nomeados nas escolas do primeiro e segundo gráo. Neste momento, contam-se 17.000 alumnos nas escolas normaes. Mais de 4.000 sáem cada anno. Em toda a União haverá 160.000 professores de primeiro gráo, 11 a 12.000 de segundo.

Ainda é muito pouco.

Por isso, resolveu-se dar um salto e preparar logo 54.000 este anno. Sempre, como se vê, a preoccupação dos effeitos de massa. Contavam apoiar-se sobre as Faculdades operarias, das quaes deveria haver 200 com 100.000 estudantes. Confesso que esse algarismo de 54.000 me espantou. Além disso, o russo não faz questão de se tornar professor. Elle quer ser agronomo, engenheiro, technico, como se diz. Faltam pedagogos e medicos; mais ainda, philosophos e homens que se interessem pela sciencia pura. Então, em

certos casos, age-se pela força. Dos que queriam ser engenheiros fazem-se professores. Exige-se que ensinem durante dois, tres, quatro annos. Processos que não comprehendemos, mas lá parecem naturaes.

O ensino superior desenvolveu-se consideravelmente (sob o antigo regimen era bem vigiado, pois as Universidades eram ás vezes fócos revolucionarios).

Contavam-se no fim de 1929, 500 a 600 Faculdades repartidas em 150 universidades, com 190.000 estudantes.

Eis o quadro desse progresso:

1914-1920	Universidades	91	Alumnos	124.652
1920-1921	Universidades	160	Alumnos	165.351
1928-1929	Universidades	129	Alumnos	166.670
1929-1930	Universidades	150	Alumnos	190.943

Depois, houve em tudo uma modificação. Multiplicaram-se as escolas superiores de chimica, de agronomia, de direito, desmembrando muitas vezes as Faculdades.

Curiosamente puzeram certas escolas superiores á disposição dos orgãos economicos: textis, etc. Vê-se que a idéa que presidiu á reforma foi a mesma que inspirou as Faculdades operarias e tantas outras creações sovieticas: a união intima da fabrica e da escola.

Quanto á organização, completado o curso, os russos estão evidentemente, como os italianos, melhor organização do que nós. Não é verdade que a creança é entregue ao Estado; mas o Estado sovietico se occupa mais della do que o Estado Francez. Em principio, a mocidade é dividida em tres grupos:

Creanças de Outubro: de 8 a 11 annos;

Jovens pioneiros: de 10 a 16 annos. Ha dois milhões;

Finalmente, a Associação da Mocidade Communista Leninista da Russia: 2.200.000 jovens de 16 a 21 annos, nos fins de 1929.

Trata-se de dar á mocidade, ao mesmo tempo que a instrucção segundo a formula da escola unica, uma educação essencialmente materialista, anti-religiosa, marxista.

Um mestre me dizia:

— Não ensinamos a Historia do mesmo modo que na França. Nada de Historia da Russia, mas a Historia dos differentes povos e do seu desenvolvimento. Em seguida, desdem systematico pelas

guerras dos Imperadores, que só são apresentadas para dar um exemplo da sua crueldade. Insistimos sobretudo em narrações como esta: Os europeus chegam á America do Norte e em tres seculos constituem, sobre um continente quasi vasio, uma poderosa communidade. Analysamos esse esforço.

Formado pela escola e ás vezes pela Faculdade Operaria, ou pelos mil espectaculos da rua, o rapaz de 21 annos passará para a caserna, ou então será a acção combinada da fabrica e da milicia. Assim se formam homens muito diversos dos occidentaes. Sparta outr'ora tinha feito cousa parecida, e nossa Revolução Franceza durante algum tempo quasi o fez, tambem.

* * *

As despezas com a instrucção publica eram avaliadas, em 1913, em 276 milhões de rublos de antes da guerra. Representavam 4 por cento do orçamento geral do Estado. Uma grande quantidade de orçamentos particulares vinha augmentar essa somma, elevando o total a 500 milhões. Em 1925 e 1926, a União Sovietica despendia 280 milhões (valor de antes da guerra), isto é, 11 por cento do seu orçamento de Estado. Em 1928-29, o orçamento da Instrucção Publica attingia 1.434 milhões de rublos ouro. Em 1929-30, 2.115 milhões de rublos ouro. Esses tres ultimos algarismos indicam a importancia cada vez maior que toma a escola na U. R. S. S.

Fazendo taes revelações, vou passar por trahidor. Essas gentilezas, porém, são-me indifferentes. Acho interessante que algumas pessoas que viajaram na Russia, e ahi permaneceram cinco mezes, apenas, formulem criticas odiosas, baseadas na incomprehensão, no mais detestavel espirito partidario, guardando silencio quasi absoluto sobre a questão da instrucção publica.

Danton dizia: "Depois do pão, a educação é a primeira necessidade do povo." Os Soviets seguiram o conselho de Danton. E' possivel accusal-os, atacar a fundo o systema dictatorial, dizer mesmo que a sua experiencia socialista falhou (embora eu não pense assim); mas não é permittido dizer que não se tenham interessado apaixonadamente pela creança. Elles têm, como nós, direito á justiça.

* * *

Emquanto falo da educação do povo, quero dizer uma palavra sobre a imprensa. Lá a imprensa é feita (pelo menos em theoria) para educar o povo. Isso significa, em primeiro logar que ella é do Estado, ou pelo menos controlada por elle ou pelo Par-

tido. Em segundo, que não é livre de dizer tudo, mas que deve fazer todos os esforços para sustentar certos propositos e conduzir certas campanhas.

Sobre o primeiro ponto, ha, embora as duas imprensas não sejam livres no sentido que o entendemos no occidente, uma grande differença entre o jornalista fascista e o jornalista sovietico. O segundo é infinitamente mais ligado á vida operaria do paiz. Tem tambem um espirito muito mais critico.

No occidente, tem-se o costume de julgar sómente o "Pravda", o "Isvestia" e outros grandes jornaes da Capital e das grandes cidades. Mesmo nesses jornaes escrevem homens da opposição. Radeck é trotskysta e volta do exilio; nem por isso deixa de ser o primeiro jornalista da Russia e diz o que quer. Bouckarine não foi reduzido ao silencio. Longe disso. Ao lado dessa grande imprensa, acham-se jornaes das fabricas, dos quaes quasi 600 apparecem quotidianamente. Esse numero póde ser accrescido, pois muitos orgams não apparecem senão duas ou tres vezes por semana.

Os jornaes de fabrica (e todas as empresas têm o seu) são extraordinariamente vivazes. Redigidos por operarios ou empregados, não se privam de nenhuma critica sobre o plano technico, e mesmo sobre o plano moral, social ou puramente politico.

Eis como em geral se desenrola um movimento polemistico no paiz dos Soviets. Tratava-se, por exemplo, ha alguns annos, de saber se o plano do Estado seria estabelecido ou não. Qual devia ser a sua amplitude, sua duração no tempo (quinquennal ou decennal). A idéa é lançada. A imprensa se entrega a uma livre discussão acalorada. As fracções se agitam, os homens se atacam, as theorias se oppõem. Invoca-se Lenine, citam-se textos, numeros, arrolam-se testemunhos contradictorios. Esclarecidas pelos jornaes, as cellulas discutem e suas discussões são glosadas pelas folhas, ou servem de ponto de apoio aos jornalistas.

Até que chega o dia em que o Congresso dos Soviets resolve a questão. Em principio, a polemica terminou. Só se póde discutir as modalidades, quando o plano fôr estabelecido. Em Outubro de 1930, a critica em detalhe permanece livre, e Deus sabe quanto é brutal: "Em tal usina passa-se isto, em tal outra, aquillo"... Apontam-se as incapacidades, os erros, as inutilidades brutaes, expõem-se as necessidades, mostram-se as chagas.

E de vez em quando são campanhas violentas, campanhas de massas, feitas por todos os jornaes das fabricas da região e que

correspondem aos sentimentos, aos desejos, aos temores, aos furores, de toda a multidão operaria.

Essa abundancia de critica, faz perpetuamente os russos brancos soltarem gritos de alegria. "Descontentamento em tal região", — escrevem elles. Descontentamento ás vezes justificado, porque tudo não é perfeito na U. R. S. S., longe disso, e a caracteristica do revolucionario é de nunca estar satisfeito com o presente. Isso não quer dizer que esses descontentes, cujo descontentamento se exprime ás vezes de modo excessivo, estejam prestes á passar aos brancos, nem ás hostes de Kerensky.

* * *

Vi jornalistas em Moscou, Leninegrado, Samara, Stalinegrado, Tiflis, Kiew e Karkov. Uns escreviam em russo, outros em ukraniano ou georgiano. Comi e bebi com elles, que se honravam de nos receber á maneira russa, isto é, soberbamente, e nos cumulavam de gentilezas, pois, entre parenthesis, a hospitalidade russa é admiravel.

Lembro-me de que em Samara, depois de um dia sobrecarregado, insistiram para nos levar, á meia noite, ao clube, cujas paredes se cobriam de annuncios, desenhos de jornaes. Não faltavam naturalmente os retratos de Lenine, Staline e Vorochilov. Uma grande estrella vermelha brilhava no tecto. A mocidade, o ardor, a vontade de viver, e tambem a ancia do apostolado, brilhávam nos seus olhos, se liam nos seus gestos, mas achei que falavam de mais. Embriagam-se de discursos. Foi a impressão que tive e que guardo, pelo menos dos jornalistas da provincia, e não passei o Ural.

Já disse que 60 % dos jornalistas são profissionaes e 40 % operarios? Isto para que a literatura, ou a eloquencia, como quizerem, não vá mais longe que o espirito de observação, o senso pratico e o bom senso.

Já disse que em cada fabrica, em cada sitio, em cada clube, ha um jornal mural, isto é, jornal cujo texto misturado com desenhos é tirado num só exemplar? Esse exemplar é affixado nos muros e paredes. Todos podem lel-o. Deante delle se discute durante a semana, até que seja substituido por outro. Esse jornal apresenta o pró e o contra; não se mostra menos maligno e menos feroz que um jornal qualquer.

Uma palavra sobre a liberdade da imprensa. Os opposicionistas

gritam que não ha liberdade de imprensa na Russia. E' verdade. Mas os que gritam mais forte são os czaristas que outr'ora jugulavam o mais possivel toda a imprensa liberal, socialista e revolucionaria. Notemos que não ha, tambem, liberdade de imprensa na Italia; tampouco nos Estados Unidos, onde o communsimo, bem como o transformismo, passam por doutrinas anti-sociaes. Póde-se mesmo dizer que em parte alguma a liberdade completa existe. Na França, todos os que atacam o Estado, o Exercito, a Bandeira, a Justiça, são perseguidos e condemnados.

* * *

Desde que possuem uma imprensa de Estado, os Soviets têm edições do Estado. Até bem pouco, havia muitas edições privadas ou cooperativas editoras. Depois, realizaram a fusão e, sob o nome de "gosisdat" crearam uma especie de "Concern", ou Centro do Livro. Esse centro tem uma administração geral, mas no "Gosisdat", doze ou quatorze edições se fazem cada uma com seu methodo e redacção. A typographia, porém, é a mesma.

Têm muito orgulho da propria obra.

E' o unico dominio, dizem, no qual sobrepujamos o extrangeiro.

Dão-me os algarismos. Tomando por unidade a folha de dezesseis paginas e o livro escolar: publicámos 160 milhões de folhas em 1923. Cerca de 16 milhões de livros. Publicámos 200 milhões de folhas em 1927. 500 milhões este anno. Para o anno, um milhar de milhões. Isso, para o livro escolar.

Se se observa toda a producção, falam de 2.600 milhões de folhas este anno, contra um milhar de milhões de antes da guerra e pretendem duplicar no proximo anno.

Em 1922-23, contavam-se 7.000 obras por anno. Em 1929, 40.000.

Como ponto de comparação, dão-me na Allemanha: 36.000 obras em 1926, 34.000 em 1927. Como "stock" activo (chamam assim a massa dos livros correntes, lidos, relidos e em incessante reimpressão) contam 50 mil (cento e vinte mil na Allemanha). Accrescentam que toda vantagem está na concentração.

Cada Universidade, dizem, tem sua pequena edição, mas o numero e importancia das pequenas edições tendem a diminuir. Evidentemente o "trust" absorve tudo.

Bello esforço, certamente, que duplica quando se trata de livros para creanças. Em 1931 contam publicar 400 milhões de folhas com 40 milhões de livros infantis. (Este anno, 25 milhões.) O que

lhes interessa é achar novas concepções e novos themas para a realização artistica do livro. Todas as questões de anthropomorphismo e animalismo estão na ordem do dia. E' preciso afastar a creança de um certo mundo maravilhoso, que tem por base a religião, as fadas, os feiticeiros, e, entretanto, é preciso agradar a creança. Nisso têm sido bem succedidos.

* * *

Apezar das suas immensas florestas, os Soviets ainda não conseguiram resolver a questão do papel, são ainda obrigados a economizal-o. Antes da guerra o papel vinha da Finlandia e do extrangeiro. A Finlandia está hoje desmembrada e, apezar dos Soviets terem duplicado a sua producção em sete annos, permanecem tributarios do extrangeiro. Importam 30 mil toneladas sobre 450 mil. Esperam, porém, se converterem logo em exportadores.

Já disse que o publico, depois de longa dieta, atirava-se, esfomeado, a tudo quanto é impresso. Vendem-se-lhe livro e brochura ao preço justo: a folha de 16 paginas custa de 5 a 10 kopeks. Imprimem-se livros de 1,25 rublos a 2,50 rublos, com 320 paginas, mais ou menos o nosso preço. Lembrem-se que o rublo tem um valor acquisitivo de 6 francos. Inutil dizer que o "trust" tem um pequeno lucro, que não póde ser comparado ao dos nossos editores, pelo menos ao dos editores que prosperam.

Os autores são pagos de 100 a 150 rublos por folha, quando se trata de creação; 50 a 75, quando se trata de traducção. Isso perfaz 2.000 rublos, no minimo, para o autor de um livro, sejam 25 mil francos, tendo o poder acquisitivo de 12.500. E' o que recebe o autor francez, por seis a oito mil exemplares. Como, porém, o commercio privado foi abolido, o escriptor não tira grande proveito, mesmo com larga tiragem. Apenas o seu trabalho é pago mais liberalmente. E' o caso do engenheiro que constróe um navio e cujo ganho não depende do que possa render esse navio. Tudo isso é bem differente dos nossos habitos occidentaes.

* * *

Ainda uma curiosidade: a organização de brigadas de escriptores. A este respeito, uma pessoa da apposição falava, deante de mim, em "negros", (1) e apresentava esses escriptores como

(1) Refere-se a designação "negros" aos artistas que, obscuramente, em Paris, executam trabalhos sob encommenda, quadros, estatuas, livros, musicas, para serem assignados por outrem, desistindo do direito de autoria.

forçados a trabalhar sobre assumpto imposto: fabricas, o Turksib, o Plano Quinquenal. Não exaggeremos.

Em primeiro logar, o systema das brigadas ou turmas é excellente num jornal e numa empresa de reportagem, por exemplo, onde póde surgir um optimo livro. O trabalho em commum póde dar uma excellente satyra. Como foi feita, entre nós, a Satyra "Menipée"? E mesmo "As Provinciaes", tendo Pascal como chefe da turma?

Si os escriptores são obrigados a tratar de assumptos industriaes, notemos que a idéa não é má, pois muitas duzias de livros assim se escreveram. (E' inutil cital-os, pois muitos delles já foram traduzidos em francez.) E' preciso confessar que essa reacção contra os analystas e os dissecadores, pederastas ou não, macacos, cynicos, impotentes ou desabusados, dos quaes as pequenas confissões envenenaram a literatura contemporanea, merece, qualquer que seja o seu successo, o nosso mais vivo applauso.

* * *

Em Moscou ha tantas organizações scientificas ou culturaes, como dizem elles, que não me é possivel falar de todas. Ha a Bibliotheca de Lenine, uma das quatro ou cinco grandes da cidade; o Instituto Lenine, uns trinta institutos centraes para diversas sciencias geralmente applicadas, sete ou oito escolas superiores e muitas academias. Deixarei tudo isso, reservando-me simplesmente o prazer de falar mais tarde das tres celebres Universidades para as minorias nacionas do Occidente, para os povos orientaes e a Sun-Yat-Sen, assim como dos Museus, clinicas hospitalares. Quizera sómente dizer uma palavra sobre o Instituto Marx e Engels, e sobre o "Tsekubu", que é a commissão central para melhorar a vida dos sabios, com uma casa de habitação em commum.

O Instituto Marx e Engels é um grande organismo de estudos, com archivos, que visa não sómente estudar o marxismo, como pôr em evidencia todo o movimento revolucionario, isto é, o triplice movimento francez, allemão e russo, sendo que os Soviets não olvidam as insurreições anteriores, concedendo-lhes sómente um interesse historico. A organização do Instituto é baseada sobre duas divisões geraes, uma concernente ao paiz, outra ás materias estudadas, que se subdividem, subdivisões que constituem uma série de gabinetes de estudo. Ahi se acha uma bibliotheca de 400.000 volumes, 100.000 collecções de jornaes e revistas, grande numero

de originaes e sobretudo uma quantidade immensa de photographias de todos os archivos do mundo.

Queremos, disseram-me elles, que o historiador da Revolução Social ache tudo em Moscou.

Em verdade, posso dizer, como homem que estudou a materia, ahi encontrei fartos documentos sobre a Communa, jornaes, livros, photographias, notas, relações, cartas particulares, papeis de toda especie. Tive a mesma impressão, no que diz respeito a Babeuf. Ahi encontrei um ambiente de trabalho e de paz como desejaria encontrar nas nossas bibliothecas. Mas para que falar em bibliothecas? E' preciso saber se na França o historiador, desprovido de titulos universitarios, póde trabalhar no gabinete de uma organização de Estado, só, ou deante de um camarada, tendo um monte de documentos e podendo delles dispor...

Respondamos com franqueza: não.

* * *

Vamos visitar o Tsekubu. Isso significa Commissão Central para a Melhoria da Vida dos Sabios. E' um clube onde os homens de sciencia apparecem quando o desejam. A palavra "homem de sciencia" é aqui tomada no seu mais amplo sentido. Moços e velhos ahi se refugiam como num porto. Ahi encontram aquecimento, chá, refeições a 50 kopeks (6 francos e 25), sociedade cordeal, sala de leitura com revistas e todos os jornaes do extrangeiro. Outros clubes analogos serão brevemente abertos em outros bairros.

Fui recebido por um homem edoso, de cabellos brancos, de blusa azul, muito cortez, sem nada de vulgar nos seus gestos. Ahi encontrei um mundo intellectual, entre os quaes muitos velhos, modestos, silenciosos, tranquillos, simplesmente vestidos, que ao sahir do vestiario esfregando as mãos, iam da sala de leitura ao refeitorio, com o ar distrahido e feliz.

Quando estão doentes, ha a Polyclinica, onde os preços são reduzidos ao minimo. De resto, esses intellectuaes formam uma familia extremamente unida, cujos membros se apoiam mutuamente.

Isso para os de Moscou. Da provincia vêm muitos para os Congressos Scientificos, ou simplesmente pelas necessidades do seu trabalho. Para esses ha, cáes Kropotkine n.º 3, uma casa de habitação onde podem residir todo o tempo da estadia em Moscou. Dá de um lado sobre a Moscowa, de outro sobre os alamos e o

"Jardim dos Professores Vermelhos". Os quartos são para dois ou tres, com leitos de ferro muito limpos e uma secretária. Cada um tem um lavabo. Ha salas de banho. São 70 leitos.

Dou esses detalhes porque ha oito annos que se dizem sobre essa casa muitas tolices. Ahi não se fazem refeições; sómente servem chá (3 kopeks o copo, 4 kopeks o pão). Ha tambem uma grande sala de trabalho com uma duzia de mesas, onde se póde permanecer de vinte quatro horas a um mez. Isso, pagando 2 rublos por dia, sejam 25 francos (em realidade apenas 12,50, considerado o poder acquisitivo do rublo). Para alojar-se ahi, basta ser membro da Sociedade dos Sabios.

Os professores de Moscou têm, tambem, uma casa de habitação commum para os que ainda não dispõem de alojamento. A installação é a mesma do cáes Kropotkine, parecendo-se menos com um hotel. Ha uma cozinha commum, refeitorio commum e pequenos alojamentos, compostos de uma ou duas peças, com cozinha particular, sala de leitura, bibliotheca, clube.

Os meus patricios certamente terão ouvido contar que os livre-docentes varriam a neve das ruas, que cada um devia fazer quatro horas de trabalho manual por dia, invencionices que devem ser rejeitadas como a lenda das mulheres "communizadas" e outras atiradas á immundicie. O intellectual, e sobretudo o professor, desde que elle seja, não digo communista, mas respeitador do systema politico estabelecido, tem entre os Soviets as mesmas facilidades de trabalho que na França, e goza de um bem-estar relativo que muitos dos nossos infelizes licenciados, (para não nos referirmos senão á nossa plebe universitaria) acceitariam e talvez invejassem.

XII

Os Soviets e a medicina. Os doentes em Moscou — Créches e maternidades — Tudo pela mãe e pela creança — Uma Assistencia Publica que tem coração — O Prompto Soccorro — O Narco-dispensario — A regeneração das prostitutas — O sanatorio da noite — O que se sabe no Occidente mas não se deve dizer — Medicos e clientes — O segredo medico — Os abortos officiaes.

Já disse e repeti que os Soviets acreditam na sciencia. Accrescentemos que ella é para elles um deus. Respeitam os engenheiros e os medicos. Para elles, a hygiene é tudo. Não se menosprezam as prescripções das autoridades relativas á saude publica, e isso representa um grande trabalho, pois o povo russo é sujo. Sujo e cheio de idéas atrazadas sobre a doença. São lá mais numerosos do que entre nós os curandeiros, feiticeiros, fazedores de milagres. Em vinte provincias, a attitude do indigena a respeito do medico era ainda em 1917 a mesma de Marrocos nessa occasião. Foi necessario extirpar habitos arraigados, combater os curandeiros, penetrar nas familias, conseguir que a mulher se mostrasse ao medico.

Eis o resultado que este quadro evidencia:

Para mil pessoas	Nascimentos	Mortes	Excedente	Sobre mil recem-nascidos morreram antes de 1 anno
1912-13	45.5	28.6	16.9	266
1927	43.2	20.0	22.3	190
1928	42.3	18.2	23.9	155

De um lado, decrescimento da mortalidade infantil. 155 por mil é um bello numero. Na França nós oscillamos entre 80 e 100. Em certos estados (Dinamarca, Hollanda, etc.) chega-se a 50, mas esse progresso é immenso.

De outro lado, decrescimento da mortalidade geral, que se approxima da nossa, que é de 17, emquanto que os nascimentos, embora levemente diminuidos, permanecem numerosos (cerca de 19 na França e na Allemanha, contra 42 na Russia).

Todas essas cousas permittem que Staline triumphe no seu discurso sobre o Plano Quinquenal, proclamando que cada anno a população da União conta mais tres milhões de almas. Como conseguiram isso os Soviets?

* * *

Para chegar a esse resultado, que é um facto, os Soviets emprehenderam e concluiram um grande trabalho.

Primeiro ponto: todos os medicos se tornaram medicos do Estado. Todo o cidadão está na situação em que os mobilizados se encontravam na França durante a guerra.

Segundo ponto: cada um possue o seu livro de saude individual e familiar.

Terceiro ponto: multiplicaram-se os dispensarios. Em Moscou ha quarenta dispensarios geraes, sem falar nos hospitaes.

O numero dos leitos nos hospitaes passou de 146.000 em 1913 a 265.000 em 1929-1930, o que significa que em 1913 havia um leito para cada 743 pessoas e em 1930 um leito para 600.

Para isso gastaram largamente. As despesas para a hygiene publica foram avaliadas, em 1913, em 124 milhões de rublos, valor de antes da guerra. Em 1928-1929, 735 milhões, em 1929-1930, 914 milhões.

Eram necessarios hospitaes, dispensarios e sobretudo maternidades e créches.

Antes da guerra não havia instituições para a protecção da maternidade e da infancia na Russia. Em 1929, contavam-se na União 1.395 postos de consulta para as mães, na cidade, e 905 nas aldeias. (Estamos falando de consultas "especiaes", pois cada medico constitue, de per si, um posto de consultas.) O numero de créches augmenta de anno para anno. Em 1917, 14 créches de fabrica e nenhuma para o campo. Em 1921, 769 créches para fabricas e 46 para o campo, em 1929, 1.433 créches de fabrica e 8.948 para o campo. Si, deante de semelhante resultado, algumas pessoas de má fé não sentem a sua cólera diminuir e mudar a sua opinião, é que são positivamente um caso perdido.

Eu poderia ter-me enganado sobre outros pontos, nunca sobre

esse. Sou medico. Fiz estudos em Paris e cliniquei na provincia, sei o que é uma creança rachitica e uma bem nutrida, sei o que constitue um hospital bem cuidado e um máo hospital, como o de Broussais, em Paris, demolido ha dez annos, mas onde trabalhei. Foi construido em madeira em 1832 para os atacados do cólera, e servia ainda aos parisienses em 1910, quando lá estive! Os ratos corriam em bandos pelas salas, assustando os pobres doentes. Confesso-o com toda simplicidade, nunca vi semelhante cousa na Russia.

Tomemos um exemplo do esforço sovietico: as maternidades em Moscou. Na maternidade Clara-Zetkin, fazem-se 20 partos diarios, sete a oito mil por anno. Os numeros de mortalidade, quer das mães quer das creanças, são sensivelmente os nossos. Ha 20 Maternidades em Moscou, das quaes 4 muito grandes: exactamente 4 que têm 200 leitos, e 16 com menos de 120. Sejam 2.300 a 2.400 leitos para todo Moscou.

Ora, em Moscou não deve haver mais de 100 a 150.000 nascimentos por anno. Como as mulheres ficam seis dias na maternidade (entre nós, nove) vê-se que o problema em Moscou parece resolvido.

Em principio, os Soviets fazem tudo para defender a mãe e a creança. Basta considerar, como já disse, que nas fabricas a mulher gravida deve deixar de trabalhar dois mezes antes, para só retomar o serviço dois mezes depois do parto. Durante esses quatro mezes recebe todo o salario.

Quando volta á fabrica, e emquanto amamenta, esse salario é augmentado. A creança recebe o que elles chamam "dote", roupas ou dinheiro.

Entre esses discipulos de Jean Jacques Rosseau, a amamentação é recommendada.

A mulher deve amamentar, dizem. E oppõem, na sua propaganda, a mulher rica, burgueza, que emprega a mamadeira, á operaria que dá o seu leite. Para ajudar as operarias, installam-se em todas as fabricas uma créche onde a mãe deposita e vem amamentar o seu filho. De tres em tres horas, têm para isso meia hora de liberdade.

Seria um nunca acabar se quizesse ennumerar todas as instituições relativas á mãe e á creança. Falarei apenas do Instituto Central: comprehende uma consulta para as mulheres, uma para as creanças; um hospital de trezentos leitos para as mulheres, um

de cento e cincoenta leitos para as creanças. Si a mulher não tem marido, o Instituto protege-a juridicamente perante o Tribunal. Si o tem, e é por elle espancada, o Instituto a ampara, assim como á creança.

O bruto, o bebado, devem comportar-se bem. Pede-se para a sua esposa o divorcio, arranja-se para ella trabalho e casa. Não digo que isso não se faça em França; mas duvido que de forma tão ampla, rapida e simples.

* * *

Outro exemplo: Ha em Moscou, um anno pelos outros, uma média de 600 creanças enjeitadas. O Instituto recolhe as creanças e procura a mãe. Quando encontrada, é admoestada e, segundo o caso, leve ou gravemente condemnada. Se não é encontrada, caso mais frequente, começa-se por albergar a creança de peito. Se a mãe voltar ao fim de um anno, se trabalha e não é alcoolatra, a creança lhe é restituida. Quando não é digna, é privada dos seus direitos de mãe.

Isso se faz tambem em França, direis, na Assistencia Publica... Sem duvida, mas não ha simplicidade e a nossa burocracia é terrivel. Além disso, a mãe quasi nunca torna a encontrar seu filho. Outro exemplo: Uma mãe trabalha na usina, em França. Deposita seu filho numa créche, fóra da fabrica; indo vel-o, é atropellada por um automovel, transportada ao hospital em estado inconsciente. A's seis da tarde, não chegando a mãe á "créche", esta não tem direito de conservar a creança, leva-a á Assistencia Publica. Nada disso entre os Soviets: a creança fica na "créche".

Vamos mais longe e façamos franca confissão. Entre nós o enjeitado póde, se é confiado a pessoas honestas, tornar-se o mais feliz dos homens, mas em principio "creança do Asylo" quer dizer, "filho sem pae...". E por um que leve vida feliz, dez arrastarão toda a vida a vergonha do desprezo publico. Na Russia, nada disso. Nossa sociedade está dominada pela idéa do casamento indestructivel e os laços legitimados pela Egreja e pelo Estado. Entre os Soviets, isso é velharia e não ha deshonra em não conhecer seu pae. Basta dizer: meu pae é o Soviet.

* * *

Assignalemos ao acaso cinco ou seis creações originaes que nos poderiam aproveitar.

Existe em Moscou um Instituto Skifanovsky de Prompto Soc-

corro. E' um grande edificio que contem 230 leitos e conterá 600. Os cirurgiões ahi estão em perpetua sentinella. O Instituto opera ou cuida (envenenamentos, por exemplo) de trinta ou quarenta casos graves por dia.

Além disso, auto-ambulancias estacionam com o chauffeur na boléa, prestes a partir, no pateo do proprio hospital. Venha um chamado telephonico de qualquer canto de Moscou. O medico em serviço, sem deixar o telephone, dá suas ordens ao chauffeur e ás salas de operações, simultaneamente, e quinze minutos mais tarde, qualquer operação póde ser começada. Sinto dizer que nada de egual existe em Paris, e que no Instituto de Moscou li attestados de mestres francezes, que eu conheço e venero, e que sem duvida aqui virão dizer o que lá viram e admiraram.

* * *

Outra cousa.

Na França, cáe um bebado na rua. Agentes agarram-no, levam-no ao posto. Se o homem reluta, ponta-pés pelas costellas e depois o atiram á rua. E isto, até o dia seguinte. Como se faz na Russia?

Em Moscou, pelo menos, ha o que se chama um "Narco-Dispensario", dispensario para bebados. Comprehende, naturalmente, uma consulta e tambem um asylo para pernoitar. Está em relação com um hospital para alcoolicos, de duzentos leitos.

Quando um alcoolico é preso na rua, ou quando ás dez horas da noite um bebado faz algazarra em qualquer estabelecimento, ou no corredor da propria casa, basta uma telephonada, a policia ou as brigadas de "Komsomols" (Juventude Communista) chega, pega o bebado, leva-o ao dispensario. Lá, o homem é despido, tratado a duchas, injecções, é levado ao leito em maca bem branca (assisti a essa scena). A' meia noite — os vinte e dois leitos estão occupados. No dia seguinte, acordam-nos ás sete horas, almoçam e têm que pagar um rublo. São, então, mandados ao trabalho, advertidos de que se acham sob assistencia social e que devem voltar á consulta. Temos em França alguma cousa semelhante? Nada disso.

* * *

Acha-se tambem em Moscou um prophylactorio para prostitutas, e varios na provincia, cinco ao todo, pois não ha prostituição regulamentada na Russia, mas é preciso, entretanto, haver a de-

fesa contra a tendencia de certas mulheres á prostituição, ou melhor, defender essas mulheres contra ellas mesmas.

Fui vêr esse prophylactorio. A directora, uma morena baixa e risonha, faz-me visitar a officina onde cincoenta mulheres, quasi todas jovens, limpas e vestidas com certo esmero, trabalham fazendo meias. Tecelagem e tinturaria. Atmosphera industrial. São bem pagas. Depois de passarem lá alguns mezes (sendo tratadas em caso de enfermidades venereas) mandam-nas ás fabricas, onde, durante dois annos, são discretamente vigiadas. Para lhes incutir o gosto do trabalho, proporcionam-lhes condições melhores. Consideram-nas curadas quando, afinal, arranjaram um amante ou um marido. O resultado é quasi sempre bom. Quando ellas se acham nesse prophylactorio, (que é a prisão de Saint-Lazare (1) dos Soviets e mil vezes melhor que a nossa) evita-se que as mulheres tenham a impressão de ser prisioneiras. Todas as tardes podem sahir, em grupos, para que melhor se vigiem e se defendam mutuamente. Quando ha recahida, é preciso recomeçar o tratamento. Se a mulher é incorrigivel, depois de ter mudado de prophylactorio para experimentar outros methodos e outras influencias, é denunciada á policia, que a envia a um recanto da Siberia, onde se póde apostar que ella não achará com quem prostituir-se.

Insisto sobre essa creação dos Soviets, porque a maior parte dos francezes desconhece a questão. Em summa, entre nós: policia de costumes, casas de prostituição protegidas pelo Estado, prostituição officialmente reconhecida, a syphillis estimulada, um Saint-Lazare que é um inferno, e a mulher atirada á lama pelos poderes publicos e pelos cidadãos. Entre os Soviets, não ha policia de costumes, nem casas de prostituição; a prostituição é combatida, a syphillis guerreada, a prostituta rehabilitada ou afastada do fóco em que se torna nociva, Saint-Lazare tornado um hospital como qualquer outro, e uma officina. Pergunto eu: de que lado está a civilização?

* * *

Poderia falar tambem das clinicas technicas, muito numerosas, que se acham em todas as grandes cidades, em todos os centros fabris, clinicas onde não sómente são tratadas as doenças profissionaes, mas onde tambem se provocam mudanças de officios e

(1) Saint-Lazare é, em Paris, a prisão das mulheres perdidas.

onde são estudados, systematicamente, os valores dos candidatos a certos empregos. Evidentemente, os francezes podem admirar-se de que o Estado se occupe, não digo de dar a cada um a profissão que entende (como se fazia no nosso tempo de soldado) mas de aconselhar claramente que se tome tal ou tal emprego, e exigir que se abandonem outros. Os Soviets se riem da nossa surpresa.

* * *

Sanatorio nocturno

E' um estabelecimento no qual o tuberculoso incipiente vem se tratar á tarde, passa uma noite tranquilla, almoça bem antes de voltar ao trabalho. Durante o tempo que fica no Sanatorio é tratado com muita attenção, dá-se-lhe uma casa mais arejada e, se elle ganha pouco, dá-se-lhe roupa branca.

Eis um Prophylactorio nocturno, em Krasnaia-Premia, suburbio proximo de Moscou (como Saint-Denis é de Paris). Nesse prophylactorio ha setenta pessoas, todas mulheres. Podem trabalhar, não estando doentes, mas se sentem momentanea fraqueza, então, vão lá passar dois mezes, dormindo melhor que em casa, vigiadas e superalimentadas. Irão sempre ao trabalho. O Estado nada perderá, mas ellas ganharão. Ao cabo de dois mezes voltam aos penates, melhoradas, e deixam o logar para outros enfermos.

* * *

Dizia eu, ha pouco, que todos os medicos são funccionarios do Estado. Quando o cidadão da União, ou qualquer pessoa da sua familia, estão doentes, consultam o medico que os autoriza a deixar ou não de trabalhar. Se o medico acha que o doente póde trabalhar e elle se recusa a isso, perde o emprego. Se o caso é sério, (o que quasi sempre succede quando o medico é chamado a domicilio, em logar de ir o cliente á consulta) o doente entra no hospital, onde não sómente todas as operações são gratuitas, mas onde o operario, ou empregado, o trabalhador, emfim, continúa a ser pago. Quanto a medicamentos tomados fóra do hospital, depende do que ganha o operario. Os pobres não os pagam. (Os pharmaceuticos é claro que são funccionarios tambem.)

Não ha na União outras clinicas senão as do Estado, por isso o doente grave entra sempre, qualquer que seja a sua situação, no hospital. Não ha por lá essa especie de receio do hospital que perdura entre os burguezes da França, sobretudo os da provincia.

Todos os tratamentos que não necessitam entrada no hospital, ou na clinica, sobretudo certos tratamentos complicados como electrotherapia, mecanotherapia, série de injecções, etc., são praticamente gratuitos para os pobres. Para os outros ha, segundo as circumstancias e as situações, uma escala de preços.

Outro caso é quando o doente não se quer deixar tratar. Entre nós um syphilitico vem á consulta, recusa os serviços medicos e volta á fabrica ou á familia onde contagia toda a gente; o medico não póde impedir isso, nem denunciar. Entre os Soviets, o interesse collectivo se sobrepõe a tudo. Um homem tuberculoso, ou syphilitico, tem que deixar o seu meio, tem que ir ao hospital, quer queira quer não queira, e será tratado mesmo á força. Os medicos dos Soviets conhecem a discreção, mas ignoram o que nós chamamos segredo profissional.

* * *

Nos meios reaccionarios, proclama-se, desde 1919, que entre os Soviets toda a mulher tem o direito de abortar e que existem na Russia clinicas especiaes para esse fim. Na realidade ha lá, como aqui, abortos permittidos pelo medico. Os Soviets têm, além disso, o aborto social, em outras palavras, reconhecem que a mulher tem o direito de abortar se quizer. Ella o póde fazer sómente em clinicas para isso organizadas, emquanto que, entre nós, uma multidão de parteiras (tecedeiras de anjos) provocam abortos ás duzias. Na Russia, procuram fazer tudo para que a mulher continue normalmente a sua gravidez. Dizem-lhe que o aborto é sempre perigoso, que a creança é o encanto da vida, que é facil, depois de certos conhecimentos, evitar nova gravidez... Se ella insiste, é necessaria a licença do marido. Se a licença é obtida, dizem á mulher que essa operação é paga, e se a gravidez passou de dois mezes, qualquer intervenção é recusada. Mesmo quando a gravidez é de menos de dois mezes, é preciso que essa mulher já tenha pelo menos tres filhos, sem o que não póde ser operada em nenhuma clinica do Estado. Entre as mulheres francezas que abortam, quantas apresentam tres filhos? (1)

Haverá na Russia algumas centenas de abortos officiaes por anno; na França, os abortos secretos contam-se por centenas de

* * *

(1) N. do T. — Sobre este assumpto vide o livro de Diego Hidalgo "Impressões de Moscou", Editorial Pax.

milhares; na Allemanha dizem que houve um milhão no anno passado.

Pelos mais modestos calculos, a população dos Soviets augmenta, todos os annos, tres milhões de almas.

E' grande o orgulho que manifestam os Soviets (com ou sem proposito) quando fazem ou acreditam ter feito melhor do que o estrangeiro. Sente-se o seu desdem e, na menor reforma, é palpavel o desejo louco que demonstram de serem os primeiros. Por isso, o viajante, pensando na mortalidade ainda elevada, na hygiene ainda rudimentar, não póde reprimir um sorriso. Entretanto, esse esforço é commovedor; o dominio da saude publica é justamente aquelle no qual o materialismo russo se converte em pura e simples humanidade; o cuidado de ser util se torna bondade. Não se descobre isso no Commissariado do Povo, que vê as cousas do alto e que quando salvou uma vida diz que serviu o Estado. Sente-se, porém, isso nos dispensarios, nas "créches", na rua, nas mulheres que vão soccorrer a miseria e a doença no fundo dos antros mais lobregos.

O dominio de si mesmo (poderia citar muitos exemplos que, aliás, são tambem frequentes no Occidente) é tal, tão constante, tão perfeito, tão prolongado, que o acto se apaga deante do movimento espiritual que o determinou.

A Criméa

XIII

Costa Azul Sovietica — Sanatorios e Casas de repouso — Politica esperta e bôa psychologia — A Criméa feliz — Os camponezes substituem os Czares — Uma floresta centenaria — A esteppe — Os Tartaros — A cidade de Bakchi-Serai — O palacio dos Khans — O tumulo da Pototska — Os tempos mongolicos passaram.

Em dois recantos do seu immenso imperio os Soviets têm sol, um sol suave e constante. E' no sul da Criméa e na Transcaucasia, particularmente ao longo da costa do Mar Negro. Póde-se mencionar, ainda, o Caucaso do Norte, no ponto em que a esteppe começa a ondular, alteando-se, em redor de Mineralnevod e de Krislovodsk, regiões thermaes que Lermontov e Puchkine já conheciam.

Decidiram que o povo, como faziam até 1917 o Czar e a aristocracia, iriam á costa azul sovietica, ou á montanha, para respirar e tratar-se.

Comprehende-se que a idéa é muito bella e o plano vasto demais para poder ser realizado immediatamente. Facto é que nessas regiões, e em outras, uma quantidade de casas e de hoteis foram requisitados e transformados em sanatorios e casas de repouso.

Em todo o territorio da União encontram-se estabelecimentos desse genero. As casas de repouso erguem-se em toda parte, sobretudo nas vizinhanças das fabricas. Os Sanatorios existem nas proximidades de Leninegrado, no Caucaso, na Criméa e nas estações de aguas.

Para entrar numa casa de repouso, o trabalhador se inscreve no seu syndicato, ou no "Soviet" da cidade. Hoje, calcula-se que 30 % de operarios podem gozar desse privilegio, por turnos successivos, no decorrer do anno. A preferencia é dada aos que exercem as mais duras profissões.

Para entrar num sanatorio, é preciso passar por uma commissão de medicos que não sómente ordena a partida, mas decide o logar e a duração da cura. A viagem é feita com uma reducção de

50 %. A estadia é paga. Em média, comprehendendo todos os cuidados medicos de qualquer especie, o mez custa no sanatorio 150 rublos (1.800 francos); na casa de repouso 120 rublos (1.440 francos). Se o operario não póde pagar essa quantia, dirige-se ao syndicato que o ajuda. Geralmente, para que o operario permaneça 15 dias numa casa de repouso, adeanta-se-lhe a somma da despeza, concedendo 6 mezes de prazo para reembolsar o syndicato.

Vi muitos sanatorios e casas de repouso. Os estabelecimentos da Criméa e do Caucaso são esplendidos, quasi todos installados em antigos conventos ou em palacetes construidos por aristocratas e banqueiros antes da guerra. Só os Sanatorios da Criméa chegaram a receber em 1929 setenta mil doentes e, segundo calculos relativos aos primeiros mezes de 1930, contavam receber nesse anno cento e setenta mil.

Imaginemos entre oliveiras, figueiras, cyprestes, numa paizagem que faz lembrar a nossa Costa Azul, mas onde as bellezas naturaes permanecem intactas, esses camponezes tuberculosos do Ural, ou os empregados que trabalharam demais e se debilitaram em Moscou. Deante de um mar ardente, passeiam dois, tres, seis e mais mezes, sobre o terraço duma vivenda que já pertenceu a uma Alteza e cujo cozinheiro francez ahi ficou para continuar a dirigir o cardapio. Como quereis que essa gente, e todos os seus amigos, e todos os que ouvem contar essa historia sob o tecto de palha lá n'uma aldeiazinha da Siberia, não sonhe com a Criméa e o azul do mar? Como quereis que toda essa pobre gente não apoie um regimen que lhes assegura a sua parte de felicidade sob o sol?

Sei que os funccionarios e os altos funccionarios, sobretudo, são favorecidos, mas é verdade que operarios e camponezes têm larga parte dessa ventura. E quando algumas centenas de camponezes vivem em Livadia no Palacio do Czar, póde-se crer que todos os povos da União sabem-no e o propalam aos quatro cantos do paiz. Eis uma politica esperta e que não se afasta da bôa psychologia.

* * *

E' difficil descrever tudo. Perto de Batum, paiz admiravel, perpetuamente verde, da Republica de Apraxia, succedem-se os jardins ao redor de cazinhas brancas, ahi medram em pleno ar livre, eucalyptos, catalpas, tangerinas, bananeiras, lotus, magnolias, expluindo da terra como na nossa região do Meio-Dia.

Ha o grupo thermal de Mineralnevod, cujos estabelecimentos pertencem quasi todos a um "trust", e o resto ao Commissariado do Trabalho, ou a syndicatos, (mineiros, empregados) ou ao Commissariado da Guerra, que naturalmente para ahi envia seus subordinados, segundo os diagnosticos dos medicos; Gagri, no mar Negro, preferido outr'ora pela bôa sociedade, ou a Criméa, que sob o ponto de vista medico é talvez, como dizia acima, a região melhor organizada dos Soviets. Quanto ás bellezas naturaes, supporta a comparação com o Caucaso, que é, fóra de duvida, magnifica região. Comprehende-se que os Czares tenham feito da Criméa a sua mansão predilecta e que a aristocracia tenha contrahido o costume de frequental-a duas vezes por anno, carregada de ouro e de desejos. Vamos percorrel-a para fazer uma escolha.

* * *

A cidadezinha de Yalta era, ha cem annos, uma aldeia de pescadores onde dominava o elemento grego, pois que a costa meridional da Criméa foi successivamente colonizada pelos gregos, genovezes, venezianos, para não falar dos scythas, gregos e tartaros, que occupavam sobretudo o interior. Por isso, hoje ainda, encontra-se não longe de Yalta, Gurtsuf, cidadezinha tartara de aspecto, habitada durante muito tempo por Puchkine, sobre as ruinas de um enorme castello genovez. Como bom latino senti um fremito no coração.

A gente ahi se encontra a trinta ou quarenta metros acima do nivel do mar, e que azul de mar! E' como se nos achassemos em Salamina. Deante de mim uma cidade tartara, casas quadradas, baixas, avarandadas, e que parecem cavernas negras abertas entre cyprestes. Encontram-se casas semelhantes em todos os pequenos portos gregos e lembro-me de tel-as visto em Ithaca. Sobre os balcões de madeira, uma jovem seccava a roupa, a mesma roupa que vestiria Penelope, rainha tão versada nos mistéres domesticos. Gurtsuf é uma miscellanea de desordem, sujeira e belleza, mas o que encanta não é tanto a cidade, e sim o porto limitado por dois rochedos isolados, que parecem duas boias gigantes na praia pedregosa.

Lá do alto imagino o ondular das galeras venezianas e genovezas. Essa agua azul parece feita para lhes sustentar as quilhas alongadas. São talvez os remadores das chusmas esses homens que passeiam preguiçosamente, ou dormem junto aos muros calcinados pelo sol. Além da cidade, como o amphitheatro dum circo

fechado pela rocha abrupta que nos separa da Criméa central, collinas de vinhas e de oliveiras. Que nos importa a presença dessa joven barbara, dessa mulher tartara vestida de vermelho acocorada deante do mar e com o filho nos braços? Ella representa o papel da escrava que vae partir para se installar como costureira em casa de um dos heroes, cuja bravura encantou nossa infancia.

* * *

Em Yalta, como em Gurtsuf. Longas casas achatadas sob tectos de quatro vertentes cobrem as rampas e se aninham no regaço dos valles como uma frota de barquinhas encalhadas. Repartida sobre dez collinas, a cidade é tão entrecortada de jardins e de cyprestes, tão bem aconchegada ao terreno, que só do alto das montanhas é possivel descortinal-a em seu conjunto. Tambem ella tem uma apparencia grega, quando as aguas estão calmas e quentes, graças a essa profusão de fustes negros que fazem de Yalta, (ao menos para olhos occidentaes) um cemiterio alegre. Nos dias de chuva o mar toma dois matizes, azul e amarello, e, acima dos mastros deseguaes, correm largas nuvens esbranquiçadas.

Desde que o sol volte, e elle volta logo, as nuvens sobem, arredondam-se, transformam-se em pennachos, enfeitam o céo immenso como visões felizes e os moradores recomeçam os seus passeios. Como não passear ahi? Os pés e a cabeça no azul, banhando-nos em doce calor, em luz suave, Yalta nos inclina á acceitar a vida, que parece facil e nos dispõe até para uma morte deleitosa.

Quanto a mim, nunca passeei na cidade alta sem considerar serenamente a hora extrema da vida. Bem em cima, ao lado da egreja, um cemiterio abandonado, com a cazinha do guarda, que era tambem sineiro, porteiro, sachristão e coveiro. Não se póde imaginar mais bella perspectiva do que essa que desfructava esse obscuro servidor dos poderes depostos. Muito acima do nivel do mar, desse mar syracusiano, o silencio indefinivel, a ausencia de um zumbido, de um sopro, o silencio amplo e calido, manto de calor mudo, apenas interrompido pelo grito de uma mulher, que chama seu filho, duas notas que rolam da montanha ao mar, logo absorvidas pelo silencio e esquecidas. O sachristão, amado dos deuses, durante todos esses annos, sem comprehender que era um privilegiado, deixou passar entre os dedos o ouro, a luz, o diamante... Agora, com unhas ageis, cata ao sol os piolhos... Quando deixei a cidade, o meu mais terno olhar saudoso foi para esse pobre diabo

que se aquecia ao sol, e me olhou estupidamente sem comprehender que nesse recanto eu deixava o coração.

* * *

Outr'ora, duas vezes ao anno, a bella sociedade vinha á Yalta e ás outras cidades da costa meridional. Divertia-se com inconsequentes e funestas algazarras. A esse respeito, os habitantes do logar, hoje livre, contam varias historias das quaes esta é a melhor:

No passeio de Yalta, duas grandes burguezas, quasi aristocratas, se engalfinharam e lutaram a guardachuvadas, emquanto os maridos estavam no clube, e de nada desconfiavam. A' noite toda a gente sabia que as duas senhoras quasi se tinham ferido por causa de um tartaro. Era habito fazer grandes excursões pela montanha, com guias dessa nacionalidade. Esses guias eram homens robustos e grandes amorosos: as damas pagavam-nos generosamente. As duas combatentes tinham percorrido a montanha com um delles. O amor e o ouro fizeram o resto.

* * *

Os Czares tambem ahi vinham. Tinham feito construir, um tanto afastado, o castello de Livadia, cercado de videiras, laranjeiras e cyprestes, abundantes em toda a costa meridional. Nesse ambiente ameno edificaram um palacio branco, com algum marmore e muito estuque, segundo o velho habito russo, e ahi se abrigavam durante todo o tempo que não estavam em Peterhof ou Tzarskoie-Selo. Alexandre III, especialmente. Nesses jardins podia-se sonhar ao pé de estatuas, fontes, arte antiga, grega da bôa ou má época, ou romana. Eu mesmo me senti perturbado junto a esses Bacchos e Apollos, pois deante desses marmores dourados como os de Athenas, a gente é obrigada a falar de um fragmento da Grecia ligado ao paiz dos Scythas e de deuses de marmore exilados.

Para me commover, tenho cousa melhor que esses palacios habitados por camponezes, melhor que essa linda columna de marmore onde estão esculpidos cachos e folhas de uvas e que supporta uma fonte. Conheço mal os gregos, os genovezes, os Czares, Puchkine. Mas eis alguma cousa que fala a minha lingua. No jardim botanico, orgulho da Criméa, cujo nome esqueci, a uma hora de Yalta, vi oliveiras mais que centenarias, e entre ellas uma que foi plantada pelo duque de Richelieu. Sim, pelo mesmo duque encarregado de libertar o territorio em 1815. Era então governa-

dor de provincia nomeado pelo Czar e fundou Odessa. Não separo o seu trabalho do de outros, que, por sua vez, fazem justiça a Richelieu. Sob a folhagem da oliveira, a lembrança de um dos nossos casa-se á dos latinos e dos gregos, philosophos, juristas e jardineiros.

Prosigamos nossa viagem. Aqui temos uma região e um povo tão differentes da grande Russia como Marrocos póde ser differente de Brandeburgo.

A Criméa é um vasto planalto triangular, mesa levemente inclinada para o norte, e que ao sul termina por uma costa lisa.

Yalta, Gurtsuf, Balaklava, desmaiam junto á verdura da costa, como junto a uma arvore cáem os frutos maduros e os passaros do céo.

Quando a gente quer attingir uma Criméa scytha, ou tartara, que é a verdadeira, é preciso escalar um caminho em zig-zag sobre uma verdadeira muralha. A costa, ou a muralha, é inteiramente recoberta, não de uma floresta rasteira como as nossas, floresta que mais parece uma cathedral gothica vegetal, mas de pinheiros de troncos rectos e grossos como as columnas de uma egreja.

Ha tambem faias e carvalhos, mas o pinheiro leva a palma pelo numero e pela belleza. Alguns desses gigantes surgem no caminho, estreitando a passagem, e foram poupados por um sentimento de respeito que eu comprehendo. Surgem de uma moita folhuda, verde-amarella. Seus enormes ramos curvos parecem arcos meio demolidos. Aqui e alli pedras e rochedos accentuam a impressão de um templo arruinado; o terreno é fulvo, semeado de hastes ponteagudas e as folhas seccas emprestam-lhe um matiz avermelhado. Os pinheiros são verde-escuros, as outras arvores querem que sobresaiam o verde claro e o amarello, com tintas de ouro no outomno. Ao acaso, vê-se entre aberturas da folhagem, o luminoso mar, longinquo como se fosse visto dum avião, e em cujo azul se desenha um triangulo de prata como larga toalha de metal em fusão. De vez em quando, perdido entre os pinheiros, um rebanho de betulas esguias e douradas, farfalhando.

Subimos, degráo a degráo, uma escada enorme e pouco a pouco a vegetação desapparece, a rocha reponta, rocha polida, velho esqueleto do mundo; as ultimas arvores nella se agarram, della surgem com as raizes no ar e os braços torcidos. O declive é quasi vertical, tão a pique que se sente a vertigem deante desse desmoronamento de pinheiros e de pedras, de verduras e de troncos, ao longo de uma muralha de 1.300 metros de altura, até Yalta, que

agora apparece como uma perola encastoada no ponto de juncção da terra e das aguas. O mar deante da cidade é immenso e no horizonte se confunde com o céo. Paira sobre nós, immovel e quente. De subito, do planalto que surge deante dos nossos olhos, accommette-nos um vento mais gelado do que os sabres dos tartaros, ao mesmo tempo que apparece o tecto sinistro dessa mansão deliciosa. E' um deserto cheio de pedras com uma escassa vegetação disseminada, sem homens e sem animaes, tendo apenas, pairando acima de ninhos immensos que se adivinham sobre os rochedos, uma aguia que se equilibra e fluctua ao vento.

Abriguemo-nos atraz desse muro, contra o qual se precipita o vento das esteppes. Sua face meridional é quente. Symboliza bem a Criméa, porque de um lado ella é tambem grega ou latina. Como esfusia atraz de nós esse nomade gelado! Deante de nossos olhos o mar se assemelha a uma placa de aço prateado, esse mar que foi grego, romano, genovez, que não é russo, nada russo, e que nos faz pensar que estamos no logar de onde outr'ora o scytha lançava um olhar de cobiça sobre as cidades romanas, ou gregas, e o tartaro sobre as cidades italianas. Estamos nas verdadeiras fronteiras meridionaes da Russia.

* * *

Vamos! Coragem!

Deixamos a muralha e dissemos adeus ao luminoso mar. Rodamos agora sobre um planalto levemente ondulado, amplo deserto pedregoso, onde se encontram, de vez em quando, alguns poços. Terra e céo, tudo vasio. Passa um tartaro que se parece com Marcel Cachin. Leva sobre o dorso curvado um miseravel despojo. Julgamo-nos na Mongolia e essa Mongolia persiste batida pelo galopar incessante de um vento frio e louco. Depois, a descida lenta começa e não pára senão no isthmo de Perekop, entre bosques de carvalho e de faias verdes e fulvas. De subito, a paizagem se transforma. As arvores reapparecem abundantes, veneraveis, num cháos vasto, poderoso e titanico que recorda os seculares cataclysmas. Ha rochas formidaveis cortadas a pique que avançam sobre a planicie como immensos esporões, cumes nús e achatados, mesa servida para gigantes e sobre a qual as nuvens vêm pousar como pães celestiaes. Muralhas e torres, desmoronamentos, arvores agarradas na pedra, pontas núas, valles emaranhados como grandes ninhos de verdura atravessados por uma torrente como um golpe de espada.

De repente, um terreno calvo, triste, assim se nos apresenta essa estranha região, que é ao mesmo tempo um "Massif Central", uma esteppe "khirghize", uma "Champagne" piolhenta, uma Espanha de Doré. Região vasta, doce, calma, funeraria, fantastica, triste e aplainada, tranquilla e umbrosa, feita de granito e de calcareo, queimada por verões torridos e, no inverno, gelada até a medulla, excepto ao longo dessa costa azul que já deixamos, ligada á verdadeira Criméa por um capricho da natureza e que os povos mediterraneos não sobrepujaram. De vez em quando a esteppe é inteiramente, ou quasi cultivada. Em redor della, aldeias tartaras, pois se as cidades são russas, mais ou menos (ha muitos gregos no sul), as aldeias são tataras, e não tartaras, como disse pela primeira vez um papa Innocente, que por isso mesmo não goza aqui de bôa fama.

* * *

Essas aldeias têm o aspecto mesquinho, embora sejam, ao contrario de quasi todas as aldeias russas que são de madeira, construidas de pedras. No centro ha quasi sempre um minarete. As physionomias são sympathicas, todas as cabeças cobertas de gorros de pelles, os homens têm longos bigodes, e alguns são barbados. Cobrem-se com qualquer trapo, calçam sandalias. Esses andrajos são remendados, mas de côres vivas e, á luz dum lindo sol, fazem muita vista. Uma velha tatara, amarella como um marmello e enrugada como uma maçã que tivesse passado o inverno inteiro á porta de uma quitanda, olha-nos do alto do terraço. Seus olhos remelentos piscam sob o boné de velludo vermelho. Ella termina nesse terraço uma vida que foi ao mesmo tempo miseravel e feliz. Que lhe póde importar a quéda do Imperio, o poder dos Soviets, ou o renascimento tartaro? Essa velha prolonga, sem esforço, até nós, o tempo dos khans que naufragaram no seculo XVIII, cujos cavalleiros iam até a Polonia, a Moscou, e voltavam carregados de pedras preciosas e de escravas. Velhas canções de amor e de guerra resoam sem duvida nessa cabeça branca e tremula.

* * *

Partimos de novo, vemos outras aldeiazinhas risonhas com casas disseminadas e, no centro, uma especie de praça cheia de gallinhas, de cães e de burros, não faltando ahi naturalmente um busto de Lenine. Lenine entre os tartaros...

Um minuto, apenas, e uma enorme muralha regular apparece e se approxima. Dir-se-ia, fechando o horizonte, a cintura de pedra

de Carcassonne. Os pormenores se desenham mais nitidos. Sob o céo idealmente puro, póde-se tomar um rochedo por uma cidade. Penso em Bonifacio, essa curiosa cidadezinha corsa, que é um punhado de pedras içadas pelos engenheiros do seculo XVIII a um alto blóco de argilla, massa monstruosa de calcareo corroido e esculpido pelas aguas e de pé sobre uma immensa collina. As aguas do céo trabalharam tudo isso, os ventos fizeram o resto, cavando os angulos das paredes, arredondando as torres, crenelando as muralhas, imitando o desenho regular das pedras. Por que não pensar numa cidade morta outr'ora habitada por titans? Sobre a greda, mil desenhos bizarros de uma escripta vagamente cuneiforme, tudo isso branco, fulvo, rosa e cinza, destaca-se no céo azul.

Junto a essas construcções da terra e das aguas, longas massas regulares parecem quilhas de navios ancorados em secco desde millenios. Numa extensão de kilometros, emergem torres, castellos e cidades, em tudo semelhantes. Bruscamente, eis de novo as esteppes da Asia e da Africa, planicies rasas e collinas calvas acima das quaes as nuvens se acarneiram pesadamente.

* * *

Os olhos se cansam de seguir essa eterna pobreza de terreno, quando, de repente, no horizonte, surge um acampamento, verdadeiro acampamento que ha seculos não deve ter mudado, excepto nisto que, além da madeira, da téla e do couro, onde outr'ora se abrigavam os homens, juntaram-se as latas de petroleo, á maneira do Far-West. Carros e autos misturados. Cavallos soltos entre asnos e cães. Creanças correndo sobre estradas apenas indicadas: no meio desse bazar, um velho tumulo em ruinas. Um antigo minarete ahi plantado como lembrança e uma uzina em cimento armado, que fabrica não se sabe o quê. Nesse scenario, uma multidão rumorosa erra, come, bebe, briga e dorme. O sovietico, com sua jaqueta de couro, toma ares do tartaro, quando não tem as classicas maçãs salientes ou os bigodes ponteagudos. Passam carros estranhos, onde os passageiros se sentam de tres em tres, costa com costa. Ha um cheiro de gordura frita, de pão quente. As casas são baixas, parecem covis e, entre os alamos, onde quatro minaretes de tectos azues parecem tambem longos troncos despojados de folhagens, um cemiterio espalha sobre o declive argilloso o rebanho innumeravel de suas hermas. O caminho desce; á direita e á esquerda ondulam collinas. De repente, uma porta, mediocre

cavidade no que foi outr'ora um pesado muro de cinta, e entramos na cidade. Uma rua estreita serpenteia entre duas filas de lojas. Artezãos, sapateiros, alfaiates, caldeireiros, trabalham á vista do publico, como no tempo em que o Islam reinava ahi soberanamente. A' porta, suspendem-se os symbolos de cada profissão. Gritos de creanças, esse clamor alto e monotono dos nossos recreios escolares, nos perseguem. A' direita, uma abobada sob um tecto quadrado. Janellas gradeadas e sarapintadas de verde e vermelho. Tectos e minaretes. Uma orgia de côres atraz dos fossos meio entupidos. E' o Baktchi-Seraï, palacio do Khan da Criméa, Imperatriz de todas as Russias.

* * *

Um oasis, em summa, essa cidade, tendo ao meio uma especie de reducto central, o palacio cercado de muros e de fossos e onde se accumulavam thesouros. Haren e caserna, chancellaria e jardim, côrte de Justiça e centro de festas, murmurios de agua e farfalhar de frondes, ahi era mais intensa e mais doce a volupia. Do jardim, via-se, vê-se ainda, o muro arido que cerca a cidade. Prazer de tocar, a dois passos do deserto, a ultima estancia feliz.

Os khans sabiam utilizar os seus escravos. Entre os quatro muros de defesa, accumularam construcções que, bem examinadas, são extremamente leves. Pedras molles, taipas, folhas de flandres, mas as "Mil e uma noites" nos ensinam que tudo é illusão. E' um scenario que agrada pela pureza das linhas e vivacidade das côres, onde, entre o cantar da agua, o perfume das flores e a belleza das mulheres, devia ser agradavel fumar em paz.

Observo os russos que ahi estão. Como erram a gosto entre essas paredes! A Russia nunca se libertou inteiramente do jugo mongolico, é sempre um pouco tartara. Sente-se isso em Khazan, em Samara, em Saratoff, ao longo do Volga, no Caucaso e na Criméa. Si a mãe da Russia é Byzancio, seu pae é o mongol.

* * *

Salas de recepção, pequenos appartamentos, salas de jantar, alcovas, tudo numa disposição que nós não comprehendemos mais. O palacio tem, apezar de tudo, um aspecto morto, despojado, como se vê, da maior parte dos seus moveis e reduzido ao esqueleto melancolico das paredes. Portas, janellas e alguns divans e tapetes, um lustro de Veneza que se balança no tecto, bastam para commover o visitante. Tóco com as mãos uma vasta bandeja de cobre,

grande como uma mesa de sala de jantar, que vibra sob os meus dedos como vibrou sob tantos outros hoje dissecados.

O que nos resta do palacio e dos thesouros dos Khans, não nos permitte fazer uma idéa justa do poder e da riqueza delles. Si os polonezes, no castello real de Cracovia, o admiravel Wawel, ou os russos no Krenlim, atraz das altas muralhas vermelhas, creneladas em cauda de andorinha, invejaram os famosos thesouros do Khan dos tartaros da Criméa, creio que foram enganados pela sua imaginação. Aqui, como em toda parte onde viveram os arabes e os mongóes, os nomades, numa palavra, reinou sempre a illusão. A pureza do céo, o poder do calor, o cantar das fontes, a vegetação preciosa e decorativa, eis os elementos essenciaes da volupia. Vêm depois esses admiraveis "metteurs-en-scéne": o pintor, o poeta, o musico, o tabaco e o tempo para sonhar. Apenas um seculo passou e os actores tiveram que recolher-se aos bastidores, o viajante, decepcionado pela mediocridade das ruinas, tem que suggestionar-se tambem com o sol, pae da illusão, para reconstruir penosamente esses palacios encantados.

Ao fim do palacio, o jardim das mulheres, cercado por um muro de seis metros de altura, acima do qual só se podiam vêr, como hoje, os alamos. A porta do harem é esculpida e colorida. No meio do jardim das mulheres levanta-se uma torre octogonal em madeira e com janellas gradeadas, especie de grande gaiola exposta ao céo aberto, onde se guardavam falcões. Desse falcoeiro, ao abrigo das grades de madeira, as mulheres podiam vêr a cidade e, mais proximo, o jardim. Agora não ha senão uma horta. Outr'ora havia banhos quentes e frios em banheiras profundas, que se procuram hoje. As mulheres usavam vestidos violeta ou encarnado, ornados de perolas, com mangas bordadas, bonés redondos com galões dourados e véos de seda branca. Sobre a testa, nos cabellos e no peito, tintinavam moedas de ouro. Recebiam tapetes, algodão, lãs multicores e sedas de Trebizonda, da Persia, do Turkestão, das Indias e da China. E os musicos que as divertiam tocavam em longas flautas de madeira, em trombetas, mandoras ou tambores.

Banhos, musica, poemas e canções, o grãozinho atirado ás pombas, a conversa com o Khan, o tagarelar e as disputas, o olhar furtivo deitado á cidade do alto do falcoeiro, as lembranças polonezas ou russas, desfiadas como as contas de um rosario... Como deviam aborrecer-se essas bellas captivas.

Fui até o cemiterio vêr as hermas. A um canto, um grande tumulo cercado de oito columnas com um portico redondo mergulhado na verdura. E' o tumulo de um Khan. Sómente a folhagem é terna para com elle. Não se póde sonhar mais doce abandono. As arvores cobrem as hermas e o cemiterio é povoado de passaros. De lá, se a gente espia por cima do muro, vê-se a eterna paizagem lunar. A cidade e o palacio parecem um oasis. Ao procurar penetrar num corredor cheio de ossos, afim de descobrir o tumulo de uma princeza do qual me falaram, um cãozinho branco e amarello de pello longo trota deante de mim. E' talvez a alma da princeza que procuro. Tem um arzinho tão delicado! Toma a direita e eu tambem. Pergunto o meu caminho:

— E' a rua da Pototska.

E, mais longe:

— Sim, é o tumulo da Pototska.

Ella é ainda popular aqui. Essa princeza poloneza, cuja vida ninguem sabe bem. Disseram-me alguns que era uma virgem que se recusou ao Khan e que este respeitou até que um dia foi envenenada por uma georgiana invejosa. Depois da sua morte, o Khan teria feito inscrever no seu tumulo — "Era a mais bella virgem que jamais appareceu." Outros dizem que ella se tornou a sua favorita e que se deve lêr "anjo" e não "virgem". Ha uma terceira lenda affirmando que não era poloneza; mas, não estamos brincando de decifrar charadas.

Seu mausoléo é octogonal, de pedra, recoberto de uma cupola feita de tijolos inteiros, prolongada por uma ponta de cobre onde brilham espheras. Primitivamente, havia tres arcadas de cada lado e isso tornava a construcção rendilhada. Entrava-se por uma linda porta, hoje substituida por uma ignobil, de ferro. Acima da porta, a inscripção, que lereis como quizerdes. No meio desse quarto pavimentado de lages enormes, imagem da solidão e da tristeza, o tumulo meio fendido. Nos intersticios brotam hervas e raizes, que se esforçam para descolar mais esses tijolos, mas se afogam e se estiolam lamentavelmente sobre a princeza morta.

Outr'ora, o Khan saudoso fizera collocar no tumulo uma fonte lacrimosa que Catharina mandou retirar. Essa fonte se acha agora no palacio e não chora mais deante do pó que foi a Pototska.

* * *

Emquanto jantamos amesendados deante de um carneiro com batatas, bebendo agua no copo commum, segundo o costume tar-

taro, ouvi um concerto por um velho de barbas brancas e um de seus discipulos. O velho tocava uma especie de mandora apoiada sobre a mesa e batia sobre as cordas com dois pauzinhos, ao mesmo tempo que o outro acompanhava num grande tambor. De vez em quando o velho cantava com voz afinada. Agitava a cabeça marcando a cadencia e nos observava por cima das lunetas de ouro. Depois disso, percorri a cidade, perdi-me entre essas collinas devastadas, seccas, pedregosas, lugubres, cobertas de tumulos, quasi todos quebrados. Depois, voltei a apoiar-me ao velho muro, para mais uma vez contemplar o palacio. O ar estava immovel na doçura da noite. Nem uma folha se mechia. Os passaros chamavam-se á hora de dormir. Uma paz ampla como o céo cahia sobre a cidade pejada de recordações, sobre o povo dos artezãos, sobre o castello cercado de fossas, sobre essas almas tartaras, sobre as setteiras que floresciam na atmosphera leve e sobre os minaretes que apontam as suas lanças de cobre. As pontas dos alamos não estavam menos immoveis.

Entremos. O vento perpassa. Os gritos das andorinhas misturam-se ao alarido das mulheres e ao riso das creanças. Tombara o sol atraz dos morros. Eis a porta da Amisade. Cada batente é ornado de uma flor de lothus ao centro de um circulo. Sobre as telhas coloridas do palacio, incidem os ultimos raios do sol-poente. Os minaretes parecem lanças tintas do sangue inimigo. As pontas estão rubras; mas o crepusculo as faz empallidecer e a noite desce como uma cortina. Temos o direito de deixar Baktchi-Seraï como deixariamos a Opera. Os tempos dos mongoes passaram.

Vida quotidiana do cidadão

XIV

Eternas invencionices — Alojamento — Como a gente se torna proprietario — Os mal alojados — Ainda ha empregados domesticos — Antes de tudo é preciso alimentar-se — Os cartões de credito, a cauda, a vida cara — E' preciso tambem vestir-se bem — O commercio livre — Casamento e vida de familia — Muitas creanças — O divorcio — Que fazer dos dias de repouso? — Danças, theatros, cinemas, museus — Um Luna-Park sovietico.

A 8 de Dezembro eu lia no "Figaro" a historia de um engenheiro belga, sr. Hankart, que, repatriado, conta ter se alimentado durante dois annos a casca de batata ingleza e que a população vive aterrorizada pelas metralhadoras postadas nas encruzilhadas. Este digno belga era, aliás, cégo. Mas não ha a menor duvida de que os leitores do "Figaro" acreditarão mais de pressa nelle do que eu que com os meus dois olhos nunca vi lá nenhuma metralhadora. Certamente, nem tudo é roseo na Russia. Mas o que contam o "Figaro" e um certo numero de outros jornaes, não passa tudo de invencionices. Estas invencionices se explicam, repito, pela propaganda das organizações reaccionarias que pullulam em Paris, e tambem pela inexistencia de um serviço nosso de informações.

Nem em periodo de crise, nem em tempo ordinario, as agencias ou jornaes francezes se fazem representar em Moscou. Vivemos de esmolas inglezas, americanas, allemãs, polonezas e temos a cabeça systematicamente cheia do que dizem os inimigos dos Soviets que, além do mais, são algumas vezes nossos inimigos.

* * *

Dito isso, ensaiemos de nos representar o que póde ser a vida do operario e do empregado em Moscou.

Supponhamos que este cidadão trabalhe. Sua mulher tambem. Elles têm, por exemplo, tres filhos, dois que vão á escola e que alli permanecem até a noite, e um que se entrega á "créche" da officina

si elle é muito pequeno, senão ao jardim de infancia ou a uma escola maternal.

Elles dispõem de um alojamento. Talvez durante alguns annos ainda terão de viver em condições um tanto más. Seguramente. Antes, porém, elles não tinham senão um pequeno quarto, e ainda assim os parentes do campo vindos á procura de trabalho em Moscou partilhavam com elles. Viviam alli dentro, amontoados como coelhos. Mas esse momento já passou. Elles se inscreveram. Sua vez acabou por chegar. Oh! elles não estão installados ainda em uma dessas bellas casas operarias, que vão vêr de tempos em tempos, e onde nada falta: agua, gaz, electricidade, jardim para as creanças, sem esquecer no porão o tanque onde a mulher póde lavar roupa tranquillamente e ao lado um seccador aperfeiçoado. Não é para elles, ainda, esta bella casa do Narconfin, por exemplo, toda branca, sob pilares, reservada aos funccionarios do Ministerio das Finanças e a certos membros do governo; mas, emfim, elles estão alojados.

Têm assim para cada cinco pessoas mais ou menos 50 metros quadrados, ou sejam, tres commodos bastante grandes. Tal é a lei. Seu vizinho engenheiro possue um commodo a mais, porque, apezar de ter elle tambem tres filhos, tem direito a mais uma sala chamada "profissional". Mas, emfim, já são tres peças.

Não é muito. Si houvesse mais logar na casa, poderiam elles tomar mais um quarto, si bem que neste caso fossem obrigados a pagar o triplo. Mas não ha mais nem um cantinho.

O aluguel não é muito caro: 30 rublos (1) por mez — pagamento conforme o metro quadrado — ainda bastante caro, aliás, porque a administração faz pagar o aluguel conforme o salario, e que, para os dois, marido e mulher, sobem a duzentos e quarenta rublos. Emfim, restam duzentos e dez rublos. Paga-se todos os mezes á administração do quarteirão onde se vive. E fica-se ainda bem contente de pagar. Houve um tempo, que felizmente não durou, em que nada se pagava. E' que não havia trabalho, e os desoccupados não pagam aluguel.

* * *

Existem ainda aquelles que se arranjam de outro modo. Entram em uma cooperativa e contribuem mensalmente com quotas

(1) N. do T. — 30 rublos correspondem a 180$000 da nossa moeda, mais ou menos.

bastante grandes. No fim de tres, quatro, cinco annos, elles têm contribuido assim com varios milhares de rublos, e o Estado tendo então mandado construir uma casa com esse dinheiro, lhes dá um alojamento. Este alojamento lhes pertence, mais ou menos como no tempo do Czar, mas não totalmente, entretanto, visto como elles não têm direito senão ao seu gozo. Mas, em todo caso, de nenhum modo se lhes póde desalojar, e elles não pagam aluguel. Sómente impostos. Em um alojamento ordinario tambem não se póde pôr na rua quem quer que seja, a não ser em casos escandalosos.

Para a agua, o gaz, a electricidade, naturalmente, se paga á parte, mas o operario obtem o bonus de um rublo por 60 kopeks. E' uma vantagem para os pobres.

Para a calefacção, é preciso servir-se de lenha. E' a ordem. Afim de economizar o carvão. A Russia tem madeira de sobra. Póde se queimar á vontade.

Para controlar a luz é usado o relogio-contador. Paga-se de conformidade com o que elle marca. Para a agua tambem. E tambem para o gaz. Tudo como no Occidente. Aquelles que têm petroleo (kerozene) não são prejudicados pela luz electrica e podem utilizal-o. Isto, no caso de possuir-se tanto quanto se precise.

* * *

Em alguns locaes a vida é menos bôa. Entrae em um grande predio que date de trinta ou quarenta annos. Ahi se encontrava antigamente uma mulher, utilizando oito peças: era a proprietaria. Ella continúa ahi ainda, mas não tem mais do que um quarto. E vinte e cinco pessoas vivem alli onde ella vivia sozinha. Vinte e cinco pessoas para oito peças. Fica-se um pouco apertado. Cada grupo tem o seu pequeno forno na cozinha. Cinco grupos ao todo, alguns delles dispondo de dois quartos. Acabam entendendo-se todos.

E' preciso não alarmar-se com isso, pois que a população de Moscou passou de 1.500.000 a 3 milhões de habitantes durante estes treze ultimos annos e se tem tido muito que construir...

* * *

Noutras cidades é ainda peor. Em Kharkov, por exemplo, a capital da Ukrania, cidade que cresce continuamente e muito de pressa, ha uma terrivel crise de habitação. Em um grande numero de outras cidades é a mesma cousa. Demais, sem falar na imprensa de Moscou, podeis lêr annuncios como este nos jornaes do interior:

"Peço logar em um quarto, mesmo já occupado."

Annuncios como este são repetidos dez, vinte vezes. Ou ainda é commum trocar-se de quarto, de Kazan para Nijni, ou de Orel para Kiew. E' que o problema da habitação é bastante grave para o cidadão sovietico.

Para o estrangeiro, é ainda mais terrivel. Si elle deseja comprar uma casa, se lhe pedirá 18.000, 20.000, 25.000 rublos, e si elle quer alugal-a, não encontrará senão por quatro ou cinco vezes mais do que o preço de Paris.

* * *

E agora, a questão das empregadas domesticas — porque ellas tambem existem em Moscou, neste Estado chamado communista. A bem dizer, não se póde occupar mais do que uma, em principio, e o commissario do povo tem direito a uma, tanto como o director dos grandes armazens, ou como o engenheiro do bairro. Ella póde dormir na casa onde trabalha, mas a sua presença não vos dá direito a mais uma peça; ella deve habitar, como se diz: "no cubo de seu amo". Si ella permanecer mais de tres annos na mesma casa, ella se torna membro da cooperativa de habitação de que depende a casa, e si não se desejam mais os seus serviços, póde-se dispensal-a, mas não se póde mandal-a embora si ella não quizer ir. E' assim.

* * *

Eis o que ha lá no que se refere á habitação, á illuminação, á calefacção e ao serviço domestico. Vejamos agora quanto á alimentação e ao vestuario.

Quanto á alimentação, aquelles que habitam nas casas-communas são os mais favorecidos: elles fazem em commum as suas refeições, que não são caras: 60 kopeks cada refeição de tres pratos, 80 kopeks para as duas refeições do dia. Este é tambem o preço estabelecido nos restaurantes dos clubes. Quando se é obrigado a cozinhar em casa, ou quando se deseja fazel-o, póde-se, entretanto — referimo-nos ainda ao caso dos nossos dois empregados com seus tres filhos — fazer fóra a refeição do meio-dia. As creanças poderão comer na escola por 11 kopeks, na créche a creança de cólo será alimentada, e os paes pagarão 25 kopeks cada um no restaurante da officina. Eis ahi, por 62 kopeks, o almoço de cinco pessoas, que póde subir a 72 desde que o marido coma

tres pratos. Isso nunca sobe a mais de 21 rublos por mez, sobre os duzentos em média de que dispõe o casal quando elle já tenha pago o aluguel e os impostos.

Para o jantar, á noite, e tambem para o café da manhã, são utilizados cartões de credito. No caso em questão são cinco cartões, sendo que os dos pequenos são cartões de primeira categoria, porque as creanças são previligiadas. Supponhamos que o marido seja um empregado que não precise da somma de calorias de que necessita um operario; elle receberá então um cartão de segunda categoria e a mulher tambem. Elles são, sem duvida, membros de uma cooperativa — caso em que se fornece a ella uma pequena contribuição — mas em troca o cartão é melhor do que aquelle fornecido ao empregado que não é membro de uma cooperativa. Não sómente se obtem algumas vantagens pelo mesmo preço, como aquelles que não são membros da cooperativa perdem o direito a certos alimentos (manteiga, ovos, arenques, macarrão).

* * *

Tem-se direito a 750 grammas de pão por dia e por cabeça. Quanto á carne, não é possivel contar com mais de 4 kilos por mez e por pessoa, devido aos dias em que não ha carne. Isto faz com que a média de carne por dia e por cabeça seja de 130 grammas. Além disso, as creanças até 12 annos recebem um kilo de cevadinha por mez. Suppondo que os tres pequenos a que nos referimos tenham menos de 12 annos, obterão elles 3 kilos de cevadinha; ou sejam 100 grammas por dia, o que dá muito bem para fazer a sôpa. As creanças ainda recebem o leite a mais. Em principio, certos productos são comprados livremente. Outros productos, chamados mercadorias-deficits, correspondem aos cartões de credito. Quanto aos primeiros, póde-se comprar a quantidade que se queira. No caso dos segundos, ha que se sujeitar á ordem dos pedidos e esperar a sua vez nas filas do armazem; mas, o que significa tal sacrificio si se tem um dia de descanso na semana de cinco dias! Para os quatro dias de trabalho, de um trabalho de 7 a 8 horas, não é muito esperar um pouco que chegue a sua vez nos armazens de fornecimento, das 4 ás 5 horas da tarde. E' verdade que toda gente que descansa no dia comparece lá a essa mesma hora. Mas, na falta de uma empregada domestica, sempre se consegue que uma ou outra vizinha apresente o vosso cartão.

* * *

Tudo é caro? A salada vale (traduzo em francos) um franco o kilo; a carne, 17 "sous"; a cebolla, 2 francos; a cenoura, 2 fr. 50; a beringela, 6 fr. 25; a batata ingleza, 30 "sous". A carne vale em média 5 francos cada 400 grammas, ou sejam, 6 fr. 25 a libra. O peixe, em media, 20 francos o kilo. O leite 5 fr. 50 o litro. O queijo, 50 francos a libra. Um frango, de 100 a 125 francos. Quanto á manteiga, não se obtem mais do que 200 grammas por mez na cooperativa; desejando-se mais, é preciso pagar cada libra a 80 francos, mais ou menos. Difficil, portanto, para os empregados.

Dou estes preços com toda lealdade, fazendo notar que o rublo não tem senão um valor de compra correspondente a 6 fr. 25.

Umas pelas outras, come-se lá como se comia na França durante a guerra. Não muito bem. Não muito facilmente, mas emfim a familia de cinco pessoas, de que venho falando, come para matar a fome. E, feitas as contas, adultos e creanças apparecem, aos olhos do medico, normalmente nutridos e em tão bom estado de equilibrio physiologico como o dos nossos operarios.

* * *

Quanto ao vestuario, já disse que os russos de nenhum modo trajavam farrapos. Em principio, o trabalhador adquire o que precisa por meio de bonus. Si precisa um par de calçados, pede á officina onde trabalha um bonus e o compra por 30 rublos, mais ou menos, isto é, 360 francos. Si tem necessidade de uma capa, a administração fornece um bonus com o qual, na cooperativa, elle a adquire por um preço que na França póde ser considerado normal. Póde-se ainda comprar tecidos, tambem com bonus, para cortar em casa ou mandar fazer fóra a respectiva roupa. Ha, emfim, nas cooperativas do Estado, vendas livres, de tecidos principalmente, uma ou duas vezes por mez, vendas analogas aos nossos leilões. Quanto ás meias e outras peças de roupa, são compradas com o cartão, do mesmo modo como se faz para a carne e o pão.

Relativamente ao resto, já disse como apparece vestido na rua o popular, tanto o citadino como o camponez, e que o conjunto da população era, senão bem, pelo menos satisfactoriamente vestido, mediocremente calçado, mas todavia calçado, e que não é permittido falar-se de pés descalços.

Justamente eu lia em um numero do "Times" de Novembro, que nas ruas de Moscou o povo anda descalço, ou com botas de fel-

tro. E' uma mentira. Sim, usam-se botas de feltro na Russia, esquentam os pés; ellas têm, entretanto, sola de couro ou senão são recobertas com borracha. Mas, gente descalça, talvez haja lá um desses miseraveis por dez mil habitantes. Não se encontra ninguem descalço senão na campanha e isso mesmo no Sul, entre as creanças, mais por costume devido á falta de educação do que propriamente ao regimen de miseria attribuido aos bolchevistas.

Ainda uma palavra sobre a lavagem da roupa. Ella é excessivamente cara. Eu não quero, aqui, dar as minhas notas, mas emfim uma mulher deve assustar-se ao saber que para lavar 5 lenços, 2 camisas, 5 collarinhos, 5 pares de punhos e 3 pares de meias é preciso pagar-se 7 rublos, isto é, 87 fr. 50. Evidentemente a mulher do operario ou do empregado tem as lavanderias-cooperativas á sua disposição. E' muito barato, mas é preciso esperar a sua vez durante dez dias.

Que concluir-se de tudo isso? Que a vida é agradavel na Russia? Certamente não. Que ella é facil? Tanto menos. Era ella agradavel e facil para nós durante a guerra? Não. Entretanto, nesta Paris que não tinha então muito conforto, andava-se alegre.

* * *

Falamos, actualmente, de um casal russo e de seus filhos. Ora, de alguns pamphletarios, os nossos leitores apprenderam isto: que o casamento, por assim dizer, não existia no paiz dos Soviets; que não havia lá nenhuma familia; que as mulheres estavam á mercê de quem as quizesse tomar, quando ellas não estavam já "communizadas". Apprenderam, ainda, que o divorcio era extremamente facil e que os filhos resultantes de tão rapidas approximações creavam-se como podiam. Vejamos um pouco. Em toda casa onde se entra encontram-se casaes vivendo como na França, nas mais das vezes, ligados ha muito tempo, possuindo filhos, tendo feito sua declaração regular no registro de casamento, portanto, casados. Falemos francamente: ha muito mais casaes chamados "irregulares", na França, do que na Republica Sovietica. E, reflectindo-se, ver-se-á que não póde ser de outro modo. Entre nós, uma quantidade enorme de obstaculos: as autorizações paternas entre outros. Lá, nada disso. Duas pessoas são maiores, agradam-se, combinam tudo, communicam o facto ao registro de casamento, vão morar juntos e tudo está feito. O marido póde mesmo tomar o so-

brenome de sua mulher. E por que não? E' preciso ser occidental para alarmar-se com isso. (1)

Sobre as mulheres "communizadas" e o debóche que reinaria lá, nós desdenhamos responder. Que vão lá vêr os nossos contradictores. Elles encontrarão mulheres seguramente muito mais livres que entre nós, em muitos pontos, mas tambem uma falta de galanteria e mesmo de polidez que se oppõe estranhamente a esse jogo de amor que se póde assistir em nosso paiz, na rua, nos metrôs, nos bondes e outros logares. Que ellas sejam mais livres que entre nós, eu vou dar um exemplo: fui visitar um quartel acompanhado de uma interprete. E essa jovem não ficou absolutamente impressionada com a visita. .E eu não surprehendi na physionomia dos soldados — nós visitamos tambem o dormitorio — nenhum signal de desejo contido. Estou absolutamente seguro que, depois de sahirmos, não houve absolutamente esse desabafo de caçoadas obscenas que sahiria tão naturalmente da bocca de nossos soldados.

* * *

Voltando á questão do lar sovietico, podemos dizer que geralmente ha nelle mais creanças que na França. E' inutil dizer que os filhos de modo algum são arrebatados pelo Estado, o qual, unicamente, por meio das créches, dos jardins de infancia, das escolas maternaes, esperando a escola e tudo o que se lhe segue, ajuda tanto quanto póde as familias. Mas o filho não é, tambem, educado pelos seus proprios paes, na medida em que elle o é pelos paes francezes.

De qualquer modo, o filho é mais livre, não sómente a partir de sua maioridade, mas a partir do momento em que elle póde trabalhar, e quando elle obtem o seu cartão de credito, isto é, aos dezesete annos. Com essa edade elle é posto fóra da tutella si deseja se subtrahir á autoridade paterna. E' sobretudo o caso dos filhos dos "kulaks", dos commerciantes ou dos sacerdotes. O Estado os apoia e se occupa delles.

Admittindo que isso possa passar por tyrannia, é preciso lembrar-se de nosso seculo XVII, com o arrebatamento dos pequenos protestantes. Quando se acredita possuir a verdade e quando se tem

(1) N. do T. — A este respeito, isto é, sobre o casamento nos Soviets, Diego Hidalgo, em "Impressões de Moscou", e Julio Alvarez del Vayo, em "A nova Russia", desenvolvem interessantes considerações.

espirito apostolico, é fatal que haja algum excesso nesse sentido e seria mentir si se dissesse o contrario dos Soviets. Todavia, actualmente, a luta entre os paes e o Estado está praticamente reduzida a quasi nada nas cidades. No campo, ao contrario, ella é furiosa. A razão? E' que todos os velhos são contrarios á collectivização da agricultura e geralmente hostis aos Soviets, ao passo que todos os jovens são a favor. Lá ha uma verdadeira batalha entre duas gerações e nós não podemos imaginar senão com difficuldade a alarmante somma de dramas que se desenrolam entre paes e filhos.

* * *

O divorcio se tornou agora muito mais difficil, na União Sovietica, do que ha alguns annos. Em vez de ser regulado no registro de divorcios, que se nos apresentava então como uma especie de guichet ao lado do guichet de casamentos e do mesmo modo tão facilmente accessivel, elles são regulamentados agora em justiça de paz. Quando eu digo que elles são menos faceis, é preciso entender-se o que isto quer dizer. Se não ha filhos, o divorsio se reduz a uma méra formalidade e á partilha de bens. Si ha filhos, e são pequenos, em principio, elles são confiados á mãe, salvo si esta é alcoolica ou accusada de prostituição, por exemplo. Geralmente trata-se de resolver o assumpto amigavelmente. O pae dá mais ou menos o terço de seu salario para o sustento dos filhos. Bem entendido, o salario da mãe entra tambem em conta. A questão das offensas ou injurias não interessam ao juiz.

Supponhamos, agora, o caso de uma mulher que, não sendo casada, se encontra em estado de gravidez. Ella aponta o pae do filho. Não é necessario que este tenha convivido com ella: a prova de visitas nocturnas, ou simplesmente de visitas diarias, repetidas e sem outro motivo que aquelle que se suppõe, é sufficiente ao juiz. Pouco importa que o homem seja casado com outra mulher ou tenha filhos noutra parte. Supponhamos, agora, que este homem consiga provar que outros, além delle, tenham feito identicas visitas á mesma mulher. Então os dois homens pagam a pensão do filho. Existem casos em que tres, quatro homens são forçados a pagar a pensão para a mesma creança.

Não cansarei de repetir: não existe melhor empirico que o governo dos Soviets. E nem mais logicos.

Já que estou tratando de casamentos e ligações amorosas, terminarei contando uma historia onde a logica falhou. Duas mu-

lheres vieram a Moscou e se apresentaram ao commissario de casamentos dizendo que desejavam viver juntas como marido e mulher e que queriam fosse isso registrado afim de regular a sua vida social. O funccionario hesitou, compulsou seus papeis, relembrou o passado, pediu conselho. Nada havia na lei que servisse de obstaculo a esse pedido. As mulheres insistiam. Pensaes que elle capitulou. Não. Mas esteve por pouco. E houve muita gente que affirmou ter elle errado.

* * *

Os operarios de Moscou não trabalhando mais do que 8 horas por dia e quatro dias sobre cinco, não têm bastante tempo para divertir-se. Os Soviets lançam os jovens nos esportes e eu já falei, aliás, dos estadiums, numerosos, completamente modernos, tendo mesmo citado como exemplo o Stadium Dynamo. E, depois, existem os Clubes de que eu tambem já falei longamente.

Não levarei meus leitores ao Zoo, isto é, ao Jardim de Acclimatação, ou ainda para vêr o Planetarium, onde os operarios se extasiam deante da obra de um engenheiro allemão, na qual é representada a circulação dos planetas. Póde-se ter, graças a esse mechanismo, uma idéa justa do phenomeno, mas a creança russa sempre se impressionará mais com a lição dada por uma bella noite de verão e por um poeta. E' então que começará a trabalhar a sua imaginação.

Existem tambem innumeros museus, museu de arte russa, museu de arte moderna, museu etnographico (o de Leninegrado é uma maravilha), um certo numero de velhas casas, de velhos edificios, palacios... Tanta belleza para vêr-se, tanta belleza verdadeiramente! Sem falar do museu antireligioso — existe um em toda parte, mas o principal está em Moscou — que é bem a cousa mais curiosa que possa haver.

* * *

Passo agora ás festas publicas, commemorações, cortejos e desfiles de que os Soviets não são nada avaros, e que são necessariamente impressionantes pelo apoio das multidões, de que elles têm o commando e podem fazel-as evoluir.

Para a dança, os Soviets, sem ser catões e professores de moral, prohibem friamente certas danças: o fox-trott, por exemplo. Nosso "bal-musette" parece desconhecido lá. Si se dança em publico, são danças nacionaes, locaes: russas, ukrainianas, georgianas, etc. Isto, bem entendido, não impede que os estrangeiros dancem em

seus hoteis todas as noites as danças que bem quizerem, mas os jovens communistas jactar-se-ão da sua, fazendo comparações e declarando, por exemplo, que um centro de attracções em Moscou é muito differente do nosso Luna-Park ou dos centros americanos, pelo facto de que a educação encontra alli maior acolhida.

E é verdade. Agora eu confesso que taes centros de attracção-instrucção me chocam pelo seu aspecto pedante e, para dizer tudo, inspiram-me um invencivel horror.

* * *

Em troca, o Theatro dos Soviets me agrada infinitamente. Sabe-se dos successo que os russos sempre obtiveram em Paris, principalmente na "mise-en-scéne".

O publico francez não tem nada a apprender lá, mas o que é preciso assignalar é, antes de tudo, que em Moscou, Leninegrado, Kharkov, cidades cujos theatros e operas assisti, as salas sempre estavam cheias. E salas de 1.000 e 2.000 logares. Quasi sempre se é obrigado a collocar cadeiras na aléa central, de arranjar como se póde os retardatarios. Ajuntemos a isso que o publico me pareceu sempre bem informado e no conjunto bem convenientemente vestido, sobretudo em Leninegrado e Moscou. Para uma camponeza nos camarotes, ha dez mulheres, senão decotadas, pelo menos bem vestidas. Os homens não usam ainda smoking, mas sua roupa já é correcta, muitos officiaes são bastante elegantes com seus uniformes severos, e, palavra, se eu não descobri lá ainda nenhum Bonaparte, em certos momentos e recantos, bem me parece que, para falar a lingua de nosso mestre Hugo, Roma não está longe de substituir Sparta.

Regra geral: "mise-en-scéne" luxuosa e muitas figuras. Vi em um ballet 200 dançarinos, homens e mulheres, em scena. Já disse, creio, que o operario e o empregado tinham, de tempos em tempos, entradas gratuitas nos theatros e cinemas, e que, além disso, os bilhetes a preços reduzidos eram numerosos, sendo fornecidos pelos proprios syndicatos. Para os curiosos eu adeantarei que os preços nos theatros de Moscou variam de 60 kopeks a 5 rublos, isto é, de 7 a 60 francos, e os preços reduzidos vão de 3 fr. 50 a 30 francos.

* * *

Nos cinemas, que lá são muito numerosos, os preços correspondem áquelles da França, com a vantagem, porém, dos bilhetes a preços reduzidos que os syndicatos fornecem.

Os francezes sabem o que vale o film russo. Muitos delles já viram "Potemkin", "Outubro", "A Mãe", "Turksib", "Linha geral". Assignalemos simplesmente que as representações se succedem como na França, cousa que não acontece unicamente com os grandes films, aquelles que vimos em Paris, mas tambem com as pequenas besteiras americanas, que muito fazem rir o publico, com os films de documentação e films criticos relativamente ao Piano Quinquenal, ás perturbações da industrialização, aos erros dos burocratas e dos opportunistas, films que muitas vezes são verdadeiras confissões.

Em todo caso, para os Soviets, um film novo é um problema muito sério. Antes de tudo, elles não utilizam estrellas. Depois, o cineasta passa sempre para o segundo plano, seja mesmo um Eisenstein, como passam para o segundo plano os seus architectos e homens de Estado. O que vale não é o interesse do individuo, mas o interesse da communidade. A imprensa critica muito duramente, approva, desapprova, divide-se em dois campos, e é o primeiro ensaio do film. Nada de semelhante, como se vê, com a propaganda e publicidade que se faz entre nós.

* * *

De um modo geral, todas as antigas sociedades de films da Federação russa reuniram-se em uma só organização: "Soionskine", a União cinematographica. Só uma organização chamada "do soccorro mutuo internacional operarario" ficou á parte, devido ao seu caracter internacional. Bem entendido, não falo aqui senão da Federação russa, sendo que tambem cada Republica possue a sua sociedade de films. Visitei varios ateliers, de Kharkov principalmente. Os seus chefes são orgulhosos, orgulhosos sobretudo de seus apparelhos que são fabricados lá mesmo, e varios delles de invenção mesmo de seus proprios engenheiros. A organização de Kharkov é, aliás, puramente ukrainiana e sempre se observa, ao mostrar um film, que elle é ukrainiano. E' ainda uma prova da renascença do que elles chamam a vida cultural da Ukrania, do que se denomina, hoje, o nacionalismo ukrainiano. Os Soviets se queixam muito de nós, achando a França bem mais severa para os seus films do que as outras nações. Tanto assim que um de seus recentes films: "A Nova Babylonia", foi exhibido na Allemanha, na Inglaterra, na America, e não o foi na França. E' verdade que elle evoca, em varias de suas partes, um falso lyrismo, mas é de uma technica excellente. E' a historia da Communa de Paris.

— Porque não na França? — perguntavam-me elles —. E' uma das mais bellas paginas de vossa historia, a Communa.

Fui obrigado a responder á bôa alma que me falava assim, que era difficil na França de 1930 divulgar um livro sobre a Communa. Com mais forte razão, de exhibir um film.

E como se me objectasse que além de tudo a Communa era a sequencia logica e, de algum modo, o ultimo capitulo da Grande Revolução, defendi-me assegurando-lhe que era uma questão de recúo que nos molestava, e que no centenario da Communa certamente será exhibido o film...

Os Soviets e Deus

XV

O museu anti-religioso — Monge e bandido — Sobre o sangue de Alexandre — Um officio religioso — Mahomet e Bouddha — A sobrevivencia do clero — Propaganda sovietica — O monge Tchékoun — Uma sociedade puramente materialista — Que será o futuro?

Sabe-se que os Soviets são anti-religiosos, mas elles o são de uma maneira, a uma vez, primaria e ao mesmo tempo audaciosa, encarniçada, que confunde o espirito occidental. Nós nos defendemos, nós outros do Occidente, pelo scepticismo. Elles levam tudo a sério. E eu vi os moujiks sacudir a cabeça com interesse, em occasiões em que eu, de minha parte, estava perto de rebentar de riso.

Um exemplo: ha no museu anti-religioso, dentro de uma tumba de vidro, dois cadaveres. Um em plena decomposição, reduzido a ossos entrecruzados e alguns despojos horriveis: é aquelle de um velho e bom monge que, morrendo ha trinta ou quarenta annos envolto em santidade, fez milagres e foi canonizado — é o ultimo santo russo — sob o regimen de Nicoláo II, e por intermedio da imperatriz. O outro corpo é tão simplesmente o de um bandido de estrada, ladrão e assassino, que foi enterrado antes do monge, mas muito proximo delle, no mesmo terreno, se bem que fóra dos muros do convento. Ora, o corpo do bandido está muito bem conservado, com os musculos ennegrecidos, semelhante ao da carne defumada.

E' preciso que saibaes que o povo russo acreditava cegamente na inalterabilidade do corpo dos santos. Os Soviets, que vêm mostrando durante 7 annos um Lenine inalterado, deitado com a sua roupa entre bandeiras vermelhas, — mostram, no exemplo acima, o cadaver do bandido quasi intacto, emquanto que aquelle do monge já apodreceu. E, no entretanto, elles sublinham que o monge podia passar ao menos por ter sido um bom homem, ao passo que o bandido não fôra senão um canalha. Si julgaes que as duas exposições se contradizem, elles vos responderão que essa contradicção existe apenas na apparencia, porque o essencial **não é tanto col-**

locar Lenine em um mostruario — ha tantas maneiras de fazel-o — mas de extirpar tal ou qual superstição existente no espirito do povo devido á influencia da religião na Russia.

* * *

Não acrediteis, entretanto, que o russo não tenha o direito de entrar em uma egreja e assistir os seus officios. Já disse, aliás, que a maior parte das egrejas conservaram suas cruzes de ouro e suas imagens de santos; a terça parte dellas, ou foram demolidas — aquellas que não tendo nenhum caracter artistico ameaçavam cahir sobre os transeuntes —, ou transformadas em museus. Algumas, bastante raras, foram transformadas em clubes, armazens e mesmo garages; a maior parte, porém, serve ainda ao exercicio do culto.

A bem dizer, os sinos não tocam mais, pelo menos em Moscou, onde ha dois annos, as cellulas de fabrica intervieram para observar o seu som "lugubre", que dava idéas negras aos trabalhadores e perturbava o seu repouso. Em Leninegrado, ainda se ouve, ás vezes, o sino. Eu passeava uma tarde, á margem deserta de um dos multiplos canaes que banham a cidade, seguindo o caminho por onde passou Alexandre II, no grande galope de sua carruagem, no dia em que foi assassinado, quando ouvi o badalar dos sinos, não muito longe, ao mesmo tempo que via se illuminarem as janellas de uma egreja. Era a egreja chamada "Sobre o sangue de Alexandre", construida no mesmo local em que Alexandre II foi morto. Podiam ser sete horas. Entrei.

Pouca gente: 10 ou 20 pessoas de pé, outras assentadas sobre os bancos, algumas encostadas ás paredes lateraes. Um joven sacerdote, loiro, cabeça de Christo, officia á esquerda do côro, deante de uma pequena mesa onde queimam tres vélas acima de uma imagem. Elle reza, em cantochão. Algumas mulheres se agrupam em torno delle.. Um quarto de hora, durante o qual aquelles que estão assentados não se incommodam. O sacerdote se vae. Dez mulheres se precipitam sobre elle, pedindo a sua benção. Beijam as suas mãos. Velhas quasi todas; mas, algumas, jovens. Um jovem de 18 annos, ar resoluto, se insinua entre ellas. Uma jovem, mais duas raparigas, assaltam, tambem, o sacerdote que me parece, além da benção, dar ainda conselhos.

Pouco depois começa o officio, o mesmo que eu já havia assistido na egreja do Salvador e noutra pequena egreja de Moscou. Cerimonias muito differentes das nossas, no decorrer das quaes

se abre e se fécha a porta do santuario, esta especie de Santo de todos os Santos, cantos fóra do Santo dos Santos, leitura psalmodica de um texto sagrado, córos russos que se alternam. Muito emocionantes, estes córos. Dilacerantes.

Durante esse tempo, a egreja encheu-se. Quando eu quiz sair, setecentas a oitocentas pessoas a enchiam de ponta a ponta, e foi com difficuldade que consegui abrir caminho.

* * *

Ao consultar as minhas notas, verifico que havia lá tantos homens quantas mulheres e não poucos rapazes e raparigas. Toda essa gente muito burgueza e pequeno burgueza de apparencia. Mas tambem alguns homens e mulheres do povo. Attitude recolhida. Menos dramatica que em Moscou. Comtudo, as mesmas genuflexões, bruscos e repetidos signaes da cruz, prosternações. Chegam a tocar com a cabeça no chão. Beijam as imagens, uma, duas, tres vezes, nos pés, nos joelhos, e antes de beijar, fazem o signal da cruz, inclinam-se respeitosamente, e depois tambem. Ainda um detalhe. Vejamos um segundo sacerdote: moreno, barba cortada bastante curta, os cabellos como nas photographias de Renan. Typo do novo cléro, denominado clero vermelho, e que corresponde aos nossos vigarios democraticos ou aos padres republicanos de 48, grandes incensadores da arvore da Liberdade. Aquelles acceitam os Soviets.

Dahi a distincção entre a egreja vermelha e a egreja branca, a egreja reformada ou viva e a velha egreja. Falaram-me de duas ou mesmo de varias egrejas metropolitanas.

— Nós não nos inquietamos, me disseram os homens dos Soviets.

Impossivel de obter delles uma informação precisa. Elles levantam os hombros.

— Tudo isso desapparecerá, dizem elles. Deixemos que elles gozem dos seus direitos.

E, no museu anti-religioso, elles se põem a ridicularizar o jovem sacerdote illustrado e mellifluo, tanto como o velho sacerdote rançoso na sua ignorancia e na sua immundicie.

* * *

Bem entendido, si os Soviets fazem com que, deste lado de cá do Ural, o seu principal esforço de propaganda se faça sobre a deschristianização do povo, no Turkestão elles combatem o isla-

mismo. Mais além, o buddhismo. Em toda parte o rabino. Porque é um erro representál-os como dominados pelos judeus e dahi a sua luta contra o christianismo. No museu anti-religioso existe uma secção consagrada á luta contra o systema religioso judaico, uma outra consagrada á luta contra o systema religioso musulmano. O Czar, outr'ora, quando Nicoláo começava a flirtar com as nacionalidades asiaticas, fez construir em Petersburgo uma mesquita e um templo de Buddha. A mesquita ainda está lá, mas inteiramente vasia. Quanto ao templo de Buddha, os monges do Thibet vinham cada anno passar alli alguns dias, mas os estudantes orientaes que moram em Leninegrado não são mais crentes e o templo está agora abandonado.

Todavia, as circumstancias fazem com que os Soviets, embora hostis a todas as religiões, tenham um aspecto particularmente anti-christão. Os padres, já o disse, estão praticamente fóra da lei. Elles não têm direitos politicos e nem podem fazer jús aos cartões de credito. Elles vivem do altar, magramente, e são seguidos de perto, sendo-lhe prohibida toda propaganda politica e uma simples palavra mais viva sobre a perseguição lhe póde ser tomada como propaganda. Elles não dispõem de jornaes e nenhuma possibilidade de propagar a sua doutrina, senão pela palavra e deante de seus auditorios que, de qualquer modo, são bem restrictos. O recrutamento de novos elementos para o clero não é impedido, mas praticamente se torna isso impossivel, dado o facto de não haver seminarios e muito menos escolas religiosas. Um padre, interrogado por mim, falou de escolas ou circulos organizados nas proprias egrejas e que agrupariam um numero que elle mesmo não poderia calcular, de jovens de bôa vontade. Vendo o seu embaraço, tive a impressão de que esse numero devia ser excessivamente restricto. Aliás, dentre os padres que se encontram na rua, a sua grande maioria é constituida de velhos elementos do antigo clero. No commissariado da Instrucção Publica, seja de Moscou, seja de Kharkov, nenhuma informação.

— Si elles têm escolas, tanto melhor para elles. Nós nada sabemos, e pouco caso fazemos disso, — foi o que me disseram nesse departamento dos Soviets.

* * *

Isso não impede, entretanto, que a propaganda anti-religiosa dos Soviets seja muito intensa e ao que parece bastante efficaz. Ella utiliza a imprensa, o cinema, os museus, os cartazes. Ella se en-

contra na escola, no hospital, na caserna, nas estações, nos clubes, na officina e na fabrica, nos grandes armazens, em toda parte. E' bonita uma egreja? Os Soviets transformam-n'a em museu e explicam então ao povo que os padres e monges gastaram todo o dinheiro que pertencia á communidade. Ella incommoda? Si não tem nenhum caracter artistico, é demolida. Os monges edificam um horrivel convento como esse Novo-Athos existente no Caucaso e que é bem a cousa mais feia e mais hedionda que ha no mundo? Os Soviets se aproveitam, então, dos alojamentos destinados aos monges para hospitalizar doentes, mas guardam preciosamente essa feiura architectonica afim de mostrar ao povo, e especialmente aos touristes extrangeiros, a mediocridade de espirito dos monges.

Eu vi, perto de Moscou, em Troitsa Serguieva, admiraveis vestiduras de altar talhadas em brocados persas e que foram usadas durante tres ou quatro seculos pelos parochos da Egreja. Ora, sobre taes vestes estão bordadas varias poesias e desenhos eróticos e durante quatrocentos annos os pobres monges, tinham dito missa com obscenidades sobre o dorso. Vendo isso, hoje, o povo ri.

Noutros logares, para ferir a imaginação das mulheres, os Soviets escrevem acima da entrada do côro: "Logar outr'ora prohibido ás mulheres". E elles fazem o povo entrar no santuario, onde, outr'ora, só os sacerdotes podiam penetrar.

Elles multiplicam, ainda, em determinados conventos, os mappas e graphicos mostrando as immensas propriedades dos monges. Em um desses conventos havia 30.000 deziatines (1) de terra e 10.000 servos em 1604. Outro, não era senão um centro politico e militar encarregado de vigiar o povo vencido. Afinal, tudo que póde permnaecer incrustado no espirito. Por exemplo, affirmam elles, com precisão, que a Revolução liquidou 673 monasterios e que por isso os camponezes receberam:

827.540 hectares
602 lotes de animaes domesticos
436 fazendas
277 asylos e hospitaes
704 hoteis
1.112 casas

(1) N. do T. — Medida russa. Corresponde cada "deziatine" a 1,092 hectares.

487.667.520 rublos de capital
84 officinas
311 apiarios.

Não ha nenhum camponez que vendo isso escripto na parede não saccuda a cabeça, convencido:

— Veja ahi, que safados!

* * *

Não discuto as cifras. Mostro apenas a extrema habilidade da propaganda.

Mais longe, se nos apresenta a cara horrivel de uma creança que morreu de variola. Por que? Porque ella beijou uma imagem de santo que um varioloso havia tambem beijado momentos antes.

Rasputine serve tambem para a propaganda. Mostra-se a sua calligraphia:

— Veja, era um illetrado.

Conclusão: todos os monges são illetrados. Insiste-se sobre a sua lubricidade.

Conclusão: todos os monges são lubricos.

Varios outros factos são ainda utilizados para a propaganda anti-religiosa. Na Lavra de Kiew, velhissimo e celebre monasterio, onde se póde percorrer subterraneos enormes e onde repousam innumeros religiosos em pequenos jazigos analogos áquelles das catacumbas de Roma, — os monges ahi ficaram varios annos depois da Revolução. Um delles, Tchekoun, homem de 50 annos, mais ou menos, tinha duas concubinas, uma moça e uma velha. Com a ajuda de uma dellas, elle matou a outra, despedaçou-a e escondeu os restos de seu corpo no jardim do convento. Denunciado, elle foi detido, julgado e condemnado á prisão. Mas depois, os Soviets transformaram o caso em meio de propaganda, e, si visitardes a Lavra, vereis grandes photographias representando o assassino e sua cumplice, e, perto delles, os restos do cadaver da victima. Naturalmente os monges foram todos expulsos immediatamente e a historia de Tchekoun serve como exemplo aos "ciceroni" vermelhos para expor os defeitos dos religiosos aos camponezes silenciosos.

* * *

A palavra perseguição aos religiosos seria excessiva. O jornalista americano Williams, de que já falei, viu, logo após a Revolução, não poucos conventos não laicizados e tambem procissões

percorrendo as cidades nos dias de consagração religiosa. Elle descreve mesmo uma que se parece com a das Ladainhas. Mas a sua observação remonta a alguns annos atraz. Eu, de minha parte, não vi agora nenhum convento, senão vasio; nenhuma procissão, ou melhor, nenhuma manifestação religiosa na via publica, senão a intervenção de um padre em um enterro! Algumas vezes, falando dos Velhos-Crentes perseguidos pelos Czares, ha tres seculos, Williams escreve:

"A Revolução de 1905 arrancou a chancella official dos altares. A Revolução de 1917 deu aos Velhos-Crentes direitos eguaes aos adeptos das outras religiões."

E mais longe:

"E' notavel que os communistas não tenham empregado nenhuma medida contra a egreja orthodoxa official, tanto mais que esta egreja outr'ora lutou tão acirradamente contra as seitas não conformistas. A dizer verdade, ella havia ultrapassado de muito tudo quanto os communistas, aliás, tenham tentado fazer..."

Eis ahi um facto. Os Soviets evitaram de perseguir os orthodoxos como os Czares perseguiram outr'ora os catholicos, os judeus, os Velhos-Crentes. Sómente elles tornam a sua vida difficil, collocando o clero fóra da lei, deixando ao cuidado dos fieis sustentar as egrejas (existem cofres para isso), fechando as escolas clericaes, prohibindo toda propaganda religiosa, multiplicando os museus anti-religiosos, educando o povo de todos os modos possiveis e imaginaveis. Assim se fala sempre da famosa inscripção: "A religião é o opio do povo" sobre a Praça Vermelha, em Moscou. Ella existe, mas não é a unica. Encontram-se cem, mil, dez mil semelhantes; é um grito que corre toda a Russia. Entretanto, nada disso se faz com brutalidade. Si se prende um padre por propaganda anti-sovietica, não se fecha por esse motivo a sua egreja, acontecendo mesmo terem sido punidos certos casos de fechamento forçado. Segui um padre na rua: nenhum insulto lhe será feito, ninguem se occupa delle, o que, sem duvida, para esse antigo pastor, é muito mais duro do que para os nossos parochos o encontro com um operario, nos arrabaldes de Paris.

* * *

Não discutirei tal ou qual julgamento, tal ou qual prisão. Na base de tudo se encontra o seguinte. Os Soviets fundaram uma so-

ciedade puramente materialista. (1) Esta sociedade pretende ignorar as sociedades religiosas, quaesquer que ellas sejam. Nós outros, occidentaes, habituados ao thema do Estado neutro, comprehendemos mal essa attitude, mas o facto é que o Estado sovietico não é neutro. Tambem não se póde dizer que seja laico. Elle é materialista como o Estado inglez do seculo XVIII era orthodoxo; como o da Espanha, ou o nosso era catholico; o da Prussia protestante, o dos Czares, ainda hontem, orthodoxo. A religião de Estado, que existia aqui ou acolá, foi substituida em Moscou pela irreligião do Estado.

Assim, quando um bispo italiano, delegado do Papa, veio a Moscou para tratar de varios negocios e que, regulados os mesmos, falou elle de concordata, Moscou oppoz uma recusa brutal.

Eu me lembrara de tudo isso em um pequeno cimiterio encostado aos muros do magnifico monasterio da Paixão, perto de Moscou. Era um cemiterio bem calmo, todo cheio de cruzes e jazigos. Algumas mulheres rezam sobre sepulchros. Ouvia-se ao longe um trem rolando, resfolegante, sobre os trilhos. E, depois, nada mais que o ruido longinquo, quasi argentino pela distancia, dos martellos. Quem dirá o que se póde passar nas almas de 150 milhões de homens. Até o presente ellas estavam cheias de superstições. Com uma geração apenas, essas superstições já tendem a desapparecer, si não desapparecerem de todo. Com a seguinte, não haverá mais superstição religiosa na Russia. A juventude, por outro lado, não quer saber de mais nada do que do materialismo. Mas, que se produzirá no dia em que as fronteiras se abrirem, quando a imprensa se tornar livre, quando recomeçarem de uma e outra parte os apostolados publicos?

Vejo passar na estação de Moscou o mais seboso dos padres. Pequeno, sapatos acalcanhados. Um chapéo esverdeado recobre pela metade uma cabelleira pastosa e ondulada que lhe cáe sobre as espaduas. O homem leva uma especie de vestido negro ajustado em forma de sobretudo, que não é, todavia, a sotaina dos nossos parochos. A delle tem o aspecto de datar de muito antes da Revolução. Elle traz na mão uma cesta e caminha com ar livre e descuidado.

---

(1) N. do T. — A Sociedade Communista, baseando-se na doutrina de Carl Marx, tem de seguir uma orientação materialista, abolindo todo e qualquer preconceito religioso.

Eu não penso que seja elle que reconduzirá Deus á Russia. Vi tantos que com elle se parecem! Portanto!... O coração humano não é tão prompto a desprender-se de seus deuses, como pensam os Soviets. Treze annos é muito pouco tempo. Si hoje uma democracia qualquer se organizasse lá, uma vaga de fé surgiria talvez ao mesmo tempo que desapparecesse a bandeira vermelha. Em todo caso, — mas isto o cidadão desse paiz ainda não adivinha, — mais que os padres cabelludos e barbudos, o papa de Roma, que prepara já seus homens em seu Seminario de linguas orientaes, teria uma bella partida a jogar.

XVI

O Plano Quinquenal — Um pouco de historia — O Plano em acção — A Commissão do Plano ou o "Gosplan" — A favor e contra — A opinião de Vandervelde — Exemplifiquemos — Os grandes trusts agricolas — Grandes trabalhos — O Dniesprostoi — Caracteres da empresa — Vista de conjunto da Babel — Electropolis — Seu orçamento não se assemelha ao nosso — Cem milhares de rublos — Será preciso falar de inflacção? — Uma taboa ensaboada — Eis aqui, entretanto, os americanos — Uma capitulação?

Sabe-se que, de uma maneira geral, a organização economica dos Soviets comportava uma destruição systematica da antiga economia, destruição que foi promovida pelo chamado "communismo de guerra", de 1917 a 1921. Mas, em 1921 (segundo periodo), tendo Lenine se apercebido de que a reorganização em sentido communista, ou pelo menos socialista, estava longe de contrabalançar a destruição da ordem capitalista, — decidiu voltar atraz, fazendo, como elle disse, "uma retirada estrategica". Foi a "Nep", não um retorno completo ás formulas occidentaes, mas um vasto systema de "concessões". Data dessa época a autorização para o funccionamento de certo commercio livre, e que uma nova classe se organizou: a dos "nepmen". Foi então, tambem, que certos camponezes não sómente começaram a enriquecer-se e foram distinguidos com o nome de "kulaks", mas começaram a adquirir autoridade no campo. Ao mesmo tempo, abria-se a éra das concessões ao capital estrangeiro, que, assim, se via reintroduzido na Russia, onde, aliás, elle contava muitos amigos no mundo dos funccionarios em geral e dos engenheiros em particular.

Em 1926, **Moscou sentiu o perigo**, e se poz a reagir tanto contra os "nepmen" e "kulaks", como contra o systema das concessões aos estrangeiros. Não foi um retorno ao "communismo de guerra", mas antes, uma tentativa para retomar a marcha para

a frente, e para chegar ao que elles chamam "a edificção do socialismo".

E como em 1917 a revolução havia sido feita em condições não previstas por Marx, e que a dictadura do Partido, mesmo apoiada por um proletariado industrial pouco numeroso, não poderia se prolongar por muitos annos sobre uma massa camponeza muito mais numerosa e que, graças aos proprios Soviets, sahia pouco a pouco da barbarie, — os Soviets emprehenderam a industrialização da União.

* * *

Foi assim que se decidiu pôr em acção o Plano Quinquenal, que foi acompanhado, logo de inicio, do esmagamento quasi completo do commercio livre e do desapparecimento dos "nepmen" como classe (luta que já attinge o seu termo final) e tambem da luta contra os "kulaks" (que ainda continúa).

Mas, antes de discutirmos o Plano Quinquenal, é preciso que se saiba ser elle obra do "Gosplan". Esta palavra exotica designa uma especie de Ministerio (Commissão do Plano de Estado) que é encarregado de centralizar as informações e avaliações para depois estabelecer o plano geral da acção do Estado.

Naturalmente o "Gosplan" propõe e o Comité Executivo dispõe. Naturalmente, tambem, cada provincia, cada republica, cada cidade, cada trust tem voz no seu respectivo capitulo. Cada um roga aos seus santos, mas o "Gosplan" agindo impessoalmente (nada de semelhante com os nossos Ministerios), decide, constróe um systema de conjunto, propõe á discussão e fal-o adoptar com ou sem modificações e retoques, e eis o que será elle durante cinco annos: o Plano Quinquenal.

Tem-se, lá, absoluta confiança no Plano Quinquenal e no "Gosplan". Elles me diziam:

— Em vosso paiz, cada ministro procura favorecer o ramo de actividade publica que administra, o ministro da Agricultura favorece os agricultores, etc. E' difficil unifical-os. Nada disso acontece entre nós. Vamos mais longe. No vosso paiz, os interesses privados usurpam os interesses publicos, collectivos, e é perigoso tentar contel-os. Aqui, entre nós, não existem interesses privados. Tambem não assistimos, aqui, a esse espectaculo ridiculo de um homem que, desejando fundar uma industria, edifica-a onde elle póde, por vezes onde elle possue amizades, ou sua familia. Nós, nos representamos a cousa do alto. Si desejamos fundar um centro metallurgico, nós

edificamos uma cidade tão simplesmente e nós a edificamos no local reconhecido, scientificamente, como o melhor, nas proximidades do minerio, da hulha, sobre um rio ou um canal que possa assegurar um facil transporte, construimos as estradas de ferro ao mesmo tempo que as usinas, recrutamos a mão de obra, etc. E si o local ideal está occupado, começamos a obra. No interesse do Estado, isto é, da collectividade trabalhadora.

E aquelles que me falavam, assim accrescentavam:

— O "Gosplan" não póde existir, entretanto, senão sob um governo realmente socialista...

* * *

Si percorrerdes, agora, Moscou e toda a Russia, ouvireis dois sons de sino. Nos jornaes, nos cinemas, na bocca dos communistas, sobre as bandeirolas que cobrem as ruas de vermelho, á altura do primeiro ou do segundo andar, ouvireis ou lereis: "O Plano Quinquenal será realizado em quatro annos." Foi o proprio Stalin quem o disse no seu discurso por occasião do ultimo congresso. E elle citou innumeras cifras em apoio de sua these.

Ao contrario, os inimigos do regimen, ou simplesmente os opposicionsitas, todo o grupo Boukharine principalmente, toda essa gente, vos dirá: "O Plano Quinquenal fracassará", ou, simplesmente: "Elle já fracassou."

E' inutil dizer que, no estrangeiro, os partidos communistas sustentam a these official, emquanto que os outros partidos, burguezes ou socialistas, sustentam a these do fracasso.

Ouve-se a cada passo dizerem:

— Esses russos são loucos.

Ou ainda:

— Elles realizam lá um trabalho de Titans, mas por que? Não ha nenhuma razão para crear aqui uma Central Electrica, lá uma usina de productos chimicos. Elles edificam usinas, constróem barragens, cream capitaes ao azar, por smiples prazer, dir-se-ia.

E os bons adversarios accrescentam:

— E' muito bonito de querer imitar Pedro o Grande, mas não se póde violentar impunemente a natureza. Isso não durará.

* * *

Na realidade, ninguem póde saber o que se passa exactamente em todos os recantos dessa immensa officina que é a União dos Soviets. Eu me recuso a dar as cifras que eu tenho sob os olhos

e que tirei seja do discurso de Stalin, seja do livro de Grinko, sobre o Plano Quinquenal, seja das estatisticas que me deram em Moscou. Toda a parte "financiamento" é absolutamente incomprehensivel aos francezes, porque o Estado sendo ao mesmo tempo comprador e vendedor, fabricante e inspector, e senhor absoluto dos operarios que na sua maioria o constitue, — não se póde conhecer ao certo qual a sua receita, nem o valor do rublo, nem mesmo as suas possibilidades. (Um pequeno facto o prova, a presença de equipes militares nos trabalhos do Dniesprostroi. A quem se poderá fazer crer que esses extraordinarios operarios sejam pagos?)

Donde a impossibilidade de quaesquer conclusões aprioristicas, senão pelo exame dos resultados.

* * *

Exemplifiquemos. Estradas de ferro: o Plano Quinquenal prevê que a rêde ferroviaria será elevada a 95.000 kilometros, com accrescimo correspondente de machinas e vagões. Vêem-se linhas em construcção? Vêem-se. Vêem-se linhas novas, estações novas, trabalhos de arte mesmo? Sim. Encontram-se numerosos trens de passageiros e de carga? Não poucos. Esses trens são regulares, chegam no horario? São regulares, mas quasi sempre atrazam um pouco. O Turksib, isto é, a linha que une as estradas de ferro do Turkestão áquellas da Siberia, está acabado? Está.

E' impossivel concluir de tudo isso que o Plano Quinquenal, em materia de estradas de ferro, será ou não realizado, mas é difficil deixar de admittir que haja esforço e progresso nesse sentido...

O mesmo raciocinio se póde fazer para a industria, para a agricultura, para a reorganização da pecuaria, para a electrificação, para as escolas, para os hospitaes, para os grandes trabalhos de urbanismo, etc.

Póde-se notar que citei muito poucas cifras e se adivinha porque. E' que no dominio industrial, principalmente, não se póde nunca ter a certeza de que não possa haver enganos. Mas, no dominio agricola? Eu não fui á Siberia, mas conheci bastante a Russia para comprehender que nessas formidaveis planicies, póde-se fazer dez vezes mais, dez vezes melhor em materia de producção agro-pecuaria do que na Argentina e na Australia. Eu não posso deixar de citar algumas cifras que são evidentemente tão grandes como a Russia, e que os nossos leitores lembrar-se-ão de que a União dos Soviets conta 22 milhões de kilometros quadrados ou seja 40 vezes a França.

Os Soviets organizaram os grandes trusts agricolas; aquelles que se occupam da criação são particularmente poderosos. Exemplos:

Trust dos grãos — Comprehende 231 "economias", isto é, explorações gigantescas, com 12.700.000 hectares de terra lavrada. E, bem entendido, elle não comprehende ainda todas as "sovkozes". Sobre este total, 4 milhões de hectares já estão semeados.

Trust do gado vaccum — Comprehende 127 "economias". No anno proximo (1931) haverá 250. Possue elle 3.200.000 cabeças sobre 30 milhares de hectares. Existem explorações de 12, 15, 18.000 cabeças.

Trust dos porcos — Comprehende 250 "economias" e 550.000 porcos. De 1931 em deante elle collocará 400.000 cabeças no mercado, 3 milhões em 1932, 7 milhões no fim do Plano Quinquenal.

Trust dos carneiros — Comprehende 116 "economias" e 11 milhões de hectares com 2.600.000 cabeças. Elle terá 5 milhões no anno proximo e, em 1931, fundará 27 novas "economias" com 14 novos milhões de hectares de pastagens.

No momento actual, addicionando o que possuem as "sovkozes", as "kolkozes" e os camponezes isolados, os Soviets pretendem possuir 30 milhões de animaes cavallares, 14 a 15 milhões de porcos, 100 milhões de carneiros e 55 milhões de cabeças de gado vaccum. Mas, então, perguntar-se-á, como é que existe falta de carne nas cidades a ponto de possuir a semana alimentar tres dias sem carne? Antes de tudo, isso é devido á difficuldade de transportes, e depois porque não é permittida ainda a matança dos animaes novos afim de poder augmentar a tropa.

Por mim, eu utiliso com precaução essas cifras que são "verosimeis", e insisto muito em affirmar isto. Elles me demonstram que uma formidavel economia está em via de se constituir nos paizes que constituem a União dos Soviets. Negal-o seria negar a evidencia. Isso entra pelos olhos.

* * *

Depois, existem grandes trabalhos. Nosso publico está particularmente ao corrente do Turksib e do Dnieprostroi, a proposito das quaes uma propaganda intensa pelos jornaes e mesmo pelo cinema tem sido feita no Occidente. Não vi o Turksib, de que, aliás, seria preciso ter acompanhado a sua construcção para se poder falar, mas vi o Dnieprostroi que é uma obra titanica, intelligentemente concebida, energica e rapidamente executada.

Tenha-se em conta que o Dnieper, grande rio das esteppes, atravessa no centro da Ukrania uma especie de vasto banco rochoso. Em consequencia, sobre cem kilometros elle é cortado por quédas d'agua que se succedem de 5 a 10 kilometros de distancia, e impedem absolutamente toda navegação.

Ora, o Dnieper deveria reunir a zona florestal do Norte ás planicies cerealiferas do Sul. Dahi a idéa de se crear uma barragem na ultima correnteza para determinar uma quéda susceptivel de alimentar uma poderosa fonte hydro-electrica. Parallelamente ao lago assim formado, seria estabelecido um canal para ligar o Dnieper inferior ao Dnieper superior, todos os dois navegaveis, não devemos esquecer.

Idéa czarista e não sovietica, mas que o ultimo Czar não pudera realizar devido ás pretenções dos proprietarios das terras marginaes que não queriam ceder seus terrenos senão por preços inaccessiveis. Um detalhe permittirá ter-se uma idéa da importancia das expropriações: quarenta villarejos seriam submergidas e perto de 20.000 habitantes transportados para outras localidades.

Esta difficuldade não era a unica. O Dnieper, como todos os rios da esteppe, é muito variavel no seu volume de agua: 600 metros cubicos por segundo no verão, 20.000 metros cubicos na primavera. Tinha-se que se haver com um monstruoso rio. Os Soviets se puzeram a estudar a questão em 1920 e os estudos não terminaram senão em 1927. Durante esse tempo, a opposição foi formidavel e a imprensa falou livremente contra e a favor. Não sómente a imprensa, mas todas as cellulas do Partido. Não houve cellula onde uma discussão apaixonada não se travasse, discussão que acabou por se travar tambem deante do Congresso dos Soviets, o qual tomou emfim a necessaria decisão. Os engenheiros — russos, já se insistiu acima —, haviam elaborado os planos. A opinião dos technicos allemães e americanos tinha sido favoravel. Iniciaram-se os trabalhos.

* * *

E, na hora actual, está sendo collocada sobre o rio uma longa barra de 750 metros, alta de 51 metros, larga de 21 metros no apice e de 39 metros na base. Atraz desta barra se formará um lago cuja profundidade maxima será de 48 metros logo atraz da barra, cuja largura attingirá varias centenas de metros e a extensão 150 kilometros (quero dizer que sobre 150 kilometros, o nivel do rio se encontrará levantado). Calcula-se que este nivel, que, a 100

kilometros da barra não será levantado senão de alguns centimetros, o será de 37 metros atraz da barra, cifra que de qualquer modo é impressionante.

Para a quéda, estima-se que ella dará de 810.000 a 950.000 HP, fornecidos por 9 turbinas de 100 a 110.000 HP cada uma. (1)

Emfim, trata-se de acabar o trabalho em Setembro de 1932 (seria em Maio) e de fornecer ás usinas a força electrica ao preço de 0,7 kopeks, o kilowatt-hora.

Ampliando, aliás, o seu plano, como elles sempre o fazem (é o seu menor defeito), os Soviets entendem não sómente construir a barragem, e tambem o canal de navegação de que já falei, mas, junto mesmo da quéda, as usinas que servirão justamente de primeiros consumidores, o que não impedirá de transportar a energia electrica num raio de 200 kilometros. (A base carbonifera do Donetz se acha, aliás, em parte, dentro desse raio de 200 kilometros). As usinas metallurgicas de Dniepropretrosk, as de ferro e manganez de Kaminskoë serão tambem suas tributarias.

Ajuntemos que se visa egualmente a irrigação das terras vizinhas e o estabelecimento de toda uma zona de culturas de hortaliças.

Quando a estação estiver funccionando, ella não empregará senão 300 pessoas, mas, nas usinas, trabalharão de 30 a 40.000 operarios. Por fim, eis o preço dessa obra prima: 200 milhões de rublos (2.400 milhões de francos) cuja metade já foi dispendida.

Ora, eu devo dizel-o, porque passei um dia inteiro visitando essa immensa officina, não sómente a barragem, mas o canal, as usinas, a cidade, tudo já está prompto, e, aqui e acolá, ao lado da planta sobre o solo ou do seu esboço, eis a obra acabada. Affirmaram-me que 22 mil operarios trabalham no Dnieprostroi e eu creio firmemente nisso por ter visto essa multidão de formigas pelos caminhos, ao longo das pontes, subindo nos andaimes ou trabalhando no leito esvasiado do rio. Vinte e dois mil operarios (elles serão 45.000 na primavera). E 60.000 habitantes, porque em torno da barragem e dos arcabouços das officinas, lá onde, ha dois annos, dormia a esteppe, a cidade nasce, a cidade já nasceu, augmenta, se installa. Seis engenheiros americanos são conselheiros technicos, mas, ao que parece, são os engenheiros russos os que dirigem tudo.

Atraz de um destes, um homem de physionomia regular, cabelludo, grande, forte, ar sério, a barba ponteaguda, — eu percorro lentamente as obras —. O formidavel dique descreve já seu

arco de circulo. De longe, ella não apparece senão como uma floresta de andaimes. Mas já, através dos cabos estendidos, erguem-se as armações de madeira que servem para guarnecer a argamassa que sobe e se petrifica em direcção aos céos. Verdadeiras torres de cathedral, completamente brancas e que me parecem em perfeito accordo com o materialismo historico de Karl Marx, mas penso que se parecem tambem com os arranha-céos novayorkinos.

Ao mesmo tempo, emquanto a barragem augmenta cada dia, as locomotivas offegam, as officinas apitam, as torres se arredondam, a cidade escala a collina e se alonga. Do solo, mil e dez mil vezes esburacado, sobe um rumor avassalador. No ponto mais alto, bella imagem da força, o edificio da direcção, em cimento armado, quadrado, massiço, cinzento e encimado pela bandeira vermelha, — está collocado como um olho, como um cerebro, como gesto perpetuo de commando.

* * *

Em que pensa toda essa gente que se entrecruza nessa floresta de madeira e de ferro? Dominados pela mystica da construcção, sem duvida, elles sonham, e mesmo os mais vulgares dentre elles, com uma Metropole, a menos que não seja a Babel da Biblia. Combate contra a natureza, combate victorioso traduzido por uma série de gestos que se manifestam sem interrupção — a artilharia do engenheiro — mas tambem combate contra o estrangeiro que, elles o sabem, menospreza o seu esforço.

Passeio sobre a barragem. Sob os meus olhos, já quatro turbinas se arredondam, enormes e vermelhas como grandes caracóes. Haverá nove. Gloria da "General Electric Company". Os francezes nada têm a vêr aqui.

Dentre essas mil casas em construcção com trinta pontes e quatro officinas, abrem-se abysmos, no fundo dos quaes uma humanidade se movimenta, eu já o disse, byzarramente vestida de despojos da Asia misturados com roupas proletarias. Raparigas gordas e loiras com lenços vermelhos á cabeça. E' toda a Russia arrancada dos campos. E como a mão de obra de origem camponeza não seja regular, dado o facto de irem embora, assim como

---

(1) N. do T. — Segundo calculos approximados, a Usina da Serra do Cubatão, construida pela Light and Power de São Paulo, com cerca de 500.000 HP., dispõe apenas da metade da energia da do Dnieprostroi.

A cachoeira de Paulo Affonso tem uma capacidade maxima calculada em 320.000 HP.

vêm, chegam, em tropas, muitos soldados para trabalhar. Grandes rapazes que haviam, talvez, sonhado uma sorte mais brilhante Suas equipes transportam cargas nas margens do rio. Vendo-os, eu me lembrava dos soldados de Luiz XIV, aos quaes se deve a construcção do terraço de Marby.

* * *

Uma tarde, como embarcassemos para um passeio no Dnieper, vimos uma centena de rapazes e raparigas de 12 a 15 annos, que, alegres, repousavam na margem do rio, proximo á embarcação. Elles brincavam, empurravam-se, sob os ultimos raios de sol, ainda quentes, de Outubro. Bem nutridos, vestidos sem elegancia e dando esse aspecto de multidão que emana de tudo na Russia. Elles nos olhavam, pacificamente. Nós contemplavamos o Dnieprostroi. A cidade tinha o ar de uma fortaleza abandonada coroando a collina com uma vintena de torres de cimento, a maior parte dellas envolvidas ainda em armações de madeira. Nesse ar leve da tarde, essa construcção titanica era a um tempo sublime, heroica e barbara, e nós hesitavamos em correr para os tempos antigos de Annibal e Cesar, ou para os tempos de um futuro super-americano.

Um de nós, judeu sionista de lingua ingleza, murmurava, não sei porque, contra o conjunto da obra, proclamando-a inutil. Um outro, um fascista, dizia:

— Uma superestructura americana sobre esta população camponeza? Mas a titulo de que, grande Deus!?

No entretanto, o guia, observando que a cidade era o centro geographico do paiz, accrescentara:

— Nós queremos fazer della a capital da Ukrania.

E depois de um ligeiro silencio, concluiu:

— E nós vamos chamal-a Electropolis.

Bem entendido, o Dnieprostroi não é senão um pequeno elemento do Plano. E como eu já tive occasião de dizer, minha viagem á Russia não foi senão uma excursão em uma grande officina.

Então? Do mesmo modo que o sr. Vandervelde, eu não posso comprehender como um Estado, embora rico, mas com um commercio exterior tão reduzido, e máo grado uma boycottagem intensa, máo grado uma sabotagem evidente, máo grado as indisposições de uma parte da população — tenha podido financiar um plano que é avaliado pelos proprios Soviets em 100 milhares de milhões de rubros, ou sejam 125 trilhões de francos!

Procurei desesperadamente a explicação em toda parte. Sei bem que os Soviets, cuja importação é quasi toda ella de producção (91,8 %), dispõem de creditos commerciaes na Allemanha, na Inglaterra e na America, que se elevam á importancia de 400 milhões de rublos por anno. Mas isto é o bastante.

Para o famoso dumping, todo mundo sabe hoje que a "massa" de productos lançados pelos Soviets nos mercados estrangeiros, reduz-se por emquanto a muito pouca cousa. De outra parte, intelligentes ou não, as medidas tomadas na America, na França, em Varsovia, têm sido efficazes, si bem que os Soviets tenham ganho até hoje muito pouco com a exportação de seu trigo ou de seu linho ou de sua madeira.

Resta o orçamento, ou melhor, a propria receita do Estado.

* * *

E' verdade que não se póde comparar o orçamento da União Sovietica a qualquer orçamento occidental. As cifras aqui não serviriam para nada. Praticamente, no paiz dos Soviets, o Estado e a Nação se confundem. Na França a receita da nação é quatro, cinco, seis vezes maior que o orçamento do Estado. Lá, o orçamento é constituido como segue:

1.° Os emprestimos ou creditos esternos;
2.° os emprestimos internos;
3.° os impostos directos sobre a receita;
4.° os impostos indirectos, a bem dizer, variaveis;
5.° as rendas industriaes ou commerciaes (industria e commercio do Estado, assim como uma parte das rendas agricolas — (sovkozes).

Ora, procuremos raciocinar. O Plano exige 100 milhares de milhões de rublos em cinco annos (cifras dos Soviets) e, por outro lado, o Estado, tendo uma multidão de outras despezas a fazer, não póde consagrar a esse Plano senão 48 % do orçamento, isto é, a sua metade, ou, eschematizando a cousa, a metade da receita da União Sovietica.

Logo, são precisos ao Estado 40 milhares de milhões de rublos por anno.

Conforme a taxa actual do rublo, isso representa 500 milhares de milhões de francos por anno. E' evidente que a União não dispõe de uma tal receita. Mesmo incluindo os emprestimos internos, ella

não poderia dispor de 500 milhares de milhões de francos-papel por anno.

Entretanto, a 1.º de Janeiro ultimo os Soviets annunciavam que no anno corrente de 1931 a receita nacional attingiria á cifra de 49,8 milhares de milhões de rublos. E' preciso então admittir-se que o rublo não tem, ou melhor, não tenha mais actualmente o valor de 12 fr. 50 que lhe dão ainda os Soviets. Admitte-se, aliás, e mesmo nos meios sovieticos, que o seu poder de compra não suba além de 6 fr. 25. E mais ainda, em Varsovia e noutras praças, troca-se o rublo por dois francos, e até por trinta sous.

Isto equivale a dizer que a União dos Soviets, longe de dispor para o Plano de alguma cousa equivalente a 500 milhares de milhões de francos-papel por anno, não dispõe sem duvida senão de alguma cousa equivalente a 100 milhares de milhões de francos-papel. Ademais, é claro para quem se dá conta da importancia desta somma, o dobro do orçamento francez, e que deixaria suppor que a União tenha uma receita pelo menos egual áquella da França, — é claro que a União resolve o problema baralhando as cartas, quero dizer, pela inflacção. Ella paga em papel e repete as emissões. Multiplica assim os rublos, embora com a desvalorização de sua moeda.

A 1.º de Outubro de 1924 havia na Russia uma circulação monetaria de 627 milhões de rublos e a 1.º de Agosto de 1930, de 3.860 milhões.

Durante os mezes que precederam esta ultima data, a massa de papel em circulação augmentava já de 400 milhões de rublos por mez. Póde-se calcular que si ella seguiu o mesmo rithmo posteriormente, ella attingirá perto de 6 milhares de milhões de rublos a 1.º de Janeiro de 1921. E', em summa, a politica das emissões. Todo o mundo conhece a catastrophe das emissões sob a grande Revolução e a catastrophe allemã de 1923. Todo o mundo se recorda da rapidez com que, no segundo caso, as cifras se tornaram astronomicas.

Um facto deve ser assignalado aqui: os camponezes, para entregar o seu trigo, pedem em troca, as mais das vezes, em vez de dinheiro, mercadorias.

Em troca, segundo as ultimas noticias, Ford se installou em Nijni-Novgorod. Elle vendeu á União o direito de se servir de seus modelos e approveitar todas as suas invenções durante cinco annos. A officina foi construida sob a direcção de engenheiros seus e elle envia as peças destacadas directamente de Detroit. Ellas estão

sendo montadas em Nijni e se trabalha já, ao que parece, ao rythmo de uma producção de 1.000 caminhões por mez. E esperando produzir mais. O mais interessante é que, quando estavamos em Rostov, encontramos o presidente, o vice-presidente e o representante para a Europa da General Motors, o grande concurrente de Ford, que vinha tambem se installar nas mesmas condições.

Diz-se que quando o navio enche d'agua os ratos o deixam, mas quando os americanos procuram se installar em qualquer parte, significa isso geralmente um bom signal.

Nessa occasião, eu perguntei:

— E si os francezes pedissem para vir, os acceitarieis?

Resposta:

— Por que não?!

* * *

Não digo que haja nisso uma capitulação. Digo simplesmente que um dos argumentos de Stalin para estabelecer e realizar o Plano Quinquenal era o seguinte:

— Si nós não somos, como o quer Boukharine, senão uma economia agricola poderosa, nós nos tornariamos, primeiro, uma democracia camponeza, e, em seguida, cahiriamos sob a dominação das potencias industriaes. Lembremo-nos de que, em 1914, 34 % de toda a industria russa e 42 % dos bancos estavam em mãos de estrangeiros. Logo, industrializemos a fundo as republicas da União Sovietica.

A isso Boukharine, Rykov, Tomsky e alguns outros respondiam:

— E' facil desenvolver nossa economia agricola e o Occidente acceitará que vendamos nosso trigo, nossa madeira, nosso linho, si comprarmos os productos de sua industria. Si nós não fizermos isso, seremos condemnados a viver em economia fechada.

Foi o que praticamente resultou.

Boukharine accrescentava:

— Lenine já dizia no "Pravda", ha muito tempo: — "Cuidae da distribuição. Tudo está ahi." Não se acreditou nisso. "Producção, producção — dizia-se. Para a distribuição sempre se arranjará um meio." Ora, nós temos de tudo, mas nós não conseguiremos distribuir aquillo que produzirmos. As colheitas são magnificas, mas para que nos serve o nosso trigo?

Rykov se encontra hoje substituido. Tomsky e Boukharine estão na sombra, mas Stalin, esse homem curioso, esse camponez astuto, tem o habito de aterrorizar seus adversarios para depois applicar as suas idéas. A derrota dos homens da direita, dos adversarios da industrialização forçada, não significa que uma mudança de frente não tenha se tornado impossivel. Longe disso. Talvez — e justamente porque Stalin foi o vencedor — vamos vêr dominar as idéas dos vencidos.

XVII

A terra negra da Ukrania — A ilha dos Zaporogos — Kharkov — Uma immensa officina — A politica da Republica Ukrainiana — Kiew — Contra os polonezes — Contra os Czares e contra a democracia á franceza — A passagem do Caucaso — Eis o povo georgeano — A central electrica e o convento — O federalismo necessario — Quem nos offerecerá melhor.

Corremos através de uma terra negra, bem mais negra que as nossas lavouras, e sulcada de caminhos sem buracos que, sobre a planicie, bem parecia uma renda de adorno. Solo muito rico onde o pé do homem mergulha, e a roda do arado avança difficilmente. Durante horas não se vê uma arvore, nada mais além dos girasóes, das beterrabas, das campinas, e, ás vezes, a clareira dos milharaes seccando. Quando apparecem os bosques, são grandes massas de betulas com grupos de alamos nos recantos mais humidos, mas estes bosques recuam cada dia, comidos pela machadinha dos lenhadores.

As casas são mais elegantes que as da Grande Russia, e muitas de tijolos. Bandos de gansos pastando. Caminham ou nadam? De longe, parecem gaivotas sobre o mar. A's vezes, sobre uma ondulação, mas tão leve que para nós isso parece uma longa mareta, um moinho de vento surge como um pharol extincto, reduzido ao papel de signaleiro. E seus braços rodam, fazem signaes ao vizinho, e dez, vinte, mil respondem, porque todos elles rodam a um rythmo só para moer o trigo do mais rico celleiro da Russia.

* * *

Da Ukrania, porque eu me lembrava muito de Petliura e da "Rada", eu não havia tido antes senão esta idéa muito simples: — Sim, em summa, ella ensaiou de libertar e não foi senão conquistada uma segunda vez pela Russia.

Ora, depois de termos examinado os trabalhos do Dnieprostroi,

tinhamos ido á ilha dos Zaporogos que fica em frente. E' um longo morro cheio de hervas assentado sobre rochedos e com praias de areia fina em certas extremidades. O lado opposto é rochoso. Devia ser isso uma verdadeira fortaleza natural e, por isso, era lá que os Cossacos Zaporogos se reuniam antes de suas expedições. Camponezes livres e de espirito selvagem, elles vinham a cavallo de todos os recantos da Ukrania, e lá, nessa ilha onde nunca uma mulher puzera os pés, elles deliberavam.

Nós ahi chegamos como elles deveriam fazer outr'ora, desembarcando em uma pequena praia. Penetramos através de uma cortina de alamos, e subimos o morro, afugentando manadas de animaes cavallares que galopavam virando a cabeça, assustados. Antigmente, o unico edificio da ilha era uma egreja, que já desappareceu. Não se encontra hoje alli senão uma fazenda em abandono. Procuramos interrogar uma rapariga de chinellos sem meia. Ella tinha uma physionomia bravia, os olhos negros, e repousava ao pé de um pinheiro. Mas, ao approximarmo-nos, ella fugiu, mergulhando num rancho, sem nos responder.

* * *

Meu companheiro conduziu-me silenciosamente ao pé de um grande calvario de madeira, a cruz de Ataman. Seu pé já estava carcomido e no ponto de juncção dos braços lia-se estas palavras: — "A' memoria dos Cossacos cahidos na luta pelas liberdades da Ukrania."

Um pouco mais longe, elle subiu commigo sobre os restos de um de seus reductos. E' um trabalho feito de terra com parapeitos, uma estrada estreita e as aberturas para collocar os canhões.

— Catharina dominou-os, disse elle.

E eu:

— Elles formavam uma classe social, creio, em luta contra os seus senhores. Não era um povo.

Elle levantou os hombros:

— Era o povo ukrainiano.

Nós ouviamos o estouro das minas, em frente. As torres do Dnieprostroi subiam num entrelaçamento de vigas de ferro e armações de madeira, para um céo nublado e enegrecido. Mostrei a Babel ao meu companheiro:

— Muitos dos operarios são ukrainianos.

E batendo com o pé no chão:

— Aqui mesmo nós vamos installar o governo da Ukrania, sim aqui na ilha dos Zaporogos, nós vamos installar o T. S. I. K. ukrainiano. Sim! Nós ligaremos assim o passado ao futuro.

Voltamos á embarcação que, já agora, lentamente subia o rio. O sol se deitava. Sobre elle as nuvens negras com os bordos dourados iam se accumulando como carvões sobre uma placa de ouro. O Dnieper se apresentava com uma coloração azul tenra com reflexos roseos. Meu companheiro bateu-me nas costas:

— Poeta, me disse elle. Você sonhou muito sob a sombra dos Zaporogos. V. faz do Dnieprostroi uma cousa russa. Ella não pertence a elles sómente, mas a nós tambem. V. vae vêr Kharkov. Vae vêr Kiew. Lá é que está a Ukrania.

E apontando com o dedo:

— Lá, disse elle, é o rochedo dos piolhos. Alli é que os Cossacos lavavam a sua roupa. Nós tambem alli vamos lavar a nossa, e desengraxar a nossa velha alma. Tenha paciencia...

* * *

Kharkov

E' a capital administrativa do paiz. Cidade que não tem a antiguidade de Kiew e da qual os Czares quizeram fazer a grande cidade russa do paiz. Hoje o Commissariado da Republica da Ukrania ahi está installado, inclusive o dos negocios estrangeiros, de que é encarregado um russo, simples funccionario de Moscou. Tudo lá fala ukrainiano, delibera em ukrainiano. Subi com um delles ao alto de um grande predio edificado em cimento armado, com treze andares, cinzento, todo envidraçado, cuja edificação foi concluida ultimamente, e que elles chamam a Casa da Industria. Do alto se descortina, batida pelo vento das esteppes, uma cidade enorme e feia e que, mais ainda que Moscou, e não é pouco dizer isto, — dá a impressão de um estaleiro. Para onde se olhe só se vêem andaimes. Uma floresta. E quasi sempre a cada uma de minhas perguntas, esta resposta:

— Uma casa operaria. Ainda uma. Dez, vinte outras.

Eu não me impressiono, aliás. Eu vira, ha pouco, um quarteirão horrivel onde o povo habitava em buracos como troglodytas. A cabeça dos camponezes ficavam de fóra. Vinham elles da campanha para a cidade, sem saber se ahi encontrariam trabalho, e agora era um accumulo de miserias, na lama, sob a chuva. Eram elles

tambem, provavelmente, que compunham as camadas sinistras que eu vira romper á noite, sem uma palavra, porque as lojas fecharam sem que esses miseraveis tivessem tido o que comer.

Eu interrogo. Resposta:

— Que quereis? A cidade augmenta, augmenta... Nós temos que edificar.

Que poderia eu dizer? Eis agora o edificio dos Correios, bem novo. Eis a casa dos ferroviarios, tambem nova. A Casa dos Syndicatos. Nova. As calçadas são asphaltadas. Estradas de ferro, ruas, aeroporto, hospitaes, escolas, edifica-se, constróe-se, abrem-se. E essa massa de 30 a 32 casas operarias em tijolo — casas communs — em torno das quaes eu andei. Quatro a cinco mil pessoas ahi habitam. Como negar tudo isso? E não tenho eu annotado todos esses edificios que ainda estão em construcção, onde os pedreiros e os pintores ainda estão trabalhando e onde já, entretanto, as dactylographas batem com seus dedos ageis os relatorios para Moscou?

Sómente, ha muito ainda que fazer.

Em torno da platibanda onde me encontro, a terra visivel forma um circulo perfeito. Sobre a metade do circulo corre um mar de culturas. A outra metade está cheia de casas e fabricas. Nenhuma collina no horizonte. Nada mais geometrico e nada que fale mais fortemente ao espirito. A fumaça das chaminés cobre a cidade, sob um céo cinzento onde rolam aqui e acolá nuvens repontadas pelo vento.

Escuto... Um milhão de homens e que a gente não entende. Nada desse murmurio parisiense. Nem movimento, nem barulho. Sim, pelo contrario, prestando attenção, o mesmo que em Moscou, um barulho continuo, insistente, de martellos.

* * *

Quem me fala é um ukrainiano. Elle ama o seu paiz. Elle nos introduziu na sala onde se reunem os commissarios do povo. Ahi, o representante do camarada Tchoubar, presidente do Conselho dos Commissarios, tendo nos saudado em sua lingua, expoz-nos as suas fontes e a politica da Republica. Pendendo da parede, os retratos de Marx, Engels, Staline, Kalenine, Rykoff, Tchoubar e do grande poeta ukrainiano Chevtchenko.

Acima do homem, um grande quadro representando o Lenine classico, sobre uma tribuna de madeira grosseira, visto a meio

corpo, o busto lançado para frente, e, voltada para a esquerda, com um movimento terrivel, a cabeça núa, a bocca aberta para gritar ou para morder, a barba curta, o bigode duro, o nariz curto, as maçãs do rosto salientes, os olhos pequenos mergulhados nas orbitas, a testa poderosamente modelada, um pouco concava acima das sobrancelhas e se erguendo depois para se fazer quasi olympica.

O ukraniano fala: é um homem de cincoenta annos, face de intellectual, barrada de um bigode branco em ponta. O cabello esbranquiçado. Sobrecenho de Mephisto, cheio, accentuando o caracter um pouco faunesco da physionomia. Elle insiste sobre a grandeza de seu paiz:

— Os ukranianos são 40 milhões espalhados pelo mundo. Existem sómente 24 milhões no territorio da Ukrania sovietica, mas nós temos ukranianos na Polonia, Rumania, Tcheco-Slovaquia, e perto de 6 milhões dos nossos vivem na Asia.

Depois fez uma carga cerrada contra os Czares. Vou reencontrar as mesmas formulas na gente da rua e do campo. Elle insiste sobre a perseguição.

— Antes de 1905, havia um unico jornal ukraniano, e assim mesmo ainda foi interdictado durante a guerra. Hoje, 4 milhões de exemplares cada dia.

E, com um ar o mais glorioso do mundo, o dedo levantado:

— Sobre cem habitantes, oitenta e cinco são ukranianos. Nas cidades, 40 % sómente, por causa da colonização russa.

Elle disse isso brutalmente. Um golpe de voz. Os russos presentes não pestanejaram. Elle desenvolve então seu plano de campanha:

— Durante os cinco primeiros annos, a situação mudou muito. Numerosos camponezes vieram para as cidades, pondo muitas vezes em minoria os russos.

E, com alegria na voz:

— Hoje, 50 % dos operarios são ukranianos. E 80 % delles metallurgicos. E cada dia augmentam mais os nossos.

Vejo seus olhos brilharem. Mas, de novo, elle faz um muchocho e volta aos seus resentimentos do passado:

— Antes da Revolução, os proprietarios russificavam á força. Contava-se apenas 1.200.000 homens que sabiam ser ukranianos. Tal foi o resultado de tres seculos de "autocracia".

Mas elle retoma a alegria:

— Hoje volta-se a falar na lingua ukraniana. Muitos apprendem-na agora. E' uma lingua que já tem a sua litteratura. E a differença entre ella e a lingua russa é bem sensivel: maior que entre o Francez e o Provençal.

De repente, elle salta á historia:

— Nossa historia não é mais curta que a da Russia. E Kiew foi a primeira capital dos paizes slavos existentes entre os Karpathos e o Ural. Escolas? Hoje nós temos 20.000 escolas primarias com 2.700.000 alumnos. Este anno os menores de 8 a 15 annos, sem excepção, deverão ir á escola.

E elle precisa:

— Nós contamos com 16.000 escolas ukranianas, 1.300 russas, 486 israelitas, 500 allemãs, 341 polonezas, 120 moldavias, 660 de outras nacionalidades...

Altivamente, elle accrescenta:

— As creanças fazem seus estudos na lingua maternal, bem entendido, e mais tarde apprendem uma segunda lingua. Nas escolas ukranianas, é a lingua russa. Nas escolas russas e outras escolas de minorias nacionaes, é geralmente o ukraniano. Existem algumas que ensinam, entretanto, o allemão como segunda lingua. Para os collegios, as universidades, as escolas profissionaes, normaes, tudo se passa como no ensino de primeiro gráo.

O nosso homem salta agora aos jornaes:

— Perto de 4 milhões e meio de folhas são publicadas diariamente na Ukrania. 27 jornaes são editados noutras linguas que não o ukraniano: 2 em allemão, 6 em yddisch, 2 em moldavo, 2 em polonez, 2 em russo. Sem falar de tres jornaes centraes, um judeu, um polonez e um russo.

Depois, ampliando seu gesto:

— E nossos theatros, nossas operas, nossos cinemas, nossos museus, nossas exposições em lingua ukraniana. A Ukrania é uma nação, o ukraniano é uma lingua. Nós queremos fazer parte da cultura universal.

Como se lhe fala de anti-polonismo, elle ri.

— Ha 400.000 polonezes na Ukrania. Existem Conselhos de aldeia polonezes, e uma Zona nacional poloneza, — 400 escolas, um Technicum, 2 jornaes locaes e mais um jornal central e um jornal para creanças. Ajuntae a isso um Theatro.

— Mas os judeus?

— Nós, antisemistas?! Só os adversarios da cultura podem pensar sobre a sua sorte. O antisemitismo é que é nosso inimigo. Ha um pouco mais de um milhão de judeus na Ukrania. Os judeus têm 94 Conselhos de aldeia, e 3 Zonas nacionaes. Elles dispõem de 500 escolas, de 30 collegios, de 3 escolas normaes, de uma escola domestica, elles têm 4 secções nos Institutos, 120 clubes, 2 theatros. As creanças judias nas escolas são proporcionalmente mais numerosas que as outras creanças.

Elle se interrompe e sorri:

— Evidentemente, nós não estamos mais no tempo do Tzar. Muitos judeus consideram hoje o povo ukraniano como o seu povo. Dezoito mil judeus já passaram das Zonas judaicas ás Zonas puramente ukranianas. Mais de cem mil deixaram os ghettos para onde os enxotavam os Tzares, voltaram á terra, vivem lado a lado com os nossos camponezes.

Eu soltei a palavra Nacionalismo. Um gesto de hombros:

— Falei-vos dos Conselhos polonezes e judeus. Os russos têm 42 Conselhos, os allemães 200 com 7 Zonas, os moldavios 71 com 3 Zonas, os tcheco-slovenos 12 para 15.000 nacionaes. Os francezes e os inglezes não são desgraçadamente senão 617 ao todo e depois elles não estão agrupados. Não se lhes poude, por isso, dar Conselhos. E' um mal. Risos.

— Mas, os russos?

— Porque teriam elles de se resentir? Lá onde é preciso, as duas linguas são utilizadas. Em principio, a lingua do Estado (tribunaes, escolas, etc.) é a lingua da Zona. E os ukranianos dentro das Zonas allemãs, moldavias, polonezas ou judaicas são considerados como minoria.

Sobre um pouco de silencio, elle accrescenta:

— Nós desejamos latinizar o nosso alphabeto. Mas é difficil. Faltam-nos os meios e o tempo.

Ainda um silencio:

— Nós procuramos estabelecer relações com a Ukrania poloneza. Mas os livros e jornaes enviados daqui são interdictos lá. Assim a minoria ukraniana da Polonia está separada do centro principal de sua cultura. Nosso theatro nacional deseja fazer uma "tournée" por lá, mas os polonezes permittirão?

* * *

Comprehendo muito bem que o Occidente não goste muito que se lhe fale disto. Elle nunca conseguiu comprehender a politica das nacionalidades na Russia.

Assim, logo que nós, francezes, desembarcámos em Odessa, nos encontramos em presença de duas forças armadas: uma tropa de voluntarios que occupava a cidade e procedia da organização branca do Norte do Caucaso (Denikine, etc.), uma organização ukraniana nacional que, vindo do fundo do paiz, marchava sobre Odessa. Nós apoiámos a primeira contra a segunda, isto é, a Velha Russia, a Russia imperial, czarista e centralizadora contra o povo ukraniano. E, embora as forças ukranianas de então lutassem contra os bolchevistas ao mesmo tempo que contra Denikine, relataram-me a respeito o seguinte:

— E' verdade que os bolchevistas occuparam o paiz, mas em seguida elles fundaram uma Republica da Ukrania e deram o exercicio do poder aos ukranianos. Si fosseis vós os vencedores, vós, francezes, com os vossos alliados, os brancos, — não haveria hoje uma Ukrania autonoma. Nós não falariamos na nossa lingua. Nossas escolas nunca teriam sido abertas. A França tomou partido contra nós e em favor dos nossos perseguidores.

* * *

Eu recordava tudo isso um pouco mais tarde, quando visitava Kiew, a verdadeira capital cultural da Ukrania, a antiga cidade desse curioso principe Vladimir que, fazendo-se baptizar, fez entrar todos os seus subditos no Dnieper afim de que elles seguissem o exemplo do rei. Saudei de longe a estatua desse Carlos Magno slavo. Ella continúa lá do mesmo modo que a cathedral e a magnifica Lavra sobre a sua collina. E si voltar o emigrado, elle a verá intacta, sobre a sua escarpa, sob os seus zimborios de ouro, e seu tecto em vermelho e azul.

Lá do alto, tem-se uma vista magnifica da Ukrania, em cuja planura deslisa, em torno de ilhas arenosas e verdejantes, cheia de salgueiros e alamos, o Dnieper côr de chumbo. Cruzes e zimborios surgem de toda parte, dentre um arvoredo ralo. O conjunto das casas, seu agrupamento sobre a collina, o que resta dos muros, das torres, das escarpas, dos pequenos caminhos perdidos nos jardins em terraço, — tudo dá uma idéa da posição fortificada, de fortaleza ao mesmo tempo que de capital.

— Alto lá! diz meu companheiro, seguramente não houve ne-

nhuma mudança. Kiew é sempre a nossa capital e sempre a nossa fortaleza.

E accrescentou:

— E nós ganhamos terreno em Kharkov. Quanto á campanha ella nos pertence.

Um russo me havia dito na vespera:

— Extraordinaria, essa gente! A's vezes acontece de alguem dirigir-se em russo a um pequeno funccionario, o qual saccode a cabeça e responde: — Não comprehendo. Ora, elle sabe o russo, mas elle quer esquecel-o.

— Exactamente a mesma cousa acontece com os polonezes da Posnania. Elles, tambem sabem o allemão, mas não gostam de o falar.

— Sim, mas os ukranianos não querem separar-se.

— Está certo disso?

— Cumprimos o nosso dever, disse elle. Conheceis de sobra a nossa politica das nacionalidades. Evidentemente o Sul é differente da região de Moscou. Não sómente pela lingua, como pela raça, e pelo aspecto do paiz. Quando voltardes para o Norte, vereis logo reapparecer a casa de madeira e o tecto de palha, assim como o campo ser substituido pela floresta. E' a Russia. Nós nada podemos fazer ahi, e, agindo da maneira por que o fazemos, submettendo-nos á realidade, não podereis deixar de reconhecer que temos sido ou muito honestos ou muito habeis. Mas, voltando ao Norte, deveis lembrar-vos tambem que as planuras que atravessastes pertenciam quasi que inteiramente aos condes Bobrinsky, Pototsky, isto é, aos proprietarios polonezes. Lembrae-vos que a campanha de 1920 foi feita contra uma Polonia que desejava annexar a Ukrania. Lembrae-vos que 6 milhões de ukranianos vivem na Polonia e que aquelles que agora vistes sonham muito menos com a separação, que com o retorno de Lemberg nos braços daquillo que elles chamam a mãe-patria.

Alguns dias mais tarde eu regressava para o Norte. As casas de madeira reappareciam e o tecto de palha. O campo cedeu o logar á floresta. As betulas surgiram tão numerosas como outr'ora os cossacos sobre os flancos e rectaguarda do Grande Exercito. Toda a campanha estava coberta de ouro. Um farfalhar de ouro sobre caules prateados. E, no momento de reencontrar a velha, a Grande Russia, eu me lembrava das observaçõse de meu companheiro ukraniano:

— A Ukrania ressuscitou. Diga-o aos homens do Occidente. Trinta milhões de homens redescobriram a sua patria. O Tzar não ressuscitará mais certamente, mas em todo caso a centralização morreu.

E como eu lhe dissesse:

— Tem certeza de que a democracia não virá, tão silenciosamente como um homem caminhando sobre a neve?...

Elle poz-se a rir:

— A democracia ukraniana, talvez. Mas, a democracia centralizadora, á franceza, installando-se em Moscou e tudo russificando, não, mil vezes não. Eu não sou communista, não sou, eu, senão um sem-partido, nada mais, mas os Soviets são federalistas, por isso eu me bato pelos Soviets.

* * *

Muito honestos ou muito habeis, na verdade, mas o que é facto é que esses homens conseguiram collocar os povos de seu lado. Nós o vimos pelos tartaros do Volga; nós o vimos pelos tarros da Criméa, e nós o vimos pelos ukranianos. Eu devia vel-o ainda, conversando com seus estudantes, pelos buriatas, pelos mongóes, por uma multidão de povos asiaticos. Um ponto de interrogação seria talvez fornecido pelos musulmanos e principalmente por aquelles do Turkestão. Em varias occasiões elles recomeçaram a guerra santa e nos grandes valles que bordejam o Afghanistão houve ainda em 1930 um levante. Mas lembremo-nos de nossos alarmas na Algeria, na Syria, em Marrocos.

Hoje nós partimos do Vladicaucaso pela estrada estrategica, uma grande estrada larga, bem construida, que segue recta, através do paiz, como uma espada. Um bello trabalho de legiões.

Pouco a pouco, vão surgindo montanhas em torno de nós, cobertas de um formidavel montão de nuvens de onde surge, ás vezes, um pico irreal que, como aquelle do Olympo, parece perdido no céo, no azul. Nós bordejamos o rio. O valle se afunda, suas paredes se approximam, as fazendas, os villarejos que surgiam ao longe, como nichos, desapparecem. Tudo se reduz, de repente, a um desfiladeiro que não é elle mesmo senão um monstruoso deslocamento de blocos de pedra sobre o Terek, esse rio maluco. Os russos haviam construido uma linha de pequenos fortes para conseguir uma passagem e agora só se vêem as suas ruinas. Sem duvida, com isso, procuravam elles o rumo de Constantinopola. A' primeira vista, parece a estrada do inferno. O leito do rio é de basalto, um

leito negro sobre o qual elle espumeja furiosamente. Tudo toma um aspecto cinzento de chumbo, como si a montanha tivesse sido calcinada, e as suas encostas, sob o sol, adquirem por vezes tonalidades de mercurio em fusão. Rochas desnudas, muralhas cyclopicas, uma montanha talhada, golpeada, massacrada a golpes de machado e, de quando em quando, illuminada por alguns raios de sol. Atravessa-se, por momentos, um tunel de rochas e, tendo o Terek feito ahi um cotovello, tem-se a impressão, ás vezes, do absoluto silencio. Um dos circulos de Dante. Entretanto, homens morenos, de olhos negros, mulheres de fino perfil, a cabeça envolta num lenço azul, entrecruzam-se comnosco. A' esquerda e á direita, surgem velhos fortes em ruinas que foram outr'ora construidos pelo rei David, o grande soberano da Georgia, e pela rainha Tamara, sua filha. Eis, agora, um monasterio cinzento e baixo, empoleirado sobre um morro, e, por entre casas avarandadas uma egreja edificada com pedras vermelhas e leões desenhados em alto relevo. E' Kasbek, a primeira cidade da Georgia.

* * *

Kasbeck está situada sobre o dorso norte do Caucaso, mas a maior parte da Georgia se estende sobre o dorso sul. Quando fomos ao desfiladeiro o georgeano que nos acompanhava sorriu:

— Um bello paiz, não é?

Como responder? No silencio impressionante, eu não ouvia senão o canto longinquo do Araxe, que, muito baixo, não se me apresentava senão com um riacho espumejante. As montanhas se superpõem, apoiando-se umas nas outras, elevando-se, e vinte, trinta picos se erguem para o céo. Aqui, se afunda em pastagens, acolá se reergue, cáe a pique, alonga-se, sobe, installa-se em terraços, arredonda-se, se afila, mostra-se ao mesmo tempo gracioso e monstruoso tranquillo e cyclopico, brando e titanico. E' a solidão e a paz, mas na casa dos Titans. O verde, o amarello e o roxo das folhagens de outomno, o cinzento-negro das rochas e dos seixos do Araxe, o branco prateado do rio e, acima de tudo isso, um céo rebaixado pela altura dos cimos, de fundo azul e semeado de grandes nuvens nacaradas, — eis os tons do quadro que nos é offerecido. Aqui, máo grado a estrada estrategica dos Tzares, hoje nas mãos dos Soviets, o homem não é nada mais do que um accidente sobre a face gigantesca do Mundo.

* * *

Dirigimo-nos para Tiflis. De todos os lados, monasterios fortificados, com torres quadradas e redondas, signeiros octogenarios, uma egreja tendo sobre a fachada, em alto relevo, uma cruz no meio de duas oliveiras. Será que desci do Caucaso ou dos Apeninos? Os declives se tornam menos asperos, os valles estão agora cobertos de culturas, surgem alamos de toda parte, pequenos villinos com tectos vermelhos destacam-se aqui e acolá. Na verdade, dir-se-ia a alegre Italia.

Passam por nós homens de cartucheira no peito e punhal á cinta. Reunidos nas varandas, elles bebem, levantam seus copos á nossa saúde e nos offerecem vinho ou senão, em pequenos calices, licor de cereja ou de ameixa, e que elles bebem como si fosse agua. Essa gente tem o ar mais aberto que os russos, mais ridente, quero dizer, mais feliz.

— E' o clima, diz-me o guia.

Sem duvida, o clima, o vinho, tudo o que formou essa raça.

Noto que a maior parte dos camponezes não são collectivizados.

— Isso virá com o tempo, respondeu.

* * *

Um pouco mais longe, como viessemos de transpôr a Koura, uma panne atirou-nos sobre a beira da estrada. Em face da cathedral de Tseti, ha um convento massiço e baixo, empoleirado sobre o cume de uma montanha e que data do seculo V. Os Soviets rectificaram o rio e construiram em suas immediações uma central electrica que fornece luz a Tiflis. Sentei-me com meu companheiro nos bordos do leito do rio. Nem a mais leve aragem. Um céo ligeiramente coberto. Não se ouvia senão o cricrilar dos grilos ou o mugido longinquo de um bufalo com sêde...

De repente começamos a ouvir uma canção georgiana, melancolica, atraz de nós. Meus olhos se estendiam do convento lá no alto, quasi desapparecendo dentro da noite, á central electrica onde não se via um operario e que parecia trabalhar sozinha, como uma fiel escrava que trabalha mesmo quando seus senhores já tenham ido se deitar.

A' tarde jantamos com homens politicos, escriptores e jornalistas do paiz. Elles têm um costume curioso neste "valle do vinho", como elles chamam a feliz Georgia. E' de nomear um director para a refeição, o qual deve ser um bom bebedor e um homem de espi-

rito e que distribue as saudações, determina a ordem dos discursos e dirige a conversação. Esse excellente homem, cuja impressão ainda guardo, com seu labio um pouco repuxado e um grosso bigode negro, — fez-nos uma bella saudação em lingua georgiana traduzida, do mesmo modo que os discursos em russo eram traduzidos para o georgeano. A ceia degenerou aliás, em discreta beberragem e terminou entre dansas locaes perto das quaes as nossas internacionaes pareceriam de uma chatice, de uma pobreza e de um ridiculo sem nome.

* * *

Quando, no meio dessa alegria, e, bem entendido, antes que se tivesse entoado muita gloria ao vinho, chegou a minha vez de pronunciar algumas palavras, e eu disse francamente a minha impressão de tudo que eu vira e tal qual a Georgia me apparecera, no convento e na officina, não sómente grande pelo seu passado, mas em marcha para uma nova grandeza.

Meu francez foi comprehendido pela maioria e quando eu levantei minha taça á prosperidade da Georgia livre e da União dos Soviets, eu tive, como os outros, minha tempestade de applausos. Mas, si os georgianos manifestavam sua approvação com tanta violencia, os russos não foram dos ultimos a me apertar a mão.

— E' natural, disse-me instantes depois um jornalista georgiano. Vistes a Georgia, é um povo, mas sabeis o grande numero de nacionalidades de que se compõe a Transcaucasia: georgianos, armenios, tartaros, estamos todos terrivelmente misturados ao pé do Caucaso. Como sahir-se disso senão pela federação?

E elle me trouxe uma estatistica segundo a qual ha na Transcaucasia 47 jornaes quotidianos tirando em conjunto 720.000 exemplares. Oito são russos, onze georgianos, doze armenios, dez tartaros, e cinco outros escriptos em dialectos completamente desconhecidos no Occidente.

— Bom, mas eu gostaria de saber si esta federação não preferiria ser livre?

— Fóra da União dos Soviets, quereis dizer. Muito bem. Eu, no começo, combati os Soviets. Quem combati? Os russos? Os bolchevistas? Os dois. Elles foram vencedores. Não falemos mais nisso. Mas, nós teremos sempre o que vêr com os russos. Agora, não será melhor termos relações com aquelles que respeitam a nossa lingua e sob o governo dos quaes nós podemos ter as nossas

escolas, nossos collegios e formar um povo, do que com os russos do Tzar que nos perseguia?

Meditamos sobre essas palavras do alto de uma montanha que domina Tiflis e ao pé da qual esta cidade voluptuosa se estende e se enrola. Ukranianos, georgeanos, tartaros, todos os povos outr'ora sacrificados e perseguidos pensam do mesmo modo. Soffrer tudo, mas guardar sua alma. E' o federalismo que lhes evita a reacção.

Ainda uma vez, por conseguinte, eu desempenho o papel do diabo. E mostrando ao meu companheiro o bello corpo de Tiflis:

— Que capital! Si, entretanto, vos offerecessem a liberdade? Voltariam, talvez, os tempos do rei David.

— A liberdade? E por que meios a conseguiriamos?

Depois elle saccudiu a cabeça (estavamos a sós, elle não poderia ter medo de ser ouvido):

— Já vos disse que combati contra elles, mas quem, vos pergunto, offerecer-nos-á mais?

Em torno da O. G. P. U.

XVIII

Foi-me recusada a entrada na O. G. P. U. — Uma manhã no tribunal — Um bom juiz — Tres julgamentos de Salomão — Visita á prisão — Uma escola e um atelier — A Communa do Trabalho — Uma povoação de antigos criminosos — O processo dos 48 — Uma execução no silencio — O processo dos industriaes — O grande medo dos Soviets — Não querem absolutamente saber de mim na O. G. P. U.

Ao acaso, vou entrando aqui e acolá. Numa officina, em um armazem, em um commissariado, num hospital. Não tive até este momento a impressão de ser espionado, ou simplesmente de ser seguido, nem que se tenha revistado a minha bagagem; nenhuma de minhas notas desappareceu — e Deus sabe quanta gente vem aqui e que não é favoravel nem aos russos nem aos Soviets — mas nada, tudo isso ainda não me satisfaz. Eu quero orientar a minha enquête conforme penso e esse é o motivo porque, quando me dizem: "Si v. fôr lá..." — eu costumo responder: "Mas porque não?" E observo o ar que tomam meus interlocutores. A bem dizer, elles não ficam satisfeitos, senão quando eu falo da O. G. P. U., que nós, francezes, chamamos a "Guépéou".

— Será difficil ir lá.

— Mas, entretanto, ella não é senão uma Segurança Geral, segundo imagino, augmentada por um Comité de Vigilancia...

— Sem duvida, mas isso será difficil.

— Escutae, eu vos concedo que sejaes os unicos no mundo com a Inglaterra, cujo **Intelligence Secret Service** é um modelo, com a Inglaterra e mais o Vaticano, a possuir essa especie de Central onde se reunem as conclusões dos cinco sentidos do Estado e donde podem partir todas as suas reacções de defesa. Mas isso não é uma razão para me impedir de ir vel-a de perto.

— A **Intelligence Secret Service** vos abre as suas gavetas,

mostra-vos os seus dossiers? No Vaticano vos mostram mais alguma cousa do que o Papa e um Museu?

— Bem, não falemos mais e vamos ao tribunal.

* * *

O tribunal — oh! é preciso que saibaes, é um pequeno tribunal — eis onde se póde passar pelo menos uma manhã agradavelmente. Imaginae uma pequena sala com uma cadeira sobre um tablado para os magistrados que são tres: o juiz e dois jurados, dentre os quaes uma mulher, os cotovellos apoiados sobre o panno verde da mesa. Não ha substituto nem advogado. No fim da mesa, o escrivão. Pelas paredes, effigies de Lenine e Karl Marx.

A sala repleta. Todos os bancos estão cheios de uma multidão silenciosa. Entra-se tomando o cuidado de não perturbar os debates. Sáe-se na ponta dos pés. Desde o juiz até o accusado, passando pelo publico e pelos dois guardas que se encontram junto ás portas, toda gente parece camponeza, e, nesse arrabalde de Moscou, deante desse juiz bonancheirão, é verdadeirament o tribunal que poderia constituir antigamente, na Russia, ou entre nós, um chefe local, sobre a praça em dia de mercado.

* * *

O primeiro accusado é um homem alto, moreno, barbudo, com um ar de pirata. Elle fez commercio ilicito de vodka. Confessa tudo. Num dialogo de dois minutos, tudo está regulado O juiz volve para elle sua cabeça grisalha e o chama de envenenador do publico. O primeiro assessor, uma mulher de 40 annos, saccode a cabeça. O publico tem o ar compungido, tal a maneira pela qual acompanha, boquiaberto, os debates. Depois o juiz pronuncia o veredictum:

— Toda a vodka encontrada em tua casa será confiscada. Pagarás uma multa de 100 rublos dentro de duas semanas. Si tardares a pagal-a, terás que pagar o duplo.

— Está bem, diz o homem.

* * *

Depois vem uma historia de percevejos de que uma inquilina desejava desembaraçar-se. Ella se utiliza para isso de não se sabe qual insecticida e fez de modo que não sómente empestava toda a casa, mas tambem estragou o casaco de pelle de uma de suas vizinhas. Esta encontra-se lá com o casaco no braço.

— Mostre o seu casaco, diz o juiz.

Ella lh'o estende.

— Está muito estragado, diz elle ainda.

Todos erguem a cabeça para vêr. Oh! de accordo! Está muito estragado. Os camponezes calculam a perda. Um casaco de pelle, não é assim?

Houve uma pequena scena em que as duas inquilinas se interpellam mutuamente. Evidentemente, ellas já estabeleceram a sentença, fizeram o preço. De repente, eleva-se o tom da discussão, as physionomias se tornam aggressivas...

— Silencio! grita o juiz.

E dirigindo-se á proprietaria:

— Quanto pagou pelo casaco? Quando o comprou? E onde?

Sem titubear, a inquilina responde:

— Paguei por elle 200 rublos, senhor juiz. Na cooperativa que sabeis... (aqui o nome, o numero da rua que não pude annotar). E no começo do ultimo inverno, senhor juiz. Vêde, elle está com pouco uso.

O juiz levantou a mão. Deixou passar 30 segundos, voltou-se para seu assessor da direita e lhe falou, depois para o assessor da esquerda. Os tres juizes sorriem agora e o velho, com ar de Rei Salomão, pronunciou a sentença:

— Camarada, disse á proprietaria, dê o seu casaco a outra.

A entrega fez-se em silencio.

— E agora, disse á outra, guarde-o e pague 180 rublos á camarada, dentro de 3 mezes.

As duas inquilinas ficaram immoveis de surpresa, a sala foi atravessada por um longo murmurio de satisfacção.

— Silencio! grita novamente o presidente.

* * *

Emfim para terminar a sessão, vejamos um caso interessante. Um homem de 57 annos que bateu em sua jovem esposa. A jovem não está lá, mas sua irmã a substitue e, naturalmente, para melhor impressionar o tribunal, ella traz ao collo uma creança. Porque, si esse patife tivesse batido sómente em sua mulher, vá; mas bateu tambem na irmã della, na cunhada.

— Eu corri para amparar minha irmã. Elle me bateu, derrubando o caldeirão onde fervia a roupa, com o risco de queimar todos nós, e estragou-nos toda a roupa.

Ella conta a historia longamente, com paixão, saccudindo a cabeça, movendo-se de quando em quando para levantar a creança em seus braços.

O juiz, entretanto, quer mais algumas minucias. Não ha testemunhas?

— Não, senhor juiz, que testemunhas poderia haver?

E dirigindo-se ao accusado:

— Ah! tu sabes fazer as cousas, espancar os teus, quando não ha ninguem...

— Responda, diz o juiz ao accusado. Por que fez esse escandalo? E, primeiro, o seu estado civil?

E' um homem de 57 annos, sem partido, um operario. Disse que era a primeira vez que se via accusado. Interrupção da irmã:

— Não, senhor juiz. E' a quarta vez. E o accusado:

— E tu, tu já foste expulsa de teu appartamento por ordem do tribunal!

Ninharias tudo isso. Cheguemos ao facto. O homem explica:

— Elle casou-se com uma mulher muito mais jovem do que elle. Tem dois filhos. Um unico quarto. Sua mulher impoz-lhe a presença de sua irmã, essa, que ahi está, diz elle com desprezo. Depois declarou-lhe que iria trazer para o seu quarto todos os parentes. E trouxe.

— Toda a sua aldeia, certamente, vae passar pelo nosso quarto...

No dia da scena, a irmã que estava lá, como sempre, o ameaçara com uma cesta.

— Então eu lhe bati.

— Bem poderia ser mais amavel, diz o juiz. Veja como ella é jovem e gentil.

— Sim, sim...

— E emfim, o caldeirão derramado, a roupa perdida...

A irmã intervem:

— E vós sabeis quanto está custando o sabão com a vida de agora...

A sala explode em gargalhadas. Bem popular, extremamente franco, tudo isso na sua impetuosidade. O publico está como num espectaculo, mas o que impressiona mais é o cuidado dos juizes em arranjar as cousas. Este tribunal está muito mais perto — e todos os tribunaes russos são assim — de nossa justiça de paz do

que dos nossos tribunaes affectados, onde o juiz quer macaquear Deus.

No caso que nos occupa, o homem não ganha senão 56 rublos por mez (todo o mundo saccode a cabeça). O juiz o isenta da multa, advertindo-o com conselhos e pedindo calma á queixosa.

— Diga á sua irmã que si ella não puder entender-se com o seu marido, que se divorcie. Mas que poderá lhe dar esse velho, para que ella se mantenha com os seus dois filhos?

Palavaras paternaes, bemfazejas. Espera-se o classico: Ide em paz.

Tarde movimentada.

* * *

Depois do meio dia, dou um pulo á prisão. Dizem-me:

— Vá a Boutyrki, é a mais interessante.

Bom. Vou então a Lefortowski.

E' num arrabalde, entre casas de madeira e jardins, em plena Moscou, do seculo XVIII. Bandos de gansos. Os caminhos são perfeitamente indicados, e cheios de buracos. Officinas por todos os cantos.

Uma velha prisão, que outr'ora foi uma prisão militar. Melhoraram-n'a. Installaram ahi um aquecimento central. Começo por percorrel-a de ponta a ponta. As cellulas são identicas ás nossas, mas, em logar de um prisioneiro por cella, elles são dois, tres, reunidos na mesma cella, onde vivem como sardinha em lata. As cellas vizinhas estão desoccupadas. Vemos nisso uma manifestação do collectivismo innato nos russos. Essa gente não supporta a solidão. Dormir, beber, comer, trabalhar em conjunto, é isso o seu ideal.

Cada cella tem o seu apparelho de T. S. F., jornal falado. Todas as manhãs, cultura physica.

A prisão possue um clube, um cinema installado na antiga capella, aulas onde instruir-se, uma bibliotheca.

Os prisioneiros trabalham durante 8 horas, exactamente como os operarios. E podem recusar-se a trabalhar.

— Sobre 531, dizem-me, existem 11 que não trabalham.

Esses refractarios têm o necessario, mas aquelles que trabalham têm as suas condições melhoradas.

Visitamos as officinas de tecelagem, que fornecem a grandes armazens. Não ha capatazes. Exactamente a atmosphera de uma fabrica qualquer. O fim, segundo penso, é de não permittir que o homem se embruteça.

— Elle deve sahir da prisão melhor do que quando nella entrou.

Pergunto:

— Que especie de condemnados tendes aqui?

— Assassinos, ladrões, "dissipadores", contra-revolucionarios. Contra-revolucionario é aquelle que faz escandalos na rua, deblatera contra o governo, recusa-se a pagar impostos, etc. Dissipador é o que engana o Estado, o fraudulento, o espertalhão, que vae muito longe na ratonice. E' tambem o açambarcador.

— Quando sáem daqui, que fazem elles?

— Ficam sob a vigilancia da policia, por um tempo mais ou menos longo, exactamente como o alcoolico, o syphilitico, o tuberculoso, sahidos do hospital ficam sob as vistas dos medicos.

Quando eu ia partir, chamaram-me de novo.

— Não diga que isto aqui é uma prisão.

Abro a bocca admiradissimo.

— E' um isolamento. Não temos o direito de castigar. Protegemos a sociedade, nada mais.

Conheço essas idéas. Não são as de José de Maistre, que ainda correm entre nós.

* * *

Pois que não posso penetrar nas repartições da G. P. U., irei vêr a sua creação, a Communa do Trabalho, "Trudavaia Communa". E' uma colonia de criminosos. Para um amador do pittoresco, não se póde exigir melhor. Encontrar a G. P. U., em flagrante delicto de regeneração social, eis ahi o que agradará a muita gente no meu paiz. Estamos ás portas de Moscou, num suburbio proximo. Deixando a estação, toma-se um caminho na floresta e, ao cabo de um quarto de hora, encontram-se grandes edificios perdidos no meio das arvores e uma multidão de latagões, que vão e vêm, sem preoccupar-se com a gente.

Entre betulas, ergue-se uma egreja azul, verde e vermelha, de aspecto risonho, que por emquanto serve de deposito. Vae ser demolida e será levantada nesse logar uma nova casa commum. Recebe-me o director, homem de trinta annos, antigo criminoso e que m'o confessa.

— Que crime praticou?

— Era ladrão.

Um dia um membro da Tcheca, o camarada Pogrebinsky, muito conhecido aqui, foi á prisão de Butirky, escolheu onze condemnados

que cumpriam tres a cinco annos de prisão, trouxe-os, deixou-os aqui, sem guardas, livres, numa officina de sapateiro, com instrumentos primitivos, sob a vigilancia paterna de um administrador. Esses onze aguentaram. Ao cabo de alguns mezes governavam-se sozinhos e começavam a receber entre elles, sempre por intermedio de Pogrebinsky, outros ladrões.

Os camponezes da povoação, no começo, nada disseram, mas vendo crescer o numero dos seus vizinhos, dirigiram-se á casa de Kalenine afim de se queixar. Kalenine procurou convencel-os, sem resultado. Voltando para casa, fabricaram postigos para se preservar; abstiveram-se de sahir á noite e viveram durante mezes em estado de continua espectativa. Até 1927, a situação não foi brilhante para a Communa do Trabalho. Uns queriam trabalhar, outros estavam já cahindo de bebados. Havia roubos e orgias em commum.

Então, os mais conscientes, como elles dizem, digamos os melhores, tomaram uma decisão. Deram uma especie de golpe de estado, estabeleceram o poder supremo da communa e forçaram os máos elementos a submetter-se. Entretanto, esses criminosos incorrigiveis não foram expulsos. Disciplinaram-nos, foram corrigidos contra a sua propria vontade, um pouco persuasivamente, um pouco á força. Durante muito tempo essa communa livre gozou de má fama entre as prisões. Aos seus delegados, que iam fazer recrutamento entre os ladrões, estes diziam, cynicamente:

— Essa prisão póde ser um bom asylo para orphãos, mas não para nós. Não queremos saber disso.

Ou então: — Tratem de fazer de nós agentes de policia. Não seremos idiotas.

Essa iniciativa acabou por espalhar-se e não sómente nas prisões, mas nos arrabaldes, entre os individuos que nós chamariamos "apaches", correu a noticia de que existia perto de Moscou uma colonia onde viviam homens que tinham feito parte do grupo dos "libertos". Esses homens eram livres, possuiam casas, officinas, organizavam-se, governavam-se por si mesmos, ampliavam dia a dia a sua actividade.

Arrebanharam-se mulheres. Ladras tiradas das peroes prisões tinham vindo augmentar o grupo. Vieram tambem desgraçadas, pobres creaturas que haviam experimentado a prostituição e mesmo camponezas das povoações vizinhas. Estas, primeiro se mostraram hostis; depois se submetteram.

A Communa do Trabalho podia ajudar a povoação e de facto ajudava. Construia-se vertiginosamente. Formavam-se casaes, nasciam creanças. Uma verdadeira communa. Uma pequena cidade.

* * *

Em 1927 tinham edificado uma casa para 100 pessoas. Em 1929 eram já 320. No mesmo anno, uma communa identica, a de Tula, reuniu-se a elles. No mesmo anno, ainda, abriram ao lado da officina de sapateiro uma fabrica de patins. Em Dezembro de 1929 seu numero subia a 720. Quando ahi passei já eram 1.100. Como bons camponezes russos, creavam 350 porcos. Emquanto o ex-criminoso, director da communa, me contava tudo isso, um camarada entrou com sua mulher. Vinham gentilmente pedir licença para sahir á noite afim de assistir um espectaculo de theatro.

— Pois não.

A ordem de sahida foi assignada.

— Sabeis quem é este? perguntou-me o director. E' um antigo bandido, que tinha a especialidade de arrombar bancos. A moça é sua mulher. Vem da prisão de Solovkine.

E accrescentou:

— Durante dois mezes o homem que aqui chega não póde deixar o territorio da Communa. Depois, póde ir uma vez a Moscou, sem pernoitar. Mais tarde, tem permissão de pernoitar. Ao cabo de seis mezes, póde ir a Moscou uma vez por semana.

Quando aqui chega, recebe tudo a credito: um enxoval e o resto. E colloca-se, para elle, trinta e quatro rublos na caixa. Tem casa, comida, roupa lavada e recebe 18 rublos por mez. Pouco a pouco, elle vae reembolsando o que se lhe emprestou. Ao cabo de tres mezes, é considerado membro da organização. Alguns permanecem aqui annos, tornam-se funccionarios, membros do Partido. Duzentos já se casaram.

— E o prazo de permanencia?

— Não ha relação entre a pena que têm de cumprir e o tempo que aqui passarão. A Commissão Geral póde recambiar aquelles que se portam mal. Quando um delles quer partir, a gente procura persuadil-o de que faria melhor em ficar, mas se insiste, permitte-se-lhe que parta. Não era feito para viver entre nós. Em Moscou, recomeçará a fazer das suas... Voltará á prisão e nós não o receberemos mais.

* * *

Meu guia quiz que eu lá passasse todo o dia.

— Onde acharieis cousa mais interessante?

Elle me fez percorrer todas as officinas, apresentou-me aos instructores, seis para cada mil membros da Communa. Não poupava uma só minucia.

— No proximo mez seremos 1.500.

Ou então:

— Vamos fazer uma fabrica-cozinha que poderá dar 5.000 refeições diarias.

Ou ainda:

— Que acha destes antigos criminosos que têm não sómente officinas modernas, mas uma créche?

No fim, puxando-me a manga do paletó:

— Não se esqueça que aqui nunca ha um roubo, e os armarios nunca estão fechados com chave.

* * *

Tinha junto a mim na Russia amigos que conheciam bem os Soviets, que não os apreciavam e que se empenhavam em mostrar-me o reverso da medalha. Um dia, disseram-me:

"Leia a "Pravda" de hoje. Annunciava-se o processo de quarenta e oito altos funccionarios accusados de sabotagem e de trahição. Alguns dias antes, um director de Empresa me tinha dito:

— Desde 1921, abandonado o communismo de guerra, tudo melhorou na industria, menos na do carvão.

As razões? A industria do carvão e a do petroleo estava nas mãos do estrangeiro numa proporção de 80 %. Belgas e inglezes eram senhores do carvão, sendo que os inglezes, de todo o petroleo. Tinhamos conservado os nossos engenheiros e os consideravamos como empregados, emquanto que os estrangeiros a elles ligados os consideravam seus procuradores. Nas usinas, muitos desses engenheiros nos eram fieis. Dahi provieram factos como os da bacia do Donetz.

Quanto ao commercio, ainda foi peor.

Era preciso tomar especialistas. Estes transportaram para os negocios do Estado seus habitos, suas ronhas, suas especulações. Muitos dentre elles entraram em relações com o estrangeiro.

—Apezar de conhecer o livrinho de Krylenko, procurador geral, sobre a sabotagem, essa informação me surprehendeu. Eis que a "Pravda" parecia dar-lhe razão.

A 22 de Setembro, a "Pravda" fornecia minucias, citava depoimentos dos principaes accusados. Seu chefe, o professor Riatantzev, confessava seu desejo de estabelecer uma Republica burgueza, accrescentando:

— Parece-me evidente que o estabelecimento de semelhante Republica não seria possivel senão com o concurso dos Estados capitalistas, ajudando o nosso paiz. Pensava, particularmente, que a Inglaterra, potencia de grande desenvolvimento capitalista, devia representar o maior papel na organização desse concurso.

Riatantzev confessava ter recebido 10.000 libras esterlinas do representante de uma casa ingleza vindo á Russia para obter concessão da exportação da carne de porco congelada. Esse dinheiro devia servir para organizar a sabotagem dos serviços de abastecimento.

O professor Karatyguine, um dos seus principaes cumplices, confessava ter recebido 2.500 rublos de Riatantzev em recompensa pela acção que desenvolveu.

Em resumo, uns e outros teriam organizado a sabotagem do transporte de carnes, peixes e legumes. Fazia augmentar o preço da carne, para tornar ainda mais insufficientes os salarios dos operarios e provocar o descontentamento dos consumidores. Em Moscou, particularmente, sempre para fomentar o descontentamento da população, estabeleceram uma cotação das carnes, de tal modo que a carne frigorificada passou a vender-se pelo mesmo preço do artigo fresco. Sabendo que a provisão de carne era já insufficiente, tinham abolido medidas de restricção, provocando assim crise aguda na maior parte das grandes cidades. Impediram a construcção de installações frigorificas, dando falsas indicações quanto á capacidade de producção das usinas de conserva.

Era o assumpto do dia na Russia. Commentavam-no, uns com furor, outros com terror. Não se soube bem quem os trahiu nessa sinistra empreitada. Muitos daquelles que nada falavam deviam dizer de si para comsigo:

— Eis a primeira martellada para deitar abaixo o edificio dos Soviets.

* * *

Tres dias mais tarde, a "Pravda" publicava o decreto do Collegio da G. P. U., com os nomes e o estado civil dos condemnados e annunciava a sua execução.

Eis o texto: "A G. P. U., attendendo que o T. S. I. K. (Conselho dos Commissarios do Povo) a encarregou de julgar os membros de uma organização contra-revolucionaria descoberta nos trusts da alimentação e cujo objectivo era reduzir o povo á fome; considerando que os factos publicados na "Pravda" de 22 de Setembro de 1930 são exactos, decide condemnar:

1.º Riatantzev, nascido em 1874, professor da Universidade, ex-nobre e general, actualmente presidente do trust dos Frigorificos;

2.º Karataguine, nascido em 1872, professor, ex-redactor de um jornal financeiro;

3.º Karpenko, nascido em 1874, engenheiro, ex-nobre e official do exercito;

4.º Woronzov, nascido em 1882, conselheiro do trust dos Frigorificos, ex-proprietario;

5.º Petrov, nascido em 1890, Director da secção das conservas, ex-coronel.

Assim seguiam quarenta e oito nomes, entre os quaes mencheviques, officiaes da guarda, capitães do exercito de Koltchak, muitos nobres, um antigo mercador de peixe, Kasbintzeff, antigo deputado da Constituinte; Terestchenko, que tinha tido assento entre os antigos socialistas revolucionarios da direita. Havia um, Dantziger, que tinha sido conselheiro da firma rumaica Bravermann, e Rogalef, operario durante treze annos de uma fabrica ingleza, agente de ligação, junto dos seus antigos senhores, e Faleff, que trabalhava no Gosplan.

O acto official concluia: — "...convictos de ter feito parte dessa organização e de serem inimigos dos Soviets, são condemnados á morte.

Foram todos executados.

O presidente da G. P. U.: Menjvsky."

Ainda sob a impressão dessa noticia, um homem de Estado occidental, notavel pela amplitude e originalidade das suas idéas, disse-me quando voltei da Russia:

— Sim senhor, é um governo de assassinos!

Objectei-lhe que nunca um governo forte (o de Robespierre, o de Saint-Just, ou mesmo o seu, se elle voltasse ao poder) poderia admittir da parte de adversarios politicos uma semelhante acção na França, a menos que não quizesse merecer o nome de governo.

Algumas semanas mais tarde instaurava-se o processo dos Industriaes.

* * *

Esse processo terminou pela condemnação dos oito accusados á sentenças que não vão além de dez annos de prisão. O processo dos Industriaes tem varias analogias com o processo dos quarenta e oito, com um elemento a mais: a intelligencia regular dos accusados com o Torgprom de Paris, organização de grandes industriaes e banqueiros que forneciam os capitaes.

O processo evidenciou que uma vasta empresa de sabotagem tinha sido organizada em todos os ramos da economia nacional, acompanhada por uma actividade politica baseada sobre a intervenção estrangeira. Tratava-se de deitar por terra o poder sovietico. O plano de intervenção era funambulesco, devia começar por incidentes de fronteira e continuar pela invasão de tropas polonezas e rumenas. Em todo esse negocio ha uma mixordia. Os russos exaggeravam systematicamente o valor do seu trabalho de sabotagem junto á organização dos emigrados e esta pretendia ter em mãos Poincaré, Briand, Weygand, etc., não contando, entretanto, com ninguem. E' justa esta hypothese, porque desde 1930 vemos os engenheiros confessar:

— Nosso trabalho de sabotagem não vae adeante.

Entretanto, os membros do Torgprom declaravam:

— Ainda necessitamos um anno ou mais para determinar a intervenção.

Creio que os Soviets quizeram sacudir um pouco a opinião publica. Facto é que emquanto os quarenta e oito corpos dos primeiros condemnados tinham cahido sem ruido no pateo da prisão, o processo dos Industriaes provocou formidaveis manifestações em todas as cidades da U. R. S. S.

Seria engano crer que essas manifestações foram encommendadas. Quando lá estive, chamou-me a attenção as repetidas vezes em que me falaram de intervenção. Não sómente camponezes e operarios, como intellectuaes, pareciam esperar que um máo dia haviam de achar no jornal a nova do bombardeio de Cronstadt ou Sebastopol.

Não consegui vêr Menjevsky, o Fouché da Russia, nem sequer entrar no seu gabinete. Um dia em que a chuva cahia em torrentes,

uma pessoa de minhas relações abrigou-se do máo tempo junto a uma porta da G. P. U. Foi puxada vivamente pela sentinella e atirada á rua. Eu me contentei em retirar-me sem ser ameaçado pelas pontas das baionetas, mandando ao diabo esses sêres mysteriosos, que escondem, talvez, apenas um methodo de vigilancia e de reacção immediata que seria util ao meu paiz e a todo o Occidente.

Duas capitaes. Dois homens.

XIX

Pedro o Grande e Lenine — Leninegrado, cidade imperial e militar — A' procura de Lenine — O Instituto Smolny — O quarto e o leito de Lenine — A' procura do Czar Pedro — A casa do Czar no cáes — Volta a Moscou — O Krenlim — Cidadela e Museu — Amor dos russos pela Russia — O tumulo de Lenine — Os operarios de Pedro o Grande.

Confesso, francamente, que nas duas capitaes dois homens muito me interessaram, Pedro o Grande e Lenine. Este morreu ha sete annos; aquelle, ha duzentos. Eu os vejo na origem de dois movimentos formidaveis e nos dois casos, a mão poderosa de ambos força a Russia, ou melhor a federação de povos que se agrupam ao redor de Moscou, a mudar de via e a sahir do atoleiro.

* * *

Penso nisso sob o céo esbranquiçado de Leninegrado. A velha capital tem ainda um bello aspecto. As ruas desertas e a illuminação pobre, mas os palacios melancolicos e sobretudo a abundancia de agua, aguas negras dos canaes, agua de aço do Neva, agua quasi á soleira das portas e quasi ao nivel dos cáes, dão um caracter curioso a essa Veneza do Norte. Leninegrado atravessa hoje uma das phases de sua vida, como acontece a certas mulheres formosas que não têm mais muito tempo deante de si para serem admiradas. Ella não é mais a rainha do luxo e da elegancia, nem tampouco uma cidade revolucionaria. E' a Roma que Chateabriand viu, ou melhor ainda, a Veneza de Musset, com palacios bem conservados. Tudo está prompto, limpo, bem cuidado, e dir-se-ia que á espera de alguem. A velha urbe soberana, com seu milhão e meio de almas, não dispõe de população bastante para encher todas as suas casas. Seria preciso para isso um grande poder e a melancolia que reina aqui, mesmo para os que dizem que tudo vae bem, resulta, sem duvida, de que o visitante tem a impressão de passear no palacio de um imperio morto. Apenas em certos recantos offerece aspectos russos. E' uma cidade classica que agradaria a Bonaparte,

apezar dos seus ares hollandezes, cidade de cortezãos e marinheiros, funccionarios burocratas e militares, a que faltam papelorios e estimulos de certa ordem. Cidade de prazeres, de regatas, de construcções navaes, com um arsenal e um palacio, é a filha de Pedro o Grande.

Um ar fresco circula pelas ruas e praças. E' delicioso vagar sobre o Neva, que não é um grande rio e no emtanto se parece com um mar ou um pantano, do qual emergem flechas hollandezas para o céo branco, vaporoso, leve e amplo, hollandez tambem, digno de Ruysdael. Um céo feito para a volupia.

* * *

E agora, nesta cidade imperial e nobre, onde encontrar Lenine? Elle chegou pela estação da Finlandia e falou aos seus companheiros. Subiu a uma autometralhadora e tornou a falar. Operarios e operarias faziam alas á sua passagem. Chegou até o palacio de uma dançarina e do balcão, gritou á turba.

Que disse elle? Duas palavras:

— Todo o poder aos Soviets!

E, depois:

— A Terra e a Paz!

A primeira exclamação foi a repulsa furiosa de toda a democracia, o abandono do systema parlamentar outr'ora vindo do Occidente. Significava que toda a minoria activa devia sobrepor-se á maioria incerta e vacillante.

A segunda proclamação era o appello feito aos camponezes e aos soldados camponezes.

Deixemos a multidão rugindo sob o balcão da dançarina e corramos ao Instituto Smolny, a esse antigo convento de moças nobres que data de Catharina e que Alexandre I restaurou. Lenine viveu e reinou ahi. Conduziram-me á antiga sala de dança que serviu de sala de deliberação aos Soviets. Elles a enchiam de grande tumulto quando lhes vieram dizer, primeiro que o palacio de Inverno estava assediado e depois que o mesmo havia sido tomado. Os tres lustres que viram deslizar tantas damas com os seus cavalheiros tremiam sobre esse furor e tremeram mais ainda, sem duvida, quando a alegria irradiou. Quero vêr Lenine mais de perto.

Enormes corredores vasios. Subimos. Viramos.

— Eis o quarto que Lenine occupou com sua esposa Krupskaia, de Outubro de 1917 a Março de 1918, disse o guia.

Um vestibulo. Um quarto com um pé direito muito alto, mobiliado com uma mezinha coberta com um atoalhado verde, armario, "buffet", duas poltronas, duas cadeiras e um canapé. Uma das poltronas é do seculo XVIII. Talvez por acaso ahi se tenha sentado o proprio Pedro o Grande.

A janella dá sobre o mosteiro de Smolny. Abro-a. Um ar gelado me envolve, ar salubre e carregado de saes marinhos. E' o ar do Neva.

Outr'ora o quarto era maior. Para commodidade de uma das professoras do collegio, foi dividido em dois por um tabique no qual se abre uma porta. Acho-me no quarto de dormir. Duas caminhas de ferro separadas por uma mezinha. Um aquecedor russo, um armario.

Ahi Lenine dormitava e sonhava durante os dias terriveis. Suas meditações nocturnas enchem ainda a alcova. Outubro de 1917, Março de 1918. Uma Revolução que venceu sem elle esperar. Já que ella está victoriosa, é preciso aproveital-a. Pôr-lhe um freio, esporeal-a, atiral-a sobre o mundo. Havia a Allemanha ainda forte e prestes a saltar. Havia os alliados, que enchiam o Occidente. Talvez no decurso dessas noites terriveis elle visse ao pé de si, não sua mulher Krupskaia, mas a Russia gemebunda. Ella se agarrava ás barras desse leito, como fazem as mulheres durante o parto. E' que ella devia dar á luz uma creança gigantesca, da qual se costuma dizer: é apenas uma creança, e que está crescendo muito de pressa. Hoje, que o pae já morreu, póde dizer-se que a creança é maior do que a Russia, tem proporções tão prodigiosas que está prestes a devorar o mundo.

Toco o leito, as paredes, os moveis. A' entrada, os bolcheviques affixaram apenas os dois famosos decretos de Lenine, sobre a terra e sobre a paz.

* * *

No Instituto Smolny encontrei Lenine. Vamos agora procurar o Czar Pedro. Teria podido, sahindo do Instituto, esbarrar com elle alguns passos além, mas preferi esperar. E' preciso ir vêr o Czar Pedro numa manhãzinha fria. Habita num cáes deserto onde a areia se accumula e os guindastes rangem. O Instituto Smolny, assim chamado ("smola", alcatrão) por causa da praça onde se calafetavam os navios, não está longe. A fortaleza "Pedro e Paulo" tambem se acha a poucos passos. Estamos no coração da cidade que elle tirou do nada.

Junto ao cáes, um jardinzinho cheio de folhas mortas. A grade de entrada é decorada com as aguias russas, que já perderam quasi todo o dourado. No centro, sobre um modesto pedestal, o busto do Czar. Com seus olhos de bronze, Pedro olha o curso do rio, como certamente o seguia com seus proprios olhos. A agua que elle tanto amou, a agua em massas profundas corre aos seus pés.

Quando se faz a volta do jardim, entra-se numa especie de "hangar" que contem e protege a cazinha de madeira construida pelo Czar. E' uma casa camponeza aperfeiçoada, com motivos hollandezes. Não se póde penetral-a, mas as janellas, abertas de par em par, permittem que se veja a casa por dentro. O soalho é feito de pranchas grosseiras, as vigas do tecto são apparentes, a casa dividida em duas partes separadas por uma ante-camara, decorada por um biombo, onde brilham uniformes e cofres. De um lado, a sala de jantar com uma mesa redonda, um candelabro com cinco braços, um espelho e cadeiras. Da parede divisoria pendem gravuras inglezas representando scenas de caçadas. Do outro lado, um gabinete de trabalho guarnecido por uma mesa suissa e uma poltrona de madeira e couro. Ao canto, uma linda secretária. Cadeiras de velludo com altos espaldares. Um grande Christo. Espelho e alguns quadros. Tudo isto ennegrecido, cheirando a madeira e fumaça. Uma carta extendida sobre a mesa.

Olho por uma das janellas, emquanto um mujik olha por outra. O mujik tem grande barba ruiva e cabellos compridos. Não desvia os olhos da cadeira do Czar. Dir-se-ia que Pedro acaba de levantar-se. Aliás, não parece que tenha partido ha muito... Talvez volte logo. Nós sabemos bem que elle está na Russia.

Retornemos a Moscou. Visitemos o Krenlim.

O Krenlim (ha um em cada velha cidade russa) é ao mesmo tempo cidadela, torreão, reducto central e cellula-mater da cidade. Equivale menos ao nosso Louvre do que á nossa "cité". Imaginae uma grande massa triangular. Um dos lados, á beira do Moscowa, substituiu no fim do seculo XV o antigo muro circular feito de estacas de carvalho, erguido trezentos annos antes, e atraz do qual se abrigaram os primeiros moscovitas. Estes, coitados, tinham pelas costas, ora os lithuanos, ora os polonezes, ora os tartaros, aos quaes pagavam tributo. Por isso, Ivan III, que não é o Terrivel, encommendou esses triangulos, com muros de quinze a vinte metros de altura, a architectos italianos, cuja arte fez surgir sob o céo frio, uma imagem elegante de Florença. Elegancia casada á força,

comprehenda-se bem. Os polonezes deviam, entretanto, cento e trinta annos mais tarde, apossar-se da cidade e do Krenlim, ahi collocando uma guarnição e permanecendo quatro annos.

Como a vemos hoje, a muralha crenelada em cauda de andorinha liga dezenove torres, todas differentes umas das outras, cobertas de telhas verdes em forma de tenda e encimadas por aguias, cataventos e cruzes. Tudo isto cortado de portas fortificadas, tendo em redor fossos hoje entupidos e transformados em jardins. O aspecto dessa muralha de dois kilometros de comprimento, da qual se vê a terça parte quando a gente a segue pelo lado exterior é imponente e gracioso. Sente-se bem, apezar de restaurações e ligeiras reparações ulteriores, a obra de um cerebro occidental.

* * *

Passando além dos muros, a impressão é menos agradavel. Reinam o bysantinismo e a arte russa, que não valem o Renascimento. No seu interior, os Czares e os monges construiram, pintaram, decoraram. Meu Deus como tinham máo gosto! Ahi multiplicaram egrejas, grandes e pequenas, umas por cima das outras, que só se salvam pelos nomes graciosos que têm. O mais grave é que no alto da collina edificaram, em logar de respeitaveis antiguidades, um pesado palacio branco e verde quadrangularmente acocorado deante do Moscowa. Não falemos das lugubres casernas. Desde o seculo XVII elles estragaram todos os "a frescos", abatendo, mesmo, um monumento do seculo III, apenas pelo prazer de contemplar, de uma janella, qualquer horror bysantino.

Apezar de tudo, esse Krenlim merece ser examinado de perto nas suas egrejas, monasterios, museus, palacios, escriptorios, casernas, como um resumo da Russia czarista, como uma somma de arte architectonica russa, como um accumulo de riquezas, como um magnifico reservatorio de reliquias.

Todas essas egrejas se acham despojadas do culto, convertidas em museus, regularmente restauradas. Os Soviets ahi realizam grandes trabalhos, cujo objectivo é, com a ajuda de velhas gravuras, reconstituir, tanto quanto possivel, o Krenlim do seculo XVI.

Quando o visitei, mostraram-me "a frescos" que tinham sido descobertos sob uma camada de cal, assim como lindas janellas que estavam sendo difficilmente reconstruidas com os proprios destroços. Trabalho de paciencia que só poderá ser bem apreciado mais tarde e que honra os que o emprehenderam.

Atraz dessas paredes ha um entulho terrivelmente confuso de maravilhas.

Certamente Napoleão, se teve tempo de pousar a vista sobre essas cousas, retirou-se com grande pezar de não poder leval-as para a França. O Palacio das Armas e o Thesouro dos Patriarchas, são um amontoado de joias, pedras preciosas, baixellas de prata, capacetes, couraças, espadas, mosquetes com coronhas de marfim, arcabuzes cinzelados, esmaltes bellissimos, tiaras, corôas, sceptros, globos, echarpes, dalmaticas recobertas de perolas de ponta a ponta. Estatuas, estatuetas, cruzes de ouro, missaes de prata massiça eriçados de saphiras e diamantes, tudo isso se accumula em salas immensas que são, entretanto, pequenas para conter tantos thesouros.

A impressão que taes cousas nos transmittem é barbara, primitiva, e para commover uma pessoa de gosto é preciso alguma cousa mais do que um rio de esmeraldas e alqueires de perolas. A's vezes, a riqueza cede o passo á arte. Tanto mais quanto a China, a Persia e toda a Europa central faziam parte desse bazar de esplendores. Meu guia não se calava deante dessas lindas cousas, não deixava de apontar-me todas as caleças e armaduras. Depois disto, tive ainda que visitar as egrejas, a cathedral da Annunciação, a do Archanjo, onde se encontram os tumulos dos Czares até Pedro o Grande e notadamente Ivan o Terrivel e seu filho, o assassino ao lado do assassinado. Visitei tambem a egreja da Assumpção, onde os Czares eram coroados, em cujo centro se encontra a graciosa egreja do seculo XVI, chamada "O Salvador na floresta de pinheiros".

* * *

Pude fazer uma idéa do trabalho de restauração e da obra odiosa dos monges de espirito sulpiciano. Propaganda, dir-se-á. Melhor que a do guia era a propaganda feita pelas paredes. Fui vêr cousa melhor: as recordações. Não me commoveram tanto os vestidos, os toucados, os sapatos de Catharina ou de Elizabeth, a corôa de Monomaco, que foi enviada de Bysancio, como a escada vermelha do alto da qual, em 1682, os Strelitz se precipitaram sobre as alabardas dos soldados partidarios do jovem Pedro o Grande. A esse proposito peço que leiam a Historia da Russia. Desde Pedro I, isto é, durante duzentos annos, contam-se cinco Czares executados, dos quaes apenas dois pelo povo. Antes disso, tudo era massacre, dois soberanos mataram seus proprios filhos e quanto mais poderosos eram, mais ferozes. Descontando-se a furia dos Czares,

força é dizer que a Russia, em materia de assassinios, foi sempre vermelha.

Eis a liteira de Carlos XII, depois da batalha de Poltava. Eis o throno de Pedro quando creança, throno duplo que elle partilhava com seu irmão Ivan, e em cujo espaldar havia uma cortina atraz da qual se assentava sua irmã Sophia. Alli estão suas botas e suas cartas de jogar. Os que nos mostram isso, o fazem com veneração, revelando grande amor pela cidade, pelos seus muros, pela sua lingua, pelos seus habitos de vida e de pensamento. Quando elles desprezam Nicoláo II, seu pae e seu avô, percebo a parte de rancor que se esconde nesse desprezo. Na sua admiração por Catharina e por Pedro, na emoção deante da pobre estatua classica de Minimo e Pojarsky, os dois libertadores de Moscou, no seu respeito de communistas e materialistas por esses tijolos, por essas bolas de ouro, essas tiaras e essas dalmaticas, meço o gráo do seu nacionalismo.

* * *

Cansado de todo esse "bric-a-brac" mais byzantino do que classico, desse amontoado barbaro de esplendores, a gente sáe do Krenlim pela praça Vermelha e volta-se á cidade, passando sob arcadas entre as quaes se erguia outr'ora um icono envolto em setim azul. Era a Virgem da Iberia que todos deviam saudar. Diz a lenda que Napoleão ahi passou de cabeça coberta e, de repente, o chapéo cahiu. Para os russos foi um milagre, para os granadeiros, pouco dados a crenças fradescas, foi o vento. Os Soviets, que tambem não gostam de frades e achavam aborrecidas tantas barretadas nessa frequentada passagem de Moscou, retiraram o icono e o setim azul.

Ao interior do Krenlim só se volta por necessidade, mas a gente nunca se cansa de contemplar o exterior dessa linda obra italiana. Muitas vezes tornei a esse bairro, além do Moscowa, passando vagarosamente ao longo de São Bazilio o Bemaventurado, cujas cupolas são tão berrantemente coloridas, que para um occidental a primeira comparação que se impõe é a de um pacote de "nougat". Quando a noite desce, a silhueta de São Bazilio, sem attingir a nobreza das nossas cathedraes, tem uma certa elegancia e encanto na sua forma torturada. Vinha eu do rio, subia a ladeira, vendo, primeiro o pelourinho, onde os senhores de Strelitz, outr'ora, sob o olhar de Pedro, que os queria vêr, extenderam o pescoço ao cutello; depois, á direita, o Krenlim e a sua parede do-

minados um pouco além pela cupola branca do governo dos Soviets, onde tremúla a bandeira vermelha. Achamo-nos na praça Vermelha, verdadeiro centro de Moscou, mil metros de pavimento por cento e trinta, com um nunca acabar de lembranças.

* * *

Junto a uma parede está o tumulo de Lenine, outr'ora de madeira, hoje refazendo-se em marmore vermelho e preto. Dois projectores illuminam esse monumento; outros dois, a bandeira. Assim, o morto serve ainda aos Soviets. Forma com elles, um só bloco, e o seu tumulo é uma sentinella avançada. Perto, quatro homens, como guardas junto da tenda de um general, aquecem-se a um fogo que requeima o proprio calçamento. Moscou dorme. Tudo está immovel, excepto o panno de purpura ao alto. O silencio não é completo. Ha um ruido regularmente rythmado que percebo ha alguns minutos. Ruido leve, mas distincto, que sáe da noite, dessas duas sombras superpostas, a parede e o tumulo. Approximo-me. O barulho dos martellos se torna mais distincto, mais vivo. E' o unico que acompanha o somno de Lenine alli estendido, tendo junto ao seu hombro a bandeira da Communa de Paris. Apenas illuminados por algumas lampadas, alguns homens trabalham no marmore rijo.

Reconheço-os. Esta noite trabalham no tumulo, como pela manhã faziam outros serviços, nas calçadas, nos exgottos, nos grandes edificios de cimento armado e de doze andares... Não me enganei imaginando, a cavallo nessa praça, o grande Romanoff. Sua sombra vigia os trabalhadores. Sob os trapos modernos, esses corpos vigorosos habitados pelas almas simples e fieis dos mujiks de outr'ora, cujo rebanho immenso nunca será reduzido nem pela guerra, nem pela fome, nem pela revolução, nem pela peste, nem pelos polonezes, suecos, francezes tartaros, allemães ou turcos.

Eil-os, vinte deante de mim, sob a bandeira vermelha; espalhados por toda a Russia, cento e cincoenta milhões. São ainda os operarios de Pedro o Grande.

Uma grande politica

XX

Um asylo para a terceira internacional — Escopo: reunir todos os povos da terra — Postos de attracção — Universidades para minorias nacionaes e povos perseguidos — O contrôle sobre as sessões communistas — A guerra ou a paz? — Responsaveis de todas as revoluções — Um exercito bem vestido e bem nutrido — O espirito militar — Officiaes e generaes — O general Blücher — Um exercito vermelho.

Originariamente, encontramos entre os chefes bolcheviques e particularmente em Lenine, a vontade de crear um Estado operario e camponez, ou melhor, a preoccupação de arranjar um asylo para a III Internacional.

Dar o governo de uma parte do Universo, por mais fraca que ella seja, ao poder dos Soviets, eis a formula. Quando Trotsky em Brest-Litovski propoz não se pronunciar nem pela guerra nem pela paz, inclinando-se em realidade para a "guerra revolucionaria", Lenine, posto em minoria, cedeu porque, apezar de tudo, elle esperava tirar partido dessa intransigencia; mas quando o exercito allemão ameaça Moscou, Lenine volta á sua primeira idéa, quer a todo o custo a paz, prompto a sacrificar, mesmo, alguns territorios. Se a Allemanha não tivesse querido a paz, elle estava decidido a recuar, passo a passo, combatendo até o Ural, pois o essencial, ainda uma vez, era dispor do poder num fragmento do Universo á sua disposição, uma possibilidade de applicação das theorias marxistas, uma cellula inicial para o grande trabalho terrestre com que sonhava.

Um pouco mais tarde, em 1920, foi elle quem, apezar da opposição de Trotsky, quiz que se avançasse contra a Polonia. Essa offensiva foi desfeita; poderia proseguir e então a metade ou tres quartos da Europa teriam cahido. Apezar da derrota, ella teve para os Soviets a vantagem de terminar o duello entre a Polonia e a Russia por um compromisso, de trazer a paz na frente occidental,

e de permittir ulteriormente a liquidação de Wrangel e a livre regularização das questões caucasica e asiatica.

Facto é que tres annos mais tarde a União dos Soviets foi constituida como é hoje. Já não era a cellula inicial de 1917, ou mesmo de 1919, mas uma vasta federação que comprehendia uma série de republicas autonomas, tendo sido estabelecido que qualquer nação podia tornar-se membro dessa União.

Principio muito importante, pois não sómente não nega o particularismo nacional, como delle deriva a affirmação de que todas as nações do mundo podem reunir-se numa só federação, que será a União dos Soviets. Esse é o alvo vizado pelos homens de estado da União.

* * *

Melhor ainda: de um modo muito habil, elles constituiram, nas fronteiras, republicas que são especies de postos avançados de conquista.

Exemplos:

A Republica de Karelia, ao longo da Finlandia. Os karelianos são finlandezes e a Finlandia já tentou tomar a Karelia. O objectivo é crear finlandezes sovieticos que sirvam de elementos de catechese. E' o elephante domestico que ajuda a domesticar o elephante selvagem, depois de ter ajudado a captura. Póde-se prevêr uma revolução communista na Finlandia e a entrada desta para o seio dos Soviets. Imaginemos que nesse dia a Finlandia vermelha receba a Karelia; os communistas finlandezes não provocariam nenhuma reacção entre os nacionalistas, pois a Finlandia teria dobrado a extensão do seu paiz e augmentado o seu poder.

Por occasião da paz de Brest-Litowski, uma fronteira artificial foi traçada entre a Polonia e a Russia. A União dos Soviets constituiu, depois disso, uma Republica da Russia branca, tendo por capital Minsk, mas poz em evidencia que a mesma não abriga todos os russos brancos, pois ha um grande numero delles na Polonia, alguns na Lithuania, de modo que essa Republica constitue um elemento de attracção para todos esses elementos desgarrados.

Ao Sul, encontramos a Ukrania, que conta vinte e quatro milhões de ukranianos sobre trinta milhões de habitantes. Esses ukranianos constituem hoje um povo com suas universidades, collegios, escolas, administração propria. A sua lingua resôa pelas ruas, bem cultivada, tendo não sómente alma propria como uma

assonancia particular. Têm elles cinco a seis milhões de irmãos na Polonia, Rumania e Tcheco-Slovaquia, e a elevação da Ukrania á categoria de Estado autonomo significa a ameaça de deslocação de dois a tres Estados vizinhos que, justamente de medo de serem desbancados, recusam conceder aos seus ukranianos a menor autonomia.

Bem no centro da Ukrania ha cerca de quinhentos mil polonezes que têm seus Soviets de aldeia e de Districto, escolas, theatros e o resto, constituindo um elemento de manobra contra a Polonia, pelo caracter bolchevista que tomaram.

Além, está situada a pequena Republica da Moldavia, á margem esquerda do Dniester, que representa uma especie de iman attrahindo a Bessarabia. No Caucaso, no Turkestão, na Siberia, é possivel citar vinte formações semelhantes que agem sobre a Turquia, a Persia, o Afganistão e a China. Mesmo a Republica dos allemães do Volga constitue um fascinio para os germanicos e até certo ponto para todos os europeus. Pensava nisto descendo o Volga a bordo do "Karl-Liebkenecht", deante de Marxstadt, a capital da Republica. Pequenas causas, grandes effeitos.

* * *

Em Moscou ha tres universidades chamadas "das minorias nacionaes do Occidente", "minorias nacionaes do Oriente", e Sun-Yat-Sen. E' possivel visital-as. Não é possivel fazer uma idéa perfeita de tudo quanto ahi se faz, mas creio que os titulos dizem tudo. Na Universidade das Minorias Nacionaes do Oriente conversei longamente com dois typos extraordinarios, um delles de cabello comprido, barbicha cinza, olhos claros, typo de judeu, vestido á paisana; o outro tinha uma cabeça larga, maçãs salientes, grande bigode e um ar severo, trajando uma especie de uniforme e trazia botas.

Antes de os vêr, já tinha percorrido a casa, encontrando sempre turcos ou mongóes de cabellos arripiados e faces lusidias, e até uma chineza de uniforme consomolka, correia militar a tiracollo.

Esses dois homens, que exprimiam suas opiniões com grande cuidado (e o nosso dialogo foi interessante, tendo eu perguntado tudo quanto é possivel) disseram-me, primeiro, que a Universidade só se interessava pelos asiaticos, mongolicos, buriatas, yakutes, povos que fazem parte da União dos Soviets; depois acabaram

confessando que não recusa ninguem. Informaram-me que é de mil o numero de alumnos, dos quaes apenas uma centena vinda do estrangeiro.

* * *

Os problemas são curiosamente divididos: problemas relativos ao Oriente russo, aos paizes coloniaes e semi-coloniaes. Sente-se o plano de acção.

Quando perguntei se a Universidade tinha relações com os poderes dos quaes essas colonias dependem, disseram-me que não.

— O que daes aos asiaticos que não são membros da União dos Soviets e que são aqui recebidos?

— Damos-lhes trabalho e naturalmente uma educação marxista.

— Voltam elles para a sua patria?

— Quando querem.

— Quem os chama até aqui?

— Vêm expontaneamente.

— Publicaes livros, brochuras, jornaes na lingua desses paizes?

— Naturalmente. Marx, por exemplo. Isso não nos póde ser prohibido.

Mostraram-me, então, muitas edições em varias linguas.

Para o orçamento, elles têm uma formula curiosa: incluem na conta dos estudantes membros da União as despezas dos estudantes estrangeiros. Isso significa que a U. R. S. S. paga cursos de Marxismo integral e de tactica revolucionaria a uma centena de rapazes que não são russos, que vão depois aos seus paizes de origem pregar as suas theorias e applicar a sua disciplina.

Isso não me surprehende. De 1789 a 1871, a França não fez outra cousa. Não sómente ella serviu de asylo, como de ponto de partida e de base diplomatica financeira e militar a muitos motins e revoluções. Sem contar que os nossos mestres expunham officialmente, sob applausos do publico, as bases ideologicas que legitimavam e regiam esses movimentos. Taes reflexões podem chocar os francezes de hoje, mas a historia ahi está para confirmal-as.

* * *

Admittindo-se que o governo dos Soviets não se interesse senão pelos negocios federaes, elle está sempre na mão do Partido. O Partido não é russo, mas internacional, e a secção russa não é mais importante do que as outras. Para o verdadeiro communista, a Allemanha, a França e a Italia estão agora sob o poder dos

"brancos", como o Caucaso até 1923, como a Ukrania até 1920. Isso não se comprehende no Occidente, onde se accusam os communistas francezes de obedecer a ordens estrangeiras. Elles não obedecem a ordens estrangeiras, do mesmo modo que os catholicos não obedecem á Roma. O poder ao qual obedecem os communistas francezes ou allemães é um poder internacional e não russo; a séde não se acha em Moscou senão por acaso, do mesmo modo que podia estar em Berlim ou em Paris.

* * *

E' necessario insistir que o Estado Sovietico e a Terceira Internacional estão quasi identificados.

Se a gente perguntar a um dos seus diplomatas, cá ou lá: — De quem sois representante?

Elle vos responderá: — Eu represento dez milhões de kilometros quadrados com cento e cincoenta milhões de habitantes. Isso se chama a União das Republicas Socialistas Sovieticas.

E' falso.

Esse senhor, russo ou georgiano, judeu, ukraniano, lethonio, ou mesmo bulgaro como Rakovsky, representa a Terceira Internacional. Dizer que o Papa é senhor do Estado do Vaticano e que o seu Nuncio representa esse pedacinho de terra, seria uma pilheria. Sem duvida a sexta parte do mundo é mais vasta do que o Vaticano, mas quando ella propõe a sua candidatura á dominação do mundo, pouco importa que esteja em jogo a sexta ou a sexta-millionesima parte. A Russia e as outras Republicas são um Estado temporal que serve de abrigo, se fôr necessario, e de ponto de partida, á Terceira Internacional.

Em Moscou, a gente tem a sensação de estar muito longe do Occidente e ao abrigo de qualquer ameaça. Observação importante, pois o mesmo não se dá em Paris. A politica de Washington, de Londres, de Moscou, do Vaticano, apresenta caracteres communs, justamente porque essas quatro potencias, por differentes razões, geographicas, navaes, religiosas, têm o sentimento ou a certeza da segurança. Do formidavel reducto onde são hoje inexpugnaveis, tambem os Soviets agem com todo o socego e quando julgam opportuno.

Sonharão elles com uma grande invasão? Impossivel. Elles não a poderiam alimentar. Poderão aproveitar-se de uma guerra, mas não provocal-a. Entretanto, do mesmo modo que a França

respondeu por todos os movimentos revolucionarios de qualquer especie que agitaram o velho e o novo continente, de 1789 a 1871, assim os Soviets são responsaveis por todos os que se produziram desde 1917. Durante esses 92 annos a França teve uma vida nacional diversa da Revolução, e, ás vezes, de apparencia reaccionaria. E' o mesmo caso da União dos Soviets.

Não direi que todas as insurreições coloniaes, todas as greves e revoluções sejam necessariamente devidas ás intrigas dos Soviets, mas tudo isso se liga, ou provem da sua ideologia e dos seus methodos.

* * *

E' possivel um desvio, sobretudo si a Revolução geral se fizer esperar muito, uma vez que a União dos Soviets não sómente retome a politica da velha Russia — á qual é quasi obrigada até certo ponto — ou que ella considere a liberdade de passagem dos Dardanellos, ou o alargamento da frente maritima do Baltico, ou a reconquista da Bessarabia, como fins essenciaes da sua actividade. E' preciso contar com o renascimento do velho estado de espirito panslavista.

— "Nossa Riga!" dizia deante de mim um official, com o mesmo tom que a gente tomava na França, em 1870, para dizer: "Nosso Strasburgo!"

Todas as cartas geographicas officiaes collocam a Bessarabia no interior das fronteiras sovieticas, e sob este ponto, brancos e vermelhos estão de accordo.

Lembremo-nos de que entre nós a theoria da guerra para a conquista das fronteiras naturaes era, desde 1792, mais forte do que a da Revolução. Não temos motivo para acreditar que desappareceram o espirito russo e o panrussismo. Um dos despenhadeiros por onde os Soviets podem rolar é o despenhadeiro nacionalista.

* * *

Outr'ora, na França e na Allemanha, o melhor meio para estudar o movimento nacionalista, era, sem contestação, o exercito. Vejamos o que elle nos póde fornecer. Advirto o leitor que aqui não se achará nenhum algarismo a não ser os que me foram fornecidos sobre o total das tropas — 560.000 homens. Não se acharão tambem informes relativos ás usinas de guerra, pois que não as vi, o que não quer dizer que ellas não existam. Si as outras nações

fabricam artilharia pezada e gases asphyxiantes, a União dos Soviets tambem os fabrica, mas ignoro si destinados á Allemanha. E' preciso lembrar que, em parte por nossa culpa, os allemães têm lá uma situação privilegiada em todas as industrias, portanto tambem na industria de guerra. A presença de technicos, engenheiros e contra-mestres allemães, póde permittir — não digo que ellas existam — todas as manobras e todas as combinações.

* * *

O serviço militar é obrigatorio. Dura de dois a quatro annos, segundo a arma. São isentos, ou melhor, privados, como se priva de uma honraria, os filhos de popes, kulaks, commerciantes, que devem pagar um imposto especial de substituição. Cada classe não é usada na sua totalidade, por isso são rejeitados, cada anno, 900.000 homens nas casernas e nos campos. Toma-se apenas uma parte para dois annos; as outras passam tres mezes no exercito e são depois transferidos para a milicia, onde ficam obrigados ás reuniões e exercicios. Esse recenseamento não me parece exacto, pois, para 900.000 homens, é preciso admittir uma entrada annual de mais de 200.000 conscriptos na infantaria (para servir dois annos). Restariam, assim, 700.000 homens. Si estes devem servir tres mezes, isso nos daria 175.000 homens para completar os quadros, e o exercito seria de mais de 700.000 homens, em logar dos algarismos que nos deram. Os unicos elementos absolutamente certos são estes:

1.º O exercito é constituido pelos jovens mais vigorosos da população, capazes de supportar as peores fadigas;

2.º esses rapazes são geralmente bem exercitados antes de chegar á caserna. A preparação é obrigatoria nas escolas e nas associações da mocidade communista;

3.º a Russia dispõe de reservas formidaveis, dezenas de milhões de homens e quasi todos bem exercitados;

4.º o soldado come, veste e calça bem. As casernas que visitei estavam sempre bem installadas, apenas achei que tinham os alojamentos um tanto superlotados.

* * *

Insisto sobre o alimento. Correm boatos sobre a má nutrição do soldado vermelho e eu posso testemunhar formalmente o contrario. E' facil perceber um soldado faminto. O soldado vermelho,

examinado na caserna ou na rua, está sempre de ar contente e parece bem nutrido. Na caserna elles recebem, de manhã, o almoço, que consiste num prato de carne e legumes; ás cinco horas, uma sôpa de carne e mais um prato de peixe ou de carne com legumes. A' noite, chá e pão. Affirmaram-me que a ração contem 4.850 calorias. Provei de tudo e achei excellente. Essas visitas aos aquartelamentos e casernas podem ser um "bluff" e por isso lhes dou pouca importancia. Dou muito mais importancia ao soldado na rua. Elle tem uma bôa capa, botinas em bom estado, apresenta-se impertigado e com o fardamento bem polido. Os recrutas não são immediatamente incorporados á tropa, como acontece entre nós. Fazem um estagio de duas semanas, para desbastar a rude ignorancia. Acham-se funccionarios civis nas casernas, como em nosso paiz. Na cozinha empregam-se mulheres e tambem alguns guardas vermelhos, que parecem exercer empregos de confiança. Todos, homens e mulheres, são mobilizados, isto é, estão sujeitos á disciplina militar. Em cada caserna ha uma sala de espectaculos e um clube. A preoccupação dominante é evitar que o soldado se aborreça. Durante o serviço exigem delle a maxima attenção e dominio de si proprio; mas, uma vez o serviço terminado, facultam-lhe o maior numero possivel de divertimentos. No clube está como em sua casa.

* * *

A grande questão para os Soviets foi, no começo, o recrutamento de officiaes, que são seleccionados, como na França, entre os sargentos. Alguns officiaes adheriram ao novo regimen, destacando-se o coronel Kameneff, o unico coronel do antigo exercito que se passou aos Soviets, tornando-se commandante de exercito. Hoje, os Soviets se gabam de ter um exercito no qual todos os officiaes são de origem operaria, camponeza, filhos de intellectuaes revolucionarios, emquanto sob o Czar, a maioria das patentes era composta de nobres sem valor algum.

Os officiaes usam uniforme muito simples, pouco differente do dos soldados. As relações entre elles são muito cerimoniosas durante o serviço, mas findo este, existem apenas cidadãos. Nos sanatorios militares, officiaes e soldados se misturam e disso não resulta inconveniente algum. As escolas militares recebem os melhores soldados, mas nellas se póde tambem entrar directamente vindo da fabrica ou da Universidade. Ahi se formam tão bons of-

ficiaes, que se consegue ser um excellente official sem ter sido nunca soldado, o que surprehenderá muitos francezs.

Ao lado dessas escolas, ha em Moscou uma casa central do Exercito Vermelho, installada num antigo convento de donzellas nobres, comprehendendo ao mesmo tempo um grande clube militar reservado aos que seguem o curso, especie de escola de guerra, e um museu dos soldados muito bem organizado e frequentado livremente por estes.

* * *

Com tudo isso, a União dos Soviets ainda não se acha capaz de entrar numa aventura guerreira, pelo menos numa guerra offensiva na frente occidental.

No momento da guerra russo-chineza, seus dirigentes muito recearam que o conflicto se extendesse. Nesse sentimento de fraqueza relativa (assim como nas recordações de varios desembarques da guerra civil e da guerra russo-poloneza) é que se deve procurar o motivo desse medo doentio de invasão muitas vezes manifestado pelos russos. Medo que se traduz no amor desesperado que demonstram pelo seu exercito. Nos clubes, o retrato de Vorochilow é um dos mais frequentes. Encontra-se ahi, tambem, muitas vezes, o de Frunzé, antigo ministro da Guerra, morto ha alguns annos. Boudienny, Blucher, Tukatchevsky, Kameneff, são populares. Sobretudo Boudienny. Quando Tukatchesky voltou da tentativa frustrada da invasão da Polonia, foi um delirio. Ninguem pensava no desastre dessa offensiva e o homem era levado em triumpho como fizemos com Bonaparte quando elle regressou da Italia. Depois da guerra sino-sovietica os officiaes e soldados do exercito da Mandchuria, que entravam nas casas de repouso, eram objecto de cuidados particulares e cercados de enthusiasmo.

* * *

Phenomeno digno de nota. E' possivel que se veja nisso militarismo, ou que isso se torne militarismo, ou que sirva ulteriormente a projectos ambiciosos; por emquanto, porém, o exercito, o recrutamento do camponez, embora ligados ao movimento sovietico e em relação constante e amistosa com a fabrica, são dirigidos pelo poder constituido. Seus membros são os primeiros a ser vestidos e alimentados; é natural que se possa contar com elles no momento opportuno.

Falei até aqui da sua acção no interior, mas o exercito não

serve apenas para manter a ordem. Uma campanha séria o acharia á altura da sua missão.

Ha alguem do qual quasi não se fala. E' Blucher, dito Galina, um russo de origem allemã (cujos antepassados vieram á Russia no tempo de Catharina). Distinguiu-se na China onde commandou 150.000 homens que derrotaram os chinezes. Sei por pessoas de responsabilidade que em caso grave, os Soviets se utilizariam desse homem.

Em todo caso, o addido militar de uma potencia européa, tendo podido vêr e estudar seus planos durante a guerra russo-chineza, addido que conviveu com Blucher, disse que quem seguiu essa campanha, quem viu a segurança das informações, a precisão e a clareza das ordens, a largueza da concepção, a ordem e o methodo que presidiram aos menores detalhes, tem forçosamente que considerar esse homem um genio militar.

* * *

A posteridade julgará. Para voltar á politica extrangeira que governa a acção do exercito, é preciso saber que o Commissariado dos Negocios Estrangeiros nada tem que vêr com a politica esterior dos Soviets. O Commissariado é um smiples executante, um especialista como outro qualquer. Tchetcherine não era senão isso, e Litvinoff não tem outro programma. Esse homem gordo, de pernas curtas e largos hombros, barrigudo, de cara redonda e risonha, extremamente polido, é um parceiro de primeira força em Genebra, mas nada é no governo. Não creio, mesmo, que faça parte do Comité Executivo. Não sómente se deixa dirigir, como subordinar-se a uma politica externa que comprehende uma parte de propaganda, e para a qual a União dos Soviets não é senão um quartel-general e o universo o seu campo de acção. Uma palavra fará comprehender esse estado de espirito.

* * *

Deixando a caserna, reflecti que era preciso chamar russo ao exercito do qual eu acabava de vêr um regimento, pois que Moscou lhe assegura a direcção e a lingua de commando é russa.

— Não, disse-me o coronel, surprehendido, o senhor não acaba de vêr um regimento do exercito russo, mas sim um regimento do exercito vermelho. Nosso exercito não é nacional, é internacional. Aqui se fala russo por um mero accidente.

Os Soviets e o destino

XXI

Conclusão — A eterna Russia — Um governo forte — Empirismo dos Soviets — O horror do Occidente — O systema capitalistico e o systema sovietico — Cinco hypotheses — Os dois adversarios vão ao encontro um do outro — Os Soviets aguentarão? — Mocidade — Que os francezes saibam discernir.

E' interessante a gente inclinar-se sobre um homem occupado a construir um imperio e perguntar a si mesmo: Que vae elle fazer? Não basta adivinhar seus pensamentos, suas reflexões, suas decisões: é preciso notar tambem o seu cansaço, raciocinar sobre a fraqueza physica, sobre a edade, a influencia dos que o cercam, dos que o aconselham, dos que o tráem. Tudo isso é interessante. Tanto mais admiravel quanto se considera o povo immenso que se livrou de repente de um poder detestado, e que no seu furor de liberdade, entre o sangue, a casa incendiada, a desordem de todas as cousas, as reacções dos chefes de hontem, trabalha de espada na mão, o coração ainda palpitante de receios, como os judeus de outr'ora, quando tiveram que reedificar o templo.

A Russia de hoje nos offerece esse espectaculo, ou melhor, nol-o offerece ha 13 annos. Deixemos os que estão dominados pelo espirito partidario vaticinar e apontar os odios, os furores, as invejas baixas. Experimentemos comprehender o mais claramente possivel a situação.

Em primeiro logar, a Russia moderna permanece a eterna Russia dos Czares. Pedro e Catharina se voltassem a reconheceriam. As almas não mudaram. Além disso, a Russia é muito diversa de nós, e a maior parte das cousas que nos chocam são antes traços nacionaes do que traços sovieticos.

Como é possivel comparar os povos adultos com essa multidão de nações atiradas pelas vastas planicies, que se ataram umas ás outras, e que ainda hoje se empurram e se emaranham? As religiões (ainda as ha) as superstições, os vestuarios, a linguagem, os habitos, mesmo, se oppõem e se contradizem. Lá se passa, em

algumas horas, da extrema civilização á extrema barbaria. Tudo é excessivo. Nada que recorde o equilibrio occidental.

Estabelecido isso, vejamos os Soviets do alto, como observadores desinteressados e não francezes de tal ou tal Partido. Vemos, logo, que lá existe um governo, e governo forte. Um governo parecido ao de Pedro o Grande, como se Pedro tivesse mil cabeças.

Esse governo tem que durar certamente porque não é o governo de um homem, mas sim o de um Partido, e tem uma philosophia. E' como a antiga monarchia na França. E' como a nossa terceira Republica. Não se contenta de ser laico, agnostico e tolerante; é materialista e anti-religioso, quer forjar á sua maneira o espirito das creanças e assim tem feito ha treze annos. Uma outra razão da sua estabilidade é que elle é federalista, como o poderia ter sido sob um Czar intelligente. Elle é, como não póde deixar de ser, um poder internacional, que aspira a regularizar a sorte de todos os povos, acha seu interesse em respeitar os caracteres dos que elle governa, ao menos para attrahir os outros paizes. E' o velho proverbio do autor da "Vida Devota" — com vinagre não se apanham moscas. Em terceiro logar esse governo é socialista.

Quanto aos dois primeiros pontos, a experiencia foi bôa. Quanto ao terceiro, já disse que a experiencia se apresenta de um modo não conforme ás hypotheses de Marx.

* * *

Recordemos. Em 1917 o problema não se apresentava como em 1914, essa é toda a questão. Elle se desdobra: problema de Paz, problema da Terra. Dois decretos diversos. Duas leis a formular. Eis a terra e eis a paz. E' justamente o que pedem o camponez, o operario, todo o povo russo. Lenine, physico genial, pôde discernir no fundo do cadinho, esses dois precipitados novos em formação...

A Terra e a Paz.

O Marxismo nada tem que vêr com isso. Lenine se diz marxista. Marxista na estação de Finlandia quando volta do exilio, marxista no balcão da ex-dansarina do Czar, quando se dirige á multidão, marxista no seu quartinho do Instituto Smolny, marxista no seu monte de feno, quando perseguido por Kerensky, marxista quando, tendo fugido o seu fraco adversario, elle triumpha graças ao concurso do cruzador "Aurora", marxista quando governa de accordo com os socialistas revolucionarios, marxista quando assigna a paz de Brest-Litowsky, quando desencadeia a guerra

civil, quando accende a guerra poloneza, quando inventa a Nep e faz sua retirada estrategica.

Na hora da sua morte, achamo-nos em presença duma Republica marxista? Longe disso. Achamo-nos em presença dum Estado de facto. Elle manteve agrupados e governou cento e sessenta milhões de homens sobre vinte e dois milhões de kilometros quadrados. Governou-os sem grande preoccupação de doutrina, dando-lhes apenas o que tinha promettido: a Terra e a Paz.

Empirismo dos Soviets.

* * *

Por sua vez a existencia dessa construcção nos apparece como um problema desde Novembro de 1918.

Até Novembro de 1918, póde-se dizer que a revolução russa appareceu aos occidentaes apenas sobre um plano de tactica militar. Uma grande desordem tinha transformado uma força outr'ora alliada á Entente em força neutra. De Novembro de 1918 a Dezembro de 1920 (derrota de Wrangel) a revolução russa, augmentada pelas revoluções allemã e hungara e varios movimentos na Italia e em Paris, apparece sobre o plano social. A ameaça attinge o auge no correr desse terrivel mez de Agosto de 1920, quando a onda chegou aos suburbios de Varsovia.

Nesse momento era possivel abandonal-a á propria sorte, bloqueal-a ou destruil-a? O Occidente balanceava tudo isso, mas o considerava caso do dominio da policia, e se confiava ao gendarme, ao exercito, em summa. Rematada estupidez de povos que se julgam refinados...

A partir de 1921, a Russia apparece no plano economico. Nessa data não sómente ella existe, não sómente é a sexta parte do mundo, não sómente venceu czaristas russos e forçou os contingentes occidentaes a abandonar o solo russo, mas apresenta-se como alguma cousa mais do que uma potencia de destruição.

Desde 1921, através das tacticas successivas, organiza-se uma economia socialista.

* * *

Durante um instante o Occidente teve esperança. Por meio da Nep, o communismo de guerra acabaria.

O Occidente pensou: essa gente comprehende que está errada e voltará para nosso lado.

Abriam-se já os braços dos concessionarios e dos usurarios, dos homens de Estado promptos a firmar tratados de commercio. Lenine, porém, não tinha vontade alguma de capitular. Era uma manobra e nada mais. Sua idéa permanecia fixa: uma economia socialista necessariamente se oppõe a uma economia burgueza e só póde destruil-a. Sem duvida, nove annos depois da Nep, sete annos depois da morte de Lenine, Staline devia dizer exactamente o contrario em uma entrevista, mas era apenas para engodar o Occidente.

— Poderemos viver todos nós, sem nos contrariar, dizia elle aos jornalistas estrangeiros. Pura politica.

A' sua sombra, todos os jovens que nada sabiam do antigo regimen, que hoje têm vinte annos e que na occasião da guerra tinham quatro, que na revolução tinham oito, como podem elles entender de compromissos?

Elles têm simplesmente horror ao Occidente.

* * *

A primeira construcção dos Soviets foi, pois, uma economia socialista. A segunda foi o federalismo. A terceira foi levantar os Soviets e organizar o espirito de Partido.

E' possivel viverem ao lado uma da outra duas economias, a socialista e a capitalista? Lenine disse que não e as estatisticas lhe dão razão.

Um federalismo que absorve os nacionalismos e que os nega, póde viver de accordo com elles? Uma dictadura de Partido póde viver de accordo com as democracias? A razão diz que não.

Tres componentes. Tres distincções. Tres opposições. Então?

Primeira hypothese — Póde-se fazer a guerra aos Soviets e destruir á força a sua economia, seu federalismo e seu partido, seja restabelecendo o Imperio russo de outr'ora, seja creando uma vasta democracia unitaria, seja rompendo a União e libertando a Ukrania, a Georgia e o resto.

Segunda hypothese — Os Soviets podem fazer a guerra e tentar impor o seu triplice programma, isto é, uma economia socialista, um federalismo que acceitaria então no seu seio todas as nações da Europa dispostas a substituir o systema capitalista por uma dictadura de partido.

Terceira hypothese — Póde-se bloquear os Soviets: procurando assim esmagal-os e reduzil-os á sua primitvia composição po-

litica (voltariamos á primeira hypothese). Seria apenas a esperança de os emparedar, de os isolar do mundo, de impedir qualquer apostolado da parte dos Soviets. E' a politica truculenta.

Quarta hypothese — Póde-se conceber uma lenta evolução das democracias occidentaes para o systema dos Soviets. Essas democracias se socializariam pouco a pouco, realizariam a federação entre os europeus, os parlamentos abdicariam em proveito de uma dictadura pessoal, ou de uma dictadura de partido.

Quinta hypothese — E' possivel conceber, ao contrario, uma evolução inversa da parte dos Soviets. A união se centralizaria pouco a pouco, ella se russificaria á força ou se dividiria em seis nações, ou se fundiria na federação européa ou na S. D. N. (o resultado de todos esses movimentos seria o mesmo). Por outro lado, os Soviets se tornariam uma democracia; em ultimo logar, entre elles o espirito burguez renasceria das proprias cinzas.

A primeira hypothese, posta em pratica de 1918 a 1921, foi desprezada. A segunda, abandonaram-na desde 1920 (Riga). A terceira tende, tambem, a ser hoje posta de lado. Talvez o processo dos industriaes e a campanha contra o pseudo "dumping" marquem o ponto final da politica truculenta.

Quanto ás duas ultimas hypotheses, é preciso notar que o Occidente se socializa pouco a pouco, orientando-se para a idéa federal, emquanto a democracia parece sucumbir deante da dictadura pessoal ou da dictadura de partido. (Ha muitos exemplos frizantes a esse respeito.)

Se os Soviets não se tornaram burguezes inteiramente, não se póde negar que elles abandonaram o puro communismo. Por outro lado, as suas componentes nacionaes se accentuam, se nacionalizam cada dia mais; emfim, dando a instrucção ao povo, o poder sovietico diminue o valor do Partido para augmentar o valor da massa e tende a uma especie de democracia, aliás provida de uma "elite" e submettida á sua direcção.

* * *

Assim, sobre os tres pontos essenciaes, os dois systemas vão ao encontro um do outro. Elles já se tornam parentes, não ha choques violentos, embora de vez em quando se atirem anathemas. E' de crer que em breve se supportem, emquanto esperam encontrar-se um dia na mesma altura. Nesse dia, é natural que no Occi-

dente a economia capitalista esteja morta, ou pelo menos só reste della a apparencia.

O nacionalismo (não digo as nações) terá desapparecido.

A democracia parlamentar, tal como a conhecemos, terá deixado o campo livre a uma outra forma de governo.

* * *

Que importa que os Soviets realizem o Plano Quinquenal em quatro, cinco, seis ou dez annos? As fabricas se erguem ás centenas, as casas brotam por toda a parte. Esta é a verdade. O solo das cidades foi revolvido pelo trabalho. De todo esse esforço pertinaz alguma cousa ficará.

Que importa que Staline permaneça no poder ou seja derrotado? O seu fim será apenas o fim de um homem.

Que póde elle temer? Que um general, como elle socialista, o derrote um dia? E' possivel, mas lembremo-nos de que se o jacobino Bonaparte tomou o poder sob apparencias imperiaes, prolongou a Republica até 1815, e prolongando-a, affirmou as suas conquistas, espalhando os principios revolucionarios de Lisboa a Moscou.

Uma conspiração analoga á dos industriaes?

Esta foi descoberta. E' difficil que uma outra não o seja tambem, sobretudo agora que o Partido está com a pulga atraz da orelha.

Um levante de camponezes?

Houve centenas delles sob o antigo regimen, alguns ficaram celebres, mas nenhum venceu. Os Soviets têm nas suas mãos um exercito composto de camponezes, mas no antigo regimen a composição do exercito era a mesma.

Uma revolta nacional?

Uma unica nacionalidade, — a ukraniana — póde causar aborrecimentos ao poder central. A Ukrania, porém, conserva viva a lembrança do desembarque dos alliados e dos seus erros politicos, quando elles marcharam com os voluntarios de Denikine contra os ukranianos. Estes se lembram, tambem, de 1920 e a questão ukraniana se estabelece na Polonia de um modo profundo e póde sublevar a Ukrania sovietica mais facilmente contra Varsovia do que contra Moscou. Então? Restaria agora a questão de dinheiro.

Essa póde ser grave; entretanto a revolução franceza não morreu por causa disso, e depois da crise de 1923, a Allemanha promptamente se levantou. Os Soviets não dispõem de um simples orçamento, mas sim da renda completa de trinta e seis nações senhoras de um solo rico, de uma incommensuravel extensão.

* * *

Além do mais, como diz a fabula de Kryloff, a Terra repousa sobre tres peixes, sobre tres esturjões. Os Soviets tambem. Nós os conhecemos: a rigidez de um poder ferreo, a inercia dos povos da União, que é como um barro facil de modelar, e a anarchia da Europa.

Tres apoios inabalaveis.

INDICE

Capitulos	Paginas
I — Approximando-se da Russia	1
II — Moscou	9
III — Ainda Moscou	20
IV — Trinta e seis Republicas	29
V — A hierarchia no paiz da egualdade	35
VI — Dictadura do Proletariado	44
VII — A provincia e o camponez	54
VIII — Nascimento e triumpho da industria	67
IX — A regra de ouro do trabalho	77
X — Cultura em commum e fazenda do Estado	86
XI — A educação do povo	94
XII — Os retardatarios	109
XIII — A Criméa	118
XIV — Vida quotidiana do cidadão	131
XV — Os Soviets e Deus	144
XVI — A foice e o martello	153
XVII — Os povos falam	166
XVIII — Em torno da O. G. P. U.	180
XIX — Duas capitaes. Dois homens	193
XX — Uma grande politica	201
XXI — Os Soviets e o destino	211

A' DIRECTORIA DA CIA. TOURISTICA DO ESTADO "INTOURIST" MOSCOW.

Os jornalistas extrangeiros que participaram da excursão organizada pela Companhia Touristica do Estado "Intourist", consideram seu dever agradecer calorosamente á Directoria da "Intourist" pela sua cooperação.

Esta excursão offereceu possibildade, tanto aos jornalistas que representam a imprensa extrangeira junto ao Governo da U. R. S. S., como tambem aos jornalistas que vieram expressamente do exterior, para fazer um vasto conhecimento com a vida e a estructura da União Sovietica.

Graças a isso, nós, os jornalistas, podemos communicar aos milhões dos nossos leitores aquillo que vimos e entendemos.

Estamos certos que taes viagens auxiliam a aproximação dos povos.

Notamos especialmente a brilhante organização, a captivante attenção e solicitude de que fomos objectos e que foi uma honra toda especial do Presidente da "Intourist", o Sr. D. J. Kontousoff, e da sua agencia, não só em Moscow como, durante a viagem, nas agencias locaes.

Kiew, 12 de Outubro de 1930.

K. H. GOERBING, "Lokal-Anzeiger", Berlin.
R. TOURLEY, "Soir", Paris.
Nikolas BUSSECHES, "Neue Freie Presse", Wien.
Charle MALAMUTH, "San Francisco News".
Pierre DOMINIQUE, "Paris-Soir", "République".
D. WENDROF, "Ita", "Jewish Times", "Die Presse".
Otto POHL, "Moskauer Rundschau".
Hans SIEMSEN, "Frankfurter Zeitung".
Albert Rhjs WILLIAMS.
Victor G. LE GUBANK, "The Associated Press".
H. BABA, "Ossaka Mainitshi", "Tokio Nitschi-Nitschi".
Hans v. HUMANN, "Deutsche Allgemeine Zeitung".
Stefan STOK, "Polnische Telegraphen-Agnetur".
Ugo D'ANDREA, "Giornale d'Italia", Roma.
Francesco LANZA, "Il Tevere", Roma.
Charmion van WIEGAND, "Universal Service Hearst Press".
Conrado SOFIA, "La Stampa", Torino.
LYONS, "United Press of America".

1 1232195IG C
Com Os Olhos Abert
Pierre Domique
livro
1C318

6$000